

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

MARIA ANGÉLICA PEIXOTO

**TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES:
VIOLÊNCIA E REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS**

**Goiânia
2016**

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☐ Dissertação ☒ Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

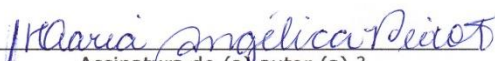
Nome completo da autora: Maria Angélica Peixoto

Título do trabalho: Tráfico Internacional de Mulheres: Violência e Representações Cotidianas

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do (a) autor (a) ²

Data: 01/09/2016.

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

²A assinatura deve ser escaneada.

MARIA ANGÉLICA PEIXOTO

**TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES:
VIOLÊNCIA E REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutor em Sociologia, sob a orientação da professora Doutora Telma Ferreira Nascimento Durães.

Goiânia
2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Peixoto, Maria Angélica
TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES [manuscrito] :
VIOLÊNCIA E REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS / Maria Angélica
Peixoto. - 2016.
CLXXXVI, 186 f.

Orientador: Profa. Dra. Telma Ferreira do Nascimento Durães.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Ciências Sociais (FCS) , Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Goiânia, 2016.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui gráfico.

1. Tráfico de Pessoas. 2. Tráfico Internacional de Mulheres. 3.
Representações Cotidianas. 4. Violência . 5. Exploração sexual. I.
Ferreira do Nascimento Durães, Telma, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DA TESE DE DOUTORADO DE

Maria Angélica Peixoto

Ao primeiro dia do mês de julho de 2016, às 14:00 horas, na sala de defesas da Faculdade de Ciências Sociais da UFG, realizou-se a sessão de julgamento do trabalho da Tese de Doutorado de **Maria Angélica Peixoto**, intitulado "*Tráfico internacional de mulheres: violência e representações cotidianas*". A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes Professores/as Doutores/as: Telma Ferreira Nascimento Durães (PPGS/UFG-presidenta), Maria Lúcia Vanucchi (PPGS/UFU), Veralúcia Pinheiro (MIELT/UEG), Ivanilda Aparecida Andrade Junqueira (PPGS/UFG) e Cleito Pereira dos Santos (PPGS/UFG). A candidata apresentou o trabalho, os/as examinadores a arguíram e ela respondeu às arguições. Às 18:30 horas, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta, atribuindo à doutoranda os seguintes resultados:

☒ Aprovado	☐ Reprovado
Telma Ferreira Nascimento Durães <u>[assinatura]</u>	
☒ Aprovado	☐ Reprovado
Maria Lúcia Vannuchi <u>[assinatura]</u>	
☒ Aprovado	☐ Reprovado
Veralúcia Pinheiro <u>[assinatura]</u>	
☒ Aprovado	☐ Reprovado
Ivanilda Aparecida Andrade Junqueira <u>[assinatura]</u>	
☒ Aprovado	☐ Reprovado
Cleito Pereira dos Santos <u>[assinatura]</u>	
Resultado Final <u>Aprovada</u>	

Reaberta a sessão pública, a Presidenta da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Letícia Ferreira Angélica, Secretária do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, e pelos membros da Banca Examinadora.

Letícia Ferreira Angélica [assinatura]

Secretaria Geral do Programa de Pós-Graduação
da Faculdade de Ciências Sociais PPG/FCS/UFG

MARIA ANGÉLICA PEIXOTO

**TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES:
VIOLÊNCIA E REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Sociologia pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Telma Ferreira do Nascimento Durães
Universidade Federal de Goiás – PPGS/UFG – Orientadora

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Vannuchi
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof^a. Dr^a. Veralúcia Pinheiro
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Prof^a. Dr^a. Ivanilda Junqueira
Universidade Federal de Goiás - PPGS/UFG

Prof^o. Dr. Cleito Pereira dos Santos
Universidade Federal de Goiás – PPGS/UFG

Suplente:

Prof. Dr. Flávio Munhoz Sofiati
Universidade Federal de Goiás – PPGS/UFG

Aprovada em: __/__/__

Local da Defesa: Sala de Defesas – Faculdade de Ciências Sociais, *campus* Samambaia da Universidade Federal de Goiás.

Para minha mãe **Maria Conceição** e meu pai **José Peixoto**, donde originou minha vida, toda gratidão e amor.

Para **Nildo**, companheiro e amigo cuja amizade e solidariedade foram fundamentais. Qualquer palavra seria insuficiente para expressar o meu carinho e amor.

Para **Alexandra** e **Alice**, “pedacinhos de mim”...
“metades” de mim.

AGRADECIMENTOS

À Telma Ferreira do Nascimento Durães, especial orientadora, que esteve sempre presente e acompanhou o meu desenvolvimento com carinho e solicitude. Agradeço pelo respeito e incentivo constante, principalmente, quando percebia que eu estava desanimada frente às dificuldades que iam sendo encontradas pelo caminho.

À colaboração e amizade de Veralúcia Pinheiro que me ajudou em campo, sendo companheira em algumas estradas que deram acessos às mulheres entrevistadas.

Aos amigos e amigas do Movaut, pelos inúmeros momentos compartilhados e por partilharem comigo os aspectos essenciais da perspectiva teórica presente neste trabalho.

Às minhas irmãs Maria Aurora, Carmelinda e Ana Cláudia e, aos meus irmãos João Fernandes, José Filho e Luciano que são presenças marcantes em minha vida. Agradeço pela compreensão e amizade fraterna e por poder contar com vocês sempre.

À Nathalia Laurias, pela presença amiga e divertida com quem partilhei angústias e alegrias advindas do processo de doutoramento.

À Adriana Mendonça e à Cida Rodrigues, parceiras e amigas que desenvolveram comigo pequenos projetos de prevenção ao Tráfico de Pessoas.

Ao Pedro e Elis, duas crianças mais que especiais por quem nutro um carinho indescritível. Ambos com sorrisos ajudaram a aliviar as infinitas tensões.

À Carol, que me chama carinhosamente de mãezinha do Cerrado, a quem agradeço pelos comentários úteis sobre estratégias de entrevista.

À Neuci Viana, que me incentivou a continuar firme na luta reafirmando dia a dia que eu superaria as dificuldades do processo.

Ao Marcelo Rizzo, funcionário da Secretaria de Pós-Graduação em Sociologia, que sempre se prontificou a atender minhas demandas.

À Valeriana – carinhosamente chamada de Tokinha – mulher cujo nome expressa valentia, determinação e força. Ela é para mim referência e exemplo.

À Janaína, vizinha/amiga que tantas vezes "segurou as pontas" se prontificando a ajudar quando necessário e dando força quando eu mais precisava.

Enfim, para todas as pessoas que de uma maneira ou de outra contribuíram para a realização deste trabalho.

O que desejas amigo?
O que desejas amiga?
Deseja apenas isso: trabalho, conforto, família?
Deseja apenas segurança?
Desejas pouco...
Amplie teus desejos
Alargue teus horizontes
Veja longe...
Precisa ir além do que vê!
Precisa desafiar a cotidianidade
Ah! Essa regularidade
Essa naturalização da vida é o teu enjaulamento.

(Maria Angélica Peixoto)

TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES: VIOLÊNCIA E REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS

RESUMO

O tráfico de pessoas aparece, contemporaneamente, como um dos mais graves problemas sociais de âmbito internacional. Ele é inseparável da violência e, por isso, a análise desse fenômeno social é muito importante, pois a sociedade vive em um momento contraditório no qual avanços convivem com retrocessos, em que há o aumento da violência e da percepção de sua existência. Há um crescimento do tráfico de pessoas e esse fenômeno atinge certos setores da população, especialmente as mulheres, foco da presente pesquisa. Desenvolve-se o tema as representações cotidianas das mulheres que vivenciaram situação de tráfico, entendido como a transferência de pessoas através de meio ilícito ou enganoso, cujo objetivo é a exploração, principalmente a sexual. Para efetivar essa empreitada, foi utilizado o método dialético enquanto arcabouço metodológico e a teoria das representações cotidianas, derivada do materialismo histórico, como principal referência teórica. O método dialético permitiu uma visão totalizante do processo - o que remeteu ao estudo do capitalismo contemporâneo, à explicitação da relação entre sociedade e violência, às representações cotidianas da sociedade -, bem como das entrevistas realizadas. O materialismo histórico é o/a solo/base analítica das representações cotidianas e da contemporaneidade. A teoria da consciência, desenvolvida por Marx e parte do materialismo histórico, foi tomada como base para a discussão sobre as representações cotidianas e seus desdobramentos. Ela permitiu analisar de maneira profunda a produção e a reprodução dos discursos das vítimas entrevistadas, numa abordagem totalizante e abrangente. Da mesma forma, a principal técnica de pesquisa utilizada, a entrevista interpretativa, desenvolvida no interior da teoria das representações cotidianas, possibilitou uma percepção mais ampla das entrevistadas, de modo a não julgar suas afirmações através de trechos de falas isoladas e, sim, numa rica totalidade que buscou resgatar informações pessoais, biográficas, culturais, além das representacionais e semiconscientes, formando um todo que permitiu uma abordagem totalizante. O objetivo geral da tese teve como foco descobrir quais as representações cotidianas da violência relacionada ao tráfico internacional das mulheres que vivenciaram essa situação e também como elas percebem o tráfico e se o consideram como algo violento. Foram realizadas e analisadas cinco entrevistas a partir do referencial teórico-metodológico acima delimitado. Como resultado, obteve-se que as representações cotidianas das entrevistadas apontam para a percepção de que o tráfico é uma forma de violência, assim como a prestação de serviços sexuais no exterior é vista como violência pela maioria. Desse modo, as representações cotidianas das entrevistadas mostram uma percepção de que a violência perpassa as relações existentes no tráfico internacional e a prestação de serviços sexuais – excetuando duas entrevistadas que nesse quesito demonstraram contradições. A pesquisa, portanto, conseguiu cumprir com seus objetivos e oferecer uma apresentação das representações cotidianas da violência das mulheres que vivenciaram situação de tráfico internacional.

Palavras-chave: Tráfico de Pessoas. Tráfico Internacional de Mulheres. Representações Cotidianas. Violência.

TRAFFIC OF WOMEN: VIOLENCE AND REPRESENTATIONS EVERYDAY

ABSTRACT

Human trafficking appears contemporaneously with one of the most serious social problems of international scope. Human trafficking is inseparable from violence and therefore the analysis of this social phenomenon becomes even more important as society lives in a contradictory moment in which advances coexist with setbacks, as well as the increase of violence with increasing awareness of the same. It is in this context that there is a growth of trafficking in persons and that it reaches certain sectors of the population, especially women, our research focus. Our theme is the everyday representations of women victims of trafficking in persons, understanding by this transfer of people through illegal or deceptive means, whose purpose is the exploitation, especially sexual. To accomplish this task, we use the dialectical method as a methodological framework and the theory of everyday representations, derived from historical materialism as the main theoretical reference. The dialectical method was present in all the way, allowing a totalizing vision of the process (which referred to the study of contemporary capitalism, explanation of the relationship between society and violence, everyday representations and society) and interviews. Historical materialism was the analytical basis of daily representations and contemporary. The theory of consciousness developed by Marx, part of historical materialism, was the basis for the discussion of everyday representations and its consequences. The theory of everyday representations possible to analyze in more depth the production and reproduction of the discourse of the victims interviewed in a totalizing and comprehensive approach. Similarly, the main research technique used, the interpretive interview, developed within the theory of everyday representations enables a wider of the interviewees perception, not judging their claims through isolated lines stretches but a rich totality that seeks to rescue personal information, biographical, cultural, beyond the representational and semiconscious, forming a whole that allows a totalizing approach. The overall aim of the thesis aimed to find out what everyday representations of violence related to trafficking of women who were victims of the same. With this goal in mind, I conducted interviews and the analysis of the same, based on the theoretical framework defined above, and thus we come to our results. As research with everyday representations not demand a large number of interviews, as in all qualitative research, this number was sufficient. The use of interpretive interview, which brings a greater amount of issues and more general aspects of the interviewed life makes this even more true. Through an in-depth analysis of the five interviews, I realized that everyday representations of the interviewees point to the perception that trafficking is a form of violence, as well as the provision of sexual services abroad is seen as violence by the majority. Thus, everyday representations of the interviewees show a perception that violence permeates the relationship in international traffic and also - except two interviewees who in this regard showed contradictions - the provision of sexual services. The research, therefore, could meet its objectives and deliver a presentation of everyday representations of violence of women victims of international trafficking.

Keywords: Human Trafficking, International traffic in women, Everyday representations, Violence.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
1	VIOLÊNCIA E REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS.....	20
1.1	A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA.....	21
1.1.1	O Conceito de violência.....	21
1.1.2	As formas da violência	26
1.1.3	As determinações da violência	28
1.1.4	A Violência contra a mulher	35
1.2	A SOCIOLOGIA DAS REPRESENTAÇÕES	40
1.2.1	As representações sociais	42
1.2.2	Marx e as representações cotidianas	49
1.2.3	A Teoria das representações cotidianas	53
2	CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES	58
2.1	O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO	58
2.1.1	Globalização ou novo imperialismo?	62
2.1.2	O neoliberalismo.....	65
2.2	O TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES	68
2.2.1	O Tráfico Internacional de Mulheres: estado e relações internacionais.....	70
3	AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DAS MULHERES QUE VIVENCIARAM SITUAÇÃO DE TRÁFICO DE MULHERES	78
3.1	DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO DE PESQUISA E DOS PROCEDIMENTOS.....	78
3.2	ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DAS ENTREVISTADAS ...	88
3.3	AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DE NOÊMIA	91
3.4	AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DE VIVIAN	104
3.5	AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DE ELISABETH.....	118
3.6	AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DE VIOLETA	127
3.7	AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DE CRISTIANE	137
3.8	ANÁLISE GLOBAL DAS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS SOBRE VIOLÊNCIA E TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES	148
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
	REFERÊNCIAS.....	167
	APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Interpretativa.....	176
	APÊNDICE B – Quadro interpretativo-comparativo	181
	APÊNDICE C – Abordagens malogradas.....	182

INTRODUÇÃO

Nessa breve introdução, pretendo apresentar um pequeno histórico do desenvolvimento da pesquisa elaborada para obtenção de título de mestra, pois ela ajuda a entender a escolha do tema da presente tese. Na dissertação, abordei o tema violência e literatura, que tornou a questão da violência uma reflexão permanente em minha trajetória. Nos idos de 2001, executei a elaboração de um plano de trabalho que visou elaborar uma análise sociológica da manifestação do tema da violência em alguns autores e autoras nacionais. Selecionei apenas a obra de Patrícia Melo para efetivar o processo de análise. Ao todo, foram analisados quatro livros: *Acqua Toffana*, *O Matador*, *Elogio da Mentira* e *Inferno*.

Apresentei, no texto de minha dissertação, uma leitura simultaneamente descritiva e sociológica das obras literárias de Patrícia Melo. A descrição propunha colocar o que a autora efetivamente escreveu em suas obras ficcionais e, simultaneamente, o que ela deixou implícito e que a leitura sociológica veio explicitar, principalmente as determinações da violência criminal presente em cada obra. A leitura das obras *Acqua Toffana*, *O Matador*, *Elogio da Mentira* e *Inferno* possibilitou reconhecer as diversas faces da violência e, mais especificamente, a violência criminal. A obra literária de Patrícia Melo descreve a violência criminal de diferentes formas e meu exercício foi o de reconstruir sociologicamente, baseada em sua descrição, as determinações desta forma de violência. Reconstituí, portanto, o espaço social de sua produção originada da sociedade capitalista contemporânea, com marcas de pobreza, miséria, valores específicos e indivíduos problemáticos.

Considereei, assim, que esta “construção imaginária” esteve calcada em fatos objetivos que assumiram forma ficcional e não foi simplesmente criação arbitrária de fatos já que não é possível o solipsismo (CÂNDIDO, 1976). O fato literário é produzido pelo autor da obra a partir de sua visão de mundo, de sua experiência de vida, que emerge no contexto social. O contexto social é, portanto, a matéria-prima da obra literária. A obra literária apresenta, em outra linguagem, a mesma realidade, sem necessariamente apresentar-se como sendo objetiva. E Goldmann (1976) contribuiu sobremaneira ao desenvolver a ideia de “estrutura homóloga” entre romance e realidade social. Segundo ele, a obra romanesca seria uma forma de transposição da cotidianidade da sociedade

burguesa e individualista, caracterizada pela produção mercantil, para a literatura. Ainda segundo esse autor, haveria uma homologia rigorosa entre a “forma literária do romance” e “a relação cotidiana dos homens com os bens em geral”, e, por conseguinte, dos indivíduos com os demais indivíduos, na sociedade capitalista, que é uma “sociedade produtora para o mercado” (GOLDMANN, 1976, p. 16).

A partir do pensamento de Goldmann, é possível perceber o caráter mercantil por detrás de todo o processo e suas estruturas homólogas. Os indivíduos, nessa sociedade, passam a ser orientados por valores mercantis e estes, por sua vez, os transformam em indivíduos problemáticos.

Ao discutir o caráter da obra literária e considerar que ela possui estrutura homóloga à estrutura social mercantil capitalista, Goldmann abriu a possibilidade de algumas reflexões que, apoiada em outros autores da sociologia da literatura, me permitiram avançar na discussão sobre a relação existente entre literatura e violência. Essas considerações, ao lado de outras análises da literatura, que percebem a existência de “atitudes implícitas”, “dados essenciais”, permitiram-me realizar uma leitura sociológica da literatura. Isso viabilizou a realização uma pesquisa sociológica sobre o tema da violência na obra de Patrícia Melo. Tive, naquele momento, a oportunidade de fazer as primeiras leituras sobre a temática da violência. Desse modo, quero destacar aqui a presença do tema da violência que marca grande parte de minhas reflexões até hoje, haja vista a proposta de trabalho que apresentei para o desenvolvimento de minha tese de doutorado.

O tráfico de pessoas como fenômeno concreto e não como mera ficção ganhou minha atenção. Primeiro, porque surgiu a oportunidade de trabalhar com o tema num projeto, coordenado pela minha orientadora de doutorado desde 2011. Segundo, porque a participação nesse projeto trouxe a necessidade de refletir e aprofundar minhas análises sobre o tema da violência. O tráfico de pessoas, por ser uma realidade marcada pela violência, e inclusive já ter sido abordado por diferentes olhares, passou a ser, então, o centro de meus interesses no doutorado. Isso só se tornou possível porque o tráfico de pessoas é um fenômeno que cresce na sociedade moderna e que faz uma incontável soma de vítimas, geralmente mulheres e adolescentes¹. Em Goiânia, na polícia federal, entre o período de 2000 a 2011, foram instaurados 150 inquéritos e vários indivíduos estão sendo

¹ Segundo a UNODC em um relatório publicado em 2012, 59% das vítimas de tráfico de pessoas são mulheres que são exploradas sexualmente e 17% são adolescentes. UNODC (2012). Global Report on Trafficking in Persons. Disponível em: <http://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/glotip/Trafficking_in_Persons_2012web.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2014.

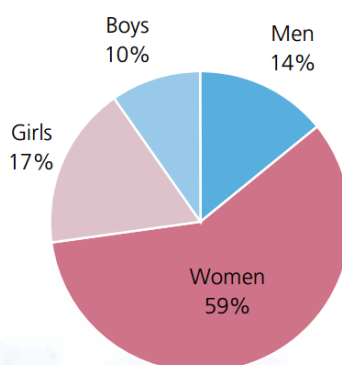
investigados por suspeita com o envolvimento nesse tipo de crime organizado².

A “expressão tráfico de pessoas” significa, segundo o “*Protocolo Adicional Relativo à Prevenção, à Repressão e à Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças*”:

[...] Recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou ao uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou de situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tem autoridade sobre outra, para fins de exploração. A exploração incluirá, pelo menos, a exploração da prostituição de outrem, ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, a escravidão ou práticas similares à escravidão, a servidão ou a extração de órgãos. (BRASIL, 2004, p.2)

Assim, o tráfico de pessoas significa a transferência de pessoas, por meio ilícito ou enganoso, cujo objetivo é a exploração³, incluindo as várias formas que esta pode assumir. Atualmente, no Brasil, esse tipo de contravenção gera a maior renda nessa modalidade de crime organizado, superando as outras modalidades, com exceção de tráfico de drogas, e gera cifras anuais em torno de 9 bilhões de dólares (UNODC, 2011)⁴. No caso do tráfico de mulheres, essa prática possibilita um lucro ainda maior, pois os dados apresentam um número maior de pessoas traficadas do sexo feminino, então há também uma maior lucratividade. O gráfico 1, apresentado a seguir, demonstra a proporção de pessoas traficadas por sexo e idade:

Gráfico 1 – Vítimas do tráfico de pessoas por gênero e idade



Fonte: Global Report on Trafficking in Persons. Disponível em: [http://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/glotip/Trafficking in Persons 2012web.pdf](http://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/glotip/Trafficking_in_Persons_2012web.pdf).

² Informações obtidas em 16/10/2012 junto à Delegacia de Defesa Institucional da Polícia Federal; na ocasião a delegada que representava a unidade era Marcela Rodrigues Siqueira.

³ Usamos o termo exploração, aqui, não no sentido marxista e, sim, no sentido comum da palavra, como abuso, tentativa de tirar proveito de outrem... O que tem relação com a concepção marxista, mas também possui diferenças, principalmente a questão do excedente, que dá margem para várias polêmicas.

⁴ UNODC (2011). **Dados do escritório das nações unidas sobre drogas e crime**. Disponível em: http://multimedia.unodc.org/brazil/pt/project_r_18.html. Acesso em: 10 maio 2014.

Entre as diversas questões sociais envolvidas no tráfico de mulheres⁵, há a questão das representações cotidianas das mulheres que vivenciaram situações de tráfico e seu papel ativo nesse processo. O tema da pesquisa são as representações dessas mulheres a respeito do referido processo. Assim, delimitei apenas uma forma de tráfico, o de mulheres, que é para fins de exploração sexual. O recorte temporal é de 1997 a 2011, pois fica mais fácil entrevistar pessoas que vivenciaram o fenômeno do tráfico mais recentemente. Como esse processo é realizado através de atos de violência, então busquei compreender o que essas mulheres pensam do tráfico e da violência, para que, assim, seja possível compreender suas representações cotidianas em relação ao que ocorreu e se consideram que foram ou não vítimas de violência por meio do tráfico. O problema de pesquisa, então, é o seguinte: como as mulheres que vivenciaram situações de tráfico percebem esse fenômeno, ou seja, quais são suas representações? Como elas significam o fenômeno e sua relação com a violência?

O tema que aborda a violência do tráfico de mulheres é de suma importância por se tratar de um tema atual e que vem sendo abordado pelos meios acadêmicos (nos cursos de relações internacionais e de direito, encontramos uma soma razoável de trabalhos dedicados a esse tema)⁶. Embora, hoje, exista um razoável número de estudos, poucos são voltados para a área de sociologia, a despeito de que, cada vez mais, se observa um aumento de sua visibilidade, visto que esse problema social ganha grande espaço nos meios de comunicação. A preocupação com o processo de tráfico de pessoas tem sido objeto da atenção de governos, e observa-se o paulatino aumento de interesse nos meios acadêmicos, mais intensamente nas áreas de conhecimento que destaquei acima. Dessa forma, trata-se de um grave problema social que atinge milhares de pessoas. Isso mostra a relevância social de minha proposta de estudo.

Essa relevância social é ainda mais intensa quando ela se entrelaça com a relevância acadêmica, pois minha proposta de pesquisa teve a pretensão de trabalhar com as representações das mulheres que vivenciaram situações de tráfico, um tema praticamente inexplorado e que tem grande importância para o processo de compreensão das mulheres que se envolveram em situações de tráfico – que também são agentes,

⁵ Todas as referências ao Tráfico de Mulheres - uma forma específica de Tráfico de Pessoas - devem ser entendidas de acordo com a delimitação deste trabalho que compreende esta prática com a finalidade de exploração sexual.

⁶ Consultei várias bibliotecas virtuais em relação à questão do tráfico internacional de mulheres e constatei que o tema vem sendo muito abordado pela área do direito, do serviço social e das relações internacionais. Confira: <http://biblioteca.versila.com/?q=tr%C3%A1fico+de+pessoas>.

portadores de representações cotidianas desse fenômeno social. A presente pesquisa sobre as representações cotidianas das mulheres que vivenciaram situações de tráfico assume importância também por contribuir para ampliar a visibilidade sobre como ocorre esse processo e para se pensar políticas e ações preventivas, ações que, inclusive, vêm sendo desenvolvidas no Projeto do qual faço parte: “Tráfico Internacional de Mulheres: Goiás pensando a prevenção”, que sistematizou manuais para docentes e discentes com a finalidade de trabalhar a prevenção junto a adolescentes e jovens em processo de escolarização.

Ademais, as obras sobre tráfico de pessoas, embora dedicadas à temática da violência, não o conceituam de forma mais sistematizada e focam mais a atenção na questão dos direitos humanos e trazem análises relacionadas a limites da legislação. O mesmo ocorre, com maior intensidade, no caso das representações cotidianas das mulheres que vivenciaram situações de tráfico, o que constitui uma lacuna, pois elas são agentes desse processo e sua compreensão, é, portanto, fundamental. Nesse sentido, a presente proposta de pesquisa também possui relevância acadêmica.

O objetivo geral está expresso no esforço em descobrir quais são as representações das mulheres que vivenciaram situações de tráfico sobre este fenômeno e sua relação com a violência; apresento também alguns objetivos específicos que derivam deste objetivo, a saber: compreender o posicionamento das mulheres sobre o tráfico de pessoas em geral e de seu envolvimento nesse processo; analisar a percepção dessas mulheres sobre o significado do tráfico, no sentido de saber se estabelecem uma relação com atos de violência; averiguar quais as condições sociais que incentivaram a adesão voluntária ao tráfico de pessoas; analisar dados sobre o tráfico de mulheres para uma compreensão mais geral do fenômeno; identificar os valores, sentimentos e concepções das vítimas do tráfico, visando reconstituir suas impressões subjetivas a respeito de sua situação e participação no tráfico.

A tese está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, realizei uma discussão teórica sobre violência e representações cotidianas, conceitos fundamentais para o desenvolvimento de minha proposta de trabalho. O objetivo era apresentar não somente o conceito de violência que utilizei para efetivar a análise, mas também apresentar a diferença em relação a algumas outras abordagens, na tentativa de fugir da naturalização do fenômeno. Ainda avancei no sentido de delimitar as formas de violência, especialmente apontando para a questão da violência contra a mulher, forma mais presente no tema de minha pesquisa.

Outro conceito fundamental abordado foi o das representações cotidianas, que constituiu a base analítica e teórica de minha análise das entrevistas realizadas. O conceito de representações cotidianas foi delimitado e comparado com outros semelhantes, objetivando explicitar sua especificidade e sua contribuição para a compreensão do fenômeno das representações cotidianas das mulheres que vivenciaram situação de tráfico internacional.

No segundo capítulo, apresentei uma contextualização do capitalismo contemporâneo, analisando as mudanças sociais que ajudam a entender o crescimento do fenômeno do tráfico internacional de mulheres e uma análise desse fenômeno mais especificamente. Para tanto, foi necessário discutir questões contemporâneas, como as mudanças nas relações internacionais, no Estado-Nação, focalizando especialmente o que alguns autores denominaram “neoimperialismo” e “neoliberalismo”. Esse último elemento foi destacado por ser fundamental para explicar parte das mudanças culturais - o individualismo que o acompanha, bem como a supervalorização do mercado -, além de suas relações com as demais alterações no capitalismo contemporâneo. Por fim, relatei essas mudanças com a questão do tráfico internacional de mulheres, pois o crescimento desse fenômeno ocorre no interior dessas mutações do capitalismo. Desta forma, esse capítulo se dedica a uma contextualização e análise do processo de crescimento do tráfico internacional de mulheres, fundamental para a etapa seguinte da pesquisa.

No terceiro e último capítulo, apresentei uma discussão sobre os pressupostos metodológicos da pesquisa e a forma de seu encaminhamento, especialmente a principal técnica utilizada: a entrevista interpretativa. Essa discussão foi necessária para poder avançar e tornar mais compreensível meu objetivo e a forma de procedimento metodológico, especialmente no caso da entrevista interpretativa, por ser uma técnica ainda relativamente pouco conhecida. Ao lado disso, realizei uma breve discussão sobre método dialético como procedimento de análise e interpretação.

Por fim, ainda no referido capítulo, realizei uma exposição e análise das cinco entrevistas realizadas, tratando das representações cotidianas das entrevistadas. Esse momento da pesquisa é fundamental, pois nele se aborda mais diretamente o tema, as representações cotidianas das vítimas do tráfico internacional e, por isso ele foi necessário, não só para seguir os processos típicos do uso da entrevista interpretativa, mas também para conseguir me aproximar das representações e entendê-las, além de descrevê-las. Os resultados da pesquisa podem ser observados nessa parte, pois é o momento em

que me debrucei sobre como as entrevistadas representavam o fenômeno do tráfico e sua relação com a violência.

CAPÍTULO 1

VIOLÊNCIA E REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS

O tráfico de mulheres, para fins de exploração sexual, é um fenômeno complexo e que envolve diversos agentes, desde os responsáveis e vítimas do tráfico até o Estado. Nesse sentido, é útil analisar o processo histórico social mais amplo para depois focalizar as representações das mulheres que vivenciaram esta forma de violência.

O processo de tráfico de mulheres vem crescendo, nas últimas décadas, e isto é visível a partir de 1980 e, principalmente nos anos 1990. Do mesmo modo, a preocupação com este fenômeno também aumenta a partir desse período (ARY, 2009; PISCITELLI, 2007). Assim, é importante entender as mudanças sociais que ocorreram, a partir desse período, para poder entender melhor esse processo e como isso repercutiu nas representações sobre este fenômeno.

As mutações do capitalismo, nas últimas décadas, promoveram uma intensificação da desigualdade e da violência. Existe uma diversidade de autores e concepções que abordam atuais desdobramentos da sociedade contemporânea. A denominação para essa atual fase da sociedade contemporânea mais conhecida é a de “globalização” (IANNI, 1992; IANNI, 2001), embora outros trabalhem com outros termos, alguns enfatizando o regime de acumulação, que é denominado como pós-fordismo, flexível, integral, entre outros (HARVEY, 1992; VIANA, 2009).

Muitos autores concordam que, a partir desse período, há uma inovação no capitalismo e um dos elementos mais destacados desse processo é o neoliberalismo (MALAGUTI, 1998). E, de acordo com a lógica neoliberal, os organismos internacionais apresentam propostas de políticas e ações paliativas que buscam minimizar o grau de incidência da violência, das desigualdades e de miséria. Essas propostas e ações são realizadas no interior do ideário neoliberal, que pressupõe, portanto, gastos mínimos e, por essa razão, não conseguem ultrapassar o caráter de paliativo.

O novo cenário parece envolver um tipo moderno de escravidão/neoescravidão e a percepção disso poderá ser reforçada pelas análises do sociólogo português, Boaventura de Sousa Santos e suas colaboradoras de pesquisa, Conceição Gomes e Madalena Duarte, que estudam o fenômeno do tráfico de mulheres no caso de Portugal. Segundo esses

autores, vivemos como se estivéssemos novamente na escravidão.

Então, se torna necessário entender o processo social global, tal como a dinâmica da acumulação capitalista, as relações internacionais, entre outras determinações, para compreender como esta situação é perpassada também pelas mudanças sociais gerais, aumentando ainda mais a vulnerabilidade feminina. Os casos “consentidos” precisam ser repensados, pois o consentimento não é um ato voluntário indeterminado, pois ocorre num contexto social preciso... A escravidão sexual e as formas de sobre-exploração a que as mulheres prostitutas podem estar sujeitas constituem indiscutivelmente situações de sofrimento... A situação de miséria e pobreza por detrás dessas decisões deve ser confrontada. Os atos voluntários ocorrem geralmente a nível individual, mas é a expressão de atos de injustiça social. (SANTOS; GOMES; DUARTE, 2009, p. 91)

Esta questão das mutações do capitalismo contemporâneo será abordada no segundo capítulo. Nele, elaborei uma contextualização histórica, inserindo a questão do tráfico de mulheres, com o intuito de oferecer uma abordagem explicativa do crescimento desse fenômeno em nível mundial. Aqui, no entanto, destaco apenas esse processo e exponho a percepção da existência dessa relação entre mutação do capitalismo e aumento quantitativo do tráfico de mulheres.

Neste capítulo, apresento a base teórica da pesquisa e alguns conceitos fundamentais para o seu desenvolvimento que são destacados a seguir: os conceitos de violência, de violência criminal e de violência contra a mulher. Outros conceitos também serão de grande importância, pois são os que remetem às representações das vítimas do tráfico e trazem novas necessidades conceituais. Esse é o caso da discussão sobre as representações, na qual analisei algumas das principais concepções a esse respeito e detalhei aquela que melhor contribuiu para a análise que se pretende realizar neste trabalho.

1.1 A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA

1.1.1 O Conceito de violência

O tema da violência é um dos mais trabalhados e desenvolvidos nas ciências humanas e extensamente abordado em outras ciências também. A violência é estudada por biólogos, psicólogos, psicanalistas, psiquiatras, neurólogos, etologistas, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos, filósofos... E, nesse amplo painel de pesquisa e produção intelectual do tema da violência, não se observa nenhum consenso. Neste estudo, foco a atenção em algumas contribuições teóricas, sistematizadas na sociedade atual, e destaco que, desde o século XVI, vem ocorrendo uma grande produção sobre a temática da violência.

A falta de consenso é tanto sobre o significado do termo violência quanto em relação às suas causas. Para discutir as causas, as formas e as representações da violência, é necessário, inicialmente, esclarecer o que entendo por esse termo. O que é a violência? Essa é uma pergunta inicial e fundamental para o desenvolvimento de minha pesquisa.

As respostas a esta pergunta são as mais variadas. No mundo das representações cotidianas⁷, a violência é confundida com qualquer uso da força, reação abrupta, explosão, ruptura. Assim, através de uma definição tão ampla, o *big bang*, um furacão, entre outros fenômenos naturais seriam formas de violência, bem como sua universalidade e eternidade estariam praticamente garantidas. No entanto, é preciso, nos quadros de um pensamento complexo (como é o científico ou filosófico), ir além e construir conceitos que estejam coerentes e ajudem a explicar a realidade⁸. Uma noção tão ampla de violência traria mais confusão do que elucidação. Por isso, o esforço em buscar outras análises mais profundas para pensar um conceito útil e que realmente ajudem a entender a realidade da violência na sociedade.

Seria possível apresentar somente uma definição de violência, que se adequa mais aos objetivos, à pesquisa e ao quadro teórico e, dessa forma, seguir adiante. Entretanto, se este fosse o caminho aqui adotado, ele poderia causar questionamentos, pois descarta a possibilidade de colocar a existência de outras definições a respeito desse fenômeno. Por isso, apresento algumas concepções de violência para depois expor aquela que julguei mais adequada.

Diante da diversidade de definições de violência, seria impossível mapear e, menos ainda, abarcar e discutir todas. Para tanto, tomei algumas definições de violência para discussão, sendo a maioria bastante influente nos meios científicos e filosóficos. Esse é o caso da definição do psicanalista Jurandir Freire Costa. O autor apresenta a seguinte definição de violência:

Violência é o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos. Este desejo pode ser voluntário, deliberado, racional e consciente, ou pode ser inconsciente, involuntário e irracional. A existência destes predicados não altera a qualidade especificamente humana da violência, pois o animal não deseja, o animal necessita. E é porque o animal não deseja que seu objeto é fixo, biologicamente predeterminado, assim como é a presa para a fera. (COSTA, 1984, p. 30)

Esta é uma das concepções mais adotadas, não só por psicanalistas, mas por

⁷ Posteriormente, ao discutir a questão das representações, este e outros conceitos serão esclarecidos.

⁸ Um exemplo, extraído de dicionário: “No Novo Dicionário da Língua Portuguesa (1986), a palavra violência foi assim definida: ‘Violência significa qualidade de violento; ato violento, ato de violentar; constrangimento físico ou moral; uso da força; coação’” (LUCINDA; NASCIMENTO; CANDAU, 1999, p. 18).

pedagogos (LUCINDA; NASCIMENTO; CANDAU, 1999) e outros. A raiz psicanalítica da definição é perceptível. O desejo seria um elemento fundamental. Ao mesmo tempo, o desejo é distinto da necessidade (o que seria comum no caso dos animais). Violência e agressividade são entendidas como algo distinto, no entanto, complementar.

Nesse aspecto, Costa se distingue daqueles que confundem violência e agressão (STORR, 1970; LORENZ, 1973). A violência é o emprego desejado da agressividade. O desejo significa o querer e este pode ser voluntário, racional ou involuntário e irracional, consciente ou inconsciente. O que pode ser voluntário ou involuntário, racional ou irracional, inconsciente ou deliberado, é o desejo, o querer. O emprego da agressividade, no entanto, é produto desse desejo e, portanto, é consciente. Essa análise é limitada e por isso já foi criticada (VIANA, 2013a), pois a violência pode ser intencional ou não. É importante acrescentar que a violência se distingue da agressividade não apenas porque a primeira é especificamente humana, como será desenvolvido mais a frente, mas porque a agressividade é algo momentâneo e a violência é uma relação social. A motivação da agressividade é uma reação imediata a algo anterior, enquanto que a violência pode ser reativa ou não e, na maioria das vezes, é praticada sistematicamente, de forma racional e não reativa.

Por outro lado, há a descrição interessante do fenômeno da violência feita por Ianni (2002). Há, neste autor, a percepção do enraizamento social da violência, no entanto, não há uma preocupação em definir o conceito. Algumas considerações do autor sobre o fenômeno da violência são:

Sobre vários aspectos, a violência é um evento heurístico de excepcional significação. Revela o visível e o invisível, o objetivo e subjetivo, no que se refere ao social, econômico, político e cultural, compreendendo o individual e o coletivo, a biografia e a história. Desdobra-se pervasivamente pelos poros da sociedade e do indivíduo. É um evento heurístico de excepcional significação, porque modifica as suas formas e técnicas, razões e convicções de conformidade com as configurações e os movimentos da sociedade, em escala nacional e mundial. Explicita nexos insondáveis da subjetividade de agentes e vítimas, em suas ilusões e obsessões, ao mesmo tempo que explicita modalidades inimagináveis e verdadeiros paroxismos de processos e estruturas de dominação e subordinação. Revela a alucinação escondida na alienação de indivíduos e coletividades. Nasce como técnica de poder, exercita-se também como modo de preservar, ampliar ou conquistar a propriedade, adquire desdobramentos psicológicos surpreendente no que se refere aos agentes e às vítimas. Entra como elemento importante da cultura política com a qual se ordenam, modificam transformam as relações entre os donos do poder e os setores sociais subalternos, os governantes e a população, as elites e as massas. Sobre vários aspectos, os atos de violência revelam aspectos recônditos, insuspeitados e fundamentais de como se formam e transformam os jogos das forças sociais, as tramas das formas de sociabilidade, levando indivíduos e coletividades como em um vendaval em fúria. (IANNI, 2002, p.08-09)

Ainda segundo Ianni, “são muitas, novas e renovadas as formas e técnicas de violência que entram direta e indiretamente no jogo das forças sociais e na dinâmica das formas de sociabilidade que se desenvolvem com o capitalismo, visto como de produção e processo civilizatório” (IANNI, 2002, p. 03). O autor percebe o vínculo que o fenômeno da violência tem com o capitalismo – no entanto, em toda a leitura de seu texto não há uma definição do que seja a violência, mas ele elucida, por meio de fartos exemplos, os efeitos da violência na sociedade “globalizada”.

É suficiente apresentar essas concepções de violência e seus limites, embora a análise de Ianni sobre o fenômeno da violência tenha o mérito de não naturalizar o fenômeno e de avançar mais em relação às teses apresentadas por Jurandir Costa. Ianni, nesse sentido, contribui para reforçar o conceito que trabalharei adiante. Algumas outras referências serão citadas aqui e ali no desenvolvimento da análise do fenômeno da violência. Por isso, é necessário apresentar a definição que será o fio condutor das análises sobre violência. A definição de violência que parece mais adequada para os objetivos de minha pesquisa é:

Consideramos a violência como um fenômeno social caracterizado pela imposição – pela força física ou por qualquer outra forma de se constranger outro a aceitar algo indesejável ou prejudicial ao desenvolvimento natural do indivíduo ou grupo social – realizada por um indivíduo/grupo social a outro indivíduo/grupo social. Desta forma, a violência é uma relação social de imposição e não se confunde apenas com a violência física ou com a criminalidade, abrangendo, portanto, um conjunto de fenômenos que vão além destes. (VIANA, 2004, p. 20)

Afirmar que a violência é uma relação social significa uma exclusão de qualquer possibilidade de aproximação com fenômenos naturais, superando, assim, as representações cotidianas existentes acerca deste fenômeno. A ideia da violência como relação social - apresentada por Marx - afirma em relação ao capital e outros processos (MARX, 1988), que esta serve para romper com o fetichismo e mostrar o seu processo de constituição humano, social, histórico. Ela é uma relação entre seres humanos, portanto social, que coloca frente a frente indivíduos ou grupos. Ao colocar grupos, enfatiza um aspecto jogado para segundo plano por Costa (1984). Em outra passagem de outra obra, Viana afirma o mesmo com outras palavras: “Uma relação social caracterizada pela imposição realizada por um indivíduo ou grupo social a outro indivíduo ou grupo social contra sua vontade ou natureza” (VIANA, 1999, p. 224-225).

Isso significa que a violência é uma relação social, mas tudo na sociedade pode ser assim definido. Por isso, é importante especificar que não é qualquer relação social, é uma

forma específica de relação social e sua especificidade se encontra na imposição. A imposição significa constranger, obrigar, forçar. É uma relação social entre indivíduos ou grupos desiguais, na qual uns podem constranger, forçar, obrigar, humilhar, subjugar os demais a fazerem o que eles querem. Esse processo de imposição, que caracteriza a violência, pode ser contra a natureza ou vontade daqueles que a sofrem.

A violência quando é contra a vontade dos indivíduos e grupos é mais facilmente perceptível. Se o pai obriga o filho a ficar de castigo, isso é contra a vontade deste, e é uma violência mais perceptível. Outro exemplo que pode ser trabalhado aqui: quando um governo obriga o povo a se submeter ao toque de recolher. Ao ser contra a sua vontade, é algo perceptível por todos, tanto quem exerce quanto quem sofre e, ainda, por observadores externos.

A violência contra a natureza ou contra o desenvolvimento natural dos seres humanos já é menos perceptível. Mas o que significa “natureza” nesse contexto? Como se trata de seres humanos, então a referência é a natureza humana. Partindo de Marx (MARX; ENGELS, 1991; MARX, 1983), é possível perceber que o ser humano possui determinadas necessidades básicas - beber, comer, dormir, habitar, procriar, entre outras - e isso ele compartilha com os outros animais. O que é específico do ser humano é que, para satisfazer suas necessidades básicas, ele realiza uma *associação* com outros seres humanos e executa o *trabalho* de produzir o que necessita. Marx colocou que esse é o “primeiro ato histórico” (MARX; ENGELS, 1991).

[...] satisfeita esta primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades – e esta produção de novas necessidades é o primeiro ato histórico.

[...] A produção da vida, tanto na própria, no trabalho, como na alheia, na procriação, aparece agora como dupla relação: de um lado como relação natural, de outro como relação social – social no sentido de que se entende por isso a cooperação de vários indivíduos, quaisquer que sejam as condições, o modo e a finalidade. (MARX; ENGELS, 1991, p. 40 e 42)

A violência, então, de acordo com a concepção que emprego aqui, pode ser contra a natureza humana - apesar disso, pode ser consentida. A violência pode ser contra a vontade ou natureza, ou ambas ao mesmo tempo, em certos casos. A violência de um senhor de escravos em relação ao escravo é, simultaneamente, contra sua vontade e natureza. A violência de um capitalista contra um operário pode ser aceita e consentida por este último, é contra sua natureza, mas não contra sua vontade. Se um indivíduo constrange outro a receber amigos contra sua vontade, age com violência, mas não contra

sua natureza, já que o ser humano é social por essência. Visto assim, o trabalho alienado é, em si, uma forma de violência e o trabalho nas sociedades de classes é o elemento fundante da violência, não só por ser violento, mas por estar na base de outras formas de violência – apresentarei esta discussão sobre as formas de violência mais à frente.

Tudo que atenta contra a liberdade, a criatividade, a solidariedade, a integridade é um ato de violência. Tenha consciência ou não aquele que a sofre. A título de exemplo: tudo o que for realizado como imposição ao indivíduo contra sua vontade, também é um ato de violência. Em síntese, a violência é uma relação social de imposição e, nesta relação, determinados indivíduos e/ou grupos impõem, contra a vontade e natureza de outros, algo e essa ação violenta é um fenômeno social, um processo social.

1.1.2 As formas da violência

A partir desse conceito de violência, é possível pensar suas manifestações concretas na história e na sociedade. A violência assume uma multiplicidade de formas e compreender isso é fundamental, pois, somente assim, fica mais fácil desenvolver uma discussão sobre as suas determinações – ação essa que será desenvolvida mais adiante. É possível afirmar que:

Este conceito amplo de violência nos permite pensar as suas diversas formas de manifestação: violência física, simbólica, sexual, entre outras. Porém, a classificação das formas de violência é bastante problemática, pois ela pode variar de acordo com o critério utilizado e existem diversos critérios. A violência pode ser classificada de acordo com as características comuns de suas vítimas (violência contra a criança, contra a mulher, etc.), pelas características comuns dos agentes da violência (violência policial, realizada pelos policiais; violência criminal, realizada pelos criminosos; violência estatal ou institucional, realizada pelo estado), pelo local onde ela ocorre (violência urbana, violência no campo, violência doméstica), pela forma como ela se realiza (simbólica, sexual, física), pelos seus objetivos (violência revolucionária, cujo objetivo é a revolução, violência repressiva, cujo objetivo é a repressão, pelos grupos sociais envolvidos (violência racial, étnica, de classe), pelas suas motivações inconscientes (violência reativa, violência vingativa, violência compensativa, violência recreativa). (VIANA, 1999b, 224-225)

Há poucos autores que se preocuparam em discutir as formas de violência. Alguns ficam no nível genérico, principalmente nas discussões filosóficas e teóricas, e outros trabalham com uma determinada forma de violência sem discutir as demais formas. Nas trilhas da psicanálise, Erich Fromm distingue a *violência recreativa*, que seria a mais normal e não patológica, da *violência reativa*, realizada em defesa da liberdade, dignidade ou propriedade; também distinta da *violência agressiva*, gerada pela frustração, juntamente da gerada pelo ciúme e inveja; da *violência vingativa*, que busca vingar algo

realizado no passado; da *violência compensatória*, que é um “substituto de atividade produtiva por uma pessoa impotente” (FROMM, 1965, p. 32), da *violência arcaica*, ligada ao sangue e desejos primitivos de grandeza (FROMM, 1965). Essa classificação de Fromm, além de psicologista e abstrata, não contribuiu muito para se pensar as formas de violência e nem para analisar o fenômeno da violência em sua totalidade. O critério utilizado é a classificação psicológica e isso pouco ajuda na distinção das formas de violência.

O filósofo Nilo Odália apresenta outra classificação das formas de violência: *institucionalizada*, como a desigualdade; *social*, que atinge os desprivilegiados, os pobres; a *política*, que provoca o assassinato de dissidentes, a invasão de outro país; a *violência revolucionária*, que busca a transformação social (ODÁLIA, 1985). Não há um critério claro para justificar as formas, apesar de que pode ser deduzida dessa classificação uma tentativa de mesclar o critério de quem são as vítimas com quem ou como se realiza a violência. Isso também não ajuda na compreensão do fenômeno e nem mesmo a entender as suas formas.

O sociólogo Júlio Barreiro apresenta outra classificação das formas de violência: a *violência estrutural*, que ocorre no âmbito do modo de produção capitalista; a *violência institucionalizada*, que ocorre no âmbito da superestrutura; a *violência econômica*, ligada à condição de pobreza e a problemas sociais; a *violência pedagógica*, realizada nas escolas, no processo educacional; a *violência juvenil* realizada pelos jovens e a *violência revolucionária*, realizada pela população em momento de transformação social (BARREIRO, 1978). Aqui há uma limitação semelhante à de Odália, por faltar critérios claros e coerentes. Barreiro mescla uma visão simplificada do marxismo - estrutura e superestrutura - que justificaria falar em violência estrutural, institucionalizada e revolucionária. Para acrescentar, incoerentemente, a chamada violência econômica, pedagógica e juvenil, fora do critério anterior. A sua solução também não resolve o problema e deixa de lado diversas outras formas de violência.

Uma última concepção é a do sociólogo Nildo Viana, que realizou discussões sobre a violência em geral (VIANA, 1999) e depois apresentou reflexões sobre algumas formas específicas de violência. A violência é uma relação social de imposição e as formas de violência são manifestações específicas desse processo. O critério que esse autor apresenta para distinguir as formas de violência é o de sua determinação fundamental: o que a gera? O que constitui a violência como fenômeno? Isso remete ao problema das causas/determinações da violência - próximo tópico de discussão.

1.1.3 As determinações da violência

Além do conceito e da percepção das várias formas de violência, é essencial analisar a questão de sua gênese ou suas “causas”. Alguns autores, como Domenach, defendem a ideia da existência de uma pluralidade de causas graças à existência de diversas formas de violência (DOMENACH, 1981). A partir do conceito anteriormente estabelecido, que se insere numa concepção que tem como referencial o materialismo histórico, a violência é uma relação social e, por conseguinte, é necessário analisar o que a gera. Contudo, existem várias abordagens que explicam a violência de formas distintas. Se alguns, como Domenach, reconhecem que as formas distintas de violência remetem para causas distintas, o que é relativamente correto; e outros apontam para múltiplas determinações ao lado de uma determinação fundamental (VIANA, 1999), é preciso entender que essa é uma concepção pouco aceita e que o mais comum é encontrar uma causa única para o fenômeno da violência.

Nesse contexto, citarei algumas das principais abordagens das causas da violência: as abordagens naturalizantes e as sociológicas. As abordagens naturalizantes são aquelas que naturalizam o fenômeno da violência. A naturalização é um fenômeno da consciência, na qual algo que é histórico e social é “naturalizado” (VIANA, 2013b). Isso ocorre nas representações cotidianas e nas ideologias, principalmente. As abordagens naturalizantes da violência são ideologias que tornam esse fenômeno social como um produto da natureza, seja a biológica ou a que remete à questão da essência. Essas duas formas de naturalização se fundamentam em determinadas ideologias científicas e filosóficas. A naturalização biológica é realizada pela biologia, psiquiatria e certas tendências psicanalíticas e psicológicas e a naturalização essencialista é realizada principalmente por ideologias filosóficas.

Há um conjunto enorme de produções que naturaliza o fenômeno da violência, atribuindo-lhe a origem biológica. É o caso dos adeptos da sociobiologia; neste trabalho, já citei alguns autores que apresentam essa concepção (LORENZ, 1973; STORR, 1970). Inclusive, o subtítulo da obra de Lorenz, “uma história natural do mal”, já é sugestivo por si mesmo. Há também as concepções psicanalíticas que naturalizam a violência, partindo da ideia de “instinto de morte”, elaborada por Freud.

Essas duas concepções citadas acabam confundindo violência e agressividade, mas muitas vezes extrapolam a questão da agressão e abarcam formas mais amplas de violência. As teses, tanto dos “instintivistas” da biologia quanto da psicanálise, foram

questionadas por vários autores (FROMM, 1975; MONTAGU, 1978; VIANA, 2004a). Erich Fromm refuta a tese do instinto de morte e também a concepção “instintivista” (concepção que tem por base os institutos) de Konrad Lorenz, apresentada no seu livro “*A Agressão: Uma história natural do mal*”. Segundo Fromm (1975):

A maioria dos psicanalistas, embora seguindo Freud em todos os seus outros caminhos, recusava-se a aceitar a teoria do instinto de morte; talvez isso fosse devido ao fato de que essa teoria transcendia o velho quadro de referência mecanístico e requeresse formas biológicas de pensamento que mostravam-se inaceitáveis a essa maioria, para quem o ‘biológico’ era idêntico à fisiologia dos instintos. [...]. Freud dera um importante passo a frente, deixando um enfoque puramente fisiológico-mecanístico para sustentar um enfoque biológico, que considera o organismo como um todo e que analisa as fontes biológicas do amor e do ódio. Sua teoria, contudo, sofre graves deficiências. Está baseada inteiramente em especulações abstratas e em *comprovação empírica* que mal pode convencer. Além disso, ainda que Freud brilhantemente tentasse interpretar os impulsos *humanos* em termos de uma nova teoria, sua hipótese mostra-se inconsistente com o comportamento animal. Para ele, o instinto de morte é uma força biológica em todos os organismos vivos: isso devia significar, também, que os animais expressam-no contra eles próprios ou contra os outros animais. Consequentemente, devia-se registrar maior índice de doença ou de morte prematura nos animais menos agressivos em direção exterior, e vice-versa; mas, é claro, não existem dados que apoiem esta ideia. (FROMM, 1975, p. 40)

Dessa forma, Fromm refuta a concepção sociobiológica do entomologista Konrad Lorenz. Este considera que a agressão é determinada biologicamente, através do instinto. Para ele, “a agressão é [...] não uma reação aos estímulos que vêm de fora, mas uma excitação elaborada internamente que procura liberação e que encontrará expressão, independente de quão adequado o estímulo externo se apresentar” (FROMM, 1975, p. 42). Essa concepção também é refutada:

Lorenz baseia as suas teorias da natureza hidráulica da agressão nas experimentações levadas a efeito em animais – principalmente peixes e pássaros em cativeiro. O que importa é o seguinte: o impulso agressivo que leva à ação de matar, a menos que reorientado – segundo observações de Lorenz em determinados peixes e pássaros – verifica-se também no homem? Uma vez que não há nenhuma prova direta dessa hipótese em relação ao homem e aos primatas não humanos. Lorenz apresenta um determinado número de argumentos para provar sua tese. Seu enfoque principal é realizado por meio da analogia; descobre semelhanças entre o comportamento humano e o dos animais estudados por ele e conclui que ambas as espécies de comportamento têm a mesma causa. Esse método tem sido criticado por vários psicólogos; já em 1948, o eminente colega de Lorenz, N. Tinbergen, mostrava-se consciente dos perigos “inerentes ao processo de usar-se a comprovação fisiológica advinda de níveis evolucionários inferiores, de níveis inferiores de organizações neurais e de formas mais simples de comportamento com elementos de analogias para o apoio de teorias fisiológicas de mecanismos de comportamento em níveis mais altos e mais complexos”. (FROMM, 1975, P. 47)

Sem dúvida, os inúmeros estudos antropológicos e sociológicos já haviam

refutado, de diversas maneiras e com abundante material empírico, o determinismo biológico e suas aplicações particulares. Contudo, essa não é a única forma de naturalizar o fenômeno da violência. Existe também a forma filosófica que é essencialista. Muitos confundem essencialismo e biologicismo. A diferença entre ambas as concepções é que a abordagem biologicista remete ao organismo biológico enquanto que a abordagem essencialista remete a uma natureza ou essência humana – arbitrariamente considerada, vista especulativamente. É o caso de Hobbes e a tese de que “o homem é o lobo do homem” (HOBBS, 1978), passando por Eric Weil (1990), até chegar a Roger Dadoun (1998).

Essas concepções filosóficas partem de uma construção abstrata e especulativa de natureza humana - a partir dela aponta a violência como algo constitutivo da natureza humana. Essas concepções são especulativas e sem fundamentação empírica ou concreta (VIANA, 2004a). A ideia de uma “natureza humana” é contestada por antropólogos, entre outros, e a concepção desses autores remete a essa concepção. Existe mesmo uma concepção materialista de natureza humana, que entra em franca oposição às concepções essencialistas e idealistas. Marx, quando sistematizou sua ideia de natureza humana, apresentou, simultaneamente, uma crítica de suas concepções ideológicas. Em sua grande obra, *O Capital*, Marx critica Jeremy Bentham que desenvolveu uma ideia de natureza humana que não passa de uma transposição ilegítima do indivíduo da sociedade inglesa da sua época para uma categoria abstrata e universal (MARX, 1988). Trata-se do indivíduo burguês universalizado e transformado em essência humana.

Para constituir sua concepção materialista de natureza humana, Marx parte das necessidades. É por isso que ele afirma que, para saber sobre a natureza humana é necessário entender quais são suas necessidades (MARX, 1988). Ele concebe o ser humano a partir de suas necessidades. No início, existem as necessidades que são compartilhadas com os demais animais - comer, beber, procriar, dormir - (MARX e ENGELS, 1991) e, no processo de satisfação dessas necessidades, o trabalho e a cooperação ou associação se tornam necessidades humanas.

Através da realização de suas necessidades especificamente humanas – o trabalho e a sociabilidade - a essência da humanidade adquire sua expressão. Um ser humano isolado não é humano, pois nãoalaria, nem pensaria, não teria os diversos atributos humanos, seria como um animal - a sociologia produziu um amplo material sobre isso – e, por isso, ele é social, tem necessidade da associação com outros seres humanos. Da mesma forma, ele necessita desenvolver suas energias físicas e mentais através do trabalho (MARX,

1983), da atividade consciente e teleológica que distingue o labor humano do animal (MARX, 1988). Isso é bem diferente de produzir, por meio de formas especulativas, a ideia de uma natureza humana que tão somente manifesta o ser humano de uma determinada sociedade e época, como Thomas Hobbes e Jeremy Bentham fizeram.

Além das abordagens naturalizantes, há também as sociológicas. As abordagens sociológicas da violência podem ser distinguidas em duas grandes tendências: a do conflito e a do controle (TAVARES, 1998; VIANA, 1999). Entre os autores que abordam a questão da violência a partir da ideia de controle social, destaco Émile Durkheim e Peter Berger; e entre os que enfocam esse fenômeno a partir da ideia de conflito social há Georg Simmel e Lewis Coser (TAVARES, 1998; VIANA, 1999). Estes são alguns dos principais representantes das duas tendências. Não é possível desenvolver uma análise pormenorizada destes e de outros sociólogos e aqui discorrerei sobre uma tendência de cada para exemplificar seus procedimentos analíticos. Émile Durkheim e Lewis Coser serão considerados como autores representativos das duas tendências.

Émile Durkheim, autor clássico da sociologia, não discorreu sobre o conceito e nem se debruçou sobre o tema da violência. O que Tavares (1998) e Viana (1999) abordam em seu pensamento não é o termo violência em si e, sim, aquilo que outros identificariam como sendo violência. Para Tavares, a violência em Durkheim ocorre quando a solidariedade social e as representações coletivas encontram obstáculos, o que estaria relacionado com a questão do crime e anomia. Segundo Durkheim, o crime é um ato condenado pela sociedade por ferir os sentimentos coletivos. Tavares retoma essa ideia e acrescenta que havendo falhas na regulamentação da solidariedade social, ocorre a anomia. A violência poderia ser considerada, assim, um estado de anomia (TAVARES, 1998). Em outras palavras, a violência emerge quando falha o controle social.

Já Lewis Coser (1961) apresenta outra discussão sobre a violência. Para esse autor, o conflito é o que garante a coesão e a unidade grupal. A sua concepção de conflito remete à ideia de que ele é um estabilizador da estrutura social, ajudando a revitalizar as normas existentes ou gerando novas normas. Nas sociedades flexíveis, há vantagens no conflito, que gera novas normas e modificações que garantem a continuidade social. As sociedades rígidas, ao impedirem o conflito, ocultam as dificuldades e aumentam a possibilidade de uma “ruptura catastrófica”, ou, em termos marxistas, uma revolução.

Essas duas concepções de violência são aparentemente bem diferentes, mas no fundo são semelhantes, pois ambas pensam na conservação da sociedade existente, uma apostando na solidariedade, no controle social, e a outra no conflito. A concepção

durkheimiana trabalha com a ideia de controle social e tem como elemento fundamental a sociedade em seu conjunto ou o Estado como órgão central de controle e, por isso, serve para pensar a violência estatal e institucional, bem como a criminal. No entanto, essa abordagem apresenta dificuldade em explicar outras formas de violência: a doméstica, a título de exemplo (VIANA, 1999). Seu caráter explicativo se revela limitado.

Da mesma forma, a concepção de Lewis Coser, focada no conflito social, também mostra limites. Ela possui um caráter funcionalista, porque deixa de lado formas de conflitos que geram a ruptura, como também a luta de classes e, assim, deixa de fora algumas formas de violência, como a revolucionária.

Além disso, ao deixar de lado o problema da opressão, da dominação e da exploração, acaba ofuscando a visão de que a violência e o conflito são uma relação entre desiguais, em que uns detêm o poder e outros são submetidos a ele. Desta forma, os objetivos de diversas formas de violência são esquecidos e em seu lugar aparece uma vaga referência aos “sentimentos humanos”. (VIANA, 1999, p. 231)

As concepções, elencadas acima, não são suficientes para gerar uma compreensão do fenômeno da violência. É preciso encontrar uma teoria que forneça um referencial teórico mais abrangente e que auxilie no seu processo de explicação. O materialismo histórico oferece um instrumental teórico bastante eficaz para se pensar o fenômeno da violência e as discussões anteriores sobre o conceito e formas de violência são importantes nesse processo. A concepção marxista engloba tanto uma percepção do controle quanto do conflito social:

Existe uma teoria do conflito que ao mesmo tempo engloba uma teoria do controle e que por isso pode nos fornecer o fio condutor para explicar o fenômeno da violência. A teoria da sociedade de Marx apresenta a ideia de que o controle é gerado pelo conflito. Segundo Marx, a instituição da sociedade de classes e dos conflitos entre elas faz emergir instituições voltadas para o controle social, em especial, o estado, para assim amortecer os conflitos sociais. O Estado, o direito, as ideologias, as instituições privadas, a cultura e a sociabilidade são formas de regularização das relações sociais, ou, em outras palavras, são formas de controle social. Os conflitos de classes iriam dilacerar a sociedade civil sem a emergência destas formas de controle social. (VIANA, 1999, p. 231)

Acompanhando o raciocínio de Viana, nesse e em outros escritos, bem como a sua referência fundamental ao materialismo histórico, exposto por Karl Marx, fica fácil discorrer sobre as determinações da violência. É no modo de produção que se encontra a base dos processos de violência. O modo de produção capitalista se fundamenta no processo de exploração e dominação da classe operária pela classe capitalista, pois essa

visa extrair a maior quantidade possível de mais-valia, o que significa aumentar seu lucro. Por isso, impõe o trabalho alienado, um amplo processo de imposição dentro do processo de trabalho, sendo a violência laboral uma das formas de violência existentes na sociedade capitalista.

Essa forma de violência gera resistência e luta. A luta de classes, a negação da alienação e da exploração, gera a necessidade da constituição de uma organização supostamente neutra para amortecê-la e controlá-la. O Estado surge, portanto, para evitar que a luta de classes gere uma transformação social e, para isso, ele realiza um conjunto de imposições para o conjunto da vida social, gerando outras formas de violência, a estatal, a institucional. Por outro lado, muitas vezes, a classe operária e outras classes ou setores da sociedade submetidos à violência laboral, estatal, institucional, geram formas de violência contestadora ou revolucionária, como o proletariado, a juventude, o campesinato, entre outros.

A sociedade capitalista também gera um conjunto amplo de outras formas de violência, que tem sua origem no modo de produção capitalista. Esse modo de produção origina uma sociedade competitiva, consumista, individualista, que produz valores dominantes, estruturas psíquicas, entre outros aspectos, que apontam para a formação de novas formas de violência e que, infelizmente, ao reproduzirem essas relações, contribuem para a existência de indivíduos violentos. Nesse processo, o capitalismo é – direta ou indiretamente – o gerador/produzidor das mais diversas formas de violência, é a determinação fundamental delas, que, ao lado das outras determinações, lhe dá concreticidade e define sua especificidade.

A presente pesquisa, no entanto, aborda uma forma específica de violência e é esta que identificarei agora: a violência criminal. A partir da discussão anterior, percebe-se a existência de diversas formas de violência. A forma de violência que focarei é aquela violência realizada por criminosos, no caso, os criminosos do tráfico. Isto também é reforçado por Michaud (1989), ao afirmar que grande parte das considerações sobre a violência é centrada na criminalidade.

Então, partirei do pressuposto de que o crime é algo constituído socialmente. A criminalidade não é uma escolha arbitrária e desmotivada de um indivíduo e não está desconectada das demais relações sociais: a criminalidade é um produto social. A produção social da criminalidade tem como base essencial o caráter das “sociedades proprietárias” (TAYLOR; WALTON; YOUNG, 1980). Sem dúvida, uma sociedade como a capitalista - fundamentada na propriedade privada de uma minoria em contraste com a não

propriedade da maioria e com a desigualdade social e o conjunto de mazelas sociais que lhe acompanha - é uma sociedade produtora de criminalidade em alta escala. E quanto maior a desigualdade e seus efeitos nefastos, tanto mais elevado o índice de criminalidade é.

A violência criminal está ligada aos fundamentos da sociedade capitalista⁹ que, entre outras coisas, tem marcas profundas de pobreza e de miséria (ALMEIDA, 1996), mas não afirmo aqui que elas sejam as únicas determinações da violência. Uma situação de pobreza e de miséria poderá gerar, diretamente/indiretamente, a violência criminal. A criminalidade, às vezes, é a manifestação da busca pela sobrevivência para aqueles cuja inserção no mercado de trabalho não é permitida pela sociedade capitalista. E isso ocasiona a possibilidade de outros indivíduos - mesmo não sendo criminosos - se tornarem vítimas, em razão da precariedade de empregos. Por exemplo, o aliciador de mulheres, em virtude de suas condições sociais, interesses e valores, ao “optar” pela ilegalidade, poderá ter sua inserção no tráfico de pessoas aumentada.

A ascensão do neoliberalismo, a partir dos anos 1980, é um elemento que amplia esse processo social já existente e que é agravado nesse contexto. Esse agravamento ocorre devido ao aumento do desemprego - o que força à “criação” de novas formas de sobrevivência e, muitas vezes, estas assumem um caráter ilegal. Indivíduos, em números cada vez maiores, são levados a experiências de trabalho marcadas pela ilegalidade e uma dessas formas é a de tráfico de pessoas.

Isso leva a um crescimento do processo de violência, inclusive de violência internacional, ou seja, aquela realizada por determinado país sobre outros, materializada em indivíduos ou grupos, ou mesmo diretamente, um Estado-nação sobre outro, por meio da intervenção militar, por exemplo. Existem formas de violência internacional que são pouco visíveis. O tráfico de mulheres, conectado aos processos migratórios que avançam para além das fronteiras nacionais, é uma forma menos evidente de violência internacional. Porém, sua prática está ligada a uma forma mais amplamente reconhecida que é o crime organizado. Neste sentido:

O crime organizado internacional foge ao controle das organizações de âmbito nacional ou internacional, uma vez que não é regulado por instituições públicas ou privadas, mas é igualmente importante como componente do sistema capitalista. O seu caráter ilícito torna a avaliação, a quantificação e o

⁹ Deixo claro aqui que a violência criminal não ocorre apenas no capitalismo, mas em todas as sociedades divididas em classes. No entanto, o foco aqui é a sociedade moderna e, portanto, a tentativa de buscar compreender as razões para a existência da violência criminal nela.

dimensionamento... difícil no contexto das Relações Internacionais. (NASCIMENTO; RIBEIRO; MATOS, 2008, p. 26)

O crime organizado não considera a organização legal dos Estados Nacionais e, assim, cria uma espécie de poder paralelo, gerando formas de criminalidade como tráfico de entorpecentes e de mulheres. Este último é o tema da presente pesquisa.

1.1.4 A Violência contra a mulher

A raiz da violência é múltipla e distinta em cada caso concreto. Nesse sentido, Kollontai (2011) apresenta uma explicação bastante coerente ao afirmar que a fonte de processos de exploração do trabalho são geradores de violência na sociedade moderna e podem ser visualizados nas novas relações de produção abertas pelo capitalismo – e, que contraditoriamente, abre a possibilidade de libertação da mulher. A autora afirma:

O tipo fundamental da mulher está em relação direta com o grau histórico de desenvolvimento econômico que atravessa a humanidade. Ao mesmo tempo que se experimenta uma transformação das condições econômicas, simultaneamente à evolução das relações de produção, experimenta-se a mudança no aspecto psicológico da mulher. A mulher moderna, como tipo, não poderia aparecer a não ser com o aumento quantitativo da força de trabalho feminino assalariado. (KOLLONTAI, 2011, p. 16)

A violência contra a mulher é um tema recorrente da sociologia e da vida cotidiana na sociedade moderna. Ela, apesar de acompanhar a história da humanidade, especialmente a partir da emergência das sociedades divididas em classes sociais, ganha maior visibilidade na sociedade moderna. Esse processo foi acompanhado pela maior inserção da mulher no mercado de trabalho, no mundo da literatura e da ciência, como bem destacou Kollontai (2011), além da emergência de concepções, movimentos feministas que aceleraram a organização das mulheres em torno da luta pela emancipação.

A violência contra a mulher, antes naturalizada¹⁰, hoje se torna visível e questionada. Claro que não há consenso e nem superação total, seja da violência ou de sua invisibilidade, e a permanência de formas de violência contra a mulher acaba gerando estudos e pesquisas a respeito desse tema.

A partir do conceito de violência, compreendido como imposição social contra a vontade ou natureza de quem a sofre, é possível observar diversas formas de violência

¹⁰ Antes do capitalismo e do movimento de emancipação da mulher, somadas a outras mudanças sociais, a violência contra a mulher não era visto como ato violento e, até certo ponto, nos países muçulmanos, isso ainda persiste em algumas regiões por razões culturais.

contra a mulher. A forma mais noticiada nos meios de comunicação e reconhecida é a violência física que ocorre mais constantemente na esfera doméstica, âmbito da vida privada (DEEKE et. al., 2009).

Azevedo (1985) apresenta também uma contribuição para pensar essa forma específica de violência: a violência familiar. Segundo a autora, a violência contra a mulher pode ser definida da seguinte maneira: “violência física praticada contra ela por marido ou companheiro e, nessa medida violência familiar” (AZEVEDO, 1985, p. 74). A violência familiar praticada pelo marido/companheiro pode ir além da violência física e também pode atingir filhos e pais, ao contrário do que a autora afirma. É sabido que muitos parceiros mantêm suas companheiras em cárcere privado e, além da privação da liberdade, também praticam a violência psíquica que pode ser expressa por medo, angústia, ansiedade sendo que pode assumir outras formas. Quantas mulheres não conseguem fugir do domínio psíquico a que estão submetidas? Então, afirmo que a violência praticada por marido/companheiro vai muito além da violência física e o mesmo ocorre às mulheres em situação de tráfico quando considera sua relação com patrão - dono ou não das casas noturnas-, cliente, encarregado, entre outros. A mulher que vivencia situação de tráfico pode estar sofrendo simultaneamente os dois tipos de violência além da violência de estar fora de seu país de origem e, portanto, de seu “*habitat natural*”.

No entanto, não é apenas nesse campo que isso ocorre. A violência contra a mulher ocorre no processo de trabalho e em outros processos sociais (TELES; MELO, 2003). A violência contra a mulher é aquela gerada pelas imposições sobre as mulheres, algumas realizadas, inclusive, por outras mulheres. Exemplo disso é o caso das trabalhadoras domésticas que, muitas vezes, sofrem violência no ambiente de trabalho. É correto afirmar, então, que a violência contra a mulher é ampla e se manifesta não apenas no plano doméstico através de espancamento, de agressão física, de agressão sexual, simbólica.

A violência contra a mulher está presente também nas pressões sociais que atingem as mulheres - imposição de um padrão de beleza, determinado tipo de comportamento, socialização da menina que é peculiar desde a infância e diverge na radicalidade da socialização do menino. Inclusive, até aquilo que é apontado como libertação da mulher pode ser uma violência contra ela. Como exemplo, posso citar a independência financeira, que pode nos retirar da dependência do pai ou do marido, mas nos constrange, por exemplo, a nos submeter a atividades fundadas na exploração e a diversas outras formas

de violência. A própria exigência pode ser uma forma de violência, se for contra a vontade.

A violência contra a mulher pode ser definida então, como uma relação social de imposição realizada contra as mulheres daquilo que é contra sua vontade ou natureza. Kollontai (2011) afirma que é na mulher da classe operária que há a possibilidade de libertação da mulher de toda e qualquer forma de violência/servidão/dominação/sujeição. A “mulher de novo tipo” tem que passar, segundo a autora, por um longo aprendizado e é apenas na luta que ela aprende a “protestar contra toda servidão, que possam ser consideradas membro ativo, em pleno exercício de seus direitos e, conseqüentemente, que sirvam à coletividade e à sua classe” (KOLLONTAI, 2011, p. 21).

Retomando o caso da violência doméstica que destaquei acima, ela pode estar relacionada a valores e sentimentos estimulados pela sociedade, como o ciúme, a imagem da mulher, os conflitos familiares, o alcoolismo, entre tantos outros (DEEKE et. al., 2009). Azevedo (1985) separa a “violência familiar” em dois conjuntos de fatores que determinam a violência contra a mulher, quais sejam: fatores condicionantes e fatores precipitantes. O primeiro está relacionado à estrutura social, já o segundo está relacionado a situações marcadas pela cotidianidade familiar e geralmente está associado à “drogadicção¹¹”.

A “violência familiar” é parte do processo de violência presente nas relações sociais entre os sexos. No caso da violência do tráfico internacional ou nas relações de trabalho, excetuando o que foge da lógica dessas relações, fica evidente que a motivação é a busca de lucro, principalmente, mas, ademais, ela assume características semelhantes ao processo de posição de homens e mulheres na estrutura social e familiar. As mulheres se tornam, nessa relação, mero meio para atingir fins de outrem, no caso do tráfico o favorecimento financeiro do agenciador/aliciador.

No entanto, as mulheres que se envolvem em situações de tráfico podem sofrer agressões físicas, pressões psíquicas, muitas vezes, existentes em certos ambientes familiares. A violência familiar tem sua especificidade e determinações específicas e a violência no caso do tráfico tem alguns elementos formais que são semelhantes. O que há de mais comum é que quem, *geralmente*, sofre a violência – tanto no ambiente familiar como no tráfico – são as mulheres.

¹¹ No Dicionário Aurélio o termo: “**adicto**” vem do latim *Addictu* e é um adjetivo, que significa: 1) Afeiçoado, dedicado, apegado; 2) Adjunto, adstrito, dependente; 3) Em medicina é quem não consegue abandonar um hábito nocivo, mormente de álcool e drogas, por motivos fisiológicos ou psicológicos.

De acordo com o que observa Kollontai (2011), atributos, tais como: a passividade, a doçura e a submissão, no capitalismo, se tornam totalmente supérfluos – durante séculos a mulher foi socializada para total submissão –, no entanto, agora essas virtudes, que outrora foram exaltadas, são consideradas prejudiciais e inúteis pela maioria, graças à inserção da mulher no mercado de trabalho. A independência paulatina da mulher de “novo tipo” tem apenas uma saída para ir além dessa inserção no mercado de trabalho: lutar por sua emancipação.

Esse processo de busca de um lugar pode, muitas vezes, colocá-la em situação de conflito e de modo a que ela seja vítima de violência. Lembro aqui da data que homenageia o Dia Internacional da Mulher. Foi na luta contra a exploração do trabalho que as operárias tecelãs foram reprimidas de forma violenta por reivindicarem salários melhores e a garantia de direitos. Segundo Blay (2001), no final do século XIX e início do século XX, tudo era utilizado como “pretexto para subordinar e inferiorizar a mulher”. Nesse sentido, ela afirma:

No século XIX e no início do XX, nos países que se industrializavam, o trabalho fabril era realizado por homens, mulheres e crianças, em jornadas de 12,14 horas, em semana de seis dias inteiros e frequentemente incluindo as manhãs de domingo. Os salários eram de fome, havia terríveis condições no local da produção e os proprietários tratavam as reivindicações dos trabalhadores como uma afronta, operárias e operários eram considerados como as “classes perigosas”. Sucediavam-se as manifestações de trabalhadores, por melhores salários, pela redução das jornadas e pela proibição do trabalho infantil. A cada conquista, o movimento operário iniciava outra fase de reivindicações, mas em nenhum momento, até por volta de 1960, a luta sindical teve o objetivo de que homens e mulheres recebessem salários iguais, pelas mesmas tarefas. As trabalhadoras participavam das lutas gerais, mas, quando se tratava de igualdade salarial, não eram consideradas. Alegava-se que as demandas das mulheres afetariam a ‘luta geral’, prejudicariam o salário dos homens e, afinal as mulheres apenas ‘completavam’ o salário masculino. (BLAY, 2001, p. 1)

Poderá haver forma mais determinante de violência do que a violência laboral? Será esse o tipo de violência que faz originar todas as demais formas de violência? As leituras dos textos de Kollontai e de Blay somadas a todas as outras contribuiu para que eu tivesse uma percepção mais ampliada das formas de violência contra a mulher. A violência que submete a mulher e a criança a jornadas ampliadas, semelhante a que ocorreu durante a Revolução Industrial, e não as remunera igualmente é, sem sombra de dúvidas, uma forma de violência que tem como pano de fundo as relações de exploração no trabalho e acaba também sendo, na presente sociedade, reforçada por diferenças etárias e de sexo.

É muito complexo o problema da violência contra a mulher. Ela sofre diversas formas de violência, como as que se observa em determinadas religiões e culturas, dentre

tantos exemplos que já elenquei neste texto. A isto se soma a violência explicitada no tráfico de mulheres. Essa geralmente é antecedida por outra forma de violência: a privação e diversas formas de opressão. A pobreza, por um lado, e a exigência de enriquecimento e ascensão social, por outro, são as mais comuns. O tráfico internacional de mulheres se apresenta como uma forma de violência, especialmente quando impõe o cárcere e submete a mulher à exploração sexual – forma de atividade que, ao invés de gerar renda para a trabalhadora, enriquece quem a submete. Há outras possibilidades de exercer a violência sobre a mulher que se encontra em situação de tráfico, seja por meio da violência física ou por controle financeiro cuja finalidade é garantir a exploração, haja vista que grande parte das mulheres envolvidas no tráfico contrai dívida para garantir a saída do país de origem e chegar ao país receptor.

Posso afirmar que a mulher é vítima e cúmplice da violência, como afirmado pelo existencialismo de Sartre, presente também nas teses de Simone de Beauvoir? Segundo a tese de Sartre, o homem é livre. Ele estaria condenado a ser livre, sendo essa a sua característica humana. O homem é um animal que faz escolhas. Por isso, apelar para “determinações externas” seria agir de má fé, pois, no fundo, foi ele que escolheu. A ideia sartreana é a da liberdade de escolha do homem que cria seu projeto, sua escolha original, livremente. Isso significa a recusa de todo determinismo. Beauvoir (1970) retoma a concepção existencialista sartreana para colocar que a mulher não pode ser considerada apenas “vítima”, pois ela escolhe ser vítima. Essa escolha, no entanto, é situada. Isso tem a ver com o desenvolvimento do pensamento de Sartre que, ao se aproximar do marxismo, passa a observar que o homem não é “tão livre”, essa liberdade se dá a partir de situações não controladas por ele. Simone de Beauvoir coloca, então, que a mulher é cúmplice, por ter escolhido não se rebelar, e vítima, por causa da situação, não sendo uma dessas coisas isoladamente.

Há teóricas que relativizam o binômio dominação-vitimização. Nessa linha caminha Gregori (1993). Para a autora, tem-se que considerar cada caso concreto ao analisar a relação conflituosa entre marido/parceiro com sua mulher/parceira. Segundo ela, a visão dualista não colabora para uma compreensão exata dos conflitos entre casais. Fica estabelecida entre as partes uma forma de comunicação que é peculiar a cada relação e é nessa comunicação entre os casais que se deve procurar a raiz que deu origem ao conflito e que, por vezes, dependendo da estreiteza dessa comunicação, origina a violência contra a mulher.

É exatamente nesse ponto que reside a contribuição dessa autora: nem sempre as mulheres devem ser consideradas vítimas e é necessário superar essa visão dualista que perpassa, inclusive, as instituições que prestam assistência às “vítimas” de violência (GREGORI, 1993). Analisar o grau de autonomia dessas mulheres se torna necessário e pode possibilitar uma ampliação das possibilidades de se explicar corretamente a violência que incide contra essa ou aquela mulher.

Retomando Marx, posso afirmar que o concreto é o resultado de suas múltiplas determinações e há uma determinação fundamental que move a violência contra a mulher. Analisar essa determinação fundamental possibilita uma real compreensão da situação da mulher na sociedade contemporânea.

A violência contra a mulher deve ser explicitada em suas determinações no interior da totalidade das relações sociais. É preciso entender que diferentes formas de violência, que envolvem a mulher, possuem diferentes determinações específicas ao lado da determinação geral. Em certos casos, ela é vítima e cúmplice, como afirma Beauvoir, em outros casos não.

No interior da família, atuam questões específicas de formação cultural dos envolvidos, condições de vida, valores, entre outras. No caso de outras relações sociais, o processo cultural terá ressonância, porém, convive com outras necessidades e relações. No caso do tráfico, por exemplo, a sua autonomia e tipo de relação é meramente comercial e de imposição, o que dificulta afirmar ser “cúmplice”. Com essas considerações, avanço no sentido de analisar as representações das mulheres que vivenciaram situações de tráfico.

1.2 A SOCIOLOGIA DAS REPRESENTAÇÕES

A sociologia produziu diversas pesquisas sobre a questão da consciência e das representações. Seria impossível recapitular apenas um décimo dessa ampla produção. Por tudo isso, se tornou necessário um recorte que tomará como critério principal conceitos e abordagens que considere relevantes para a realização dessa empreitada intelectual.

Não haverá aqui discussão sobre termos como “senso comum” ou “cultura popular”, entre outros, pois a sua utilidade para a discussão é muito pequena e demandaria muito trabalho e espaço para sua análise. O termo cultura popular enfatiza o conjunto de representações. No presente trabalho, a atenção é para determinadas representações, representações sobre algo, o que é mais específico.

O foco é numa concepção de representações que forneça recursos conceituais para efetivação da pesquisa. A opção é por trabalhar com a ideia de representações cotidianas, e não outras abordagens que possuem certa semelhança, como a das representações sociais ou coletivas. No entanto, para justificar a escolha, realizarei uma análise crítica das demais abordagens antes de esclarecer e discorrer sobre a concepção adotada. Trata-se principalmente da oposição entre a abordagem das representações sociais e das representações cotidianas, que será o foco da discussão, apesar de outras concepções poderem ser citadas.

Uma explanação inicial das duas tendências é útil para o prosseguimento da análise. Em 1961, Serge Moscovici lançou sua obra *La psychanalyse, son image et son public*, traduzido no Brasil como “*A Representação Social da Psicanálise*” (MOSCOVICI, 1978), inaugurando a chamada abordagem das representações sociais, que depois receberia vários desdobramentos com artigos deste mesmo autor e de outros, bem como outras publicações (SPINK, 1995; GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 1997; SÁ, 1998).

Em 2008, Nildo Viana lançou o livro *Senso Comum, Representações Sociais e Representações Cotidianas* (VIANA, 2008), no qual apresenta uma forte crítica à abordagem das representações sociais e retoma Marx e outros autores para desenvolver a teoria das representações cotidianas (PANINO, 2010; PEIXOTO, 2010; SOARES, 2011; VIANA, 2013a; VIANA, 2013b). Em seguida, Viana e outros publicaram diversos artigos desenvolvendo discussão e pesquisa sobre essa abordagem.

A abordagem das representações sociais tem influências distintas das influências da teoria das representações cotidianas. Por exemplo, na abordagem das representações sociais, a psicologia tem um papel importante, não só porque Moscovici é psicólogo, mas pelo motivo de que suas construções são influenciadas por concepções psicológicas. A presença de Émile Durkheim (1978; 1996) e da sociologia também ajuda a esclarecer essa abordagem. A teoria das representações cotidianas, por outro lado, tem maior ligação com o marxismo (MARX; ENGELS, 1991; KORSCH, 1977) e elementos de psicanálise (FROMM; MACCOBY, 1972), entre outras abordagens. A presença do marxismo já é elemento de diferenciação radical entre as duas concepções e a psicanálise contribuiu para aumentar a diferença. Se a psicologia social se volta para as representações como processos sociais explícitos, a psicanálise aborda o inconsciente e o marxismo nos interesses subjacentes nas representações. A seguir, apresento uma análise das duas abordagens.

1.2.1 As representações sociais

A abordagem das representações sociais surgiu na França, através da obra de Serge Moscovici (DATA), como já foi colocado. Essa abordagem tem como precursores aqueles que discutiam o “senso comum”, pois o termo representações sociais se apresenta como a versão contemporânea desta expressão mais antiga e, especialmente, a discussão de Durkheim sobre as representações coletivas, levando Moscovici a sistematizar uma nova concepção, que alguns até buscam transformá-la em “teoria”, “disciplina” e “metodologia”.

O termo representações sociais designa tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los, identificando um vasto campo de estudos psicossociológicos. A cunhagem desse termo e, portanto, a inauguração do campo devem-se ao psicólogo social francês Serge Moscovici. Um primeiro delineamento formal do conceito e da teoria das Representações Sociais surgiu no trabalho de Moscovici intitulado *La Psychanalyse, son image et son public*, a propósito do fenômeno da socialização da psicanálise, de sua apropriação pela população parisiense, do processo de sua transformação para servir a outros usos e funções sociais. (SÁ, 1995, p. 19)

Moscovici buscou uma orientação mais sociológica na psicologia social em oposição à perspectiva individualista ou psicologista reinante. Nesse sentido, ele se inspirou no sociólogo Émile Durkheim para promover sua discussão sobre representações sociais. Sem dúvida, a noção durkheimiana de representações coletivas é a sua grande fonte inspiradora. Para Durkheim, as representações coletivas são produto de uma cooperação estendida no tempo e no espaço, através de uma multidão de espíritos variados que associam, misturam, combinam, as ideias e os sentimentos, expressando o saber acumulado de diversas gerações (DURKHEIM, 1996; SÁ, 1995).

Émile Durkheim também faria questão de separar representações coletivas de individuais, pois a primeira expressaria “estados da coletividade” e seria uma realidade *sui generis*. O ponto de partida de Durkheim foi o estudo da religião, uma representação coletiva bastante poderosa. Ele parte do estudo do totemismo, devido sua justificativa de que o estudo do mais simples ajudaria a compreender o substrato básico das representações que estariam presentes também nas suas manifestações mais elaboradas.

No entanto, Moscovici não utilizou o termo representações coletivas e nem se limitou a reproduzir o discurso durkheimiano. A abordagem das representações sociais permanece ainda psicológica e se preocupa não apenas com o conteúdo das representações, mas também com seus processos psicológicos e suas influências nas

realidades sociais. E Moscovici fez questão de se distinguir de Durkheim, não somente usando outro termo, representações sociais, mas também apontando diferenças entre sua abordagem e a de Émile Durkheim:

As representações que me interessam não são nem as das sociedades primitivas, nem as suas sobreviventes, no subsolo de nossa cultura, dos tempos pré-históricos. Elas são a de nossa sociedade atual, de nosso solo político, científico, humano, que nem sempre têm tempo suficiente para se sedimentar completamente para se tornarem tradições imutáveis. E sua importância continua a crescer, em proporção direta com a heterogeneidade e a flutuação dos sistemas unificadores – as ciências, religiões e ideologias oficiais – e com as mudanças que elas devem sofrer para penetrar a vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum. (MOSCOVICI, 2005, p.8)

Assim, Sá coloca que Moscovici também busca se afastar da concepção “sociologista”. Essa concepção foi considerada pelos seus divulgadores como uma “forma sociológica de psicologia social”, se opondo a forma dominante, especialmente nos Estados Unidos, chamada de “forma psicológica” (FARR, 1994). Moscovici e seus continuadores entendem que as representações sociais são “teorias” sobre os “saberes populares”, sobre o “senso comum”, que são formas como a população interpreta a realidade. Nesse contexto, as representações sociais seriam a teoria de Moscovici e continuadores; o fenômeno o “senso comum” em nova terminologia; e uma “metateoria”, que discutiria os pressupostos da teoria (OLIVEIRA; WERBA, 1998). Unir estes três elementos em apenas uma coisa é algo que gera muito mais confusão do que esclarecimento¹².

O que interessa aqui é somente o fenômeno e a forma como ele concebe a abordagem das representações sociais. Ou seja, o primeiro elemento é entender o que são representações sociais e Moscovici entende as “representações sociais como um conjunto de conceitos, proposições e explicações” cuja origem esta na vida cotidiana quando se dá o processo de comunicação entre as pessoas. Para esse autor, as representações sociais, na sociedade moderna, são equivalentes “aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais” – e cabe também considerá-las, como “versão contemporânea do senso comum”.

Essa definição revela alguns aspectos interessantes da concepção de Moscovici. Um primeiro elemento é a mistura de aspectos sociológicos e psicológicos na própria

¹² Viana (2008) critica essa pretensão afirmando que essa concepção não tem uma metateoria e nem mesmo uma teoria e poderia ser considerada, no máximo, uma “abordagem”, algo muito aquém de uma teoria – e, por isso, distingue entre a “abordagem das representações sociais”, que é a produção de Moscovici e continuadores, e as representações sociais, o nome que os adeptos dessa abordagem dão aos fenômenos que estudam o senso comum, e fundamentam sua crítica estendendo-a a ambos.

linguagem utilizada como “social”, “sociedade”, por um lado, e “interpessoal”, por outro, ou seja, termos sociológicos e psicológicos, que são usados para nomear a mesma realidade de formas diferentes.

Essa psicologia social de influência sociológica não gera uma profunda explicação das representações sociais e, sim, cria uma nova terminologia e gera procedimentos para a pesquisa, assim como fornece certa característica dos procedimentos lógicos das representações sociais. As representações sociais se distinguem, enquanto versão contemporânea do senso comum, do pensamento científico. Segundo essa concepção, existiria, na sociedade, dois tipos diferenciados de pensamento: os universos consensuais (UC) e os universos reificados (UR). Os universos reificados são tipos de pensamento restritos aos especialistas, é o pensamento científico e teórico. Os universos consensuais são aqueles do senso comum sem hierarquias internas.

As representações sociais buscam tornar o “não familiar” em familiar através dos processos de ancoragem e objetivação. O processo de ancoragem significa “dar nome” às ideias estranhas e transformá-las em imagens comuns e familiares. Segundo Moscovici:

Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras. Nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas. O primeiro passo para superar essa resistência, em direção à conciliação de um objeto ou pessoa, acontece quando nós somos capazes de colocar esse objeto ou pessoa em uma determinada categoria, de rotulá-lo com um nome conhecido. No momento em que nós podemos falar sobre algo, avaliá-lo e então comunicá-lo – mesmo vagamente, como quando nós dizemos de alguém que ele é “inibido” – então nós podemos representar o não usual em nosso mundo familiar. Pela classificação do que é inclassificável, pelo fato de se dar um nome ao que não tinha nome, nós somos capazes de imaginá-lo, de representá-lo. De fato, representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes. (MOSCOVICI, 2005, p. 61-62)

A objetivação une a ideia de não familiaridade com a de realidade. Através da objetivação, ocorre o processo de tornar objetivo algo, transformando-se na verdadeira essência da realidade. Assim, explica Moscovici, objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, é transferir um conceito para uma imagem (MOSCOVICI, 2005).

A abordagem das representações sociais foi alvo de inúmeras críticas que mostraram suas limitações. É importante retomar essas críticas para esclarecer os seus limites e esclarecer minha opção por utilizar outra concepção. Para alguns, a concepção de Moscovici nasce numa posição cognitivista e, apesar de algumas tentativas posteriores de

alguns continuadores no sentido de ir além, essa é a tônica da abordagem das representações sociais (LANE, 1995).

Sawaia (1995) aponta que Moscovici abandonou gradualmente o termo ideologia, de origem marxista, para desenvolver a ideia de representação social. Nisso há um pressuposto da concepção de Moscovici, que é considerar que os seres humanos são livres:

Moscovici captou o caráter reificador da ideologia como discurso estruturado e estruturante que tende a impor a apreensão da ordem estabelecida como natural e governada por leis impessoais, mas não a vê como imposição mascarada de sistema de classificação e de estruturas mentais objetivamente ajustadas às estruturas de poder, excluindo-a do conflito humano, como se as Representações Sociais fossem produto da ação e da relação entre sujeitos ou grupos de sujeitos ativos, livres e autônomos. (SAWAIA, 1995, p. 78)

Ainda segundo esse autor, o conceito marxista de ideologia exerce o papel de desmistificar essa percepção ingênua do processo cognitivo, colocando-o inserido no processo de mediação da dominação e exploração. Outras críticas também foram endereçadas para a abordagem das representações sociais, como sua falta de rigor e fundamentação metodológica (apud SPINK, 1985).

Todas essas críticas apresentadas, apesar de mostrarem certos limites da abordagem das representações sociais, tentam, posteriormente, com certo ecletismo, unificar essa abordagem com o marxismo ou buscam superar suas deficiências. O que se observa é que tais tentativas não provocaram grande avanço, mesmo porque os artigos em que isso ocorre apresentam não apenas certa incompreensão do materialismo histórico – no caso de Sawaia – como também resultaram em tentativas muito superficiais de desenvolver aspectos da abordagem das representações sociais – como foi o caso de Spink.

Contudo, também existiram críticas de autores que, ao invés de reconhecer limites para superá-los, seja através do ecletismo ou de complementos superficiais, buscaram ser mais contundentes e menos conciliadores. Harré, segundo Leme (1995), por exemplo, questiona o significado do termo *social* em “representações *sociais*”:

Diretamente relacionada com a colocação de Codol, da legitimidade de se obter determinadas Representações Sociais junto aos indivíduos considerados representantes de certos grupos sociais, está a colocação de Harré [...]. Diz ele que se sente completamente desconcertado com o que significa social para a escola francesa, da qual se considera um ardente admirador. Aponta para uma tripla ambiguidade quando a noção é usada para qualificar uma representação: indicaria que a representação é de algo social, ou ainda que a representação, enquanto uma entidade, é ela mesma algo social e, por último, seria social por estar distribuída em um grupo, isto é, o que cada membro tem é igual ao que

cada outro membro individual do grupo tem. (LEME, 1995, p. 53-54)

A essa crítica, Leme afirma que Harré acrescenta que os grupos estudados por Moscovici e continuadores são “taxionômicos” e não grupos reais estruturados, cujas relações são muito mais profundas e constantes, gerando uma maior proximidade em suas representações. Potter e Linton (ANO) criticam a abordagem das representações sociais por considerar que grupos e representações são coextensivos, pois entendem que não existe nada que garanta a identificação dos indivíduos e o grupo e, portanto, que suas representações sejam as do grupo, e faltam critérios analíticos claros para definir tais critérios (LEME, 1995).

Outra crítica empreendida por esses autores é o suposto consenso que existiria nas representações sociais e isso faz parte do processo de usar médias no procedimento analítico, o que desaparece com as diferenças. Há também uma desconsideração a respeito do fato de que as representações variam de acordo com o contexto (LEME, 1995). Potter e Linton, bem como Jahoda, criticam a abordagem das representações sociais por sua falta de clareza na conceituação e também a falta de uma teoria. Isso é reconhecido por Moscovici, mas ele tenta se defender dizendo que recusa “definições fáceis” e que estas não existem para classes sociais, mitos e outros conceitos, bem como afirma que a teoria é algo que falta a toda a psicologia e não apenas a abordagem das representações sociais (LEME, 1995). Defesa um tanto limitada, pois existe a conceituação profunda de classes e mitos, e a ausência de uma teoria na psicologia não retira a necessidade de sua constituição. Isso porque os psicólogos, principalmente aqueles que apresentam novas abordagens, deveriam buscar constitui-las.

Essas críticas, no entanto, não são as únicas. Entre as demais, destaco uma vinda da sociologia. Para Viana (2008), a abordagem das representações sociais possui diversos problemas e limites, sendo que alguns são os acima apontados e outros que não foram desenvolvidos pelos psicólogos citados.

O primeiro ponto é a crítica da suposta novidade da abordagem das representações sociais. Segundo Viana (2008), a concepção de Moscovici () é extremamente semelhante à de Durkheim (DATA) e as diferenças apontam o fato de que o sociólogo francês não teria concebido as representações como sendo dinâmicas e que remetiam às sociedades primitivas, não são verdadeiras, pois apesar de não ser o foco de Durkheim, este afirma que as representações são dinâmicas (VIANA, 2008) em seu artigo sobre *Representações Coletivas e Representações Individuais*. Ainda é correto afirmar que Durkheim nunca

limitou as representações coletivas às sociedades primitivas, o que fez foi apenas tomar um exemplo de algo simples para explicar o complexo.

Essa busca de novidade é explicada por Viana (2008) através da discussão de Pierre Bourdieu (1983) a respeito da competição no “campo científico”, pois seria uma tentativa de alguns psicólogos demarcarem um espaço dentro da psicologia e até mesmo para fora, como no caso de alguns que defendem ela ser uma “metateoria”. Viana cita a disputa dentro da psicologia entre a tendência europeia expressa por Moscovici e continuadores e a da tendência americana, a qual a maior parte dos seus críticos pertence (VIANA, 2008).

É assim que Viana (2008) explica a busca de originalidade e novidade da abordagem das representações sociais. Além disso, como outros, ele afirma que essa concepção já existia, pois inúmeros estudos, tanto de sociólogos quanto de psicólogos, sobre “senso comum”, “ideias”, “visões de mundo”, “saber popular”, “cultura popular”, entre outros termos, foram realizados. A sua concepção também não difere muito da de Durkheim. Além disso, ao colocar como grande novidade a ideia da dinamicidade das representações sociais, bem como sua pluralidade, não deixa de ser curioso ter deixado Marx e os marxistas de lado, que já haviam desenvolvido isto muito antes de Moscovici. Ou seja, a abordagem das representações sociais não apresenta nenhuma novidade ou vantagem para a pesquisa social, porquanto retoma teses já existentes e as empobrece, pois em Durkheim e Marx, por exemplo, já existe toda uma base teórica que falta na concepção defendida por Moscovici.

Outro importante elemento, já criticado por outros, é a falta de sistematicidade. Viana (2008) retoma os críticos de Moscovici, citados antes, e acrescenta algumas formulações. Cabe destaque a discussão sobre o termo “social”, que em Moscovici estaria mais ligado à função ou ao objetivo do que ao caráter das próprias representações. Um ponto importante destacado é o caráter descritivo da abordagem das representações sociais.

Quando Moscovici faz sua pesquisa fundadora da abordagem das representações sociais, ele descreve o fenômeno, mas não o explica. Moscovici apresenta uma discussão terminológica e encaixa as representações sociais na terminologia apresentada. Assim, dizer que o resultado da pesquisa são representações sociais e que há objetivação e amarração não explica nada. A leitura de outras pesquisas sobre representações sociais reforça tal conclusão, o que é visível em alguns “relatos de pesquisa”, apresentados em duas coletâneas sobre representações sociais. (VIANA, 2008, p. 66)

Alguns representantes da abordagem das representações sociais reconhecem isso e tentam resolver, como Sousa Filho (2003) e Wagner (1997), mas o primeiro acabou admitindo não ultrapassar o quantitativismo (VIANA, 2008) e, seu apelo à análise de conteúdo através da quantificação se revela uma nova forma de descrição. Já Wagner (1997) busca afirmar que a citada abordagem possui uma base explicativa - afirma que se refere ao modelo modal.

Viana (2008) refuta esse caráter explicativo, colocando que é mera descrição¹³, o motivo disso é sua inspiração nas concepções metodológicas da psicologia e na indução. Ele desconhece, portanto, a discussão sobre explicação existente nas ciências sociais, como em Durkheim, Weber e Marx. Ele cita o trabalho de Moscovici sobre a representação da psicanálise e afirma que dizer que a difusão da psicanálise provoca a representação é apenas mostrar que é condição de possibilidade, mas não explica por que as representações são essas ou aquelas – para explicar seria necessário ir mais longe. Da mesma forma, a ideia de “objetividade” defendida pelos adeptos da abordagem das representações sociais não se sustenta, afinal apelam para o “consenso” na esfera científica, algo inexistente.

Há mais dois aspectos que são criticados e que merecem ser citados. Um deles é pensar que as representações sociais são verdadeiras. Essa tese, já presente em Durkheim, assim como no psicanalista Jung, é refutada em suas duas fundamentações.

A primeira fundamentação é a que afirma que as representações existem e por isso são verdadeiras. Um elefante existe e por isso ele é verdadeiro, o que Viana refuta, dizendo que o fato de existir não significa veracidade e são duas ordens de questões distintas: uma é a existência e outra é a veracidade. “A ideia da existência de habitantes em marte existe, mas nem por isso é verdadeira”; “Da mesma forma, uma ilusão existe, mas nem por isso deixa de ser ilusão. Isto ocorre pelo motivo de que uma coisa é a ideia em si, ela existe, e outra é o seu conteúdo, que pode ser verdadeiro ou falso” (VIANA, 2008, p. 78).

¹³ “Este modelo ‘explicativo’ é demasiado simplista e tem sua origem na ‘explicação probabilística’, derivado da indução, e que, na verdade, é apenas uma descrição. Dizer que os grupos fascistas produzem ideias fascistas, ou que as representações da violência ou da psicanálise são produtos da violência concreta e da difusão social da psicanálise não explica nada. Isto se apresenta num nível de generalidade tão elevado e ao mesmo tempo tão limitativo que não tem valor explicativo algum. Um estudo sobre as representações sociais começa e termina sem ir adiante, devido ao próprio limite da pesquisa, que tem um objeto isolado e, portanto, limitado, de estudo” (VIANA, 2008, p. 69). Por questão de espaço, não aprofundarei essa discussão, na qual o autor faz uma análise do que é explicação e remete a um artigo de sua autoria. Nesse artigo, ele analisa a explicação nas ciências sociais, e delimita clara distinção em relação aos procedimentos das ciências naturais.

O argumento da veracidade das representações devido sua eficácia também é refutado, pois não deixa de ser ilusão por fazer as pessoas agirem, como os psicóticos agem a partir da realidade imaginária, criada em seus cérebros e que não possui nenhuma ligação com o mundo real. Após essas críticas à abordagem das representações sociais, que mostram seus limites e justificam a opção aqui destacada, é necessário discorrer sobre a concepção que julguei mais adequada para trabalhar com o que alguns denominam “senso comum”, ou seja, a teoria das representações cotidianas.

1.2.2 Marx e as representações cotidianas

O termo “representações cotidianas” é relativamente novo. No entanto, ao contrário da abordagem das representações sociais, não se apresenta como uma novidade radical. A ideia de representações cotidianas é derivada do materialismo histórico de Karl Marx e continuadores. Marx apresentou alguns elementos que são retomados e sua teoria da consciência é a base para a teoria das representações cotidianas. Ela engloba também diversas outras contribuições, tanto de marxistas quanto de outras concepções, sem com isso perder a coerência interna e a base teórico-metodológica do marxismo. Uma das vantagens da teoria das representações cotidianas sobre a abordagem das representações sociais é justamente possuir uma base teórico-metodológica.

A apresentação aqui poderia partir da contribuição de Viana (2008), que é quem desenvolve o conceito de representações cotidianas, mas optarei pelo processo cronológico, apresentando a discussão de Marx primeiro e depois acrescentando as demais contribuições. Marx utilizou diversos termos para se referir aos produtos representacionais que os indivíduos produzem. Ele usava “consciência”, “representações”, “concepções”, “ideologia”, “filosofia”, “ciência”, “utopia”. Claro que estes termos não possuem o mesmo significado, são formas de consciência distintas, embora alguns sejam praticamente sinônimos para Marx como é o caso de “concepções” e “representações”. Marx considera que as ideologias, filosofias, ciências são formas de pensamento dos especialistas no trabalho intelectual. Quando usava consciência, representações, concepções, já oferecia um caráter mais amplo aos termos, sendo toda e qualquer produção mental humana.

Um elemento essencial para ser resgatado da concepção de Marx é o não isolamento das representações. Marx era um crítico das filosofias idealistas e, por isso, colocava sempre a primazia da vida sobre as representações. As representações não podem

ser explicadas por elas mesmas. Uma de suas fórmulas mais famosas é: “não é a consciência que determina a vida, mas é a vida que determina a consciência”. As representações são constituídas socialmente, a partir das relações sociais instituídas.

Assim, comparando a concepção de Marx sobre as representações com a da abordagem das representações sociais, a pergunta sobre se estas últimas são assim por serem produtos sociais, por terem como objeto algo social ou ainda por ser distribuído socialmente em grupos, teria, no caso do filósofo alemão, a seguinte resposta: as representações são produtos sociais, que abordam relações sociais e a relação dos seres humanos com a natureza. Ou seja, elas são sociais e abordam o social, apesar de não abordar apenas este.

Outro aspecto da concepção de Marx que é útil para pensar as representações cotidianas está na percepção do conteúdo das representações. Para Marx e Engels, as representações podem ser falsas ou verdadeiras. Eles oferecem também uma explicação que é de fundamental importância, justamente, por não se limitar a constatar esse fato.

As representações que estes indivíduos elaboram são representações a respeito de sua relação com a natureza, ou sobre suas múltiplas relações, ou a respeito de sua própria natureza. É evidente que, em todos estes casos, estas representações são a expressão consciente – real ou ilusória – de suas verdadeiras relações e atividades, de sua produção, de seu intercâmbio, de sua organização política e social. A suposição oposta é apenas possível quando se pressupõe fora do espírito de indivíduos reais, materialmente condicionados, um outro espírito à parte. Se a expressão consciente das relações reais destes indivíduos é ilusória, se em suas representações põem a realidade de cabeça pra baixo, isto é consequência de seu modo de atividade material limitado e das suas relações sociais limitadas que daí resultaram. (MARX; ENGELS, 1991, p. 36)

Aqui Marx e Engels explicam com grande clareza que as representações produzidas pelos seres humanos podem ser falsas, ilusórias. Elas exprimem o social, a vida, mas podem fazer isso invertendo a realidade. A explicação para isso reside na divisão social do trabalho¹⁴. Essa divisão social do trabalho gera atividade material limitada, relações sociais limitadas, e são essas que geram as representações falsas, ilusórias. Isso remete ao modo de produção, conceito fundamental da teoria de Marx, que gera a divisão social do trabalho e modos de vida diferenciados dentro da sociedade, inclusive é o espaço da formação das classes sociais (MARX; ENGELS, 1991).

¹⁴ Aqui Marx e Engels não estão afirmando que a divisão do trabalho é geradora de desigualdades, pois não descartam a possibilidade da existência de uma sociedade que supere as contradições da divisão que provoca uma separação entre trabalho manual e intelectual – ao contrário, ao analisar o desenvolvimento das sociedades humanas e perceber a historicidade desse movimento, eles afirmam que sociedades que se fundamentam na exploração vão dar base para a constituição de representações ilusórias e falsas e, somente com a superação dessa divisão e instauração da “livre associação dos produtores” é que tais contradições serão superadas.

Marx não usou o termo “representações cotidianas”, mas fazia uma distinção entre o pensamento elaborado pelos ideólogos, especialistas no trabalho intelectual, e o resto da população. Inclusive os ideólogos seriam produto da divisão social do trabalho. Em certos momentos, Marx coloca a questão das “concepções cotidianas” em oposição ao pensamento científico.

Em uma passagem de sua obra *O Capital*, o autor afirma que os economistas, ideólogos da burguesia, buscam transformar as concepções cotidianas dos agentes do processo de produção - burgueses e proletários - em pensamento científico, sistematizando essas concepções (MARX, 1988). Assim, uma oposição entre pensamento complexo e concepções cotidianas está esboçada no pensamento de Marx, mas ela só será desenvolvida de forma mais aprofundada posteriormente.

Depois de Marx, alguns outros autores buscaram utilizar suas ideias e outros visaram desenvolver e atualizar suas teses. Esse é o caso da teoria das representações cotidianas. Mas antes de chegar até a concepção que usa a referida terminologia, é interessante discutir uma concepção também inspirada no marxismo, mas que se diferencia um pouco dela e que trabalha com o termo representações. Trata-se da abordagem de Henri Lefebvre.

Esse autor, devido a sua formação filosófica, aborda o “conceito de representações” num sentido filosófico que se distingue do procedimento de Marx, que também tem sua formação em filosofia e que, no entanto, entra em contradição com ela, realizando a sua crítica. É por isso que Lefebvre cita diversas concepções de representações, como as de Hegel, Marx, Nietzsche, Heidegger, Fink, entre outros (LEFEBVRE, 2006). Ele faz a distinção entre representações filosóficas, ideológicas e conceituais de “representações não filosóficas” - e nisso seus estudos se assemelham tanto à abordagem das representações sociais quanto à teoria das representações cotidianas.

O que nos interessa aqui são as “representações não filosóficas”, pois nelas haveria o predomínio da “ausência” ao invés da “presença”. As representações são necessárias, todos as produzem, mas são insuficientes e produtos de uma operação mesclada de fantasmas e imaginários.

A filosofia é distinta das representações, que seriam falsas e cada vez mais falsas devido à estreiteza da vida cotidiana na sociedade capitalista, que possui um conjunto de meios de comunicação e consumo. A ideologia seria a sistematização dessas representações e nisso Lefebvre está em pleno acordo com Marx. Assim, ele distingue o conceito de representações e a ideologia: “o conceito difere tanto das representações como

das ideologias: é *verdadeiro*, porém *débil*, sem relação eficaz com as vivências e afetos” (LEFEBVRE, 2006, p. 191). Já as representações “não filosóficas”, “empobrecidas e sistematizadas em ideologias formam parte dos serviços e processos de conservação, de proteção contra o futuro, a estabilização, a luta contra as transformações; dos mais humildes procedimentos aos mais sutis só há uma diferença de grau” (LEFEBVRE, 2006, p. 190-191).

A concepção de representações de Lefebvre aponta para alguns elementos comuns com Marx, mas se diferencia pelo seu caráter filosófico-abstrato, por um lado, e por sua ideia de que tais representações são falsas. A concepção de Lefebvre se distingue tanto da concepção de Marx e da teoria das representações cotidianas quanto da de Moscovici e seus continuadores. A abordagem das representações sociais, nesse caso inspirada em Durkheim (1994), considera que as representações são objetivas, verdadeiras.

A abordagem de Lefebvre, inspirada em Hegel e principalmente Marx, aponta para uma visão contrária: “A força das representações reside nessa capacidade de estabelecer vínculos inexistentes no plano da realidade, mas bastante eficazes quando representados” (ABREU, 2003, p. 49). Assim, se evidencia uma diferença entre a concepção de Lefebvre e a das representações sociais. Inclusive ele usa apenas o termo representações, mas não sociais, por julgar que todas as representações são sociais (LEFEBVRE, 2006). A sua abordagem vem sendo resgatada por alguns pesquisadores (ALMEIDA, 2001; ABREU, 2003) que querem complementar ou apresentar uma alternativa à abordagem das representações sociais.

Essas diferenças marcantes de Lefebvre em relação a Marx, inclusive a de considerar que as representações são falsas – posição problemática – como o caráter abstrato de suas colocações, a imprecisão em diversos momentos, que dificulta qualquer uso mais profundo de suas concepções para a pesquisa social. As suas concepções são demasiadamente filosóficas para ter utilidade para pesquisadores da sociologia e da psicologia, entre outras ciências humanas.

Nesse sentido, o retorno a Marx é fundamental, o que não quer dizer que a obra de Lefebvre precise ser descartada em sua totalidade. Há alguns elementos úteis em sua discussão. Um elemento é o vínculo entre representações e classes – e não grupos taxionômicos, como em Moscovici. Ele retoma Marx ao colocar que as representações são manifestações de classes e frações de classes.

As representações nascem a partir de interesses de grupos ou frações de classe, que desenvolvem formas de explicar o real segundo seus interesses. São as necessidades sócio-históricas que geram as representações, mas é o homem singular ou coletivo que as formula e difunde. Os grupos, as frações de classe ou

a classe social que veiculam seus interesses e aspirações nos planos pessoal e social atuam como caixa de ressonância, difundindo e ao mesmo tempo modificando a representação que, nesse momento, é coletiva. (ABREU, 2003, p. 49)

Alguns elementos da abordagem de Lefebvre, embora já estejam desenvolvidos por Marx e outros autores, podem colaborar com o desenvolvimento de uma teoria das representações cotidianas. Claro que outros autores também contribuem com esta discussão, como Korsch (1977), Bauman (1977), entre diversos outros. O fundamental é colocar os elementos básicos da teoria das representações cotidianas. Esse será o foco a partir de agora.

1.2.3 A Teoria das representações cotidianas

Não será possível reconstituir detalhadamente todos os aspectos da teoria das representações cotidianas, desenvolvidas em várias obras (PANINO, 2010; PEIXOTO, 2010; SOARES, 2011; VIANA, 2013a; VIANA, 2013b), mas é importante retomar seus pontos fundamentais, quais sejam: a base real, social das representações cotidianas; o conceito e as características das representações cotidianas; o conteúdo das representações cotidianas.

É extremamente importante iniciar com a base real das representações cotidianas. Marx já havia apontado essa base real ao mostrar que a vida determina a consciência. Mas o que é a vida? Não se trata, em Marx, de uma abstração. Em suas obras, ele coloca que a consciência é o ser consciente, ou seja, o indivíduo real, vivo, concreto, que produz sua consciência a partir de sua relação com o mundo, com a natureza e com os outros seres humanos. Marx deixa bem claro que a consciência é produzida socialmente.

A produção das ideias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; ela é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens aparecem aqui ainda como a emanação direta de seu comportamento material. O mesmo acontece com a produção intelectual tal como se apresenta na linguagem da política, na das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc. de todo um povo. São os homens que produzem suas representações, suas ideias, etc., mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar. A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente e o ser dos homens é seu processo de vida real. (MARX; ENGELS, 1991, p. 19)

Essa é uma discussão de alto grau de generalidade. Não há referência a nenhuma sociedade ou época específica. Mais tarde, o conceito de modo de produção irá assumir um papel fundamental na formulação de Marx. O modo de produção é o conjunto das

relações de produção e forças produtivas existentes em dado momento histórico e envolvendo determinadas pessoas, no caso das sociedades de classes, determinadas classes sociais. O modo de produção é uma determinação fundamental sobre o restante da sociedade, da chamada “superestrutura”. Essa faz parte da vida real e concreta dos indivíduos e também colabora no processo de produção social do pensamento, das representações.

Em cada sociedade, emerge, a partir do modo de produção, um determinado modo de vida que acaba constituindo uma determinada sociabilidade, que é a fonte das representações produzidas pelos indivíduos. O modo de vida e a cotidianidade são elementos fundamentais para entender a produção social das representações cotidianas. É a partir de determinado modo de vida que surge determinada cotidianidade (VIANA, 2008). Essa cotidianidade possui algumas características essenciais, entre as quais estão a regularidade, a simplicidade e a naturalidade.

A vida cotidiana é regular, manifesta relações sociais regulares, repetitivas, que manifestam certa previsibilidade e expectativa de comportamento dos indivíduos. Ela também é marcada pela simplicidade, pois tudo é vivido como algo simples, sem grandes problemas e dilemas, assim como também são vividos com naturalidade, sendo que não há recusa ou questionamento das relações sociais existentes. A vida cotidiana é, portanto, marcada pela regularidade, pela simplicidade e pela naturalidade. Assim, Viana (2008) retoma apenas as discussões de outros autores marxistas e desenvolve uma percepção da especificidade da cotidianidade. E isso é fundamental para entender o conceito de representações cotidianas.

Assim, a vida cotidiana é a base real sob a qual se erguem as representações cotidianas. Nada mais natural, portanto, que as representações cotidianas estejam impregnadas de cotidianidade e suas características. As três características da cotidianidade que apontamos anteriormente estão também presentes nas representações oriundas desta cotidianidade: naturalização, simplificação e regularidade. (VIANA, 2008, p. 110-111)

As representações cotidianas são as representações produzidas pelos indivíduos em sua vida cotidiana e que, devido a isso, são respostas imediatas e simples para a reprodução da sua existência diária. Por isso, ela se diferencia das representações complexas, do pensamento científico, filosófico, teórico, ideológico, teológico. É por isso que nem o mais profundo pesquisador está livre das representações cotidianas, pois elas só não são utilizadas por ele em sua especialidade, já que de resto geralmente vive sob o signo das representações cotidianas. Ao demonstrar a base real e social das representações

cotidianas, fica fácil defini-las como forma de consciência: uma expressão da vida cotidiana, sendo marcada pela simplificação, naturalização e regularidade.

As características das representações cotidianas podem ser mais bem compreendidas por meio de exemplos. A naturalização é a tendência que tem as representações cotidianas de conceber o existente como natural; como alguém conceber que é natural mulher gostar de cor de rosa e homem da cor azul – isso é uma construção social e não algo que foi determinado pela natureza, pela biologia ou pelo cérebro. A simplificação é o processo de considerar tudo de forma simples e oferecer explicações simples sobre a realidade; como dizer que João gosta de azul porque é homem. A regularidade é a característica das representações cotidianas de manter a repetição e a reprodução; como nos chavões, nos clichês, nas fórmulas consagradas, nos ditados populares, que revelam ideias fixadas e repetitivas¹⁵.

Além disso, as representações cotidianas possuem também uma determinada estrutura, que pode ser dividida em convicções e opiniões. As representações cotidianas possuem elementos que são permanentes, coerentes, fixos, que são as convicções. Mas sua maior parte é marcada por opiniões – pontos de vistas volúveis, cambiantes, que se alteram rapidamente e sem coerência ou organização mais estável e estruturada. Essa oposição é retirada da contribuição de Erich Fromm, psicanalista de influência marxista, pois, segundo ele, as convicções são “opiniões entranhadas” e, por isso, elas são motivações para a ação, são elementos da estrutura do caráter dos indivíduos e podem assumir a forma de crença e de valores. As opiniões, por sua vez, são posições e respostas simples, imediatas e descompromissadas dos indivíduos, e isso explica o fato de serem volúveis, variáveis e facilmente influenciáveis (FROMM; MACCOBY, 1972; VIANA, 2008).

Logo, na pesquisa social, o elemento mais importante são as convicções, mas elas são mais difíceis de acessar. As pesquisas de mercado, eleitorais, de opinião pública, geralmente ficam no nível das opiniões. E isso é mais presente nas pesquisas eleitorais, nas quais as surpresas ocorrem com relativa facilidade, pois o universo da opinião sendo volátil altera rapidamente, a partir de algum fato ou de nova onda de opinião que vai se formando na sociedade.

¹⁵ Essas características não são fixas e imutáveis, pois a vida cotidiana também não é fixa e imutável. Cada época e sociedade cria sua própria cotidianidade e representações cotidianas (VIANA, 2008. PEIXOTO, 2010; SOARES et al. 2011).

As convicções são algo mais permanente e com menos possibilidade de mudança. Elas são aspectos da mentalidade dos indivíduos, estão intimamente ligadas com os seus valores fundamentais, com sentimentos mais profundos e com as crenças mais arraigadas. A mentalidade é constituída socialmente e manifesta as características mais profundas do indivíduo e sua principal força de motivação. É por isso que é fundamental tentar descobrir quais as convicções dos indivíduos para entender melhor suas representações cotidianas, ultrapassando o nível das opiniões. Nesse sentido, é possível afirmar que:

A convicção seria algo profundo, fruto de reflexão e de escolhas que, introjetadas (sic), conforma o núcleo da representação cotidiana. A opinião seria algo superficial, pouco trabalhado, e refletiria a aceitação de ideias socialmente compartilhadas. Como elementos periféricos, manifesta mais claramente as contradições pelo seu caráter fluido e instável. Assim, opiniões constituem pareceres mais descompromissados sobre a realidade do que as convicções, estas definidas como formações sólidas que se mostram incorporadas à estrutura de caráter dos indivíduos, podendo assumir a forma de valores. (SOARES et al., 2011, p. 1755-1756)

É importante registrar a diferença da teoria das representações cotidianas com a concepção de Lefebvre e da abordagem das representações sociais no que se refere ao seu conteúdo. Ao contrário da concepção de Lefebvre, que toma as representações “não filosóficas” como necessariamente falsas, bem como da abordagem das representações sociais de Moscovici que as consideram verdadeiras, a teoria das representações cotidianas retoma Marx, colocando que elas podem ser falsas ou verdadeiras, apesar de, na sociedade capitalista, haver a primazia da falsidade. Outra possibilidade é ser contraditória, tendo elementos de veracidade e falsidade numa mesma manifestação de representações cotidianas. As representações cotidianas podem ser falsas devido ao fato dos seres humanos estarem divididos em classes sociais antagônicas, submetidos à divisão social do trabalho, e derivado disso, viverem atividades limitadas.

Baseando-se em Marx, de acordo com as formulações de Nildo Viana, as representações cotidianas constituem expressões da consciência que os indivíduos adquirem nas relações sociais, que por sua vez estão submetidas à divisão social do trabalho, ou seja, se o indivíduo tem relações limitadas, dado o lugar que ocupa na sociedade, sua percepção sobre a realidade será também limitada, o que torna difícil ter acesso a uma percepção menos parcial ou menos falseada da realidade. (SOARES et al., 2011, p. 1755)

Contudo, as representações também podem ser verdadeiras, pois existem valores e interesses que apontam para descobrir a verdade. Isso remete aos interesses de classe, produtos da divisão social do trabalho, base das representações cotidianas, pois as classes

exploradas¹⁶ possuem o interesse na verdade e as classes exploradoras possuem interesse em ocultá-la, a começar pela própria existência da exploração. Apesar do interesse das classes exploradas pela verdade, nem sempre elas conseguem manifestá-la, pois, além das atividades limitadas pela divisão social do trabalho, ainda possuem a influência das ideias dominantes, que são as ideias da classe dominante, como já dizia Marx. Por isso, elas são, muitas vezes, contraditórias, pois os interesses e posição de classe apontam para avançar no sentido da verdade, mas as ideias dominantes e as limitações da divisão social do trabalho dificultam esse processo.

Nesse sentido, a teoria das representações cotidianas afirma que estas não são necessariamente e sempre falsas, nem verdadeiras, pois isso depende do contexto social e histórico, de quem as produzem – das classes, outras subdivisões sociais, dos indivíduos – e somente a análise de casos concretos pode promover uma conclusão sobre se representações determinadas são verdadeiras, falsas ou contraditórias. Assim, é preciso ter em mente que as representações cotidianas podem ser falsas ou verdadeiras. E essa é uma ideia que foi retomada do pensamento de Marx (MARX; ENGELS, 1991) e reafirmada para compreender o caráter das representações cotidianas (PEIXOTO, 2010; VIANA, 2008).

Essa discussão sobre representações cotidianas será valiosa no sentido de pensar o meu “objeto de pesquisa”: as representações cotidianas das mulheres que vivenciaram situações de tráfico internacional. Dessa forma, as representações da violência sobre o tráfico de pessoas remetem ao problema das formas de consciência que as pessoas possuem sobre este assunto. No caso, trata-se das representações cotidianas que as próprias mulheres que vivenciaram situações de tráfico possuem e, por isso, é preciso ter acesso a estas representações para conhecer uma das faces dessa violência, a da consciência dessas mulheres. Essa base teórica ajuda a pensar os elementos fundamentais da pesquisa e remete a outras questões, inclusive, ao processo de produção das representações cotidianas. O segundo capítulo da tese busca fornecer elementos para a análise e a reflexão desse processo.

¹⁶ A ideia de “classes exploradas” remete à terminologia marxista, sendo um desdobramento dela. A exploração é uma relação entre classes e, na história, temos as classes exploradoras, a classe dominante em cada sociedade, e as classes exploradas, as classes que produzem os bens necessários para a sobrevivência e um excedente, sendo este apropriado pela classe dominante. No contexto do capitalismo, as classes exploradas são as classes submetidas à exploração, desde o proletariado, passando pelo campesinato e outros trabalhadores assalariados (ou sob outras formas de remuneração) que geram lucro e são explorados, direta ou indiretamente, pelo capital.

CAPÍTULO 2

CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES

Neste capítulo, objetivo realizar uma contextualização mais ampla do tema de minha pesquisa: o tráfico internacional de mulheres. Aqui faço uma contextualização social e histórica. No plano social, inseparável do histórico, o que pretendo é oferecer um apanhado geral da estrutura do capitalismo contemporâneo¹⁷, de forma sintética e geral. No plano histórico, a intenção é observar as características da contemporaneidade, especialmente, as transformações internacionais e, no plano político, focalizar o neoliberalismo e o neoimperialismo.

O esforço de compreender esse fenômeno propicia os elementos suficientes para dar andamento à pesquisa e à análise das representações das mulheres que vivenciaram situações de tráfico internacional. Nesse sentido, a discussão girará em torno do capitalismo contemporâneo e suas características – dando especial atenção para dois aspectos que são muito importantes para o estudo do tráfico internacional de mulheres – que são as relações internacionais e o neoliberalismo. Esses elementos redirecionam para outros, como o crime organizado. No entanto, como há uma diversidade de fatores envolvidos, apenas os principais serão abordados e alguns serão meramente mencionados, sem maiores desenvolvimentos.

2.1 O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

Discutir o capitalismo contemporâneo não é tarefa fácil. Há uma abundante bibliografia, distintas teorias, algumas bem polêmicas. É possível discutir a partir das teses de Immanuel Wallerstein (2001), sobre o “sistema-mundo”, que serão apropriadas também por Boaventura de Sousa Santos; ou então partir das “teorias do imperialismo” e suas versões remodeladas, ou das exposições sobre o capitalismo neoliberal. Outras abordagens existem. No entanto, diante da diversidade de explicações do capitalismo contemporâneo, encontrei em alguns autores alguns pontos coincidentes que serão

¹⁷ O termo contemporâneo é entendido, aqui como fase atual do capitalismo, denominado por alguns autores como “acumulação flexível”, “acumulação integral”, “modernidade tardia”.

importantes para o desenvolvimento da presente discussão. Nesse sentido, evitarei as polêmicas e os comentários de concepções distintas, utilizando apenas as que são próximas ao que considero mais adequado para uma reflexão ou, então, que contribuem mais para pensar o fenômeno das relações internacionais e do tráfico internacional de mulheres.

No meio de tantas posições e interpretações, é necessário fazer escolhas para compreender o fenômeno estudado. A ideia de que houve mudanças no capitalismo recente é um ponto de partida e, em si, já descarta algumas teses. Mesmo nesse caso, a diversidade de material é enorme e impossível de ser abarcada em sua totalidade. Novas escolhas são necessárias. Alguns autores, partindo da escola da regulação, começaram a dividir a história do capitalismo ou analisar suas características com o termo “regime de acumulação” (BRAGA, 2013; HARVEY, 1992; VIANA, 2009).

Os regulacionistas, representantes da escola da regulação¹⁸, recusam a periodização do economista Kondratieff¹⁹ e passam a usar o termo regime de acumulação (NASCIMENTO, 1993). Nascimento assim define o termo chave da análise regulacionista:

A noção de regime de acumulação refere-se à valorização do capital ou, mais precisamente, às formas em que se dá tal processo de valorização que, segundo os regulacionistas, varia ao longo da história do capitalismo. O problema que alimenta e funda o conceito é o da origem da coerência do processo, o que assegura a continuidade da aplicação rentável do capital, sobretudo em face da incerteza radical inerente ao processo de realização da mercadoria. Nada assegura, para os regulacionistas, de antemão, que a produção realizada pelo capitalista vá encontrar sua convertibilidade no equivalente geral, possibilitando a retomada da produção em escala mais ampliada. A esse problema, tenta responder o conceito de regime de acumulação. (NASCIMENTO, 1993, p. 128)

Na análise desenvolvida pelos regulacionistas, é possível haver a divisão entre épocas de regimes de acumulação. Há um período que é de acumulação extensiva, dominante no século XIX, e que, no final desse século, já vai avançando para a acumulação intensiva e desta para a acumulação fordista.

¹⁸ “A maioria dos componentes desse grupo se autoidentifica como membro da “Escola da Regulação” (E.R.), o que até certo ponto facilita sua caracterização” (POSSAS, 1988). Este autor cita como representantes dessa escola os nomes de Lipietz, Aglietta, Mistral, Boyer, entre outros. É uma escola de pensamento, formada principalmente por franceses, com trabalhos na área de economia e sociologia. Essa escola apresenta-se esforçada em explicar o capitalismo a partir do termo “regulação” (num sentido próximo ao de “reprodução” no sentido marxista mais ortodoxo) e regime de acumulação. Essa corrente tem influência, maior ou menor, nos demais autores que discutem o conceito de regime de acumulação.

¹⁹ Kondratieff realiza uma periodização mais abstrata fundada nas ideias de “ondas longas” que explicaria a evolução do capitalismo.

Na primeira fase, correspondente ao Século XIX, predomina o regime de acumulação extensiva, consubstanciando um modo de regulação concorrencial e um Estado circunscrito, que se extingue no final daquele século. Essa fase se encerra com a depressão do final do século, a primeira grande crise do capitalismo e, portanto, do regime de acumulação, que se torna inadequado para possibilitar a extração da mais-valia, em consequência das deficiências na regulação (NASCIMENTO, 1993).

A fase seguinte do capitalismo é o da acumulação intensiva, que funciona e encerra com a crise e é substituída pela terceira fase, a do fordismo, que, para os escritos da escola da regulação vai até os anos 1990 (NASCIMENTO, 1993). Outros autores a partir dessas contribuições, reformulando, aprofundando, criticando e buscando superar, avançaram para o período histórico posterior, que é o período em que vivemos e que caracteriza o capitalismo contemporâneo.

O regime de acumulação vigente após a Segunda Guerra Mundial é substituído, segundo esses intérpretes²⁰, por um novo regime de acumulação, qualificado como “integral”, “pós-fordista”, “flexível”, “financeirizado”, entre outros nomes. Essa nova fase do capitalismo apresenta a chamada “reestruturação produtiva” ou “toyotismo” como elemento de substituição do fordismo, o neoliberalismo como substituto do Estado keynesiano e o “novo imperialismo” ou “neoimperialismo” como substituto do imperialismo anterior. Seriam estes elementos, no nível da estrutura social, que caracterizariam o novo capitalismo. Ressalto aqui, que esses elementos provocam alterações gerais entre as diversas outras esferas da sociedade (modo de regulamentação, estado, cultura).

Quais são as mudanças principais ocorridas no capitalismo contemporâneo? Essa é uma questão que tenciono aprofundar porque é essencial para entender o processo que impulsionou de maneira peculiar o tráfico de pessoas e, mais especificadamente, o tráfico de mulheres a partir da década de 1990 do século passado. Adiante passo a destacar que essa discussão passa por um processo de revisão das mudanças sociais, que são refletidas na literatura sociológica e de outras ciências humanas.

Segundo Santibanez (2014, p.199): “O crime organizado transnacional caracteriza-se pela associação de indivíduos com fins a práticas criminosas que atravessam as

²⁰ Há uma ampla bibliografia sobre essas concepções e que as manifestam, porém, o caminho aqui escolhido é apenas uma visão inicial e a proposta é remeter para as produções que aprofundam a questão (HARVEY, 1992; NASCIMENTO, 1993; FILHO; PAULANI, 2011; VIANA, 2009), entre outras.

fronteiras de Estados nacionais. A forma associativa de agentes criminosos pode se concretizar de diferentes maneiras”. Isso porque, segundo o autor:

O processo de liberalização e desregulamentação da economia intensificou-se nos anos de 1990. A queda constante de barreiras regulatórias e o aumento da flexibilidade de investimentos impulsionaram o ritmo das transações comerciais em todo o mundo. O comércio global tornou-se, a partir desse período, cada vez maior e mais dinâmico. Da mesma forma, as relações comerciais ilegais foram motivadas por esse processo de expansão de mercados desregulamentados. (SANTIBANEZ, 2014, p. 201)

Um elemento muito importante nesse processo é a chamada “reestruturação produtiva” que está relacionada com o processo citado anteriormente. A reestruturação produtiva foi discutida por diversos autores. O que pretendo apresentar aqui é uma breve síntese desse processo, graças à sua importância.

O primeiro elemento é que essa reestruturação significa uma subordinação da produção ao mercado. O uso dos esquemas dos supermercados norte-americanos, em que a reposição das mercadorias ocorre com suas vendas, é modelo para a produção. O toyotismo usa o sistema de luzes (ANTUNES, 1998) para poder adequar o ritmo da produção ao ritmo da venda. O uso da tecnologia e a nova organização do trabalho são processos simultâneos complementados pela precarização, pela corrosão dos direitos trabalhistas e pela terceirização. Nesse caso, o que ocorre é uma mudança estrutural no mundo do trabalho que promove a necessidade de mudanças no resto da sociedade. Essa é uma das principais inovações do capitalismo contemporâneo, pois o toyotismo substitui o fordismo. O objetivo da nova organização do trabalho é combater o processo de crise vigente durante do regime de acumulação fordista (HARVEY, 1992). A isso Bourdieu (2001) chamou “exploração sem limites”.

Outro elemento a considerar é que as mudanças que destaquei acima trazem novas necessidades, novas mudanças. Nesse caso, a forma do Estado e as relações internacionais se alteram conjuntamente, além das mudanças culturais (VIANA, 2009). Entre essas mudanças culturais é possível citar novas e velhas ideologias retomadas, como neoliberalismo e o pós-estruturalismo, e uma cultura diferenciada, chamada por muitos como “pós-moderna”.

Harvey (1992) aponta para uma mudança cultural relacionada ao problema do que denomina “compressão espaço-tempo”. Segundo ele, a estrutura da experiência relativa ao espaço e tempo geram ordenações simbólicas pelas quais apreendemos quem somos na sociedade. O tempo e o espaço são construções sociais que geram uma estrutura que determina as relações sociais. Elas são noções básicas para a interpretação das relações

sociais. As experiências espaciotemporais são fontes de esquemas duráveis de percepção, ação e pensamento. Elas permitem uma forma compartilhada de percepção e de relação interpessoal, entre outras relações.

A ação social é o elemento que permite compreender o tempo e o espaço. Elas estão ligadas às relações de poder, imbricadas com processos temporais e espaciais. Esses processos também agem sobre a realidade, sendo fonte de poder. O poder se organiza ao controlar o tempo, o espaço e o dinheiro. Os dois primeiros geram o domínio sobre o dinheiro e vice-versa. Isso vincula regime de acumulação e percepção de espaço-tempo. Os indivíduos, ao perseguirem objetivos monetários, alteram a dinâmica do espaço-tempo. O lucro se torna a mola mestra do desenvolvimento. A mais rápida circulação do capital permite maior lucro. Isso é expresso na reestruturação produtiva, com o aumento do ritmo de produção e o consequente aumento da velocidade de circulação, do consumo. Esse mecanismo capitalista se intensifica sobremaneira na contemporaneidade.

Tendo em vista esse enfoque preliminar que apresentei acima e que propus discutir, de forma breve e geral, novos aspectos do capitalismo, é necessário dar continuidade. O objetivo agora é abordar os elementos desse capitalismo contemporâneo que são mais importantes para efetivar uma contextualização e análise do tráfico internacional de mulheres. Assim, por se tratar de tráfico internacional de mulheres, a questão internacional assume importância primordial e a regulação estatal também, juntamente com uma discussão sobre o estado. Os itens que levanto a seguir vão abordar esse caso.

2.1.1 Globalização ou novo imperialismo?

A bibliografia sobre globalização é enorme. Aqui no Brasil, foi através da obra do sociólogo Octávio Ianni que essa concepção se popularizou inicialmente (IANNI, 1999). Contudo, com o passar do tempo, além de a bibliografia sobre a globalização se avolumar, foi emergindo um conjunto de autores que passaram a criticar, de formas e com níveis de profundidade distintos, essa terminologia e seu significado (BOURDIEU, 2001; HIRST; THOMPSON, 1998; VIANA, 2009)²¹. Segundo Bourdieu (2001):

É preciso agora voltar à palavra “globalization” (em francês mondialisation): vimos que ela poderia, num sentido rigoroso, designar a unificação do campo econômico mundial ou a extensão desse campo na escala do mundo. Mas também atribuíram-lhe um significado completamente diferente, passando subrepticiamente do sentido descritivo do conceito tal como acabo de formular para

²¹ Além destes, existem outros autores estrangeiros que passaram a criticar essa concepção, alguns traduzidos outros não, bem como outros autores nacionais. Por questão de tempo, não foi possível consultar toda essa bibliografia.

um sentido normativo, performativo: a “globalization” designa então uma política econômica que visa unificar o campo socioeconômico por todo um conjunto de medidas jurídico-políticas destinadas a suprimir os limites a essa unificação, todos os obstáculos, em sua maioria ligados ao Estado-nação, a essa extensão. Isso define, com precisão, a política neoliberal, inseparável da verdadeira propaganda econômica que lhe confere uma parte de sua força simbólica através da ambiguidade da noção (BOURDIEU, 2001, p.100-101).

Ainda, segundo Bourdieu, isso significa uma aplicação mundial do neoliberalismo – um processo em que se cria um mercado unificado mundial com predomínio dos investimentos do capital estrangeiro que cria, portanto, um “imperialismo universal” (BOURDIEU, 2001).

O termo “imperialismo”²² é discutido por Harvey e Bourdieu, sendo mais desenvolvido pelo primeiro autor. Harvey aborda a acumulação por espoliação, como elemento definidor do “novo imperialismo” (HARVEY, 2004). O primeiro ponto a destacar é o conceito de imperialismo:

Imperialismo é uma palavra que sai facilmente da boca. Mas tem sentidos tão diferentes que seu uso é difícil sem que se dê dele uma explicação como termo antes analítico que polêmico. Defino aqui a variedade especial dele chamada “imperialismo capitalista” como uma fusão contraditória entre “a política do Estado e do império” (o imperialismo como projeto distintivamente política da parte de atores cujo poder se baseia no domínio de um território e numa capacidade de mobilizar os recursos naturais e humanos desse território para fins políticos, econômicos e militares) e “os processos moleculares de acumulação do capital no espaço e no tempo” (o imperialismo como um processo político-econômico difuso no espaço e no tempo no qual o domínio e o uso do capital assumem a primazia). Com a primeira expressão desejo acentuar as estratégias políticas, diplomáticas e militares invocadas e usadas por um Estado (ou por um conjunto de Estados que funcionam como bloco de poder político) em sua luta para afirmar seus interesses e realizar suas metas no mundo mais amplo. Com esta última expressão, concentro-me nas maneiras pelas quais o fluxo do poder econômico atravessa e percorre um espaço contínuo, na direção de entidades territoriais (tais como estados ou blocos regionais de poder) em afastamento delas mediante as práticas cotidianas da produção, da troca, do comércio, dos fluxos de capitais, das transferências monetárias, da migração do trabalho, da transferência de tecnologia, da especulação com moedas, dos fluxos de informação, dos impulsos culturais e assim por diante. (HARVEY, 2004, p.31-32)

Harvey explica o imperialismo relacionando-o com a acumulação por espoliação. Esse aspecto é fundamental, pois ele sustenta a permanência desse mecanismo de acumulação até os dias atuais. Assim, o conceito de “acumulação por espoliação” se torna fundamental em sua discussão. Harvey coloca que é no contexto da crise dos anos 1970, quando emerge o neoliberalismo, e especialmente em 1980, na América Latina, que há

²² O termo imperialismo foi discutido anteriormente por outros autores: Lênin e outros, mas o objetivo aqui não é fazer um resgate histórico do conceito, mas tão somente apresentar contribuições que reforcem a base teórica para este capítulo e, neste sentido, o recorte teórico é apenas para ajudar nesse processo de explicação.

uma ampliação dessa crise para todo o mundo nos anos 1990, fazendo emergir a acumulação por espoliação (FILHO; PAULANI, 2011; HARVEY, 2004). Ele explica esse processo através de uma aliança entre poder estatal, capital financeiro e ordenações espaço-temporais de ampliação espacial do capital. O capitalismo teria tendência para sobreacumulação e também para a acumulação primitiva (termo de Marx que Harvey denomina “acumulação por espoliação”), sendo que no pensamento marxista esse tipo de acumulação seria “originária”, ou seja, apenas do início do capitalismo.

Harvey encontra na “acumulação primitiva” algumas características básicas, como a mercadificação e a privatização da terra, a expulsão violenta das populações camponesas, a alteração das formas de propriedade, a supressão de direitos de propriedade de terras dos camponeses às terras partilhadas, a mercadificação da força de trabalho, a abolição de formas alternativas de produção e de troca, a ampliação da monetização, a taxaço, especialmente da terra, o comércio de escravos, a usura, entre outras. Esses processos que ocorreram no surgimento do capitalismo se repetem na história contemporânea. No capitalismo contemporâneo, está de volta esse tipo de acumulação por espoliação:

Todas as características da acumulação primitiva que Marx menciona permanecem fortemente presentes na geografia histórica do capitalismo até os nossos dias. A expulsão de populações camponesas e a formação de um proletariado sem terra tem se acelerado em países como o México e a Índia nas três últimas décadas; muitos recursos antes partilhados, como a água, têm sido privatizados (com frequência por insistência do Banco Mundial) e inseridos na lógica capitalista da acumulação; formas alternativas (autóctones e mesmo, no caso dos Estados Unidos, mercadorias de fabricação caseira) de produção e consumo têm sido suprimidas. Indústrias nacionalizadas têm sido privatizadas. O agronegócio substituiu a agropecuária familiar. E a escravidão não desapareceu (particularmente no comércio sexual). (HARVEY, 2004, p. 121)

Harvey acrescenta que os mecanismos da acumulação primitiva, enfatizados por Marx, foram desenvolvidos e aperfeiçoados. O seu papel fica mais forte do que anteriormente. O sistema de crédito e o capital financeiro se tornam peças fundamentais e ampliadas no sistema de espoliação. Assim como já colocavam Lênin, Hilferding e Rosa Luxemburgo, o capital financeiro tornou-se um mecanismo poderoso de fraude, roubo e predação. A financeirização se expande, especialmente a partir de 1973, promovendo especulação, predação, valorizações fraudulentas, esquemas falsos de enriquecimento, destruição de ativos por intermédio da inflação, dilapidação mediante fusões e aquisições, endividamento e suas consequências, e muito mais. Harvey afirma que, além dos mecanismos já existentes que foram aperfeiçoados, novos são construídos:

Foram criados também mecanismos inteiramente novos de acumulação por espoliação. A ênfase nos direitos de propriedade intelectual nas negociações da OMC (o chamado acordo TRIPS) aponta para maneiras pelas quais o patenteamento e licenciamento de material genético, do plasma de sementes e de todo tipo de outros produtos podem ser usados agora contra populações inteiras cujas práticas tiveram um papel vital no desenvolvimento desses materiais. A biopirataria campeia e a pilhagem do estoque mundial de recursos genéticos caminha muito bem em benefício de umas poucas grandes companhias farmacêuticas. A escalada da destruição dos recursos ambientais globais (terra, ar, água) e degradações proliferantes de habitats, que impedem tudo exceto formas capital-intensivas de produção agrícola, também resultaram na mercadificação por atacado da natureza em todas as suas formas. A transformação em mercadoria de formas culturais, históricas e da criatividade intelectual envolve espoliações em larga escala (a indústria da música é notória pela apropriação e exploração da cultura e da criatividade das comunidades). A corporativização e privatização de bens até agora públicos (como as universidades), para não mencionar a onda de privatizações (da água e de utilidades públicas de todo gênero) que tem varrido o mundo, indicam uma nova onda de “expropriação de terras comuns”. Tal como no passado, o poder do Estado é com frequência usado para impor esses processos mesmo contrariando a vontade popular. A regressão dos estatutos regulatórios destinados a proteger o trabalho e o ambiente da degradação tem envolvido a perda de direitos. A devolução de direitos comuns de propriedade obtidos graças a anos de luta de classes (o direito a uma aposentadoria paga pelo Estado, ao bem-estar social, a um sistema nacional de cuidados médicos) ao domínio privado tem sido uma das mais flagrantes políticas de espoliação implantadas em nome da ortodoxia neoliberal. (HARVEY, 2004, p. 123)

Em síntese, é possível entender que ao invés de um termo “neutro” como “globalização”, um eufemismo como afirmou Bourdieu (2001), é mais útil usar o termo “imperialismo”. O imperialismo, de acordo com a bibliografia analisada, é um processo de busca de aumento geral da exploração, cuja abrangência é internacional (BOURDIEU, 2001; HARVEY, 2004) e, para isso, intensifica relações de exploração já existentes, utiliza o “sistema de espoliação”, através do capital financeiro e do sistema de crédito (HARVEY, 2004) e pela universalização da política econômica neoliberal (BOURDIEU, 2001). Dessa forma, a compreensão de que há um aumento da exploração internacional, o que é fator gerador de aumento das desigualdades, tem como complemento a questão do neoliberalismo e sua generalização, tema que analisarei a seguir.

2.1.2 O neoliberalismo

Bourdieu (2001) coloca a tese de que o novo imperialismo universal se caracteriza por uma exploração sem limites e pela generalização da política econômica neoliberal. Essa tese, apoiada por diversos outros autores num aspecto ou noutro, remete à necessidade de estudo do neoliberalismo. O neoliberalismo tem algumas definições e estudos a seu respeito que podem dar embasamento a este trabalho.

O neoliberalismo como ideologia surge nos anos 1940 e depois se desenvolve ideologicamente, por meio de diversas “escolas” (TOLEDO, 1995)²³. A primeira escola de pensamento econômico neoliberal é a escola austríaca. Os nomes mais conhecidos dessa escola eram Friedrich August Von Hayek e John Rawls. Hayek, natural de Viena, Áustria, lançou as sementes do neoliberalismo com sua obra *O Caminho da Servidão*, em 1946. A sua obra realizava uma ampla crítica ao keynesianismo e ao estado de bem estar social. Esta obra de Hayek inaugura uma variante de liberalismo que consiste em condenar todas as formas de estatismo, sem distinções (nazismo, fascismo, socialismo, keynesianismo). O socialismo significaria, para ele, estatização. A sua tese é caracterizada pela defesa do livre mercado, de concorrência, de liberdade econômica individual. O indivíduo é a chave explicativa dos fenômenos sociais.

Hayek (1990) assume que o individualismo não é egoísmo, é o respeito pelo indivíduo como ser humano, reconhecimento da supremacia de suas preferências e opiniões na esfera individual. Hayek (1990) ataca qualquer forma de intervenção do Estado na economia, e, afirma que o Estado liberal, é a melhor escolha e saída para uma sociedade harmônica. Suas formulações estão baseadas em suas próprias ideias, assumindo caráter ideológico e doutrinário. Seu objetivo foi resgatar aquilo que estava perdido, isto é, o liberalismo. Defende o mercado como a única instituição que respeita a primazia do indivíduo e a liberdade de escolha do mesmo. Adquire a forma de programa social que trabalha a favor da ordem capitalista na busca do consenso popular e da lapidação de consciências. (SOUZA; LARA, 2012, p. 6)

A chamada escola de Chicago tem como principais expoentes Theodore Schultz, Gary Becker e Milton Friedman. Friedman é o mais popular expoente dessa escola e ficou famoso com sua obra *Capitalismo e liberdade*. Assim como Hayek, também conseguiu o prêmio Nobel de economia, em 1976 – sendo que Hayek recebeu este prêmio em 1974. A sua tese defende a economia de mercado, liberdade econômica, liberdades individuais, competição livre, mercado livre. Ele critica toda tendência coletivista e o governo deve intervir o mínimo possível. O mercado deve regular as relações individuais e sociais e pode gerar um consenso na sociedade. A intervenção governamental é, no fundo, maléfica. O governo deve fornecer subsídios apenas para a população carente, pois assim não interfere no mercado, já que a pobreza, em sua interpretação, é algo natural e os subsídios governamentais e a caridade privada contribuem com a circulação de mercadorias e consumo. As desigualdades são fruto das individualidades, ações, vontades e preferências dos indivíduos. Em síntese: a sua concepção é fundada na crença liberal da

²³ Trata-se da Escola de Chicago (Friedman), Escola Austríaca (Hayek, Von Mises), Escola Virginiana (Buchanan) e Anarcocapitalista (Rothbard).

dignidade do indivíduo, que, ao usar livremente suas capacidade e oportunidades a partir de suas escolhas, não macula e nem interfere na liberdade dos outros. Realiza, assim, a promessa de uma sociedade livre e justa, com o mercado sendo o grande regularizador e promotor de progresso econômico. A educação foi o foco dessa escola, que desenvolveu as teses do “capital humano” e a crítica da intervenção governamental na educação (CARCANHOLO, 1998; SOUZA; LARA, 2012; TOLEDO, 1995).

O meu objetivo não é discutir as ideologias neoliberais detalhadamente e, por isso, essas duas escolas são suficientes para mostrar os elementos básicos do ideário neoliberal. O meu foco está centrado nas políticas neoliberais. Se a ideologia neoliberal emerge na década de 1940, como fenômeno concreto ela só aparece na virada dos anos de 1970 para os anos 1980:

Embora as origens do neoliberalismo possam ser identificadas desde antes, sua afirmação concreta ocorre na virada da década de 70 para a de 80. A eleição dos governos conservadores de Margaret Thatcher na Inglaterra em 1979 e de Ronald Reagan em 1981 confirma essa afirmação. Durante toda a década de 80, assistiu-se a uma enorme expansão desse tipo de perspectiva por causa da revitalização do liberalismo como reação político-ideológica à crise dos anos 70, da ineficácia do Estado em controlar essa crise, da funcionalidade e adequação do neoliberalismo para a classe dominante, e, evidentemente, da derrocada do socialismo real. (CARCANHOLO, 1998, p. 16)

O neoliberalismo emerge com a onda privatizante e se generaliza pelo mundo. A primeira onda de expansão neoliberal ocorreu na Europa e nos Estados Unidos. Em 1979²⁴: Inglaterra; 1980: Estados Unidos; 1982: Alemanha e assim foi atingindo os demais países e depois se espalhou para o resto do mundo. As políticas neoliberais chegaram ao Brasil com o Governo Collor em 1990-1992; e se reproduziu, de maneira relativamente diferenciada, nos governos seguintes: Itamar Franco (1993-1994), Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), Dilma Rousseff (2010-atual). De acordo com os objetivos de minha pesquisa, é interessante resgatar as características do neoliberalismo.

O pensamento neoliberal pode ser apresentado a partir de quatro premissas básicas. Inicialmente, os agentes individuais tomam decisões motivadas unicamente pelo interesse próprio, e todas as interações econômicas, políticas, e/ou sociais entre esses indivíduos só podem ser explicadas em termos desse interesse próprio. Em segundo lugar, essas interações, baseadas no interesse próprio, não levam ao caos social, mas à harmonia, já que elas fazem parte de uma ordem natural. Em terceiro lugar, esta última tem a sua

²⁴ Não há consenso entre os autores sobre a origem do neoliberalismo, pois alguns identificam sua origem nos anos 1940, outros apontam o Chile, de Pinochet, nos anos 1970, e a maioria após 1980.

grande expressão no mercado. É ele o responsável pela interação entre todos os interesses individuais e, portanto, pela manutenção da ordem natural. Finalmente, e em decorrência do que afirmei, qualquer intervenção nesse mercado é indesejável porque dificulta o estabelecimento da ordem natural. É por isso que as forças de mercado, o livre comércio internacional, a liberalização dos mercados, a privatização e o estímulo à entrada de capital estrangeiro são contrapostos, respectivamente, ao planejamento, ao protecionismo, à regulação, à estatização e à nacionalização (CARCANHOLO, 1998, p. 18).

Essas características são defendidas por diversos autores (CARCANHOLO, 1998) e versões semelhantes existem, como a de Toledo (1995). O vínculo dessas políticas e seu embasamento ideológico se casam perfeitamente como o neoimperialismo. Esse é o pano de fundo no qual se desenvolverá a ampliação do fenômeno do tráfico internacional de mulheres, que analisarei a seguir.

2.2 O TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES

O tráfico internacional de mulheres é um tema que está em evidência, tanto por meio da proliferação de estudos, artigos e pesquisas sobre ele, como também pelos meios de comunicação: revistas semanais, literatura²⁵, jornais, televisão e até no mundo da ficção, com diversos filmes e até novela²⁶.

O aumento de quantidade dos estudos sobre o tráfico de pessoas é visível – os processos de pesquisa vão, pouco a pouco, ganhando sistematicidade. Há, portanto, um espaço ainda importante para ser desenvolvido e numa perspectiva crítica/dialética muito pouco foi produzido. Uma das dificuldades em abordar essa questão reside na diversidade de aspectos que a envolve.

Para discutir o tráfico internacional de mulheres algumas discussões se fazem necessárias e esse é o caso de abordar temas como: relações internacionais, Estado, criminalidade, direito, organizações internacionais e, para certas abordagens, lutas femininas, violência, entre outros. Para a minha pesquisa, que trata de representações, tais

²⁵ Destaco a obra de Célhia de Lavarène **“Passaporte para o Inferno”** que “trabalhou como correspondente da televisão RFI, das revistas Afrique Magazine e Jeune Afrique e da Rádio Suisse Romande”. Com a obra *Passaporte para o Inferno* ela retrata a escravidão sexual de adolescentes traficadas – para tanto a autora se embasa em fatos reais - e denuncia a convivência de agentes da ONU e de várias autoridades da Libéria e Bósnia, países receptores das mulheres que vivenciaram situações constrangedoras de tráfico.

²⁶ Esse é o caso da novela da Rede Globo de Televisão, *Salve Jorge* (levada ao ar em 2012). Um grande número de filmes vem sendo produzidos sobre esta temática, geralmente de suspense ou drama. Esse é o caso, por exemplo, *A Informante*, *3º Eden*, *Doce Vingança 2*.

temáticas se tornam fundamentais por ampliarem a possibilidade de uma abordagem dialética.

A discussão até aqui efetuada é importante para delimitar o problema do tráfico internacional de mulheres e para situá-la no tempo e no espaço, o que é um pressuposto metodológico da dialética. Nessa perspectiva metodológica, os fenômenos sociais só ocorrem em relação com outros fenômenos, inseridos numa totalidade que forma o seu contexto social e numa determinada época, em um momento da história. Por isso é importante analisar as relações internacionais e também a sociedade contemporânea, pois assim fica mais fácil realizar uma discussão mais desenvolvida sobre as bases do tráfico internacional de mulheres.

Ademais, é fundamental estudar o fenômeno do tráfico internacional de mulheres porque este embasamento possibilita uma compreensão do fenômeno e auxilia no processo de análise das representações cotidianas das mulheres envolvidas em situações de tráfico. As representações cotidianas também estão inseridas na totalidade da sociedade e, por isso, precisam ser contextualizadas para serem compreendidas.

O novo imperialismo e o neoliberalismo estão na base de todo esse processo social que engendra o tráfico de mulheres. Se o neoliberalismo é contra o protecionismo, então esse é um elemento que reforça sua generalização, está no centro do problema do tráfico internacional de mulheres. O livre mercado e o enfraquecimento das fronteiras são um facilitador e incentivador desse processo.

A internacionalização e o neoliberalismo são determinações que contribuem para o processo de expansão do tráfico de mulheres. Isso não só por facilitar elementos determinantes, como lavagem de dinheiro e certas atividades ilegais, como o próprio tráfico internacional de mulheres²⁷ - como incentiva esse processo nos países de capitalismo subordinado, ou seja, em países que antes eram chamados de “subdesenvolvidos” ou “em vias de desenvolvimento”. Esse incentivo ocorre através dos problemas de crescimento da pobreza, da precarização do trabalho, entre outros processos correlatos, além da busca de possibilidades de sobrevivência ou mesmo de ganhos mais substanciais do que nos países de origem. Isso gera um crescimento quantitativo desse fenômeno, como já foi observado por diversas pesquisas e autores²⁸.

²⁷ Isso já foi assinalado por alguns autores. Veja: SEITENFUS, 2004; NASCIMENTO; RIBEIRO; MATOS, 2008.

²⁸ Embora tenha surgido há séculos, o tráfico de seres humanos vem, nas últimas décadas, tornando-se um problema de dimensões cada vez maiores, a ponto de ser chamado por muitos de a forma moderna de escravidão. Prática relacionada com a Antiguidade, o tráfico de seres humanos continua existindo no século XXI,

Esse fato está conectado a problemas jurídicos, políticos, econômicos, entre outros. Não será possível discutir toda a gama de questões envolvidas. Assim, para ensaiar uma explicação desse fenômeno, nosso foco concentra-se nas questões mais importantes. O tráfico internacional de mulheres, para ser compreendido, deve abordar as mutações internacionais, já discutidas teoricamente, as mutações estatais mais específicas além das que já foram abordadas: como a problemática da legislação, a relação com o crime organizado e outras formas de violência, como a questão que envolve diretamente a mulheres que vivenciaram situações de tráfico.

Esses elementos estão sendo discutidos, com variações de posições e interpretações, em alguns estudos, e abrem um espaço para pensar a questão do tráfico numa base mais ampla. Como já discuti a base teórica e os conceitos importantes relacionados no capítulo anterior e no presente capítulo a questão das relações internacionais e do Estado já foi introduzida, então resta discutir os seguintes aspectos: a) legislação; b) relação com crime organizado; c) situação das mulheres que vivenciaram situações de tráfico. Tendo em vista o pano de fundo apresentado, esses aspectos são suficientes para a discussão dessa temática.

2.2.1 O Tráfico Internacional de Mulheres: estado e relações internacionais

A partir das mudanças internacionais – com a emergência do neoimperialismo e da mutação estatal com a agenda neoliberal –, resta discutir os aspectos mais intimamente relacionados com a questão do tráfico internacional de mulheres. A legislação tem um papel importante no sentido de coibir (ou não) sua existência ou crescimento. Ela não pode resolver a questão, mas pode minimizar ou facilitar. Por isso, é útil uma discussão sobre legislação.

A legislação sobre esta temática tem seu primeiro esboço em 1904, ano em que surge o “Acordo para a Repressão do Tráfico de Mulheres Brancas”, em Paris, seguido de novos acordos e convenções sancionadas (NASCIMENTO; RIBEIRO; MATOS, 2008). Essa legislação acaba evoluindo até o Protocolo de Palermo – firmado em 2000, pela ONU e ratificado pelo Brasil, por meio do decreto 5.017 em 12 de março de 2004

constituindo-se juntamente com o tráfico de drogas uma das mais lucrativas atividades do comércio mundial, tendo suplantado o tráfico de armas. Seu crescimento está diretamente relacionado aos problemas gerados pelo crescimento descontrolado da população mundial, principalmente nas regiões mais pobres, às disparidades de oportunidades econômicas e à migração internacional excessiva. Atualmente, se confunde com outras práticas criminosas e de violação dos Direitos Humanos e não serve mais apenas à exploração de mão de obra escrava (NASCIMENTO; RIBEIRO; MATOS, 2008, p. 30).

(BRASIL, 2004). O referido protocolo tenta avançar na tentativa de criar formas mais eficazes de controle a respeito do tráfico de pessoas e da prostituição em nível internacional. Isso ajuda a entender o processo no qual os instrumentos jurídicos são produzidos e se desenvolvem, numa tentativa de criar mecanismos adequados para a regularização jurídica. As necessidades sociais promovem a produção de legislação sobre os pontos problemáticos da sociedade. Aqui cabe, então, avançar na descrição que aponta para o aumento dos processos de regularização jurídica.

No caso brasileiro, muitas leis relacionadas à temática aqui analisada podem ser citadas. O meu foco incide no que há de mais relevante nesse caso. A Lei n. 6.815, de 1980, cujo objeto é a definição jurídica do estrangeiro no Brasil, define como crime, passível de pena de um a três anos, ou expulsão em caso de ser estrangeiro o responsável, “introduzir estrangeiro clandestinamente ou ocultar clandestino ou irregular”, em seu artigo 125 (CASTILHO, 2015). Outras punições com atividades relacionadas também são elencadas. Assim, a lei precisa ser comparada aos Protocolos Adicionais à Convenção de Palermo.

O Brasil assinou a obrigação de criminalização, o que implica estabelecer as infrações penais relativas ao que se denomina “tráfico de pessoas”. Na legislação brasileira, são considerados crimes transnacionais os seguintes exemplos: o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente contempla alguns elementos em seu artigo 231²⁹(tráfico internacional de pessoas para fins de prostituição) e artigo 239 (tráfico internacional de crianças e adolescentes) e a Lei 6.815 (aliciamento para fins de emigração e introdução clandestina de estrangeiro). Outros aspectos da lei podem ser usados nesse sentido, como o crime de formação de quadrilha (CASTILHO, 2015).

O aspecto legal se relaciona com os demais aspectos, incluindo o crime organizado. É preciso esclarecer que a proposta de discussão do meu trabalho é sobre tráfico internacional de mulheres para fins de exploração sexual e não de pessoas em geral. No primeiro caso, há distintas populações vulneráveis e motivações para o tráfico, como, por exemplo, a “superexploração” da força de trabalho, a “doação” involuntária de órgãos, a servidão, entre outras possíveis. O tráfico, nesse sentido geral, atinge homens,

²⁹ “É importante salientar que a finalidade proposta no artigo 231 do Código Penal é a punição do tráfico com o fim de exploração sexual. Aqui, o legislador quis salientar que não importa o consentimento da vítima para figurar o crime ou não. Analisa-se o dolo e desta forma entende que o agente que promove, facilita, alicia ou compra a pessoa pratica o crime de tráfico de pessoas. A Constituição Federal de 1988 mudou o paradigma para o reconhecimento do papel e posição da mulher na sociedade quanto às decisões de sua própria vida... à garantia dos direitos fundamentais, dentre os quais o direito à liberdade individual” (CORRÊA, et. al., 2014, p. 114). E as autoras seguem afirmando que se o direito à liberdade individual põe em risco o direito à dignidade sexual, o agente que viola esse princípio fundamental incorre em crime.

crianças e adolescentes, além das mulheres. A maioria das vítimas é composta por mulheres³⁰ e isso não acontece casualmente, pois o tráfico de mulheres tem ligação, muitas vezes, com as motivações anteriores, que, por sua vez, envolvem outras: como a prostituição e a exploração sexual. As cifras dos altos lucros derivados desse tráfico já foram apresentadas na introdução e não cabe retomá-las. Feita essa delimitação, é possível continuar a discussão direcionada para este caso específico.

O caráter lucrativo do tráfico internacional de mulheres aponta para o problema das relações internacionais e do papel do Estado, no que se refere ao crime organizado. A relação entre lucro, crime organizado e tráfico internacional de mulheres é visível, bem como a relação de todos estes elementos com a nova situação do capitalismo contemporâneo que destaquei acima, incluindo as relações internacionais. O lucro adquirido com o tráfico é concentrado nos países imperialistas, que são beneficiados pelo não protecionismo dos países subordinados, pelo neoliberalismo, e por outros processos³¹. Segundo Corrêa e outras:

Não obstante a autonomia de cada Estado para agir diante de uma problemática tem-se que, em se tratando de tráfico para fins de exploração sexual, o interesse é universal. A existência de princípios dos Direitos Humanos legitima e regulamenta a garantia de direitos em âmbito internacional. Contudo, os Estados têm dificuldade de fiscalizar os grupos opressores, que forçam as mulheres, do próprio país e principalmente as estrangeiras a viverem reféns de uma situação articulada, assim permanecendo por tempo indeterminado e sem perspectiva de liberdade. (CORRÊA et al., 2014, p. 105-106)

Desta forma, a autonomia dos Estados, no plano jurídico, é uma realidade, convivendo com direitos, bem como com pressões para sua concretização. No entanto, a regularização dos direitos humanos, em âmbito internacional, está longe do ideal e do jurídico, pois, além das brechas jurídicas, há também um conjunto de determinações – e algumas foram apresentadas anteriormente – que são mais fortes do que a boa vontade – quando ela existe – dos governantes. Da mesma forma, o poderio do crime organizado, seu enraizamento na sociedade e até nas instituições, é outro elemento que não pode ser ignorado. É por isso que a discussão sobre neoliberalismo e a dinâmica do capitalismo contemporâneo, incluindo o fortalecimento do crime organizado, são importantes para explicar o problema do tráfico internacional de mulheres e a dificuldade de sua abolição.

³⁰ “O tráfico de mulheres tornou-se uma importante fonte de renda para o crime organizado. Atualmente 99% das pessoas traficadas são mulheres, pois os traficantes aproveitam a frágil situação social e econômica dessas e as aliciam, prometendo-lhes vastos ganhos” (ALMEIDA, 2011, p. 1).

³¹ O neoliberalismo nos países imperialistas assume um caráter protecionista, visando se proteger da competição internacional, enquanto prega o “livre mercado” e não protecionismo para os países subordinados, o que ocorre muitas vezes com tratados internacionais, como a ALCA (MALAGUTI, 1998).

Nesse sentido, o crime organizado vem se estruturando num nível mundial, acompanhando a “onda” de internacionalização – que contribui para ampliar um processo que já existia antes. Alguns fatores possibilitaram o crescimento do crime organizado internacional. Segundo Werner, os seguintes fatores podem ser considerados como importantes para realizar a explicação desse crescimento das organizações criminosas internacionais:

- a) Política: o crime organizado transnacional como resultante de um aparato estatal fraco com um baixo grau de representatividade e articulação das instituições públicas;
- b) Econômica: em razão da demanda do mercado por bens e serviços ilícitos, em uma visão puramente comercial das atividades ilegais;
- c) Social: através da identificação da existência dos elementos sociais, culturais e étnicos, como fatores presentes no desenvolvimento do crime organizado transnacional, e sua forma de organização hierarquizada e em redes. (WERNER, 2009, p. 16)

Esses elementos são bem marcantes no processo de tráfico internacional de mulheres. O enfraquecimento do Estado é mais amplo do que o autor pensa, o que torna ainda mais importante no processo explicativo do crime organizado. Além disso, o já citado caso do não protecionismo que gera menos intervenção estatal e o aumento das trocas internacionais são outros aspectos propulsores desse fenômeno, bem como as políticas neoliberais – e sua ideologia individualista – criam uma situação social desfavorável que incentiva a emigração e uma cultura que prega a possibilidade de que os indivíduos, aproveitando as oportunidades em outros países, podem vencer na vida.

Assim, é possível perceber e dou especial destaque ao papel dos valores e da cultura como outro incentivo para o tráfico internacional das mulheres. Numa sociedade comandada pela lógica do dinheiro, do consumo, da ascensão social é possível que quem não consiga realizar a ambição de possuir acesso ao dinheiro/consumo/ascensão social apele para outras soluções, como: a migração, a prostituição, enfim, para estratégias diversas e diversificadas cuja necessidade é a realização dos objetivos e metas colocados pela sociedade moderna. A falta de oportunidades e os valores que pressionam para o enriquecimento ou, pelo menos, para o consumo mais amplo são fortes incentivadores de busca de alternativas, de aventuras arriscadas e de adesões a projetos que apontam uma saída no final do túnel.

Acompanhando esses fatores, a questão econômica tem um peso fundamental. O aumento das trocas internacionais, da migração mundial – graças ao desemprego e à

precarização – soma-se ao que Werner afirma. Esses dois elementos reforçam e ampliam o crime organizado internacional. O desemprego e a precarização do trabalho não apenas são incentivos para as mulheres realizarem a migração, mas para outros executarem as atividades que permitam tal ocorrência. Os atravessadores e intermediários em regra são resultado desse processo socioeconômico. Existem outros fortes impulsionadores: os novos meios de comunicação – a internet, por exemplo, os novos nichos de mercado e os novos consumidores, que são “convidados” para além do circuito nacional, com a promessa de ampliar as estreitas possibilidades e de obter maior lucratividade³². O turismo sexual, a prostituição e a pornografia seriam outros elementos definidores desse acontecimento:

Grosso modo, pode-se dizer que as indústrias do turismo sexual, da prostituição e da pornografia estariam entre os principais fatores que alimentam a demanda pelo tráfico. A feminista lésbica Sheila Jeffreys [...] mostra como a indústria de prostituição e do sexo transformou-se em um mercado multibilionário, que afeta tanto a economia de muitos países isoladamente, como a economia global como um todo. Fazem parte dessa indústria atividades como a pornografia, que hoje já tem um alcance global [...]; o “comércio adulto”, que incluiria *sex-shops*, *strip clubs* e agências de acompanhantes [...]; o casamento por encomenda [...]; o turismo sexual [...]; e o tráfico de mulheres [...]. Esses seriam, portanto, os principais fatores que determinariam a demanda do tráfico de mulheres para fins de exploração sexual. (KAPPAUN, 2015, p. 8)

Há, portanto, um vínculo entre as mudanças internacionais e estatais com a emergência do crime organizado transnacional. Afinal, são as mudanças sociais nessas esferas que permitem seu surgimento (WERNER, 2009). Da mesma forma, é possível deduzir que há também um vínculo entre crescimento do crime organizado transnacional, por um lado, com aumento do tráfico internacional de mulheres, por outro. É nesse contexto de discussão sobre o crime organizado internacional que se torna importante definir o seu significado:

O crime organizado transnacional pode ser definido sinteticamente como uma manifestação dos grupos organizados que apresentam as seguintes características: a) baseados em um Estado; b) cometem seus crimes em um, ou geralmente em diversos países anfitriões em razão das condições de mercado favoráveis; e c) as atividades ilícitas desenvolvidas apresentam baixo grau de

³² “Com a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, o tráfico de mulheres parece ter diminuído e adquirido uma certa invisibilidade. Já a partir dos anos 1990, com o fim do socialismo real no leste europeu e o colapso da União Soviética o tráfico de mulheres ganhou novo impulso e voltou a ser assunto de discussão no cenário internacional. Depois da Conferência Mundial dos Direitos Humanos (1993), em 1996, a ONU lança o *Programa de Ação da Comissão de Direitos Humanos para a Prevenção do Tráfico de Pessoas e a Exploração da Prostituição* e, em 2000, o *Protocolo Adicional da Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional*, mais conhecido como Protocolo de Palermo, inclui em seu artigo terceiro o tráfico de pessoas, incluindo o de mulheres e crianças, como parte do crime organizado transnacional” (KAPPAUN, 2015).

risco de serem descobertas. Assim, a perspectiva transnacional se caracteriza quando o planejamento ou a execução do crime envolva mais de um país. (WERNER, 2009, p. 50)

Desse jeito, o crime organizado transnacional realiza o processo de exploração internacional no nível mundial e é a fonte do tráfico internacional de mulheres. Dados da UNODC³³ mostram não só um aumento do tráfico mundial de seres humanos, mas também sua maior intensidade na América Latina. Esse problema do tráfico atinge a todos os países, mas é nos países capitalistas subordinados que se encontra a maioria das vítimas. Da mesma forma, o principal mercado consumidor fica na esfera dos países imperialistas, sendo os europeus os principais locais de destino das mulheres traficadas.

Os três países latino-americanos com maior número de seres humanos traficados são o Brasil, a República Dominicana e a Colômbia (UNODC, 2011). Isso é explicado pelos elevados índices de pobreza, pela instituição de um estado neoliberal, pelo aparato jurídico vinculado ao referido estado, pela exploração internacional e pelo maior valor atribuído aos países “desenvolvidos”, entre outras causas.

Durães (2014) apresenta um conjunto de informações que tem por base tanto as pesquisas acadêmicas quanto informações de órgãos públicos sobre a situação específica de Goiás quanto à situação do tráfico de mulheres para fins de exploração sexual. Em relação às pesquisas acadêmicas, a mesma autora coloca em evidência a “Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial – PESTRAF” realizada em dezembro de 2002. Segundo Durães (2014), as pesquisadoras responsáveis pela PESTRAF, apontaram que, no referido período, os Estados com maior número de brasileiras traficadas para fins de exploração sexual foram os Estados de Goiás, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo; sendo que em Goiás o destaque ficou para as cidades de Goiânia e Anápolis. Durães aborda a problemática do tráfico de mulheres fundamentada em dados e contribuições. Ela coloca a questão nos seguintes termos:

1- Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial (Pestraf)– dez/2002.

Estados brasileiros que possuem o maior número de brasileiras traficadas para fins de exploração sexual são: Goiás, Ceará, Rio de Janeiro e São Paulo. (Goiânia e Anápolis).

2- Tráfico internacional de pessoas e tráfico de migrantes entre deportados(as) e não admitidos(as) 2006/2007 (Coordenada por Adriana Pisiciteli).

Os principais estados de naturalidade do conjunto de pessoas entrevistadas são Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rondônia, Mato Grosso e seguidos por

³³ UNODC (2011). **Dados do escritório das nações unidas sobre drogas e crime**. Disponível em: http://multimedia.unodc.org/brazil/pt/project_r_18.html. Acesso em 10 de maio de 2014.

diversos estados do Norte, Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. Goiás lidera também como local de residência.

3- Jornadas Transatlânticas: Uma pesquisa exploratória sobre tráfico de seres humanos do Brasil para Itália e Portugal – 2011 (International Centre for Migration Policy Development).

O estudo brasileiro centrou-se em três Estados: São Paulo, Minas Gerais e Goiás, indicados pelos parceiros do projeto como sendo a origem de um grande número de presumíveis vítimas brasileiras.

Relato de uma experiência: pesquisa sobre o Tráfico Internacional de Mulheres.

4- O Relatório do I Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, do Ministério da Justiça (2008 – 2010). Revelou que Goiás aparece como o estado brasileiro com o maior número de processos e condenações pelo crime entre 2002 e 2008.

5- Dados oferecidos pela Polícia Federal – 2010. Goiás aparece com o mesmo número de inquéritos de São Paulo (9) referente ao Artigo 231 do Código Penal Brasileiro.

6- DADOS OFERECIDOS PELA POLÍCIA FEDERAL – 2005 A 2011

Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	TO-TAL
In- quéri- tos	70	64	57	52	35	28	12	318
Indi- cia- men- tos	124	90	76	54	22	16	2	384

Os dados informam ainda que Goiás, Minas Gerias e São Paulo lideram as estatísticas com mais 37 procedimentos instaurados dentre os 384 apresentados.

7 – Dados oferecidos pela Polícia Federal – 1999 a 2011: sobre procedimentos instaurados, Goiás consta como o primeiro da lista, com 174 números de indiciamentos.

8 - Dados Ministério Público Federal Revista Fato Típico, editada pelo Núcleo de Persecução Criminal da Procuradoria da República em Goiás, em seu número de abril/junho de 2009 Goiás se constitui em um importante polo de saída de mulheres pelo tráfico com destino ao exterior, sendo Minaçu, Silvânia, Anápolis, São Miguel do Passa Quatro e Uruaçu as principais cidades de origem e Espanha o principal polo receptor.

9- Dados anunciados pela delegada chefe do Serviço de Repressão ao Trabalho Forçado (Setraf): Em seminário na Universidade de Brasília em 2010, infomam que entre 2004 e 2009 foram realizadas 52 operações pela Polícia Federal, que resultaram em 90 prisões de indivíduos envolvidas com o tráfico de pessoas. A maioria das vítimas dessas redes criminosas eram moradoras de Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo. (DURÃES, 2014, p. 14-16)

Resta, por fim, discutir a questão delicada que envolve as mulheres que viveram situações de tráfico. Existe um processo social que cria “populações vulneráveis” e, no interior dessas, setores ainda mais vulneráveis. Esse elemento está, embrionariamente, no pensamento de Marx, quando trata da superpopulação relativa (BRAGA, 2013; MARX, 1988).

Dando maior peso para essa discussão, é possível dizer que existe uma população vulnerável e níveis de vulnerabilidade. O nível menos vulnerável é aquele que ainda possui formas de resistência, com maiores opções de sobrevivência (OLIVEIRA, 1995). O nível intermediário é o que se encontra numa situação de menor capacidade de resistência

e menos opções, mas com alguma margem de ação. O nível mais vulnerável é composto principalmente por mulheres pobres e crianças, sendo que é possível, no seu interior, ainda dividir entre outros níveis, criando uma subdivisão.

Diante dessa discussão, é possível afirmar que essas populações vulneráveis se tornam ainda mais propensas a serem vítimas devido ao fato de que os seus valores e cultura apontarem para buscar maiores rendimentos e novas oportunidades. Esse processo também permite mais intermediários envolvidos no tráfico, pois se encontram em situação semelhante.

No capitalismo contemporâneo, com o processo de “lumpemproletarização” (BRAGA, 2013), a população vulnerável, em seu conjunto, aumentou bastante e, ao lado dela, seus setores mais frágeis. Essa é uma das razões do tráfico internacional de mulheres, pois, geralmente, são mulheres pobres que são traficadas e, em muitos casos, adolescentes ou mulheres recém-saídas da adolescência – um setor ainda mais vulnerável da população. Nesse contexto, o processo de tráfico internacional de mulheres remete a amplos problemas sociais envolvidos numa *totalidade social*, compreendida no processo de desenvolvimento do capitalismo mundial.

CAPÍTULO 3

AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DAS MULHERES QUE VIVENCIARAM SITUAÇÃO DE TRÁFICO DE MULHERES

O presente capítulo está voltado para uma exposição e análise das representações cotidianas das mulheres envolvidas com o tráfico internacional. Para tanto, inicialmente, procura-se delimitar o universo da pesquisa e dos procedimentos que foram realizados para o desenvolvimento da pesquisa.

Em seguida, partindo da contribuição da perspectiva dialética na pesquisa social, irei aprofundar uma análise que envolva todo o referencial teórico. Pois ele fornecerá os elementos necessários para a compreensão das representações cotidianas, de modo a permitir que se compreenda o fenômeno representacional.

3.1 DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO DE PESQUISA E DOS PROCEDIMENTOS

O foco de meu estudo são as representações cotidianas das mulheres que vivenciaram situações de tráfico sobre o tráfico e sua relação com a violência. Neste sentido, e partindo da abordagem que serve de base para a presente pesquisa, terei que ter acesso a tais representações e informações sobre suas condições sociais de produção. Isso gera a necessidade de obter não somente as representações dessas mulheres, como também investigar as condições sociais nas quais essas representações foram produzidas.

Nesse sentido, a revisão bibliográfica – que se torna fundamental – visa ampliar e aprofundar as bases teóricas da pesquisa. Antes de apresentar e analisar as representações cotidianas das mulheres envolvidas com o tráfico internacional, a seguir, coloco em destaque alguns elementos importantes para compreender os procedimentos técnicos da pesquisa e da análise.

Foram realizadas um total de 9 (nove) entrevistas. Contudo, trabalharei com apenas cinco delas. Isso porque as primeiras entrevistas não foram realizadas de acordo com a forma específica que pretendia usar, por vários motivos. Um deles é o fato de que foi necessário realizar entrevistas iniciais porque o roteiro da entrevista interpretativa não estava pronto. Como existe uma grande dificuldade para conseguir entrevistadas, ao

consegui-las, fui imediatamente realizando a entrevista, sem o tempo suficiente para a preparação do roteiro. Essas primeiras entrevistas me permitiram observar alguns aspectos, descobrir algumas questões³⁴ que seriam necessárias para chegar aonde queria e, com isso, aprimorar a entrevista interpretativa.

Todas as entrevistas foram realizadas no Estado de Goiás. Das cinco entrevistas que selecionei para análise, 2 (duas) foram realizadas na cidade de Uruaçu/Goiás; 2 (duas) na Cidade de Goiás/Goiás, antiga capital do Estado de mesmo nome; 1 (uma) na cidade de Anápolis/Goiás, cidade próxima à Goiânia. Existe um número expressivo de mulheres que vivenciaram a situação de tráfico³⁵ e retornaram às suas cidades de origem: Anápolis, Senador Canedo, Uruaçu, entre outras cidades de Goiás.

No relatório organizado pela Secretaria de Justiça e pelo Escritório das Nações Unidas, publicado em abril de 2013, no item 3. “*Análise dos Dados de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil*”, afirma-se que:

Temos certa carência de dados sobre o tráfico de pessoas. Não somente sobre o enfrentamento a esta prática, que teoricamente deveria ser registrado, sistematizado, informatizado pelo sistema de Segurança Pública e de Justiça Criminal, e posteriormente publicizado para que a sociedade civil e os outros órgãos públicos tivessem conhecimento do fenômeno, servindo principalmente como instrumento de informação. Mas também carência de dados sobre as vítimas de tráfico de pessoas. Como vimos também, um dos fatores para esta carência de dados é a subnotificação, pois o tráfico de pessoas é uma das formas de criminalidade oculta. No entanto, ainda que os casos cheguem no sistema, por razões tais como:

- O desconhecimento do que seja o tráfico de pessoas, que faz com que os atores que estão prestando o serviço na ponta não tenham sensibilidade ou perspicácia para identificar uma vítima ou um caso de tráfico;
- A inexistência de sistemas de registro de informação ou a presença de sistemas inadequados, cuja finalidade é o registro das atividades daquela instituição, não das características dos envolvidos no drama criminal ou dos atendidos;
- Sistemas que não contemplam as variáveis essenciais para a compreensão do fenômeno;
- A dificuldade de acesso a esses dados, pois não sistematizados em forma de relatórios, nem publicados.

Temos uma dificuldade muito grande de analisar o fenômeno do tráfico de pessoas no Brasil, do Brasil para o exterior e do exterior para o Brasil. Lembramos que no Brasil isto não é uma problemática exclusiva do crime de tráfico de pessoas. Outros crimes, tais como a violência contra a mulher e a corrupção, são também velados e, portanto desconhecidos. Isso também não é uma exclusividade do Brasil: países cujos sistemas de Segurança Pública e Justiça Criminal sejam frágeis, tais como os países em desenvolvimento – nossos vizinhos na América Latina – ou os países pós-conflito ou em reconstrução – os países da região dos Bálcãs – têm as mesmas dificuldades,

³⁴ Após as primeiras entrevistas, que não foram aqui analisadas, percebi a necessidade de acrescentar questões mais específicas, tais como a que usa trecho de texto de Richard Poulin (2005) em relação à situação de encarceramento dos clubes, entre outras.

³⁵ Os dados, apresentados no segundo capítulo, citam informações levantadas por Durães (2014) nos quais a autora destaca diferentes contribuições tanto de pesquisas acadêmicas quanto de órgãos estatais que possibilita percebermos o quanto o fenômeno é expressivo.

tanto de subnotificação, como de falta de conhecimento para a identificação da vítima, como de sistemas inexistentes ou inadequados... De qualquer sorte, ainda que estivéssemos falando de um número reduzido de vítimas, o tráfico de pessoas é um fenômeno a ser enfrentado, uma vez que é um crime que viola a dignidade da pessoa humana, transformando-a em objeto a ser comercializado. É o extremo lado perverso do capitalismo. É a escravidão dos tempos modernos. É a maior evidência das desigualdades sociais e regionais, e da desigualdade entre as nações. É o limite da insegurança humana. (SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA, 2013, p. 29-30)

Mais recentemente, em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), a orientadora de minha pesquisa, profa. Dra. Telma Ferreira do Nascimento Durães, vem coordenando um projeto de pesquisa, intitulado: “Tráfico Internacional de Mulheres: Goiás – pensando a prevenção” – cujo quadro de pesquisadores integro. Esse projeto de pesquisa tem contribuído para quantificar³⁶ e perceber, inclusive, a movimentação territorial de mulheres envolvidas em situações de tráfico. Por exemplo, se percebe que há uma movimentação no processo migratório do tráfico que se desloca dentro do Estado de Goiás para diferentes regiões e, hoje, se concentra – de acordo com recentes levantamentos – em Anápolis, Senador Canedo, Jataí, Goiânia, dentre outras regiões.

A referida pesquisa abriu a possibilidade para uma visão mais ampla do fenômeno ao confirmar a presença de goianas que vivenciaram situação de tráfico, tanto em Portugal quanto na Espanha. Durães (2014) esteve em Portugal e Espanha levantando dados junto a diferentes instituições e junto às mulheres que vivenciaram a situação de tráfico. Em entrevista, um representante da Asociación para la Prevención, Reinserción e Atención de la Mujer Prostituida (APRAMP) realça que algumas cidades de Goiás enviavam mais brasileiras para alimentar as redes de tráfico. As cidades mais destacadas, durante a entrevista, foram as cidades de Goiânia e Anápolis (DURÃES, 2014). Salgado (2009, p.3) também investigou essa situação e afirma: “Goiás se destacou internacionalmente como exportador de mulheres para os redutos europeus de prostituição”. Assim, Goiás, como algumas pesquisas colocam (DURÃES, 2014), possui um dos mais altos índices de tráfico de mulheres em todo o território brasileiro (SANTOS; LIMA; ALVARENGA, 2011).

Feita essas considerações, partirei para expor a técnica que utilizei, qual seja, a entrevista interpretativa (PEIXOTO, 2010; VIANA, 2008), que é uma forma de

³⁶ A quantificação do fenômeno é muito restrita devido ao fato de que nem todas as mulheres que o vivenciaram se dispõem a falar e dar informações mais precisas, além das falhas de registro e subnotificação. Nesse sentido, pelo próprio caráter da ilegalidade do fenômeno, é impossível ter uma dimensão exata - o que não significa que ele não exista.

entrevista³⁷ e que compartilha diversas características comuns as demais formas de entrevistas. Ela se aproxima mais da entrevista semiestruturada, pois, como a entrevista interpretativa, possui um roteiro de questões, sendo que o entrevistador possui certa liberdade para fazer intervenção (COLOGNESE; MELO, 1998), mas também se aproxima da proposta de “questionário interpretativo”, proposto por Erich Fromm e Michael Maccoby (1972), já que acrescenta alguns elementos no sentido de conseguir informações que dificilmente seriam cedidas de forma consciente, como no uso de histórias e sonhos que solicita a interpretação do entrevistado – nessas histórias se coloca um conteúdo que tem relação com o que se quer descobrir.

A título de exemplo dessa estratégia, citarei o uso numa pesquisa que realizei sobre trabalho doméstico, em que perguntei para as empregadoras se elas consideravam o trabalho doméstico uma atividade relevante e, depois, em outro momento da entrevista, perguntei qual é a sensação que elas teriam num sonho – narrado por mim – em que seriam empregadas domésticas (PEIXOTO, 2010). Esta estratégia fornece mais liberdade para a resposta e poderia facilitar a manifestação daquilo que poderia ser ocultado numa pergunta direta e que teria a resposta consciente e racionalizada.

Como se trata de uma pesquisa de caráter qualitativo (MINAYO, 1998), então, não foi necessário realizar uma grande quantidade de entrevistas. A princípio, delimitei de cinco a seis entrevistadas com moradia em Goiás. O motivo dessa escolha é porque Goiás é um dos Estados com grande número de aliciamentos de pessoas e, conseqüentemente, de mulheres para o tráfico (UNODC, 2006; UNODC, 2011), embora o acesso a números exatos seja difícil devido à subnotificação, à criminalidade oculta, entre outras.

No início, pensei que haveria maior facilidade em conseguir mulheres para entrevistar. Um problema que apareceu foi que muitas se recusavam a dar entrevistas e, algumas, até mesmo não admitiram o envolvimento nesse processo (vide Apêndice C). Assim, o número de entrevistadas ficou menor do que o planejado. No entanto, isso não compromete a pesquisa. Em inúmeras discussões metodológicas, a pesquisa qualitativa não trabalha e nem necessita trabalhar com grandes quantidades. No caso da técnica escolhida, a entrevista interpretativa, isso é ainda mais evidente:

³⁷ A entrevista pode ser definida como um processo de interação social, no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado. Enquanto técnica de obtenção de informações trata-se de uma conversa interessada, orientada pelo entrevistador para fins de pesquisa, pela qual objetiva-se apreender informações sobre o comportamento e a consciência dos sujeitos investigados, tanto quanto possível, em seu estado dado, objetivo (COLOGNESE; MELO, 1998, p. 143).

Se a entrevista é realizada com uma quantidade grande de pessoas – o que não é impossível, apesar da dificuldade, mas se for feita por uma equipe com várias pessoas, aí é possível ampliar bastante o seu número – o processo analítico é muito mais demorado – a não ser que a análise também seja realizada por uma equipe e não por um indivíduo. No caso da entrevista interpretativa, ela pode ser feita com um, três, cinco, dez, entrevistados. Obviamente que um é quando se quer analisar apenas um caso e com a percepção dos limites desse procedimento, pois a singularidade psíquica, as idiossincrasias, podem ser maiores e logo não expressar sob formas mais adequadas o que é mais comum. A vantagem disso seria o processo analítico mais profundo que pode ser realizado em casos de indivíduos, pois não somente pode conseguir mais informações como também dedicar mais tempo e cuidado no processo analítico. (VIANA, 2015, p. 65)

Assim, a entrevista interpretativa pode ser realizada com um pequeno número de entrevistados e de entrevistadas, até mesmo um/uma³⁸. Sem dúvida, esse procedimento poderia ser questionado pelos limites quantitativos e suas possibilidades de generalização. As representações cotidianas são, formalmente, semelhantes, e, no conteúdo, diferentes, mas dentro de uma determinada tendência que ocorre no interior de um grupo, classe, ou qualquer outro agrupamento coletivo, com variações dependendo de qual é. No entanto, a pesquisa em representações cotidianas não afirma que as representações que são analisadas e nem as conclusões a que o pesquisador chega sejam válidas para a totalidade do grupo. Mesmo porque, geralmente, não há homogeneidade em seu interior e, uma vez que seja assim, mesmo que pesquisasse todos os integrantes, haveria diferenças.

As conclusões de uma pesquisa em representações cotidianas são válidas para os indivíduos pesquisados e podem ser consideradas como sendo próximas de todos os casos semelhantes, estruturalmente falando. Por exemplo, a pesquisa aqui apresentada aponta para cinco entrevistas que mostram/revelam as representações cotidianas das entrevistadas, que provavelmente sejam idênticas às representações cotidianas de outras pessoas na mesma situação social - mesma classe social, tipo de cidade e de moradia, formação escolar e cultural, com as devidas variações.

Assim, o resultado de minha pesquisa traz as representações cotidianas sobre a violência e o tráfico internacional de mulheres das cinco mulheres entrevistadas, que têm uma grande probabilidade de, em linhas gerais, serem as mesmas de todas as mulheres na mesma situação social. Nesse sentido, não se trata de generalização e, sim, de um processo analítico que, por meio da análise, reconstitui o fenômeno e isso tem validade para fenômenos semelhantes, já que a semelhança tende a se reproduzir em situações análogas.

³⁸ Um exemplo nesse sentido é meu artigo: PEIXOTO, Maria Angélica. As Representações de uma Jovem sobre o Sistema de Exames. *Estácio de Sá Ciências Humanas*, v. 07, p. 58-66, 2012.

Para descobrir as condições sociais nas quais ocorreu o processo de aliciamento para o tráfico, as fontes de informação serão as próprias entrevistadas, cuja entrevista (veja roteiro no Apêndice A) apresenta questões sobre suas condições de vida antes de se inserir no processo de tráfico. De forma complementar, utilizei a observação relacional³⁹. Nesse caso, trata-se das condições sociais em que as entrevistadas viveram e que constituem as únicas fontes, o que não é problemático, por se tratar de questões concretas sobre local de moradia, renda, escolaridade.

Após a realização das entrevistas, das transcrições e de sua revisão, dei início ao processo da análise, no qual utilizei a base teórico-metodológica da pesquisa para a sua realização⁴⁰. O referencial teórico auxiliou a ordenação e a análise dos dados oriundos das entrevistas e das demais informações adquiridas. A análise se fundou no método dialético, no sentido de que, por meio deste, se buscou reconstituir a totalidade do pensamento expresso nas entrevistas.

Essa totalidade continha informações pessoais, que podem ser consideradas “objetivas”, como renda, escolaridade, entre outras, e que ajudam a descobrir o pertencimento de classe, as condições de vida, entre outros fatores; informações biográficas – contidas na história de vida – que permitiram perceber sua formação cultural, as mudanças na vida da pessoa, além de outros aspectos e, ainda, utilizou-se o recurso de recorrer aos sonhos ou à ficção para se conseguir afirmações que de forma racional e consciente não seriam verbalizadas. O momento seguinte foi o de investigar as representações sobre o tráfico, buscando realizar uma análise rigorosa de como as mulheres que vivenciaram situações de tráfico compreendem esse fenômeno. Para tanto, tal fenômeno foi interpretado por meio de um movimento de retorno à totalidade, o que pressupõe as informações anteriores e o referencial teórico, pois numa análise dialética, a “sociedade deve estar presente como pressuposto” (MARX, 1983, p. 219).

O estudo do conjunto das informações coletadas visou não somente o esforço de analisar as representações e seus sentidos mais profundos, mas também o seu processo de

³⁹ “A observação relacional visa observar lugares, contextos, ações, pessoas que estão relacionados com o tema e a pessoa entrevistada, além da mesma. Ou seja, a ideia é observar, antes, durante e depois da entrevista, e, ainda, em outros momentos em que isso for possível, relações e elementos que contribuem com a compreensão das representações cotidianas em questão e elementos da totalidade que as envolvem” (VIANA, 2015, p.125).

⁴⁰ Alguns autores distinguem entre análise e interpretação, enquanto que outros englobam esta última na primeira. Concordo com esta última concepção, que é a de Minayo: “somos partidários desse posicionamento por acreditarmos que a análise e a interpretação estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa” (MINAYO, 1998, p. 68).

constituição⁴¹, pois isso possibilitou a compreensão de seus sentidos. Tendo em mãos o conjunto das informações, por meio do processo de abstração, busquei reconstituir as representações e suas determinações, chegando, ao final, a uma interpretação totalizante do fenômeno.

Antes de continuar, é necessário, no entanto, deixar claro que a concepção dialética da pesquisa tem seus fundamentos no materialismo histórico e isso significa que as representações cotidianas não são consideradas, como em determinadas abordagens, verdadeiras ou autossuficientes. A consciência dos indivíduos revela aquilo que eles pensam, mas *o que eles pensam é um produto social e histórico*. A pesquisa com representações cotidianas visa descobrir as convicções dos indivíduos e, para isso, realiza um conjunto de procedimentos que amplia as possibilidades de perceber tais representações.

Desse modo, ressalta-se a importância de se seguir o proposto pela entrevista interpretativa, pois ela considera que as pessoas não dizem o que realmente pensam e, muito menos, acredita na “neutralidade” do pesquisador, que “daria voz aos entrevistados”. Mesmo porque essa preocupação seria limitada para os objetivos que propus aqui, pois não me permitiria chegar às representações cotidianas das mulheres que vivenciaram a situação de tráfico e não me possibilitaria “ver” se o que elas vivenciaram era tido por elas como algo violento e como elas percebiam sua própria experiência.

Ao invés de uma busca de neutralidade e de “dar voz ao entrevistado”, o objetivo é manter uma postura ética na pesquisa, por um lado, e um compromisso com a libertação humana e com o bem estar e o desenvolvimento das entrevistadas, por outro. Para tanto, tive que me esforçar para não adotar como procedimento a atitude de acreditar de imediato nas palavras das entrevistadas, sem antes confrontar suas falas com a situação real/concreta de suas existências. Nesse sentido, contei com o conjunto das informações pessoais e das informações biográficas e culturais para subsidiar a análise da situação real/concreta da existência das entrevistadas. Assim, aqui, reforço que, ao realizar as entrevistas, tive a oportunidade de confrontar as informações cedidas pelas entrevistadas ao observar suas existências concretas: bairros residenciais precários, situações de moradia precárias, subemprego.

E, assim como existiram muitos escravos defendendo a escravidão, servos defendendo a servidão, e existe uma soma enorme de proletários defendendo o

⁴¹ Como bem coloca Lapassade (1975), no método dialético, a situação real é mais importante do que as representações, é um dos seus pressupostos metodológicos.

capitalismo, tive a oportunidade de ver inúmeros indivíduos concordando, reproduzindo, elogiando a sua própria miséria, a opressão e a infelicidade que vivenciaram/vivenciam.

Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. Na primeira forma de considerar as coisas, partimos da consciência como sendo o indivíduo vivo; na segunda, que corresponde à vida real, partimos dos próprios indivíduos reais e vivos, e consideramos a consciência unicamente como a sua consciência. (MARX; ENGELS, 1991, p. 37-38)

Esse aspecto do materialismo histórico é, muitas vezes, esquecido. A consciência é produzida socialmente e ela é geralmente ilusória. Desta forma, um pesquisador que se limita a reproduzir as manifestações da consciência dos indivíduos, fica no plano da aparência e da ilusão. É preciso entender as relações reais, materiais, pois a consciência é um derivado nem sempre exato – ou geralmente inexato – das mesmas. Novamente recordo Marx:

Ao considerar tais alterações é *necessário sempre distinguir entre a alteração material* – que se pode comprovar de maneira cientificamente rigorosa – das condições econômicas de produção, e as *formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas*, em resumo, as *formas ideológicas* pelas quais os homens *tomam consciência* deste conflito, levando-o às suas últimas consequências. *Assim como não se julga um indivíduo pela ideia que ele faz de si próprio, não se poderá julgar uma tal época de transformação pela mesma consciência de si; é preciso, pelo contrário, explicar esta consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção.* (MARX, 1983b, p. 24-25)

Na perspectiva do materialismo histórico, não se julga um indivíduo ou época por sua consciência. A burguesia, por exemplo, faz belos discursos sobre liberdade, igualdade e fraternidade, afirmando que esses elementos são o seu objetivo, sendo que, na verdade, o frio e calculista objetivo dessa classe é o lucro, o que implica em reproduzir a dominação, o exato oposto da “*Liberté, Egalité, Fraternité*”. Não posso pensar que, ao deixar as entrevistadas se manifestarem livremente, a “verdade” aparecerá. Além de não considerar que se trata de uma “verdade”, já que é a crença da pessoa entrevistada e que o relato não corresponde necessariamente às relações sociais reais, não posso desconsiderar o fato de que as entrevistadas, muitas vezes, expressam mentiras e desviam intencionalmente o foco da entrevista.

O desvio da realidade, ou simplesmente a “mentira”, tem muitas razões para acontecer: o medo que é mais forte em determinados contextos sociais, como no exemplo de um empregado que terá medo de criticar sua empresa ou patrão, de mostrar coisas que sabe e que não deveria fazê-lo; a vergonha que é expressa numa autocensura por atos que são condenados moralmente; os interesses expressados na percepção consciente das

vantagens e desvantagens de dizer algo. Tudo isso pode ser, somado a muitos outros elementos que poderiam ser fartamente enumerados e que variam de acordo com o contexto - em alguns, inclusive, poderiam ser acrescentadas novas motivações.

Esse processo, no entanto, não tem um peso igual para todas as questões trabalhadas na entrevista interpretativa. As entrevistadas repassam, sem grandes pormenores, dois tipos de informações sobre sua situação. As informações sobre sua situação real, concreta, e as informações sobre seus sentimentos, valores, interpretações.

O primeiro tipo de informações, salvo casos específicos, não é problemático e, por isso, é mais confiável. Por exemplo, perguntar sobre o grau de escolaridade e o nível de renda das entrevistadas, entre outras informações, tende a gerar respostas verdadeiras, porquanto o assunto não gera maiores responsabilidades e problemas para elas.

O segundo tipo de informações a respeito de suas representações, de seus valores, de suas interpretações é muito mais passível de erros, mentiras, inexatidão e outros processos que denominei “desvio da realidade”. Por isso, as informações biográficas, cuja fonte geralmente é apenas a entrevistada, são as fornecidas pelas pessoas pesquisadas, bem como outras informações, e, nesse caso, possuem uma grande probabilidade de ser uma expressão das relações reais⁴².

Assim, a pesquisa com representações cotidianas usa a entrevista interpretativa e se esforça em superar a aparência do fenômeno. A entrevista interpretativa não cria as respostas e nem as determina. Ela apenas vai além das perguntas diretas sobre as representações cotidianas dos entrevistados sobre certo fenômeno, realizando um conjunto de outras perguntas que ajudam a entender melhor a mentalidade do entrevistado e, assim, contribui por possibilitar acesso ao que realmente compõe seus valores/sentimentos e auxilia a distinguir o que é apenas “desvio da realidade”.

Além disso, ao ter um conjunto de informações sobre a pessoa entrevistada, como a cultura e a posição social, e sobre o fenômeno pesquisado, é o que viabiliza que a pessoa entrevistada mostre suas representações cotidianas. Isso é o que torna possível também distinguir a diferença entre discurso sobre a realidade e essa mesma realidade, inclusive sobre ela mesma.

⁴² Quando o pesquisador tem condições, pode acrescentar outras fontes, caso existam. No caso, uma forma de estar atento a possíveis “desvios da realidade”, mesmo nesse tipo de informação menos comprometedora, é a observação relacional, uma técnica complementar à entrevista interpretativa que abordei anteriormente, e nesse caso específico, tive a oportunidade de confrontar suas falas com a situação real/concreta, como já havia destacado acima.

A pesquisa com representações cotidianas também se inspira na psicanálise (VIANA, 2015) e essa aponta para a distinção entre o que os indivíduos dizem e o que são. Por isso a técnica da entrevista interpretativa se inspira no “questionário interpretativo”, produzida por psicanalistas (FROMM; MACCOBY, 1970)⁴³. Depois do marxismo, que enfatizou a ideologia e as representações ilusórias no caso das classes sociais que são compostas e se manifestam através dos indivíduos, a psicanálise trouxe um elemento novo, que é a percepção da racionalização e as representações ilusórias dos indivíduos sobre eles mesmos (FROMM, 1979)⁴⁴. Logo, nada mais apropriado do que o esforço contínuo no sentido de superar os limites daquilo que é dito e buscar, por meio da entrevista interpretativa, aquilo que não foi revelado espontaneamente ou que está colocado de forma inconsciente, impedido de vir à tona devido a mecanismos de racionalização e a efeitos de ideologias.

É útil explicitar os conceitos de consciente, inconsciente e semiconsciente. No plano analítico, a consciência é o que Marx e Engels (1991) denominaram o “ser consciente”, isto é, o indivíduo real, vivo, de carne e osso. Fromm (1979) acompanha essa concepção de consciência, mas acrescenta o inconsciente, oriundo da psicanálise freudiana. O inconsciente, no caso de Freud, são manifestações do desejo reprimido (FREUD, apud FROMM, 1979) e, para Fromm ganha um significado mais largo e cultural, como tudo que é reprimido pela sociedade. Para evitar a confusão terminológica, no texto o termo “semiconsciente”, que é uma situação intermediária entre consciência e

⁴³ “O estudo foi empreendido baseado em uma analogia entre uma entrevista psicanalítica e uma pessoal. Quando um psicanalista entrevista uma pessoa, antes mesmo de começar a empregar o método de associação livre e interpretação de sonhos, procura compreender o significado inconsciente de certas frases e declarações usadas pelo paciente, significado esse que o paciente não pretendia exprimir ou não se dá conta de ter expedido. Entrevistas psicanalíticas apresentam inúmeros exemplos desse modo de proceder. Se um homem afirma uma porção de vezes durante sua entrevista quanto ama a esposa, mas a seguir discute quais seriam seus planos na hipótese lamentável dela morrer, não é mister ser psicanalista para reconhecer que ele ‘protesta demais’, e afirmações do seu amor talvez não queiram dizer o que acredita ou pretende que elas signifiquem. Admitiu-se que o mesmo método poderia ser usado em uma entrevista empregando grande número de perguntas relevantes. Tecnicamente, isso exigia que as respostas não pedissem respostas do tipo ‘sim’ ou ‘não’, nem examinar diversas respostas pré-formuladas sob forma de ‘muito’, ‘um pouco’, etc., mas que a resposta original do entrevistado fosse anotada literalmente e *incontinenti* pelo entrevistador. As respostas de per si não eram tabuladas de maneira mecânica. Pelo contrário, analisando cada resposta e a totalidade de respostas do questionário, o estudo procurava chegar ao conhecimento das tendências dinâmicas do caráter dum respondente mais relevantes para sua atitude política. Além disso, o interesse do estudo era comparar as estruturas de caráter encontradas em cada questionário com todas as outras, e com dados objetivos como idade, renda, sexo e educação [...]. As diferenças entre este tipo de questionário, a que se pode chamar de ‘questionário interpretativo’, e a maioria dos demais questionários utilizados em pesquisa social não são primordialmente as que existem entre questionários abertos e pré-formulados, porém a utilização diferente das respostas” (FROMM; MACCOBY, 1970, p. 45-46). Segundo esses mesmos autores, a correção da interpretação será garantida se o interpretador for qualificado e possuir um método que consiga reconstituir a totalidade do fenômeno no pensamento, deixando visível a influência tanto de Marx quanto de Freud, como destaquei acima.

⁴⁴ Fromm vai desenvolver essa ideia no livro *Meu Encontro com Marx e Freud* (1979).

inconsciente, pois nesse caso se busca informações nas quais o indivíduo responde conscientemente, mas sobre questões que não são o foco e que não aparecem com a necessidade de criar mecanismos de defesa (disfarçarem suas representações, valores, sentimentos), ou seja, abordam ficção, fantasias e acontecimentos que não é diretamente sobre elas, o que possibilita mais informações que possuem, geralmente, maior grau de veracidade e sinceridade.

Realizei, para possibilitar a análise das representações das mulheres que vivenciaram o tráfico, 9 (nove) entrevistas. Das nove entrevistas, como foi colocado anteriormente, trabalhei analiticamente com cinco delas. As quatro entrevistas que deixei de lado não refutam ou se diferenciam radicalmente das que analisei, apenas não possuem questões chaves que permitiriam uma análise profunda, que é o objetivo da pesquisa em representações cotidianas.

As cinco entrevistadas são todas do estado de Goiás, sendo duas da cidade de Uruaçu/GO; duas da Cidade de Goiás/GO e uma da cidade de Anápolis/GO. Já justifiquei acima a razão da escolha de entrevistadas em Goiás e tem o elemento adicional de ser mais acessível e fácil visto que resido em Goiânia/Go. Minha expectativa era, após o início das entrevistas, de fato, entrevistar um número maior de participantes da pesquisa. Contudo, as dificuldades encontradas em campo foram muito grandes. Uma dessas dificuldades foi a de ter acesso às mulheres que vivenciaram situações de tráfico. Apesar de informações e indicações, nem todas foram fáceis de localizar e encontrar além das infinitas negativas (ver Apêndice C). Outra dificuldade que torna a coleta de dados ainda mais difícil é o número daquelas que se dispõe a falar sobre o assunto. A resistência, seja por vergonha, arrependimento ou medo, é grande. De qualquer forma, consegui o número suficiente para o prosseguimento da pesquisa.

3.2 ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DAS ENTREVISTADAS

O ponto de partida de minha pesquisa é o método dialético – já esboçado anteriormente. Desse modo, a partir da contribuição da perspectiva dialética na pesquisa social, irei aprofundar uma análise que envolva todo o referencial teórico. Ele fornecerá os elementos necessários para a compreensão das representações cotidianas, para a compreensão do fenômeno representacional.

A trajetória que empreendi foi a seguinte: realizei a análise preliminar de todas as entrevistas e, após esse procedimento, defini que analisaria profundamente todas as entrevistas interpretativas. Na pesquisa com representações cotidianas é possível analisar profundamente o material coletado nas entrevistas, pois a análise profunda é aquela na qual a entrevista é submetida a uma extensa e detalhada análise por parte do pesquisador⁴⁵, enquanto que a análise geral segue uma linha menos detalhada e de menor extensão, ideal para o caso de muitas entrevistas. Dando continuidade:

A definição de quantas entrevistas serão analisadas profundamente também depende de um conjunto de determinações, e, além de algumas das acima elencadas, o nível de profundidade das respostas, a possível diferenciação nas representações cotidianas dos entrevistados, etc. A análise geral, no entanto, deve ser feita com o conjunto das entrevistas. Se dez pessoas são entrevistadas, é possível escolher duas ou três para análise profunda, sendo que as demais são submetidas à análise geral. Claro que se houver tempo e possibilidade, uma análise profunda de todas as dez seria o ideal, mas geralmente isso é pouco provável, pelo menos no caso de entrevistas vinculadas às instituições como universidades, pois o tempo para as pesquisas é delimitado e cria dificuldade nesse processo. (VIANA, 2015, p. 165-166)

A princípio, resolvi analisar profundamente duas (2) entrevistas e para as demais realizar a análise geral. Depois da análise preliminar, optei por fazer análise profunda em todas as entrevistas, porque, apesar do maior trabalho e tempo gasto, tal procedimento permitiria um resultado mais sólido. Nesse sentido, as entrevistas foram analisadas e, após a análise profunda do conjunto delas, realizei a análise global, observando as semelhanças e diferenças, observando as determinações e os processos existentes, as relações e conexões.

O objetivo da análise global foi o de realizar uma síntese e apresentar uma explicação do conjunto das entrevistas. Essa análise de conjunto permitiu observar as semelhanças e diferenças existentes entre elas, além de contextualizar as entrevistadas. Existe algo de comum em todas as entrevistadas? Que elementos comuns são estes? Isso ajuda a compreender suas representações cotidianas? A situação social e as representações cotidianas são semelhantes? Essas e outras questões ajudaram a reconstituir as representações cotidianas das entrevistadas.

⁴⁵ A análise aprofundada é aquela que, partindo de uma concepção dialética, busca superar a aparência dos fenômenos, o que Kosik denominou “mundo da pseudoconcreticidade”, superando o risco de se ater a interpretativa. Devido sua extensão e número de informações, ela traz elementos que a análise dialética pode utilizar para ir além das falas e superar a aparência, envolvendo as respostas com as outras informações (pessoais, biográficas, semiconscientes e culturais, além das representacionais) e isso em busca de entender os termos usados pelas próprias entrevistadas, do jeito que se pode observar adiante em minha análise.

Num primeiro momento, o foco analítico se concentrou nas relações sociais concretas, nas informações biográficas e pessoais das entrevistadas, inclusive, levando em conta, no momento da análise, possíveis diferenças entre as entrevistas. Num segundo momento, o foco foi a cultura e a mentalidade, com ênfase nos aspectos culturais da região onde nasceram as mulheres que estiveram envolvidas com a experiência de tráfico, na sua formação cultural – num esforço de identificar os valores e aspectos da mentalidade dessas mulheres. Por último, o foco se voltou para as representações cotidianas, com possibilidade de analisar as representações dessas mulheres, por meio de material informativo que oferecesse as condições para se perceber a base dessas representações e, complementarmente, os elementos semiconscientes. Tudo isso possibilitou, enfim, fazer uma análise profunda das percepções das mulheres pesquisadas. Esse foi o caminho percorrido para a realização do processo analítico.

A exposição seguiu uma forma diferenciada. Na exposição da análise, comecei pelas representações cotidianas sobre violência e tráfico, e depois passei para as demais fases, visando explicar e reconstituir o todo, especialmente na análise global, realizada após a análise particular de todas as entrevistas. A exposição das informações semiconscientes e, depois, das informações culturais, foram sucedidas pelas informações pessoais e biográficas. Isso permitiu uma visão geral das entrevistas e auxiliou na análise global de seu conjunto. Dessa forma, há o ganho de mais liberdade interpretativa no sentido de já ter exposto as representações cotidianas das entrevistadas.

O processo analítico tem diferenças em cada caso individual. Algumas entrevistadas falam mais, se expõem mais, são mais detalhistas e expansivas. Outras são mais sintéticas, táticas, monossilábicas. Além disso, ao trabalhar com entrevista interpretativa, tive a liberdade de sair do roteiro e solicitar mais informações, incluindo explicações sobre o que não ficou claro, insistir no assunto, em caso de desvio, tentar informações complementares para compreender o que foi dito⁴⁶, entre outras possibilidades. Inclusive, cometi erros e fiz o que não deveria fazer como entrar em assunto não necessário, devido à curiosidade, ao envolvimento com o assunto ou à distração.

Da mesma forma, as primeiras entrevistas realizadas não estavam totalmente de acordo com a estrutura de uma entrevista interpretativa e, por isso, não foram objetos de análise, o que foi mais um limite das estratégias iniciais. Isso sem falar em interferências

⁴⁶ Exemplo: quando uma entrevistada que falou que era constrangida a beber “botelho” e eu tive que perguntar do que se tratava.

externas – ruídos e falas paralelas, já que nem sempre, no momento da realização da entrevista, eu contava com o total isolamento da entrevistada. Era, inclusive, muito comum a interrupção momentânea da entrevista por interferência de parentes, principalmente. Por isso, a realidade concreta de uma entrevista é o “resultado de múltiplas determinações”.

3.3 AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DE NOÊMIA⁴⁷

Noêmia esteve fora do Brasil para exercer a prestação de serviços sexuais no período que compreendeu o ano de 1999 a 2007. Ela afirmou que retornará a exercer a profissão por lá. Noêmia desenvolveu, em sua entrevista, algumas falas importantes para compreender suas representações cotidianas da violência relacionada ao tráfico de mulheres, a partir de sua experiência pessoal. É um pressuposto da pesquisa em representações cotidianas que a entrevista é uma forma de comunicação, uma relação social entre dois indivíduos nos quais as falas possuem significados nem sempre compreensíveis e acessíveis. Por isso, uma das primeiras questões que a entrevista apresenta é sobre o que a entrevistada entende por violência, já que o que eu visava era as suas representações sobre violência e as respostas precisam ser compreendidas nos termos de quem as fornece. Eis a resposta:

Violência pode ser em termos de gritar pode ser em termos de falar e pode ser em termos de constrangimento.

Eu deveria ter insistido para obter mais elementos, mas o envolvimento no ato da entrevista e o contexto acabaram não gerando isso. Isso se somou aos fortes ruídos externos que vinham da rua de moradia da entrevistada. No entanto, a resposta é passível de análise no sentido de ter uma noção do que a entrevistada entende por violência. Gritar é considerado um ato de violência, bem como “falar”, o que só pode significar falar coisas ofensivas, desagradáveis, mentiras e coisas semelhantes. O “constrangimento” também.

A palavra “constrangimento” tem diversos significados, entre os quais: ação ou efeito de constranger ou de se constranger; violência física ou moral exercida contra alguém; coação; circunstância vergonhosa; situação de completo embaraço; vexame; demonstração de timidez. Essas definições, que podem ser vistas em dicionários, ajudou a

⁴⁷ Os nomes reais das entrevistadas foram substituídos por nomes fictícios, visando preservar a sua privacidade.

entender a resposta. Noêmia entende por violência os atos de agressão verbal, formal (grito) ou de conteúdo (mentira, ofensas) e constrangimento (provavelmente, pelo significado mais simples da palavra, coação).

Desta forma, Noêmia apresenta uma concepção de violência próxima a que utilizo (relação social de imposição), que seria a parte do constrangimento (coação) acrescentando a agressão verbal que tende, também, a ser imposição, logo, violência. Quando indaguei se o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual é uma forma de violência, ela respondeu:

Sim, e violência séria porque você tira do outro a liberdade de escolha, entende?

Noêmia afirma que o tráfico é uma forma de violência e acrescenta um elemento de gravidade, “violência **séria**”, ou seja, mais grave que outras formas de violência. O tráfico retira a “liberdade de escolha”. Essa é uma concepção de liberdade típica do liberalismo. O indivíduo deve ter liberdade de escolha e atentar contra isso, segundo Noêmia, é violência.

Totalmente contra, não acho justo. Desonesto e eu acho que cada um tem a escolha, né? E a liberdade da escolha tem que trazer experiência boa, né?

Aqui a violência se alia com injustiça e desonestidade. A liberdade de escolha de cada um é agredida e isso é visto como violência. As afirmações revelam claramente a posição de Noêmia a respeito do tráfico de mulheres, é uma forma de violência contra as mulheres traficadas. Ela afirma, no entanto, que a ida para o exterior visando retorno financeiro através de serviços sexuais vale a pena “se você é livre”, ou seja, por ser livre e de espontânea vontade. Nesse caso, haveria liberdade de escolha. Aqui temos novamente o critério principal, a liberdade de escolha. Assim, temos a oposição: tráfico de mulheres é violência pela falta de liberdade de escolha, ida para o exterior por vontade própria não é violência, pois funciona o princípio da liberdade de escolha.

A questão que surge a partir do exposto é: existe realmente liberdade de escolha no segundo caso? Há violência no sentido estrito, tanto no caso da agressão física, quanto a que ocorre nos contatos pessoais e sociais diretos – que manifestam violência havendo gritos, falas indesejadas, constrangimento. Portanto, o entendimento de violência de

Noêmia é semelhante ao que apresentei na discussão teórica sobre este conceito e, por isso, afirmei que eles são próximos. Mas não são iguais. A distinção começa a ser percebida no caso em que a compreensão da violência, no sentido sociológico, é mais profunda. O conceito de violência que utilizo vai além das formas diretas de imposição, como a forma direta expressada na agressão física ou na agressão verbal. E note-se que esta última foi citada por Noêmia ao colocar a questão do gritar e do falar.

As violências cultural, laboral, entre outras, podem ser indiretas. A violência existente no processo de trabalho na sociedade moderna, aparentemente, não é violência. Ora, se o trabalho alienado é imposto (MARX, 1983), então ele é, em si mesmo, uma forma de violência. Noêmia, ao ter uma definição mais restrita de violência e não compreender certas relações sociais como violentas, acaba colocando que o tráfico é violento, mas a ida voluntária não. No entanto, a razão de sua ida mostra uma violência que ela mesma não percebe:

No caso foi eu e minha irmã pra conseguir uma vida melhor e a gente era muito honesta trabalhadora. Eu vi que meus pais lutavam muito e minha mãe era lavadeira de roupa e o que ela e o meu pai ganhava não dava pro mínimo. Eles sofriam muito tadinhos. E eles eram muito bom pra gente e dava o pão de cada dia com muito suor. E foi isso que levou a gente ir.

Noêmia revela as condições sociais em que vivia: pobreza, sofrimento. Essa foi a mola propulsora de ter “escolhido” ir prestar serviços sexuais no exterior. Na concepção de violência de Noêmia, isso não seria violência, já que o constrangimento não foi direto. O constrangimento existiu: foi indireto. A pobreza e o sofrimento, por um lado, o desejo de uma “vida melhor”, por outro, são as determinações desse processo. Caso Noêmia tivesse uma concepção mais ampla de violência, certamente concordaria que a venda voluntária de serviços sexuais, no exterior, também é uma forma de violência. Isso é reforçado pela posição de Noêmia a respeito de sua situação no exterior:

Não, em nenhuma situação [se sentiu explorada]. A maioria das meninas sim. O programa era 50 e a gente ganhava a metade e elas era matadas e agredidas. E trabalhei lá um mês pra ir pra Suíça igual eu te falei pra fazer fronteira e quando eu tava lá eu tinha que trabalhar. Eu não sei porquê, mas eu tive uma sorte e fui para a Suíça e lá a gente era menos explorada. Eu ia diminuindo os flats porque lá era muita

exploração. A maioria em Londres era explorada igual na Espanha e eu fui menos lá.

A afirmação de Noêmia é contraditória, pois primeiro afirma que não foi “explorada” e depois afirma que as outras foram e termina dizendo que “fui menos”. Claro que eu perguntei o que ela entendia por exploração, mas isso não foi possível no momento da entrevista devido a ruídos de motores de carro vindos da rua de sua residência. De qualquer forma, exploração é algo negativo, em qualquer sentido da palavra e, assim, isso se soma ao conjunto de experiências de Noêmia. Apesar da “exploração”, que pela fala de Noêmia tem um sentido financeiro, ela conseguiu construir, com o ganho no exterior, uma casa para os pais e sua irmã, que também fez o mesmo trajeto, e conseguiu sua casa própria. Um olhar em outro trecho revela a situação de outras mulheres e da própria Noêmia:

Oh, eu acho tinha na minha visão no hoje a gente tinha que aceitá, cê entendeu? Mesmo sem documento. Fala olha: você tão livre, mas aqui a gente tem a norma que é a seguinte, você vai na imigração você vai pagar uma taxa, você entendeu? Num digo imposto porque se a gente for pagar imposto com a moeda de lá não vale, porque não vai trazer nada de retorno! Eles falam: oh, vocês podem trabalhar, vocês são livres desde que não faça nada de errado no nosso país, e vocês pagam a taxa e estão livres, né? Então eu acho que eles mesmo constroem muitas pessoas que chegam e são mal recebidas. Porque estão sem documentação e eu mesma trabalhei para uma mulher sem documento, entendeu? Aí eles acabam levando vantagem porque a gente tá sem documento.

Aqui o uso da palavra “constrangem”, presente na definição de violência de Noêmia, bem como a ideia de vantagem, acaba mostrando que a situação das mulheres que vão voluntariamente para o exterior também é marcada pela violência. Sendo assim, questiona-se: Noêmia não reconhece isso conscientemente? Ou será que ela realmente recusa o caráter violento do processo de prestação de serviços sexuais no exterior? Quando perguntei se se considerava vítima de violência, disse que “não! Não porque igual e te falei eu ficava mudando de flat e isso me garantia mais, sabe?” Isso, sem dúvida,

entra em contradição com sua definição de violência⁴⁸. Mas quando perguntei se teve que fazer algo contra a vontade ou imposição de algo, respondeu “não”⁴⁹.

Em uma parte da entrevista, retirei um trecho de um texto em que descreve a situação de mulheres no exterior submetidas à exploração sexual em bordéis⁵⁰, e perguntei se havia semelhanças entres estes lugares e o que Noêmia frequentou e ela confirmou:

Vigiada, sim! Tinha cães e vigilantes e eles sempre ameaçava quem queria sair, sabe?

Nesse caso, a liberdade de escolha, a não violência e falta de constrangimento me parece muito distante dessa realidade que ela descreve. Assim, é preciso mais elementos para uma interpretação mais conclusiva. Para entender isso foi necessário lançar mão das informações semiconscientes, biográficas e outras que retirei de outras partes da entrevista.

Um elemento que utilizei para conseguir informações que são denominadas “semiconscientes”⁵¹ é o uso de sonhos, histórias, narrativas, ficções, entre outros recursos, que não tratam do tema em questão, mas permitem perguntas que ajudam a perceber os reais sentimentos e as concepções das entrevistadas. Geralmente, no nível das perguntas diretas, o que ocorre é a resposta fundada na opinião própria ou dominante no grupo do qual faz parte ou na sociedade, também por determinados motivos, como já foi dito, como o medo, a pressão externa, a vergonha, entre outros, pode haver desvio da verdade ou do que se realmente pensa, entre outras possibilidades.

⁴⁸ Outra possibilidade é que aqui, nesse momento, entendeu como violência apenas agressão física, o que transparece na afirmação “ficava mudando de flat e isso me garantia mais”.

⁴⁹ Os dois termos não tinham sido ainda usados e por isso seria necessário saber o que ela entendeu das perguntas, o que me passou despercebido na hora da entrevista. A resposta rápida e monossilábica, no entanto, também não fornece muitos elementos para análise, a não ser que em perguntas mais objetivas ela recusa a existência do que eu defino como violência (e mesmo ela, contraditoriamente).

⁵⁰ “Alguns bordéis legais de Nevada e do Novo México, nos Estados Unidos, possuem espaços gradeados, cães, vigilantes, como se não passassem de um universo carcerário onde as pessoas prostituídas estão em situação de detenção ou de escravidão. Em Hamburgo, o acesso a certos espaços reservados à prostituição são fechados por barreiras. Em Istambul, a entrada das [casas noturnas] é vigiada. Em Calcutá, pessoas prostituídas são soltas de uma jaula para divertir turistas sexuais. O proprietário de uma boate, no nordeste da Bósnia, instalou-se em meio a campos minados que têm uma única via de acesso. Não é possível a evasão. Vigilantes também espreitam as saídas” (POULIN, 2005).

⁵¹ “O conjunto de informações que se busca na entrevista interpretativa é acessado não somente através de questões diretas, mas também de outros elementos complementares. Esses elementos complementares são informações semiconscientes, pois os entrevistados tendem a respondê-las de forma mais livre e sem reflexões e precauções a respeito de sua real posição sobre o assunto” (VIANA, 2015, p.118).

Assim, apresentei a situação ficcional 01⁵² e formulei algumas questões em torno dela. Perguntei a Noêmia se achava que Débora era vítima de alguma forma de violência e ela afirmou que “é vítima sim” e que o pai e o patrão exerciam a violência⁵³.

Ah, primeiro eu acho que é um cárcere privado. Enquanto ela tem que tá ali e tem fazer aquelas coisas no serviço pra ele não demitir ela. É praticamente uma coisa obrigada, né? E o pai também mantém ela em cárcere também, né? E nesse caso tá obrigando a ela fazer as coisa, né?

Aqui há privação de liberdade (que é manifestada pela expressão “cárcere privado”) e o constrangimento no trabalho. Essa avaliação serve para avançarmos na compreensão das representações cotidianas de Noêmia. O pai exerce violência por privar Débora de liberdade e o patrão também. Contudo, a situação de Débora nos dois lugares é distinta. No caso do pai, o constrangimento envolve diversas outras questões como as familiares, as questões de sobrevivência. No caso do patrão, principalmente a sobrevivência e a necessidade de trabalhar para conseguir dinheiro. É de notar a semelhança entre essa situação e a das mulheres que prestam serviço sexual nos clubes que Noêmia frequentou. Esse é mais um elemento que aponta para o fato de que Noêmia caracterizaria como violência esse processo, mas recusa-se a fazê-lo em alguns momentos.

Apresentei para ela a situação ficcional 02⁵⁴ e questionei sobre o que ela achava da atitude de Joana. A resposta foi a seguinte:

⁵² “Débora trabalhava numa loja de brinquedos como vendedora. Ela trabalhava cinco dias por semana, oito horas por dia. O patrão era muito rígido e ameaçava demitir qualquer funcionário que faltasse mesmo que fosse apenas um dia e com justificativa - até mesmo se fosse por motivo de doença. Ela tinha que fazer todo o trabalho de vendas e também de reposição de mercadorias, remarcação de preços e até serviço de limpeza. Ela tinha que usar uniforme da loja, atender diversas exigências... Quando voltava para casa, pela noite, tinha que fazer tudo que seu pai ordenava: arrumar a casa, fazer comida, passar roupa, entre outras coisas. Ele não a deixava sair de casa além de ir para o emprego, nem nos finais de semana. Débora não podia assistir televisão e, ter qualquer outro lazer. Um dia ela pediu para ir à Igreja e o pai não deixou. Ficava com o dinheiro dela e só lhe passava o necessário para ela trabalhar”.

⁵³ O termo vítima tem sua origem em *victimia* e *victus*, termos do latim, que significa vencido, dominado. O sentido comum da palavra é variado, mas o mais comum é que uma vítima é alguém que sofreu alguma injustiça ou violência. No caso da minha entrevista, o termo foi usado nesse sentido comum, que, por sua vez, a entrevistada também compartilhava. Isso era perceptível pela sua própria resposta.

⁵⁴ “Joana, uma jovem mãe moradora da periferia de uma grande cidade, estava em casa, com sua filha chorando com fome, e ela dizia: “Mamãe vai arrumar algo para a gente comer”. De repente, um homem bate na porta e ela atende. Conversa com ele alguns minutos e nervosa volta e arruma suas coisas e entrega a criança para a vizinha, que é sua prima. A criança continua chorando, agora por causa dela. Muitos anos depois, quando a criança já é adulta, conversa com sua mãe e esta diz que naquele dia foi para outro país, por vontade própria, para conseguir dinheiro e para isso se prostituiu, mas que não se arrependia e faria tudo outra vez pela sua filha, para dar comida e conforto para ela”.

Eu acho isso muito injusto entre aspas... Bom, porque a partir do momento que você deixa um filho seu – igual no meu caso, eu deixei com meus pais – muito justo porque meu pai e minha mãe cuidou bem dela e até hoje cuida melhor do que eu, desde que a prima dela cuide bem é justo. É igual eu falo a partir do momento que a prima dela cuidasse direitinho e vai ter segurança aí eu acho justo. Mas, sabe na realidade você deixar um filho seu pra mim já é injusto, eu já deixei minha filha pra ir para Miami, mas é injusto, sabe?

Noêmia coloca duas questões, é justa a atitude de Joana, é justo deixar o filho com a prima, desde que essa cuidasse direito, como os pais dela mesma fizeram e é injusto ter que deixar o filho ou filha. Aqui há um processo de justificação de sua atitude – deixar o filho com os pais – ao dizer que é “justo”, sob a condição de cuidarem bem da criança, e uma consideração sobre a injustiça que é a situação: ter que deixar para trás a própria filha. Esse último aspecto não se apresenta como “violência” ou “constrangimento”.

Perguntei o que ela achava que Joana havia sentido em sua partida e a resposta foi “tristeza, só tristeza”. A resposta pode ser considerada sob duas formas: a conclusão sobre tristeza é empatia ou resposta por experiência própria. Mesmo no primeiro caso, para sentir empatia é necessário o mínimo de experiência a respeito. Noêmia também afirma que Joana é sincera ao colocar seu arrependimento. Isso é reforçado ao responder sobre o que sentiria estando no lugar de Joana:

Eu sentiria a mesma coisa, entendeu? Com o coração partido, ao entrar no avião você vai chorando o Oceano Atlântico até chegar lá, entendeu?

Essa resposta é mais sobre Noêmia do que sobre Joana, pois “ao entrar no avião você vai chorando” é revelador e destoante da narrativa ficcional. Na outra pergunta sobre situação ficcional, no caso da novela *Salve Jorge*, que tematiza a questão do tráfico e exploração sexual de mulheres, Noêmia responde sobre os sentimentos que a novela *Salve Jorge* despertou nela:

Oh, pra te falar a verdade pra mim sentimento nenhum - mas pras meninas que viveram isso que foram presas e que sumiam do nada que foram e eram realmente de clubes e sumiam e que teve que se drogar e geralmente pessoas que não que aí é dose e às vezes até pessoas que não querem porque lá tem muito colombiano e tem nacionalidades muito fria, muito ruim e, as pessoas são muito frias, muito frias –

você nem imagina! Tem nacionalidade lá igual os paquistaneses, igual os árabes eles não se envolvem são pessoas totalmente frias pra eles chegar aqui e tocar seu corpo ou te matar é a mesma coisa, é indiferente. Aliás, talvez eles te olham por causa de um cachorro. Porque eu já conheci europeu que acha mais importante criar um cachorrim.

Noêmia se desvincula de sua resposta “pra mim sentimento nenhum” e depois diz que para as meninas deveria ser problema e explica isso através de nacionalidades, colocando que: colombianos, paquistaneses e árabes são “frios”, “pessoas totalmente frias”, o que revela preconceito, promovido, certamente, por “generalização afetiva” desenvolvida por Lobrot (1977) no livro *A favor ou contra a autoridade*. Só é possível essa generalização afetiva, ou essa percepção dos colombianos, paquistaneses e árabes, visto como “pessoas totalmente frias”, por experiência, o que significa que, apesar da tentativa de se desvincular da situação, ela revela o seu sentimento a respeito. A pergunta seguinte é sobre se o dinheiro é a coisa mais importante que existe e Noêmia responde:

Oh, no caso das meninas cê entendeu? De muitas das meninas que eu cheguei a conhecer que eu cheguei a conviver é... não no caso [da Novela – MAP], elas foram enganadas e foram assim querendo uma vida melhor entendeu? Mas não partindo para esse mundo e passar aquilo que muitas passaram porque foram enganadas

Ou seja, no caso de algumas mulheres que vão apenas para ganhar dinheiro, sim, mas no caso de outras, as enganadas, não. A pergunta, no entanto, era sobre o que ela achava e assim a resposta ficou vaga. A pergunta seguinte era se valia a pena se sacrificar por causa de dinheiro e ela afirma que “não, de jeito nenhum, e nessa situação não vale mesmo”. A recusa da situação é uma referência à novela. De qualquer forma, afirmou “de jeito nenhum”. A pergunta posterior era sobre o que é mais importante: a liberdade ou o conforto? E Noêmia responde que é a liberdade. Indaguei o motivo e ela respondeu “porque é a liberdade, entendeu?”.

As informações semiconscientes trazem novos elementos para o entendimento das representações cotidianas de Noêmia. Há uma incoerência entre as afirmativas. Ela, ao mesmo tempo, tenta justificar suas opções e distingui-las dos demais casos – das mulheres

que são ludibriadas e vivem em semiescravidão⁵⁵. As representações cotidianas de Noêmia são contraditórias. Essa contradição precisa ser explicitada e explicada. No caso das representações cotidianas, a contradição ocorre principalmente no caso das classes exploradas. Essa contradição possui elementos de aceitação e negação da realidade existente⁵⁶. No interior das contradições, há uma coerência e esta reside nas convicções de Noêmia. Assim, mais alguns elementos informativos são importantes para avançar na compreensão das representações cotidianas de Noêmia.

Esse processo de contradição pode ser explicado pela força das ideias e valores dominantes, por um lado, e as necessidades e sentimentos dos indivíduos, por outro. Também pode ocorrer por haver valores contraditórios ou pressões externas. Da mesma forma, a mentalidade dominante, a cultura em geral, incluindo o que é repassado pelos meios de comunicação, é outro elemento que pode gerar contradições. Nesse aspecto, as informações culturais ajudam a ter um quadro mais totalizante das representações cotidianas de Noêmia. O primeiro ponto a se destacar, no caso de Noêmia, é sua religiosidade.

Participo da Católica. Tanto é que eu ganhei esse Tercinho aqui duma senhora católica, tá? Ela foi lá em Trindade e me deu, tá? Aí, eu lembrei muito da minha vó porque minha vó era muito católica. A minha fase de criança foi toda Católica e aí depois quando eu já tinha 19 anos... acho que nem isso 16/17 aí minha mãe resolveu ser evangélica. Eu passei a frequentar e gostei. Mas eu conheço a parte Católica e Evangélica também.

Essa adesão à religião católica e simpatia pela evangélica é ligada a influências familiares – destaco a referência à mãe e à avó -, mas não parece remeter aos valores fundamentais de Noêmia. A referência ao “tercinho” para comprovar sua religiosidade mostra justamente a necessidade de convencer que é religiosa. Da mesma forma, Noêmia não demonstra vínculos com concepções ou organizações políticas:

⁵⁵ Entenda-se por “semiescravidão” uma situação na qual há semelhanças com o processo de escravidão tradicional como se observa no escravismo antigo como o da Grécia e Roma. Semelhante também ao escravismo colonial ocorrido no Brasil e Estados Unidos. Na escravidão, o indivíduo é uma propriedade e mercadoria do outro que deve estar ao seu serviço em tempo integral e inserido em relações específicas, além de ser reconhecido moral e juridicamente, não sendo crime ou imoralidade. No caso da semiescravidão, esses últimos aspectos estão ausentes, entre outras diferenças. O fato de ser ilegal dificulta sua reprodução mais ampla e gera outras diferenças.

⁵⁶ Autores que vão trabalhar com a questão dos elementos de negação e aceitação: Antônio Gramsci – Concepção Dialética da História e Willian Reich – O que é consciência de classe. (VIANA, 2008).

Ah, eu não gosto muito de política e esses dias eu paguei até uma multa porque eu não quis ir votar. Foi baratinho e foi só R\$ 7.00. Porque eu pensei assim oh: eu não quero ser culpada de nada, porque eu sabia que a Dilma ia ser uma merda, rrsrs. Ah, e sempre o povo falando assim: ah, ela vai dar bolsa escola. Eu falei assim: gente essa mulher agora no último mandato agora ainda. Aliás, no segundo ela não vai fazer nada mesmo e no primeiro ela até podia fazer alguma coisa mais agora não vai fazer nada e é mais fácil ela tirar da gente.

Noêmia demonstra claramente sua aversão à política, o que é muito comum em certos setores da população, especialmente nas classes exploradas (SCHULTZ; SILVA JÚNIOR, 2015; SILVA, 2011; TELLES, 1987). Assim, não encontramos os valores fundamentais de Noêmia nem na religião e nem na política. Outras respostas ajudam a entender quais são os valores mais caros para Noêmia.

Quando é indagada sobre o que é mais importante para ela, a resposta é “ah, minha família” e, depois dela, “ter estrutura financeira”. Ainda buscando compreender os valores, sentimentos e concepções de Noêmia, lhe perguntei qual era o seu grande sonho: “ter um bom trabalho e casar é importante – mais você aprende que não é [...]”. Nesse momento, sussurrou algo que não foi possível ouvir e apresentou um olhar muito vago. A parte de “ter um bom trabalho” é comum, mas a do “casar é importante” a fez retornar para sua intimidade, mostrando que se trata de algo problemático para ela.

Atentei para o fato de que a entrevistada, quando indagada sobre o número de pessoas que residiam com ela, afirmar *incontinenti* que era casada e, ao declarar quantas pessoas moravam em sua residência apontou somente ela e a filha. Isso sugere que há algo problemático, talvez pelo fato de que ela tenha dificuldade de manter uma relação duradoura, daí a importância da observação relacional, porque permitiu perceber que, ao perguntar sobre o seu grande sonho, ela destacou que casar é importante, mas foi possível identificar que a vida concreta, com suas limitações e dificuldades, a impede de compartilhar tal experiência de maneira tranquila.

Através de outras perguntas, como, por exemplo, quais são os seus ídolos: personagens, artistas, intelectuais ou artistas preferidos, ela responde:

Ah, eu gosto muito de escritores: eu gosto de Paulo Coelho, de Monteiro Lobato. Eu sou muito ligada a Literatura. Tanto é que quando eu estudava Português pra mim era a matéria

que eu só tirava dez. Ah, bota Cristiano Araújo porque falam tanto dele, rsrsrs. Tem tantos! Põe Bruna Marquesine.

Noêmia afirma gostar de literatura, mas sua comprovação através da afirmação de que só “tirava dez” denota certa tentativa de convencer em relação a algo que não é tão certo assim. As expressões “bota” e “põe”, apontam para certa indiferença (“qualquer um”) e os nomes de Cristiano Araújo⁵⁷ e Bruna Marquezine⁵⁸ revelam que sua formação cultural é dependente/condicionada pelos meios de comunicação. Isso é reforçado pela resposta à indagação sobre qual é seu lazer: “Ah, é ter um tempo para assistir uma novela e aí eu tô satisfeita”. A resposta para a questão do “sentido da vida”, é que este sentido é “totalmente ser feliz”, “viver o hoje e não o amanhã e ser feliz”.

A resposta seguinte, sobre o que mais gosta, ajudou a entender sua concepção de felicidade: “ah, eu sou muito caseira, né? Então eu acho que tá em família pra mim é está muito feliz!”. Aqui temos a família como valor fundamental. Ser feliz é estar em família. O vínculo com a religião, como se pode ver na afirmação anterior, é via família. Perguntei sobre o que é necessário para ser feliz, Noêmia responde: “de honestidade, de humildade... de honestidade e de sinceridade”.

Noêmia, ao responder uma pergunta sobre se “considera que qualquer atividade para ganhar dinheiro é válida”, responde afirmativamente com a seguinte ressalva: “Desde que não pode roubar e não mate e não tá passano ninguém prá trás, né?” Isso reforça a percepção de que o dinheiro é um dos principais valores para Noêmia, pois, como ela dizia anteriormente, as coisas mais importantes na vida são a família e a estrutura financeira.

Noêmia respondeu da seguinte forma à pergunta sobre se é suficiente que a pessoa sobreviva ou se seria necessário algo além da satisfação de suas necessidades básicas:

Eu acho que precisa. Precisa, porque muitas das coisas é, por exemplo, uma pessoa mesmo, né eu já paguei aluguel e já fiquei totalmente sem dinheiro pra pagar e acho que todos tem que ter o mínimo pra garantir o sustento da vida e tem coisas que faz a gente sentir mal e não quer dizer que a pessoa é desonesta, entendeu, né? E isso é difícil, é terrível, né? Ficar sem nenhuma condição, entende?

⁵⁷ É um cantor de música sertaneja - falecido ano passado - com relativo sucesso nos meios populares e meios de comunicação.

⁵⁸ Atriz global.

Noêmia não entendeu bem a pergunta e isso me passou despercebido. A resposta acaba sendo inconclusiva para os objetivos, apenas reforça as questões anteriores, no sentido de retomar a questão da honestidade. Sobre como ela vê a situação da mulher na sociedade atual, ela responde com uma palavra: “boa”. Ao indagá-la sobre o que lhe chama atenção em relação à situação da mulher na atualidade, coloca a questão da modernização da mulher e da sua aceitação “em serviço” (trabalho) e reconhecimento de suas capacidades - citando exemplo pessoal. A questão das “profissionais do sexo” lhe aparece, segundo sua resposta, como “normal”. E afirma não ter preconceito:

Por que assim: nem todas, muitas ali, está por precisar realmente. Se eu for colocar prá você: 95%. E 5% que tá ali para se drogar, porque gosta... às vezes por uma revolta familiar fala assim: ah, eu nunca vou voltar para minha casa, às vezes por droga então isso é uma minoria. Entendeu? A maioria está ali porque precisa mesmo!

Nessa resposta, Noêmia consegue perceber o vínculo entre necessidade e prestação de serviços sexuais. Esse vínculo seria de 95%, ou seja, a quase totalidade. O interessante é que é possível identificar na discussão anterior sobre violência que Noêmia não percebe isso como constrangimento e coação, pois não foram forçadas diretamente por ninguém. Escapa os aspectos sociais mais amplos, o que é comum para as representações cotidianas e sua imediatez.

Para conhecer melhor Noêmia e, assim, ter mais elementos para compreender suas representações cotidianas, lhe fiz perguntas que compõem informações pessoais e biográficas. Ela diz que nasceu na Cidade de Goiás e que nunca mudou de lá, a não ser para trabalhar – época em que ficou no exterior – e que sempre morou com seus pais. Afirma que trabalhou como “doméstica” – “ganhava muito menos que salário mínimo”, “não possuía nada mesmo” – e que tem o “segundo grau completo”: hoje seria “ensino médio completo”. Ressalta também que não “deu conta de fazer o curso superior por falta de oportunidade”. Disse que mora atualmente apenas com a filha, estando com 37 anos. Sobre profissão e escolaridade dos pais, respondeu:

Meu pai é vigilante e minha mãe era do lar, né? Não [tinha estudo – MAP] tadinha, ela assinava só o nome – infelizmente eu perdi ela. E o meu pai era vigilante e eu não sei se ele estudou. Meu marido tinha a 4ª série.

Noêmia informa o seguinte sobre suas atividades atuais e renda pessoal e familiar:

Hoje eu tô trabalhando na empresa de indústria de embalagens, né? Mas eu sou secretária. Então, eu tô trabalhando como auxiliar de produção. Na verdade eu trabalho na máquina de produção e eu auxilio no maquinário e um rapaz fica na máquina. Ah, na carteira lá eles falam R\$ 1.200,00, mas a gente recebe R\$980,00 e mais um pouquinho. Esses dias eles tavam trocando de uniforme lá e a gente achou que era até de graça quando foi vê tava R\$25,00 na ficha. É duro, né? Bom, quando meu marido tava empregado ele tava recebendo R\$1.200,00 também, né? Mas, o dele é o que sobrava mesmo, né? Fora os descontos... mais o que está na carteira dele era R\$1.600,00.

Em síntese, Noêmia vem de uma família humilde, das classes exploradas, com nível de renda baixo e baixa escolaridade. A família, ou pelo menos Noêmia, “evoluiu” de sua situação de pertencer aos estratos mais baixos para os mais medianos das classes exploradas. Atualmente é uma operária. Esse quadro ajuda a entender as representações cotidianas de Noêmia e, por isso, tentarei reconstitui-las a partir da síntese interpretativa, apresentada a seguir.

Noêmia afirma que o tráfico internacional de mulheres é expressão de violência, tornando as envolvidas vítimas dele. Por outro lado, ela afirma que a prestação de serviços sexuais no exterior não é violência. Essa última resposta entra em contradição com sua definição de violência e com a descrição da situação das mulheres que estão nessa situação. A descrição aponta para o constrangimento e outros processos que são definidos por ela mesma como violência.

As informações semiconscientes reforçam a interpretação, afinal ela disse que Débora era vítima de violência tanto pelo patrão quanto pelo pai. Débora não teria “liberdade de escolha”? Não poderia escolher abandonar o pai? Sair do emprego? Sem dúvida, é possível responder que tais escolhas alternativas seriam piores e o contexto não permitia. Isso difere da situação das mulheres que prestam serviço sexual no exterior? Não só por sua forma de permanência no lugar, que pela exposição de Noêmia, devido à documentação, ficam dependentes e aceitam maior exploração do que o comum? Assim, Noêmia não consegue vincular violência e prestação de serviços sexuais no exterior por ver sua manifestação apenas direta.

No plano das representações cotidianas, a percepção desse processo não é claro e, por isso, há uma contradição e o não reconhecimento da violência, ao lado de elementos que apontam para a sua existência. Essa contradição se explica por sua submissão às ideias e aos valores dominantes e pela autojustificação, por um lado, e os sentimentos e valores reais, por outro.

3.4 AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DE VIVIAN

Agora coloco em destaque o caso de Vivian que esteve na Europa entre 1997 e 2005. Da mesma forma que realizei no caso de Noêmia, busquei compreender o que ela entendia por violência. A primeira resposta foi “ah, é o fim de tudo”. Ao insistir para ter algo mais preciso, veio a seguinte resposta: “maldade, sei lá... horror. Não pode haver violência”. Aqui é possível perceber que o termo violência é carregado de sentido negativo, mas impreciso, algo como “tudo que é ruim”. Mais precisamente, já que a violência foi relacionada com “maldade”, tudo que alguém faz de ruim para outra pessoa. Esse seria o significado aproximado atribuído por Vivian. Sobre sua opinião a respeito do tráfico de mulheres para fins de exploração sexual, Vivian respondeu:

Porque ... Ah, o ser humano não foi feito prá isso. Para sê escravo sei lá, escravo do sexo, né? O sexo é bom, né? Mas tem que saber, né?

Em sua resposta, esclarece que o ser humano, em sua concepção, não foi feito para ser escravo ou escravo do sexo. E considera que o tráfico é uma forma de violência “sim”. Ao responder a questão que indaga se vale a pena ir para o exterior prestar serviços sexuais, ela diz que “não, não valeu a pena”. Ela explica o motivo disso:

Ah, sei lá é muito triste... Igual eu tô te falando... Ah, assim sabe a noite toda e cê ficar em cima do salto é difícil, né? Você correndo o risco de pegar uma doença, cê correndo o risco – como se diz – de morrer. Não, não valeu a pena mesmo! Porque dinheiro sem amor acho que cê ganhar ele sem senti amor, cê entendeu? Num vale a pena cê tem que ganhar o dinheiro com o seu próprio suor, mas não escravizando para ganhar ele, cê entendeu, né? Sendo escrava, né?

Vivian coloca as dificuldades e problemas nessa situação, desde questão corriqueira, como usar salto alto, os riscos de doença e morte, até a própria situação de “escravidão”. A respeito de sua motivação para ir para a Espanha prestar serviços sexuais, ela responde:

Ah, foi eu ter sido mãe e num ter tido acolhimento, assim dos pais, sabe? E não tinha onde morar e dentro da casa dos pais, os pais sempre jogando só na minha cara: grávida mãe solteira, grávida mãe solteira. E foi devido eu ter ficado grávida mãe solteira e muita cobrança dos pais.

Vivian mostra que a motivação foi a sua situação, marcada pela dependência e cobrança dos pais⁵⁹. Ao lado disso, ela reconhece que “sim”, “tenho vergonha”. Ao questioná-la sobre a razão da vergonha, ela responde “uai, porque todas que foi, foram prá prostituir, e prostituição não é bonito”. Por qual motivo?

Porque o corpo da gente não pode ser vendido, ele não é... a gente ser prostituta é ser considerada como lixo. Uns vem usa o seu depósito e vai jogando seu lixo sabe e Deus não nos fez assim!

Vivian mostra, portanto, vergonha, arrependimento e recusa do seu passado. Também conta seus sentimentos: “Senti medo, medo, tristeza muito... tristeza demais”. Novamente a questioneei sobre as outras mulheres e sobre a situação delas, ao que ela respondeu: “Sempre era o dinheiro, porque estava ganhando muito dinheiro e sempre aquela inveja uma da outra que tava ganhando mais dinheiro”. Essa resposta mostra a vida competitiva e o dinheiro com um valor dominante, reproduzindo os valores dominantes da sociedade capitalista. Vivian complementa sua resposta ao avaliar sua vida e a das outras mulheres no exterior:

Regular... Assim, regular. Não foi ruim não foi ótimo num foi ruim também porque hoje eu sobrevivo disso porque depois eu adoeci e fiquei grávida de novo do primeiro

⁵⁹ Ela conta, em outro momento, a razão para sua ida: “Eu, foi devido, assim, acho porque fiquei grávida e foi uma atitude assim não deu certo, eu casar com o pai da minha menina. Acho que foi essa atitude e a irmã dele tava lá também e veio e me chamou e me contou eu fui ciente do que eu ia fazer e tem umas lá que eu conheci que não foram cientes e isso é muito duído... Todas de Uruçu foram cientes. As que eu conheço foram ciente e todas que eu conheço foram ciente”...

namorado – do pai da Aléxia⁶⁰ e aí eu adoeci e aí eu operei. [o trabalho de outras meninas é] Ruim... Porque eu não faria isso mais se eu voltasse - é ruim. Se eu voltasse eu não faria mais é ruim demais.

Vivian afirma que não era explorada, “mas o dinheiro não paga o que cê tá passando, sabe?”, afirmação que é seguida por risos sem graça. Depois, contraditoriamente, afirma que era explorada pelos donos da casa: “sim... eu atendia 9 a 10 [clientes] e ganhava menos da metade. Cada programa valia uns trezentos – 20.000 pesetas por 20 minutos. São mais ou menos uns trezentos reais por vinte minutos”. Ela afirma, após pergunta se foi vítima e sofreu violência:

Considero sim, porque a Polícia Federal era muito em cima. A gente já foi presa, eu já dormi lá, sabe? Só porque me falaram que não podia entregar o passaporte daí eu não entreguei e como você não tinha documento eles não deportavam a gente porque não sabiam da onde a gente era e aí a gente ficava 72 horas lá com água e um pão duro, sem ver o sol, sem ver nada até soltar. Dentro dum calabouço – lá chama calabouço dentro da cadeia. Não tinha nada, não tinha água, sem luz e água do grifo – da torneira, sabe? O pão era um Bocado um pão seco e água ainda do grifo... lá eles tomam água só engarrafada. Foi uma experiência muito triste...

Aqui Vivian revela a violência sofrida, mas por parte da Polícia Federal. Isso, obviamente, está relacionado ao trabalho que exercia no país, mas não é exatamente a mesma coisa. Mais adiante, ela coloca a imposição a qual era submetida: “Ah, demais – fiz mais... Ah essas coisas que homem tem na cabeça, coisas de mulé com mulé, esse negócio de cocaína. Eu, eu fui conhecer cocaína lá, sabe? Nunca tinha visto droga e eu vi lá”. Ela foi constrangida a atender os caprichos sexuais dos clientes e ao uso de drogas.

Contraditoriamente, ela afirma depois que os clientes não impunham algo e que ninguém a obrigou a fazer nada. Esse foi um erro meu, pois ela já havia respondido, anteriormente, que isso tinha acontecido e a repetição ou insistência na pergunta provavelmente a forçou a recuar. A respeito dos donos da casa e dos encarregados, ela afirma que “foi bom, não foi ruim não!”. Depois reconhece que eles a constrangiam a

⁶⁰ Nome fictício para preservar a identidade da filha da entrevistada.

beber: “bebida sabe? Sempre porque a Botelho era a bebida mais cara... aí tinha que beber muito”. Indaguei sobre o que era “botelho” e ela respondeu:

Garrafa de champanhe mais cara e, aí tinha que beber muito, beber muita bebida e você ganhava na bebida 50% e tinha cliente que pagava R\$3.000,00 numa “botelho”. E aí você ganhava R\$1.500,00. E num reservado – que era o quarto a gente ganhava mais – 70%. Então eles queriam que a gente bebia muito porque eles ganhavam muito...

O objetivo do estabelecimento era o lucro e as mulheres ficavam com a metade do que gerava o programa e, somado a isso, elas eram constrangidas a beber, especialmente as bebidas mais caras, por gerar mais lucro, embora também ganhassem com isso. Esse dado revela que o estabelecimento em questão não tinha como clientes os mais pobres e, sim, indivíduos das classes privilegiadas e isso também explica a questão das drogas e das bebidas serem mais frequentes. Vivian manifesta novamente seu arrependimento de sua ida ao exterior:

Eu acho que eu deveria ter pensado mais, sabe? Assim, tido uma clareza melhor. Pensado mais em mim quando eu tomei essa decisão, sabe? Foi a situação que fez essa decisão, o choque de ser mãe solteira, jovem, ser mãe solteira sem ter nenhum curso superior.

A respeito das outras mulheres que estavam na mesma situação e foram de Uruaçu, ela afirma:

Comigo das que eu conheço foi mais ou menos umas dez... Ia aos pouco. Porque se fosse muito também não passava na alfândega. Elas não tinham dinheiro aqui e aí alguém mandava dinheiro para elas chegarem lá e já ter um.

Eu a indaguei sobre a semelhança entre o local em que ficou e os bordéis descritos por Poulin (2005), ela disse que “sim, existe” semelhança e, ao responder, perguntei se existiam cercas e vigilância, e ela confirmou:

Existe! Porque uma vez eu fui visitar uma na onde que ela tava uma vez que eu trabalhei lá, aí tinha uma menina de Goiânia ou de Anápolis – não sei eu não me recordo de onde ela era. Ela pegou um dinheiro e só sei que a passagem dela foi uns R\$15.000,00 ou R\$20.000,00 que o dono da boate passou pra ela aí ela tava lá e tinha uns seis meis e não tinha movimento na boate e ela não tinha conseguido dinheiro

nenhum para pagar a dívida e o dono ficava forçando ela pra trabalhar, né? Porque ela tava lá coitada presa e num tinha movimento.

Vivian revela o sistema de vigilância existente e que a dívida é a forma como se garante o processo de semiescravidão a qual muitas mulheres estão submetidas. Nas representações cotidianas de Vivian, o tráfico para exploração sexual de mulheres é violência, o que fica claro em suas declarações. No que se refere ao caso da prestação de serviços sexuais no exterior sob as condições já relatadas, ela diz que é violência e que as mulheres são vítimas, mas se refere ao caso da Polícia Federal, deixando inconclusa a sua percepção da situação da mulher no caso da prestação de serviços sexuais.

Na última afirmação, ela deixa entrever que considera que, em certos casos, ocorre violência nesse processo. Da mesma forma, se ela considerar uma relação social de imposição como violência, então consideraria essa prestação de serviços e a forma como ocorre efetivamente, como forma de violência. Para entender melhor as representações cotidianas de Vivian, vou, a partir de agora, usar informações semiconscientes e as demais informações obtidas com a entrevista interpretativa, buscando uma resposta mais conclusiva.

A situação ficcional de Débora (01- apresentada na nota de rodapé nº 50, p. 96) e a pergunta sobre se ela era vítima de alguma forma de violência recebeu a resposta afirmativa de Vivian: “sim, foi. Ela não tinha tempo, ela tava sendo escravizada, né?”. Ela disse que o patrão exercia violência e disse ser “violência corporal, assim do corpo, não sei. Espiritual também, na cabeça dela, né?”. As representações cotidianas de Vivian sobre o caso ficcional de Débora são bem claras em reconhecer a violência exercida sobre ela.

Em relação à situação ficcional de Joana e à pergunta sobre o que pensava de sua atividade, Vivian respondeu que “uai, foi por amor à filha, né? Que levou ela fazer isso. Não é assim, ela quer, acho que foi a situação...”. Por meio da observação, era possível perceber a tristeza sentida por Vivian. A respeito da pergunta sobre o que Joana deve ter sentido com sua partida, ela responde: “ela deve ter sentido remorso, não sei, né?” e depois, ao pedir para repetir a pergunta, concluiu: “tristeza né, tristeza!”. Eu perguntei se Joana era sincera ao dizer que não se arrependeu e Vivian diz “não!” e quando perguntei sobre a razão disso, afirmou: “porque foi um... assim, um ato de situação, que ela tava sem dinheiro, que levou ela a fazer isso, né? E veio... então ela não foi sincera”. Vivian afirma que no lugar de Joana sentiria muita tristeza e no lugar da filha uma “dor imensa”, que seria motivada por “ter ficado longe da mãe. Separação, né?”.

Nesse caso, a situação ficcional de Joana é semelhante à situação de Vivian e a sua ênfase no arrependimento fala mais de si do que de Joana. A tristeza de mãe e filha, entre outros elementos acima, aponta para que a interpretação feita por Vivian seja baseada em suas experiências e sentimentos.

Passei para a situação ficcional da novela *Salve Jorge*. À pergunta sobre quais sentimentos a novela lhe despertou, ela respondeu “alívio” e também “esperança, amor...”. Uma pergunta foi se algum personagem lhe trouxe lembranças ou sentimentos ruins, e a resposta foi a seguinte:

Lembranças, sim. Como é o nome dele – do ator? O principal eu acho que sofreu muito. A muié que fez o tráfico, a vilã. O pessoal da boate lá, o pessoal todinho da boate. É parecido o ambiente e o ambiente é igual... é parecido muito... o ambiente é igual.

Vivian revela aqui a semelhança entre a boate e o ambiente apresentado na novela e a realidade a que teve acesso. Os seus sentimentos ruins foram despertados por todos da boate, o que mostra que a semelhança não é apenas em relação ao ambiente, mas também das relações sociais.

Indaguei se o dinheiro é o que existe de mais importante e ela respondeu: “Não! A Felicidade...”. Com o olhar fixado num ponto da mesa Vívian quase chorou... Afirmou: “você heim... me pegou num dia que tô muito sensível!”. E também afirmou que não vale a pena se sacrificar por causa de dinheiro. A razão disso, na explicação de Vivian, é:

Ah, porque o corpo da gente - é igual eu te falei: é precioso... num vale a pena, porque isso aqui tudo acaba, né?

Também perguntei se ela considera se a liberdade é mais importante do que o conforto ou o contrário e ela respondeu que a liberdade é mais importante. O motivo disso seria o seguinte:

Ah, porque cê ser prisioneiro, cê ficar preso num lugar ali e sem ter conforto e ser preso num é bom... que que dianta eu ter todo conforto do mundo e ser trancada aqui dentro dessa casa, né? Eu num poder sair eu não ver o povo não ver nada eu não ver a luz eu não ver nada, né? Não adianta!

Vivian também revelou um sonho recorrente⁶¹ que possuía:

Tinha muito sonho assim eu sonhava muito. Sonhava que eu sempre tava dirigindo e o carro sempre só ia pra trás. Eu colocava sempre a primeira e o carro só ia de ré... o carro só ia pra trás. Sempre esse sonho... Depois que eu parei de ir nunca tive esse sonho mais. Eu dirigindo... Gente como eu sonhava esse sonho! Nunca mais eu sonhei ele – graças a Deus – aqui no Brasil. O que eu mais gosto é de dirigir e quando eu tava dirigindo colocava primeira e o carro só ia de ré...

Esse sonho recorrente de Vivian revela seus sentimentos em relação à viagem para o exterior com objetivo de prestar serviços sexuais. Ela queria dirigir o carro para frente e “ele ia de ré”, mas o mais importante, já que o sonho, na perspectiva psicanalítica, é um momento em que a censura do ego está enfraquecida, mas ainda existe – senão o sonho seria claro em sua mensagem –, revela algo que não é simplesmente querer ir para frente e ir para trás, o que não precisa ser descartado, mas colocado no contexto: ela começou a ter esse sonho recorrente quando ia viajar para o exterior e quando deixou de fazer isso, o sonho não voltou mais. Logo, a ré significa a viagem para o exterior, contra sua vontade, que se expressava em colocar a primeira marcha, querendo ir para frente. O que isso revela é a resistência não totalmente consciente de Vivian em fazer o que fazia, como suas viagens, mostrando sua recusa e sua angústia por querer se livrar disso e não poder, o que também revela sentimento de impotência. Esse sonho sugere com clareza a presença constante do sofrimento de Vivian gerado por seu trabalho.

Para melhor conhecer Vivian e contribuir com a explicação de suas representações cotidianas, vou abordar agora a questão cultural. Ela, em relação à religiosidade, se diz Católica:

⁶¹ Em psicanálise, “sonho recorrente” é um sonho que se repete e “que possui sempre o mesmo conteúdo” (KLAUTAU; WINOGRAD, 2013, p. 42). Esse exemplo ajuda a compreender o seu significado: “torna-se oportuno lançar mão de um sonho recorrente contado por outro paciente durante uma de nossas sessões: “esse é um sonho que eu sempre tenho e, por causa dele, até parei de comer chiclete. Eu tô mastigando um chiclete e ele vai crescendo, crescendo e vou ficando com um bolo de chiclete grande que vai aumentando e me deixando nervoso, mas se eu cuspir eu perco todos os meus dentes!”. Certa vez, depois de escutar o relato do sonho, a analista disse: “nossa, que agonia! Sempre que escuto você contando este sonho me dá uma angústia, uma sensação de não ter saída. É como se fosse assim: se correr o bicho pega e se ficar o bicho come!”. Após esta intervenção, o paciente disse: “é assim que me sinto! Vivo encurralado. Por isso nunca consigo me decidir. Me sinto paralisado, não consigo sair do lugar. Agora, pensando no motivo, lembro do meu pai gritando comigo depois de eu seguir todas as recomendações da minha mãe. Acho que os dois me confundiam. Eles sempre foram tão diferentes, não sei como casaram. Separaram quando eu tinha um ano. Será que foi por minha causa que eles casaram?” (KLAUTAU; WINOGRAD, 2013, p. 51). Assim, o sonho recorrente é não só repetitivo em forma e conteúdo, mas no que ele expressa: um sentimento que geralmente está ligado a experiências traumáticas.

Católica. Participo da Igreja Católica. É da Renovação Carismática e vou todo dia de segunda a segunda...

A sua religião é a Católica na tendência chamada “Renovação Carismática”, a ala mais conservadora e que mais se aproxima das Igrejas Evangélicas das classes exploradas, por causa de seus cultos e formas de agir. No que se refere à política, ela se manifesta assim:

Da política eu sou desacreditada, é eu não acredito mais. Voto e rezo muito e peço a Deus mais mesmo assim... assim, a gente anda tanto assim, né? Tantas coisas que a gente vê, né? E a gente pensa que vai ser uma coisa e quando a gente vê que é outra. O que leva a gente a desacreditar é esses roubos, né?

Desta forma, ela se afirma desiludida com a política e reafirma uma percepção, cada vez mais, comum em certos setores das classes exploradas: “e a gente pensa que vai ser uma coisa e quando a gente vê que é outra”. O vínculo forte com a religiosidade é acompanhado pelo afastamento da política.

Na sequência, perguntei o que seria mais importante na vida para ela:

Acho que é o amor. O amor à família. Acho que os dois é a base. Eu acho que tudo vem da família. A base, o futuro da humanidade é a família.

Aqui temos uma manifestação do “familismo”, ou seja, a família como valor fundamental⁶². Segundo Machado, “para as classes populares, ou ‘pobres e trabalhadoras’, o valor da família é fundamentalmente instituidor de uma moralidade estabelecida por um conjunto de regras de reciprocidade, obrigações e dádiva” (2001, p. 16). A resposta para a questão seguinte, sobre o grande sonho, reforça a visão do “familismo”:

⁶² O antropólogo Roberto Damatta (1994), retomando Banfield e seu conceito de familismo amoral, aponta para a família como valor fundamental, passando por cima de laços comunitários e ganhando características que desconsidera os preceitos morais, no sentido de excluir a solidariedade/colaboração fora do âmbito familiar, correspondente a sua posição valorativa superior - hierarquicamente falando. Outra concepção de familismo aponta para o significado genérico que se refere a uma crença cada vez mais forte da importância da família (GARZÓN, 1998).

Ah, acho que o meu grande sonho é ver meus filhos assim ter uma profissão, ter uma formação, sabe? Ter um curso superior, com honestidade, tudo com amor... é!

A resposta acima coloca o futuro dos filhos como a questão mais importante. Isso aparece junto com a valorização da profissão e escolarização como um curso superior, unido com “honestidade” e “amor”. Esse conjunto mostra uma mescla de valores tradicionais: família e amor acrescidos de valores mais “modernos”: profissionalização e estudo.

No que se refere aos ídolos como os personagens, artistas e intelectuais, Vivian cita “Fábio Melo. Nossa, ele é tudo de bom!”⁶³. “Tem a Xuxa”⁶⁴, que eu gosto muito, e o cantor, o José de Camargo e Luciano⁶⁵, porque eu gostei muito e eu gosto mais de música assim que fala que evangeliza”. Aqui há uma mescla de elementos da indústria cultural e da religião, pois a música religiosa seja veiculada pelos meios de comunicação de massa. A religião reaparece quando Vivian explica se considera que existe um sentido na vida:

Sim, porque eu acho que a vida é tudo, né? Foi Deus que deu a vida pra gente e nós estamos aqui não é por acaso. Alguma coisa é, né?

Perguntei sobre as coisas que mais gosta, a religião reaparece ao lado do “dirigir” (carro):

Assim... Dirigir eu gosto muito de dirigir. Eu acho bom demais!

Assim também, eu gosto muito de ler... sabe livros assim de história desses autores. Inclusive eu tô lendo a história de Santa Faustina⁶⁶ – O Diário. Fala o Diário de Santa Faustina e ela é polonesa. Deixa eu só pegar para você ver a grossura que é? Foi ela que... ela viu o Jesus da Misericórdia porque tem até o quadro da cela dela. Ela nasceu na Polônia. Ah... isso aqui é tudo pra mim!

⁶³ Fábio de Melo é um padre com sucesso nos meios de comunicação e com músicas religiosas.

⁶⁴ Ex-apresentadora de programa na Rede Globo, atualmente na Rede Record.

⁶⁵ Cantores sertanejos.

⁶⁶ “A Irmã Faustina Kowalska, apóstola da Misericórdia de Deus conhecida em todo o mundo, é considerada pelos teólogos como uma pessoa que faz parte de um grupo de notáveis místicos da Igreja. Nasceu no dia 25 de agosto de 1905, como a terceira dos dez filhos numa pobre mas piedosa família de aldeões, em Glogowiec (Polônia)”. Disponível em <http://www.jesus-misericordioso.com/santa-irma-faustina-biografia.htm>. Acessado em 05/01/2016. No diário de Irmã Faustina é possível ver a mesma visão presente na obra clássica de Dante de Alighiere *A Divina Comédia* que no final da Idade Média apresentava uma visão de inferno, purgatório e paraíso compatível com a crença que perpassou todo aquele período histórico.

Dirigir carro é citado como uma das coisas que mais gosta, além da leitura. No plano da leitura, ela destaca o Diário de Santa Faustina e observa a “grossura que é”, provavelmente num intento de convencer que gosta de ler. Ela fez questão de buscar o Diário de Santa Faustina e selecionou o seguinte trecho, que pediu autorização para ler, o que prontamente aceitei:

[...] vi duas estradas: Uma estrada larga, atapetada de areia e flores, cheia de alegria e de música e de vários prazeres. As pessoas caminhavam por essa estrada dançando e divertindo-se – estavam chegando ao fim, sem se aperceberem disso. E, no final dessa estrada, havia um enorme precipício, ou seja, o abismo do Inferno. Essas almas caíam às cegas na voragem desse abismo; à medida que iam chegando, assim tombavam. E seu número era tão grande que não era possível contá-las. E avistei uma outra estrada, ou antes uma vereda, porque era estreita e cheia de espinhos e de pedras, por onde as pessoas seguiam com lágrimas nos olhos e sofrendo dores diversas. Uns tropeçavam e caíam por cima dessas pedras, mas logo se levantavam e iam adiante. E no final da estrada havia um magnífico jardim, repleto de todos os tipos de felicidade e aí entravam todas essas almas. Já no primeiro momento, esqueciam de seus sofrimentos. (KOWALSKA, 2001, p. 153, trecho lido pela entrevistada)

Vivian apresenta forte religiosidade, com inclinação para a ala mais conservadora da igreja católica que apresenta forte tendência a punir os fiéis quando esses praticam “pecados”. É importante considerar que a escolha da leitura do Diário de Irmã Faustina é reveladora. “Revela” o esforço da jovem senhora em se redimir dos “pecados” do passado. É forte em sua fala a tentativa reiterada de deixar claro que hoje ela considera o corpo como templo sagrado do “espírito santo”. Sobre as coisas que menos gosta e lazer, afirma:

Menos gosto? Ah, é arrumar a casa eu num gosto porque é um trem que você tem que limpar todo dia. Deixa eu ver... acho que só, eu não gosto de arrumar casa mesmo!
Lazer? Sair assim: sair com os meus filhos e sentar sábado assim numa sorveteria. Ir também no rio quando tá muito quente apesar dos rios aqui perto acabou tudo devido esse lago aí. Eu não gosto de ir no lago⁶⁷.

Assim, observei que Vivian é uma pessoa de gosto simples e toda voltada para a família e universo doméstico, tanto no sentido positivo quanto no negativo. Ou seja, seus valores e gostos são comuns nas classes exploradas, incluindo a forte influência da indústria cultural. Indaguei se ela considerava que qualquer atividade para ganhar dinheiro é válida e sua resposta foi “não! Igual a minha, não foi válido”. A pergunta seguinte foi o que era necessário para um indivíduo ser feliz, e ela respondeu: “uai, acho que precisa de uma companhia, né? De uma sabe? Assim, sabe?” E, naquele momento, demonstrou um

⁶⁷ Lago Serra da Mesa, Uruaçu.

olhar vago e tristeza. A respeito de se é necessário algo além da satisfação das necessidades básicas, ela respondeu:

Não, acho que todo mundo deveria ter assim sabe ter aquilo que satisfaz ele. Assim, tem muita gente que não tem onde morar, né? Não tem às vezes nem o que comer e eu penso assim que todo mundo deveria ter, né? O mínimo, né?

Após isso, o que seria essencial? Resposta: “Uai, eu acho que é o amor ao ser humano, ao próximo, sabe?”. Na primeira resposta, a satisfação das necessidades básicas era suficiente e quando eu insisti para saber o que mais, além disso, apontou certo humanismo de caráter religioso – que transparece na expressão “amor ao próximo”.

A respeito da situação da mulher atualmente, ela diz:

Bem, as mulhé... Uai, porque as mulhé hoje trabalham fora, né? Tá muito assim, né? Realmente não são só dona de casa porque as dona de casa num tem valor ela num tem um salário e ela é trabaiaadora como qualquer um. As mulhé estão melhor do que no passado.

Essa resposta é interessante por pontuar a situação da mulher em relação ao trabalho. Ou seja, a mulher não é mais apenas “dona de casa” e sim trabalhadora; ela compara a primeira como “não tendo valor” – socialmente atribuído, provavelmente – e não tem salário, mas a trabalhadora tem salário e valor, como qualquer outra pessoa e isso demonstraria a situação melhor da mulher nos dias de hoje. A respeito das profissionais do sexo, ela responde:

Ah, eu vejo hoje que não vale a pena... Acho que não deveria fazer isso porque têm várias outras profissões. Porque ah... Isso dói na alma. Sei lá, depois... Isso é muito assim... Você se vender. Porque assim... Porque nós somos templo, o corpo da gente é sagrado é templo do espírito santo e então a gente num deve fazer isso porque tem outras profissões. Tem que buscar, tem que tentar, porque isso não vai trazer felicidade mais tarde, entendeu? É muito sofrida e uma profissão muito sofrida, não vale a pena!

Essa resposta reforça a sua recusa da prostituição. Ou seja, a sua recusa pessoal é reforçada por sua recusa racional e, assim, ela acaba generalizado essa recusa para o caso

de todas as mulheres. A justificativa disso se encontra na religião. Afirmar que o “corpo é sagrado”, “templo do espírito santo”, remete a uma concepção religiosa que é reforçada por considerações gerais: “tem outras profissões”; é uma vida “sofrida” e não traz “felicidade mais tarde”.

As informações pessoais e biográficas ajudam a ter um quadro mais global das representações cotidianas de Vivian. Ela informa que é locatária, ou seja, possui casas de aluguel, que comprou com o dinheiro adquirido no exterior. O total de renda que recebe é quatro salários, três provenientes do aluguel e mais a pensão das crianças. A renda familiar é apenas essa, já que os filhos são menores de idade. Ela tem 41 anos e mora com os dois filhos – um menino de 9 anos e uma jovem de 17. A escolaridade dela, segundo sua declaração, é ensino médio completo e a da jovem é ensino médio profissionalizante completo e o menino está no quarto ano do ensino fundamental. Ela possui carro, casa, computador e acesso à internet, propriedades que são as casas de aluguel. A casa própria foi doada pelo pai⁶⁸.

Ela conta que nasceu em outra cidade do interior, ainda menor se transferiu para Uruaçu com dois anos de idade. O motivo principal teria sido, segundo Vivian, a falta de estrutura da cidade⁶⁹, especialmente a falta de escola:

Ah, isso aí tem que ser meus pais, né? Mas acho que porque lá era muito decadente os meninos... a família tava crescendo aí tinha que tê escola.

Ela conta que mora no Loteamento Santana, “Setor Casego”, “é mais conhecido como Setor Casego devido essa caixa d’água”. Também conta que não tinha renda e que seu pai tinha um mercadinho: “eu era estudante e meu pai tocava esse mercadinho aqui e eu tava trabalhano com ele e aí eu fiquei grávida e foi esse tormento todo”. A respeito de escolarização, ela afirma:

Nunca tive dificuldade para aprender e todo ano eu passava de ano. Deve ser mais ou menos uns vinte anos. Aí eu prestei

⁶⁸ “E eu ganhei essa aqui para morar (rsrsrs). Meu pai me deu, pra ficar livre, para me ajudar a estudar a minha filha, sabe?”.

⁶⁹ “Eu nasci no Município de Mara Rosa, mas nós morava mesmo era no Pau Terra”.

“Em divisão territorial datada de 1-VII-1983, o município é constituído de 3 distritos: Uruaçu, Geriaçu e Pau-Terra. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007”. Disponível em:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/goias/uruacu.pdf> Acessado em: 23/04/2016.

vestibular na UEG num passei e aí logo eu fiquei grávida. Foi o primeiro vestibular que teve na UEG... eu lembro como hoje porque eu fiz para Ciências Contábeis.

Os pais, segundo ela, também tinham baixa escolaridade:

Minha mãe é analfabeta e meu pai eu num sei mais ele sabe. Mas o meu pai ele sabe. Sabe ler e escrever... ele nunca teve dificuldade e ele deve ter frequentado pouco a escola. Mas ele estudou e eu acho que ele deve ter terminado, assim, né? Porque ele nunca teve dificuldade.

Em síntese, a sua origem é humilde, seus pais vieram de cidade do interior do norte de Goiás e se instalaram numa cidade um pouco maior, vivendo do pequeno comércio que ela denomina carinhosamente de “mercadinho”. Assim, a origem remete às classes exploradas, com família de baixa escolaridade. Sua situação social melhorou, pois conseguiu uma maior escolarização para os filhos e o aumento da renda média familiar.

Nas representações cotidianas de Vivian, a violência se manifesta no caso do tráfico para exploração sexual de mulheres, o que ela afirma claramente. Essa conclusão já é definitiva. A dúvida que pairou em minha cabeça foi a respeito do caso da prestação de serviços sexuais no exterior, pois, ao mesmo tempo em que ela afirma que é violência, remete ao caso da ação policial e não à situação específica. As informações semiconscientes são bastantes claras. Vivian, ao tratar dos casos ficcionais de Débora e Joana e da novela *Salve Jorge*, durante a entrevista, expressa sentimentos, afirmações, valores, que denotam uma visão extremamente negativa da prostituição e da ida para o exterior para a prestação de serviços sexuais. Ao dizer que Débora foi vítima de violência, acaba deixando isso mais explícito. Da mesma forma, o seu sonho recorrente mostra a recusa em ter que realizar as viagens para o exterior.

As informações pessoais e biográficas ajudam a compreender a posição de Vivian em relação a isso. A motivação de sua ida para o exterior, a qual ela afirma ser 95% necessidade que foi motivada pela pobreza, pela falta de dinheiro e pela falta de oportunidades. Esse é o caso de Vivian, que era mãe solteira e foi pressionada a ir trabalhar no exterior. Além da questão social e das condições precárias de vida, os valores também são importantes para explicar esse processo. As mulheres das classes exploradas geralmente estão envolvidas pelos valores dominantes e esses apontam para a competição, a riqueza, o dinheiro e a ascensão social. A prestação de serviços sexuais no exterior tem

um atrativo a mais que é a ilusão de ganhar muito mais dinheiro do que aqui no Brasil – seja como profissionais do sexo ou outra profissão. A competição é mais visível nos seus casos mais extremos e Vivian cita isso no caso dos clubes no exterior. Outro relato dela ajuda a perceber a forma menos visível desse processo de competição:

Na época que eu fui. Nossa tava demais! Quando a gente ligava lá no envio de dinheiro para passar dinheiro ele falou: “Meu Deus do céu lá na cidade num tem... os home lá tá sofrendo porque lá num tem muié não, viu”. O rapaz que passa o dinheiro pra gente sabe? Aí ele falou, que as mulé - a maioria que tava lá, eu lembro como hoje e por telefone porque eu morava em Palmas Maior [Palma de Mallorca, Espanha – MAP] aí para você mandar o dinheiro é em Madri, aí cê liga e uma pessoa te atende aí eles repassam o dinheiro para o envio para o Brasil... essas coisas. Aí ele falou: “Coitado dos home lá de Uruaçu porque lá não tem muié não, porque as mulé de Uruaçu tá tudo aqui”.

Esse processo tinha outras determinações: a facilidade no caso dessa cidade. Porém, o fato de que ela foi e conseguiu algo, acabou por incentivar outras a fazer o mesmo. Isso é potencializado, principalmente, numa situação de pobreza e de falta de alternativas para as mulheres. É o caso de Vivian, que conseguiu comprar imóveis com as suas economias no exterior. E, mesmo sendo bem sucedida no plano financeiro, ela se arrependeu. O seu arrependimento poderia ser explicado por sua religiosidade, que condena a prostituição, afinal “o corpo é sagrado”, um “templo do espírito santo”. Se a religiosidade explica isso e fosse tão forte, como na época em que Vivian foi para o exterior, ela não teria ido.

Uma explicação mais plausível é que sua religiosidade deve ter ficado mais forte e presente após seu retorno do exterior⁷⁰. O sentimento de culpa provocado pelo arrependimento, geralmente, faz a pessoa buscar se redimir e a religião é uma das formas mais comuns para sua realização. Depois de uma experiência marcada pela coisificação do corpo e pela relação mercantil, a família e a religião se tornam “templos sagrados”, o lugar que abre a possibilidade de recuperar a humanidade perdida.

⁷⁰ A religião se fazia tão presente em sua cotidianidade na época da entrevista que, quando era entrevistada, seu celular tocou e a música do toque dizia: “O que é que sou sem Jesus!... nada! nada!”...

3.5 AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DE ELISABETH

Outra entrevistada foi Elisabeth, que esteve na Europa entre 1999 a 2006. Essa entrevista ficou prejudicada por causa da baixa qualidade do som da gravação e isso não permitiu ouvir algumas respostas, entre as quais a que discorre sobre o significado da violência para Elisabeth. Ela revela sua situação e qual foi a motivação para ir para o exterior:

É igual mais ou menos a historinha da Joana⁷¹: eu tive minha filha e aí não dei certo com o pai dela e, aí foi naquela época que estava indo muita gente mesmo, aí eu pensava, vou... vou ganhar dinheiro e vou comprar uma casa e morar com minha filha e vou ser feliz para sempre... né? Aquela velha história e foi isso que me incentivou! Deixei minha filha com meus pais e ela já estava andando e a Helena ia inteirar 2 anos e quando eu estava em Paris eu inteirei 20... eu sou dia 16 e ela é dia 21 e tudo de outubro... eu tive ela com 17 para 18...⁷²

Assim, a situação é a mesma de grande parte das mulheres que saíram de Uruaçu para o exterior e com o agravante de ter sido mãe precoce. Ela narra a situação das outras meninas:

Lá? Umas eu via assim, parece que gostava daquilo e que era feliz e parece que algumas eram felizes, mas feliz acho que era impossível, mas já estavam habituadas ali... outras não. Às vezes eu via gente mais velha e, às vezes se encontravam pior do que eu. Eu acho que me até encontrava melhor do que algumas – porque no meu caso, nesse lugar que eu fui diretamente foi para Salaméia de La Serena que é Badajós e, então eu fiquei pouco tempo nesse lugar e, aí no caso foi um amigo que foi lá e ia trocar de menina e aí no caso, ele paga lá e aí eles vão e foi nesse outro lugar que eu conheci esse senhor lá de Portugal e foi quando ele pagou tudo e eu fui.... E aí eu fui para outro lugar e eles trocaram de meninas e aí eles pagaram e, eu fui para Dom Benito que era outro clube e eu fiquei saindo com ele [o português], de boa e foi quando ele chegou e pagou todo o resto que eu devia e foi quando eu saí e, aí pronto eu estava livre também e por minha conta!

⁷¹ Refere-se à situação ficcional de Joana, pois na entrevista interpretativa, as questões visando informações semiconscientes são realizadas antes das questões diretamente envolvidas com as representações cotidianas para que o vínculo fique menos explícito e influencie menos as respostas.

⁷² Em outro momento da entrevista, ela complementa estas informações, dizendo como conseguiu recursos para ir e relata como foi a reação de sua família: "... fui com os dólares que eles mandaram, e foi a moça que mora aqui perto e acho que ela ganhava por menina que mandava"; "minha mãe não queria que eu fosse e meu pai disse que eu que sabia..."

Elisabeth coloca a questão da aparência de felicidade, utilizando a palavra “parece” e mostra que é mais uma questão de hábito, pois estariam acomodadas à situação. Ela conta das diferenças de situação entre as meninas e coloca que, em certo sentido, ficou melhor do que algumas outras. O melhor, no entanto, esteve na possibilidade de voltar, graças a um envolvimento com um português. Ela também conta como era alguns aspectos do trabalho:

Eles levavam a gente para uma final de semana para discoteca e a gente ficava dançando e bebendo alguma coisa eles ficavam vigiando a gente e, é assim que a gente atraía os clientes para o Clube e no outro dia o cliente ia para o clube atrás da gente! Dava lucro só para eles, os clientes bebiam e tudo... você conhecia o cara e se o cara gostava ele ia atrás da gente... Era um Clube Salaméia de La Serena - tinha um hotel Del Trajano e em frente tinha uns quartos no fundo e em cima também e os clientes pagavam para ficar com as meninas. E tinha os quartos e a gente trabalhava lá. Eu sentia tristeza, angústia, saudade e sabia que a aquela vidinha ali não era normal.

Isso mostra que era vigiada e controlada, bem como os sentimentos despertados por essa vida, que “não era normal”: tristeza, angústia, saudade⁷³. O processo de entrada de Elisabeth no esquema de viagem ao exterior foi narrado detalhadamente por ela:

Foi aqui oh... ela mora aqui até hoje perto da minha casa... Eu preciso falar o nome dela? Ela... o povo mandava o dinheiro e ela arrumava os passaportes em Goiânia e em menos de 15 dias embarcava e pronto e eu não dava nenhum dinheiro para ela, a gente combinava que ia pagar lá, aí eles traziam dólar e tudo para passar... e pronto! E ela tinha contato com os caras do Clube que eu fui e ela combinava tudo com eles... Rapidão ela parou de fazer isso... Porque minha mãe foi atrás dela porque estava demorando ter notícias minha e ela ficou com medo e minha mãe disse que não queria prejudicar ela porque ninguém obrigou eu ir e que eu tinha ido porque quis, mas você tem que dar conta dela... E ela logo parou de fazer isso porque ficou com medo de alguém fazer alguma coisa com ela... Quando eu fui nois foi em 4. Eu a Lara e que está lá até hoje e já tem um filho... a

⁷³ Em outro momento da entrevista, Elisabeth reafirma parte de seus sentimentos: “Quando fui sentindo muita saudade de meus pais de minha casa eu juntei dinheiro e o pai do meu filho me deu o dinheiro da passagem e ele disse que o meu menino eu não ia levar. Falei com ele por telefone e depois parece que o número mudou. Choro muito pelo meu filho e tenho muito saudade dele e queria um dia ver ele de novo!”.

Sandy de Minas que mora com um Português e a outra é a e que retornou primeiro do que eu e hoje está casada e mora aqui... O passaporte fica realmente com eles e saí daqui pensando que devia só o bilhete e lá fiquei sabendo que devia 400.000 pesetas... Eu fui a mais mole para pagar e não consegui pagar tudo e nem chegou a metade foi na outra casa que o português pagou para mim... Eu nunca consegui mandar dinheiro para minha mãe, só um merreca e a Lara que era esperta mandava para a família um pouco e as outras também não conseguiam. Aqui tem muitas moças que voltaram e conseguiu fazer algumas coisas – mas eu não conheço essas mulheres direito, eu não tenho contato. Ah... e, a Daiane e a Lara continuam lá.

A situação narrada por Elisabeth mostra o processo comum utilizado para o transporte para o exterior. Ela revela atos de violência em várias passagens, compondo violência física, psicológica, laboral. Alguns trechos demonstram isso:

Violência física:

Igual eu te falei já levei empurrão – o encarregado era o Ruan e era ele que batia nas meninas e ele que judiou da Nathaly, a menina que engravidou e eles sumiram com ela. Eu não levava mais empurrões porque eu ficava quietinha e ficava com medo deles.

Violência psicológica:

Sim, tinha muitas meninas lá e muitas brasileiras e a gente tinha que se prostituir e aguentar a pressão dos encarregados. Tinha os camareiros, a cozinheira e tinha um na cadeira de rodas e acho que ele era uns dos donos, ele vinha de vez em quando e acho que ele o Meneses eram um dos donos.... Às vezes, eu sonhava muito e acordava assustada e acordava com um homem gritando e falava assim: vamos, vamos... Os outros gritando e sacudindo a gente e a gente era pressionada e, às vezes, eu sonhava com isso.

Violência laboral:

Só os donos da casa e ganhavam muito nas nossas costas. Eu ganhava 35 e cinco era da sala – eu pagava a casa de 20 e não sobrava nada para mim. Eu fui muito iludida e a mulher

dizia que todas as moças que iam se dava bem. Eu ganhei com tudo isso muito pouco – ganhei roupas e botas que até hoje eu tenho e só.

Elisabeth revela sua percepção das possíveis “vantagens” de ter ido para o exterior prestar serviços sexuais⁷⁴:

Eu vou te falar eu não conseguia me prostituir... Porque depois logo eu fui e cheguei em Portugal e morei junto com o rapaz que falei e depois voltei para Espanha e só depois conheci o pai do meu menino e fiquei com ele. Eu vou te falar eu não conseguia me prostituir... Eu tenho um livro de família e esse livro fica com minha mãe eu não tenho coragem de ver. Depois que eu fui morar com o pai do meu filho é que conseguia mandar um pouquinho de dinheiro pra minha família e ele era muito bom para mim e ele me ajudou muito e era muito mais velho do que eu e hoje ele deve tá gagá! Era muito carinhoso com o Alerrandro, o meu filho que tive com ele.

A narrativa acima mostra as dificuldades de Elisabeth, bem como seu arrependimento. Mostra também o seu conflito interior e o sentimento de vergonha. Esse sentimento é explicitado quando afirma que “tenho um livro de família”, certamente se referindo a um álbum de fotografias de família, e que “eu não tenho coragem de ver”. A vergonha se apresenta na dificuldade em ver tais fotografias da família. Elisabeth afirma também que “não faria isso novamente” e enfatiza: “nunca mesmo”, afinal “eu perdi muito e deixei o outro [refere-se ao filho que deixou em Portugal – MAP] para trás”. Ela conclui: “eu perdi muito e jamais faria isso de novo”. A forma como ela via sua estadia nos dois países – Portugal e Espanha – pode ser assim resumida:

Ruim foi quase tudo e bom, bom só o meu filho e de resto tudo foi ruim. Quando eu saía todo mundo ficava com o olho em você e, eu quase não saía e nunca fui maltratada pelos clientes. Fui maltratada pela camareira, pelos encarregados e era muito xingada por eles⁷⁵.

⁷⁴ Antes ela havia dito que tinha consciência do que iria fazer no exterior: “Sim, sabia que ia me prostituir”.

⁷⁵ Elisabeth resumiu sua passagem pelo exterior: “Eu nasci em 16/10/1980, e em 1999 eu fui para a Espanha e completei 20 em Paris. Fui em 15/10/1999 para a Espanha... eu fui com 19 anos (incompletos). De 2001 a 2006 eu fiquei fora da prostituição e andando entre Portugal e Espanha. Eu mudei de clube algumas vezes e minha amiga me chamou para eu dividir um apartamento com ela e outras amigas... e eu trabalhei mais um tempo na prostituição e depois conheci esse português que era muito mais velho do que eu e fui morar com ele. Ele era muito bom para mim e sempre que eu ajudava ele na oficina, limpando lá, ele me dava dinheiro e eu podia mandar um pouco para a minha mãe, mas era muito pouco. Fiquei grávida dele e o meu parto foi cesariana e a bolsa foi estourada com tipo um ferro... sofri muito. Antes de ir morar com esse português eu fui presa e, logo

O consumo de álcool, segundo Elisabeth, era praticamente forçado e a pressão para o aumento das vendas de bebidas era sempre acompanhado de muita vigilância:

Eu bebia para ver se passava aquela coisa ruim, e bebia muito uísque e a gente tinha que beber com o cliente e o encarregado do bar dava uma bebida sem álcool quando a gente assinalava que não aguentava mais. E a gente tinha que fazer o cliente beber muito e às vezes era difícil fazer isso e eles ficavam vigiando para ver se a gente estava fazendo tudo direitinho.

Desta forma, por eu ter perdido as respostas diretas sobre a questão da violência, não há afirmação gravada literal de que tenha sido vítima de violência. Sem dúvida, as questões posteriores esclarecem isso explicitamente no caso do tráfico – ida involuntária, mas não no caso das idas voluntárias, como é o caso de Elisabeth. A narrativa de Elisabeth, permeada por sentimentos negativos, muito arrependimento, muita vergonha, e uma sensação de fracasso/malogro por não conseguir enviar dinheiro para a mãe, somado ao tratamento recebido – incluindo, nesse caso, maus tratos de encarregados e camareiras –, aponta para uma visão que certamente qualificaria de violenta as relações estabelecidas em sua estadia na Europa.

As informações semiconscientes poderão nos ajudar a ter uma visão mais conclusiva sobre isso. A respeito da situação ficcional de Joana, ela se manifesta sobre a atitude da personagem:

Errada! Sim, porque deixar igual ela deixou a criança com a prima... fosse assim, a intenção, porque realmente a maioria pensa em ir para ganhar dinheiro para subir de vida, mas como ela estava muito novinha, é igual o meu caso, eu também deixei e acho que minha atitude foi errada...

Ela condena a atitude de Joana, que é igual a dela, mostrando arrependimento e o julgamento moral de que é algo errado. E afirma que a maioria “pensa em ir para ganhar

me soltaram e eles tiravam a foto da gente e a gente assina um bocado de papel e depois eles mandam a foto e tudo da gente para os aeroportos”; “Fazia de cinco a oito programas e eu não conseguia fazer sempre isso, por isso demorei para pagar a dívida, eu fui a que mais demorou eu não conseguia fazer aquilo”.

dinheiro” visando “subir na vida”⁷⁶, o que manifesta uma mentalidade burguesa, permeada por valores dominantes. No fundo, este também seria o caso de Elisabeth, afinal o seu trajeto foi igual. Ela afirma que Joana deve ter sentido falta da filha, “porque, por mais que a pessoa dê carinho, não é a mesma coisa... a mãe é essencial”. Ela discorda da sinceridade de Joana ao dizer que não se arrependeu: “acho que não! Porque eu tenho certeza! O que eu passei lá e o que eu vejo hoje para trás, eu não faria isso jamais!”. A respeito do que sentiria no lugar de Joana, seria “pena... dó”; quando perguntei o que sentiria no lugar da filha:

Falta de carinho, de amor... isso eu tenho certeza que eles sentem e, isso aí é fato... rancor muito rancor... porque hoje eu acho que ela é custosa, hoje ela é muito rebelde... eu tenho certeza que muitas vezes é por causa de minha partida.

Nesse trecho se observa o sentimento de culpa e o arrependimento. Ela percebe na filha rebeldia, rancor e responsabiliza a sua viagem e o abandono da filha por esta situação.

Outro caso é o do posicionamento de Elisabeth a respeito das perguntas sobre a novela *Salve Jorge*. Quando indaguei quais sentimentos a novela despertou nela, ela respondeu:

Assim, igual no caso dela [da personagem Morena – MAP], ali foi diferente do meu caso porque ela foi realmente enganada, foi para trabalhar num café, tudo bem... a reação dela era aquilo mesmo... Igual aquilo que tava sentindo, no meu caso acho que seria - eu que não fui enganada e quando dei de cara com aquilo lá eu assustava e direto. Acho difícil dizer o que eu sentia, sentia incapacidade, não poder fazer nada e tentar conhecer uma pessoa que tira a gente daquele lugar... quase isso mesmo!”.

A resposta de Elisabeth aponta para reconhecer a diferença entre o caso da personagem Morena, que foi enganada, e o dela, que foi “voluntariamente”. Depois de falar da diferença, ela aponta a semelhança: o sentimento de Morena estava adequado à situação e o dela era quase o mesmo e não havia sido enganada. Ela “sentia incapacidade”,

⁷⁶ Os valores burgueses são aqueles produzidos na sociedade burguesa e reproduzidos em toda a sociedade, por serem os valores dominantes. A sociedade capitalista é marcada por uma forte competição social que reforça o desejo de ascensão social, riqueza e poder na maioria das pessoas. A expressão “subir na vida” é uma das formas de manifestação desses valores, em que se busca simultaneamente ascensão social, vencer a competição e a aquisição de posses. Fromm trata isso como o valor do ter contra o valor do ser (FROMM, 1987; MARQUES, 2010; VIANA, 2007).

revelando o que se denomina “sentimento de impotência” diante da realidade vivenciada, já que não podia fazer nada e restava apenas a esperança de tentar conhecer uma pessoa para retirá-la daquele lugar, o que ocorreu efetivamente no caso de Elisabeth. Ela revela que a personagem que ela tinha mais simpatia era justamente a Morena, certamente pela situação semelhante, especialmente no plano sentimental.

Ela acrescenta algumas outras informações sobre suas impressões e comparações da realidade com a ficção da novela global:

Rum... rum... d’eu ver e não aconteceu comigo mais eu vi também... negócio deles bater na cara das meninas, despertou alguma coisa... isso é verdade, verdade! Despertou alguma coisa - não aconteceu comigo, mas eu vi no segundo dia que eu cheguei eles batendo numa moça mais velha de casa e eles batiam nela todos os dias... ela apanhava direto e ela bebia demais e não conseguia ganhar dinheiro e eles pegavam e batiam direto. É, tipo... o horário de descer tem que descer, o negócio de aborto, tinha aborto... muito negócio de agressão e muita agressão dos encarregados e gente pensa que os donos é aqueles mesmo, porque os donos não aparece... eu sofri empurrão do encarregado... às vez que essa menina a Nathaly e ela queria ir embora porque ela tava grávida de 3 meses e ela fez aborto de três meses e nesse aborto ela ficou muito ruim, muito ruim mesmo! Deu infecção e ela ficou muito ruim mesmo e eles levaram ela para outro clube mais longe “Astúria” e ela era brasileira.

Aqui se revela violência física, psicológica, entre outras. Ela acrescenta que “às vezes, você pensa ah vai ser fácil e quando você quer sair você vê que não é fácil... e depois você tenta e quer sair e não vai ser fácil”... Esse é mais um caso de semelhança entre as que são enganadas e as que vão voluntariamente, o retorno é sempre difícil.

Indaguei Elisabeth sobre a questão do dinheiro, envolvido na trama da novela, e se valia a pena se sacrificar por ele. A resposta foi taxativa:

Hoje não! Às vezes eu ganho pouco pelo que faço e trabalho muito, muito mesmo e hoje eu vejo que dinheiro não é o mais importante e naquele tempo eu era mais nova também... se fosse para pensar hoje jamais! O dinheiro não é mais importante... é ter saúde, para trabalhar como for... honestamente e de boa. Dá para viver querendo ou não vai vivendo... não vale a pena sacrificar. Eu acho... assim... porque naquela época que eu fui ainda num era nem Euro

era pesetas... então eu pensava assim, que era rio de dinheiro, era muito fácil... naquela época gente daqui ia e voltava e todo mundo muito cheio e eu pensava que era muito fácil e eu pensava eu consigo... e não foi bem assim e foi, foi difícil demais... Ave Maria, porque lá você não pode escolher quem, nem olhar cara, nem quem, e se tá fedendo, se tá feio, é o que vir.

Essas afirmações mostram, novamente, o arrependimento de Elisabeth, incluindo o reconhecimento que foi um sacrifício por dinheiro, ou seja, que este era forte em sua escala de valores⁷⁷. Na época em que foi, valorizava o dinheiro e isso mudou. Inclusive em sua resposta, novos valores aparecem em contraposição ao dinheiro: saúde, honestidade. Quando indaguei sobre se a liberdade é mais importante do que o conforto ou vice-versa, ela respondeu:

A liberdade, porque o conforto você pode ter o conforto e quê que adianta? Você não pode sair para o lugar que você quer... você não pode ir numa festa, não pode comer o que você quer... então a liberdade é melhor porque você vai onde você quer e você dorme na hora que quer, você faz o quer.

Nesse caso, na escala de valores de Elisabeth, a liberdade está acima do conforto. A liberdade aparece como valor, o conforto aparece como um valor menor. Desse modo, a liberdade aparece ao lado de outros valores que foram apresentados anteriormente – saúde, honestidade, filhos, família – e forma um quando geral.

No que se refere às informações pessoais e biográficas, que permitem uma compreensão mais ampla de Elisabeth e, por conseguinte, de suas representações cotidianas, o que concluí é que ela vem de uma classe explorada, pois tanto ela, na atualidade, quanto sua família de origem possuem renda e escolaridade baixas. Elisabeth tem 32 anos, é atendente em restaurante, tem renda mensal pessoal de R\$500,00 e familiar de R\$1.000,00 – “mil e pouquinho” usando expressão da própria entrevistada –, moram duas pessoas em sua residência, estudou até a sexta série e o companheiro até o “primeiro” ano do ensino médio. Ela não possui casa, carro nem computador e o acesso à internet ocorre, às vezes, pelo telefone ou no trabalho.

⁷⁷ Nas análises sobre valores, alguns autores abordam a questão da “hierarquia de valores” (FRONDIZI, 1993) ou “escala de valores” (VIANA, 2007), que significa um processo no qual os valores são escalonados sendo alguns mais importantes e superiores a outros.

Ela conta que nasceu em Campinaçu/Goiás⁷⁸ e sua família, por causa de sua avó, mudou-se para Uruaçu quando ela tinha apenas 16 dias de vida. Os avós tinham mudado antes e os pais mudaram depois. Ela diz morar na Vila União em Uruaçu e conta sobre seu passado e sua família: “Minha vida era boa, sinto saudades... Minha família era sempre boa comigo e eu tenho contato com eles todos os dias e, tenho uma filha que tem 15 anos que mora com meus pais e nós somos dois irmãos”. A respeito da escolaridade dos pais, diz que “Iiixe... eu não sei... eu sei que minha mãe num chegou a estudar muito não, naquela época e nem meu pai também não estudou muito não. Sei que eles escrevem e fazem contas”.

Infelizmente, como essa entrevista foi anterior às outras, eu falhei ao solicitar as informações culturais – era uma primeira versão do roteiro de entrevista –, que permitiriam aprofundar a percepção dos seus valores, sentimentos e concepções, incluindo os gostos e outros elementos que seriam valiosos para recompor suas representações cotidianas. O quadro geral de sua biografia e situação social aponta para um baixo “capital cultural” (BOURDIEU, 1970) e, dando continuidade, a sua recusa da prostituição se manifesta tanto nos seus sentimentos que descrevi acima quanto nos seus valores, o que mostra certa coerência entre ambos. E essa recusa se torna mais evidente pela resistência em pronunciar a palavra “prostituição”. Todas as vezes que ela se referia à palavra seu tom de voz se tornava quase inaudível e observei que ela tinha forte resistência em até mesmo pronunciar a palavra e a pronunciava sempre sem o “r”. Não foi em apenas um momento da entrevista. Em vários momentos, fazendo referência à prostituição, ela afirmou: “não nasci pra isso”.

A falta de uma definição própria de violência por parte de Elisabeth a impede de afirmar se consideraria ou não ato de violência o tráfico de mulheres ou a ida para o exterior para prestação de serviços sexuais. Pelo que tudo indica, caso ela compartilhasse minha definição de violência, certamente apontaria ambos os casos como sendo atos de violência. Pelas suas observações do tratamento das meninas nos clubes: as que foram voluntariamente sofreram agressão física, verbal, laboral, psicológica. Então, mesmo num

⁷⁸ Em 2012, data em que ocorreu o último censo do Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP – Censo Educacional 2012 a cidade de Campinaçu em Goiás (população de 3.743) contava apenas com 46 docentes que atuavam na rede de ensino pública. Nesse mesmo período, o registro de matrículas era de apenas 570 matrículas sendo que apenas 173 dessas matrículas eram para o Ensino Médio. Destaco esse fato para termos a medida exata de seu pertencimento às “classes culturalmente desfavorecidas” (BOURDIEU, 2001). Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=520465&idtema=117&search=goias|campinaculensino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2012> Acessado em: 28/04/2016.

conceito restrito de violência, seria altamente provável que a definiria assim. Isso são conjecturas por faltar afirmações diretas sobre o assunto.

3.6 AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DE VIOLETA

Violeta esteve na Europa entre 2005 e 2006 e afirma que foi totalmente enganada. Uma pessoa a iludiu com a promessa de que ela mudaria radicalmente sua condição financeira indo trabalhar na Europa. No entanto, essa mesma pessoa não deixou claro para Violeta o que faria no exterior e, ao chegar lá, foi constrangida a fazer o inimaginável. Ela é mais uma das entrevistadas das quais busquei descobrir suas representações cotidianas.

Ao responder minha pergunta sobre o que é violência, ela simplesmente afirma que é “a maior crueldade que existe para mim! Olhe eu. O que me levou realmente foi uma goiana daqui da minha cidade”⁷⁹. A resposta desviou da questão central e acabei, inadvertidamente, distraíndo-me e não voltando à questão⁸⁰. No entanto, ao colocar que violência é “a maior crueldade” e depois dizer que “olhe eu”, significando um nexos com a resposta, e sua conclusão “o que me levou realmente foi uma goiana daqui da minha cidade”, o que quer dizer que é um exemplo de crueldade, logo, de violência. A respeito de sua visão do tráfico de mulheres para fins de exploração sexual, ela afirma:

Ah, eu penso assim que hoje deveria ter uma lei para punir tudo isso. Porque eu te digo uma coisa eu fiz tudo isso para criar minhas filhas que eu sofri muito na minha vida, muito, muito mesmo. Então, assim, eu falava assim: um dia eu vou ter uma casa... Assim, eu nunca tive emprego eu nunca estudei, eu nunca tive um curso então, eu falava assim: meu Deus eu tenho que ter uma coisa e, então quando eu morava de aluguel que o pai de minha filha me deixou fui mãe com 18 - eu sofri muito e morava eu, minha menina mais velha, com a mãe dele. E eu fui muito humilhada depois de separar e sofri muito na casa dos outros e eu pensava eu tenho que ter pelo menos um teto para eu morar porque fui muito humilhada. Aí falei [para a agenciadora – MAP]: eu vou embora e vou conseguir! Mas hoje eu digo não vale a pena

⁷⁹ Ela acrescentou que “fulana” era agenciadora “e inclusive quando a polícia me pegou ela pediu para eu nunca avisar, pra nunca pôr o nome dela no meio - pedia pelo amor de Deus -, e hoje ela é muito amiga minha de Facebook, inclusive hoje eu vejo que tem centenas de meninas da minha cidade que está com ela que está nas fotos na Espanha – quer dizer, eu acho que nunca parou”.

⁸⁰ Isso reforça a percepção de que a entrevista é uma relação social e que nem sempre é o entrevistador que coordena a entrevista, bem como explicita a necessidade de muita atenção do entrevistador para não ficar sem as respostas que são necessárias.

para mim nunca mais. Hoje eu penso se eu arrumar um emprego de um salário eu falo: eu vou sobreviver com ele!

Perguntei para ela se considerava o tráfico uma forma de violência, ela respondeu: “Eu acho que sim”. Quando a indaguei sobre a razão de ser violento, sua resposta foi:

Sabe o que eu acho? Ah, eu não sei te explicar assim. Eu acho que não tem explicação e acho que é uma coisa que nunca acaba, né? E só quem já passou e que teve dentro e muitas vezes, às vezes, as pessoas acham e falam. Os vizinhos e a família fala assim: você foi embora porque quis.

Ela considera o tráfico violento, no entanto, não soube explicar. Ela diz que é “uma coisa que nunca acaba” e dizem que foi embora por vontade própria. Isso deixa transparecer que a violência seria explicada pela falta de vontade própria e pela impossibilidade de sair, já que “nunca acaba”. Isso, no entanto, é apenas uma suposição, pois a resposta não foi clara, mas é muito provável pela fala e pelo contexto.

A entrevistada, quando respondeu à pergunta sobre a razão de sua ida para o exterior, afirma que foi “achando que eu ia crescer, que eu ia ganhar muito dinheiro, né? É aquela coisa que você põe na cabeça: eu vou voltar com casa, carro”. Aqui o dinheiro aparece como valor, acompanhado de outros valores típicos dos extratos mais baixos das classes exploradas como uma boa “casa”, um bom “carro”, pois promoveria, no interior destas, um status superior.

O arrependimento aparece diversas vezes em sua fala. Ele envolve, como citado acima, o afastamento em relação às filhas. Ela diz que não sentiu vergonha, mas que se arrependeu: “Vergonha eu não senti nem um pouquinho. Arrependimento sim”. Abaixo ela explica o motivo do arrependimento:

Por eu ter deixado minhas filhas, porque minhas filhas sofreram sem mim. Minha mãe ficou com elas - mas minha mãe não dava conta e quando eu ligava as pessoas falavam assim: suas filhas estão sofrendo e a minha menina mais velha chorava. E hoje elas falam: mãe a senhora deixou nós quando a gente mais precisava. A minha filha mais velha já casou e já tem filho agora.

Ela também revela outros sentimentos, como o medo (“medo demais”) e ainda fala do isolamento:

Isolamento muito e a gente era assim, muito deixada de lado pelos grandões e as mais velhas de casa, as puxa saco queria contar para o dono o que você estava falando. A gente dividia quarto com quase cinco e sempre tinha uma mais velha pra vigiar o que você estava conversando. E sentia muita tristeza porque eu chorava dia e noite. Não tinha nem vontade de comer. Sabe o que eu sentia na Espanha? Que eu ia morrer lá e que eu não ia mais voltar. E teve horas que eu cheguei a pensar que eu não ia mais ver minhas filhas por que o dia que eu fui eu falei assim... o dia que a polícia abaixou e quando eles abaixaram você olhava assim e tinha quarenta/cinquenta mulheres e quando eles olharam para mim e me chamaram a polícia falou para mim: me acompanhe. Mas eu não sei por que diante de tantas mulheres - nós fomos sete no avião e eles vieram somente em mim. Só para interrogar e eles me levaram para o quarto e eu chorava tanto diante da polícia que tinha um que falava assim: não, não fique nervosa! E tinha um que falava muito bem o português e ele traduzia e falava assim: a gente só quer te ajudar e só seja legal com a gente. A gente só quer sua ajuda. Eles já estavam vigiando a gente do aeroporto e ele me contou.

Afirmou que existia competição entre as meninas: “tinhas as mais queridas, as mais bonitas, as mais caras. E tinha muito isso”. Aqui a competição social se revela, inclusive entre elas e os demais indivíduos relacionados, nas quais as preferências e hierarquização se manifestam constantemente, aparecendo nas expressões “mais”, que é uma comparação, com “queridas”, “caras” (valor financeiro, que denota alguma preferência que aumenta seu valor), “bonitas”. O principal elemento de competição era a beleza. Ela também revela que foi explorada:

Trabalhei muito e o dinheiro não ia para minha mão. Eu tinha que pagar minha comida, eu tinha que pagar para lavar minha roupa. Tudo era dinheiro - tudo era na caneta. Por exemplo, tudo era assim: se eu fosse... Tudo que eu pegava assim: eu vou lavar uma roupa era a máquina eu tinha que pagar a lavadeira, eu fui sem roupa porque eles me falaram que eu ia ganhar. E eu só fazendo a dívida e eu só devendo, devendo a passagem e tudo que eu pegava eles anotavam no caderninho e eu não tinha dinheiro para mandar para minhas filhas e nem para minha mãe e eu não tinha nem um centavo. Por isso eu fui abrigada em outro clube. E quando os policiais falaram para mim que eu estava livre e podia ir para onde quisesse eu comecei a chorar e eu e minha amiga chorando com a mala

pronta e a polícia liberou a gente e essa amiga está lá em Rio Verde e aí meu amigo - o jardineiro - que eu te falei falou assim: não aguento ver vocês chorarem e vou pagar um táxi e vocês vão para um clube assim, assim, assim! Ele deu o táxi e nós fomos para o outro clube, lá o dono é um dominicano e ele deu comida para gente e falou que a gente podia trabalhar. Tudo que vocês fizerem aqui é de vocês e vocês só vão pagar a porcentagem de morar na casa e a comida eu não cobro. Aí eu fui conseguindo juntar um tiquinho e conseguindo pagar minha passagem e mandar dinheiro para minha mãe eu falava mãe compra comida para as meninas e dá isso para as meninas. E ele foi muito bom para gente. Vocês não me devem – eu não trabalho com mulher pagando passagem vocês tem que pagar a porcentagem para viver aqui dentro. Era cinquenta euros.

As afirmações mostram competição e dinheiro como valor, inclusive permeando todas as relações. O dinheiro, como relação concreta, determina e constitui outras formas de relações e de competição social. É através dele que ocorre a subordinação real e, por isso, ele é objeto de conflito, de competição e gerador de valores derivados. Aqui as relações reais, narradas por Violeta, mostram seu impacto na vida cotidiana, nas ações e nas representações de todos os envolvidos.

Violeta confirma, ao responder afirmativamente a indagação sobre se achava que foi vítima e que sofreu violência, disse que “sim” “eu considero”. Ela acrescenta: “Sei lá – aqui diziam que era uma coisa e quando cheguei lá era outra e quando eu tinha que deitar assim com um homem na cama eu falava assim...” e ficou muito angustiada, não completando a frase. Ela descreveu aspectos de sua ida e trabalho:

A menina que me levou falava: vamos para lá e num mês você vai estar com um carrão! Ou seja, chega lá você vai para onde você quer e chegou lá não era tinha duas malas e dois homens que vinham atrás de mim para ouvir o que eu ia dizer para minha mãe. Quando dava seis horas da noite eles falavam: vamos, vamos todo mundo pronta! Vamos! E a gente era obrigada a ficar de langerie e até amanhecer o dia a gente tinha que fazer programas. Trabalha a noite inteira e você tinha o dia inteiro para dormir sem direito de levantar e sem o direito de fazer um barulho para não acordar ninguém, ou seja, eu não dormia e chorava dia e noite. Fiquei com olho na nuca e via aquele tanto de mulher dormindo e eu falava meu Deus eu preciso ir embora.

Contraditoriamente, Violeta diz que “não fiz nada contra minha vontade, mas eu era obrigada a trabalhar a noite inteira”, “não podia rejeitar”. No fundo, ela considerava que o trabalho era aceito por ela e por isso não era imposição⁸¹. Isso contradiz também situações que ela mesma descreve que viveu, como se vê quando apresentei a descrição dos bordéis feita por Poulin (2005) e perguntei se havia caso igual:

A da Espanha era! A da Espanha tinha cachorro em todas as saídas. Porque não tinha telefone. Eu não tinha celular e nem telefone dentro da casa e então, eles levavam as gente na cidade com os seguranças e ficavam vigiando o que você estava falando e, quando você dizia que queria tomar um sol e quando você saía – porque naquela época estava frio -, eles já iam atrás de vocês. E sentavam numa cadeira na sacada e ficavam do lado. E foi assim...

Curiosamente, ela narra que viveu uma situação na qual a imposição é visível:

Olha! Foi na Espanha, nesse primeiro clube que eu cheguei e então, era assim e a partir do momento quando eu cheguei era aquele lugar preso, cheio de seguranças, cheio de cachorros por todo lado. Você sempre vigiada, câmeras para todos os lados até na cozinha quando a gente ia e, às vezes, as pessoas falavam: cuidado com o que vocês falam no banheiro – a gente banhava todo mundo junto – porque estavam escutando o que a gente falava. A noite na hora de trabalhar entrava seis horas e o segurança piscava para a gente e falava que tinha um cliente sozinho na mesa vai até ele e se eu saísse da mesa sem o cliente para o quarto eles já me chamava e colocava a gente todinha numa sala e acabava com a gente⁸².

⁸¹ Isso também contradiz outra afirmação feita por Violeta depois: “Olha, a que eu mais... a que nunca esqueço foi a partir do momento que eu acabei de chegar lá, que eu entrei para dentro eu falei assim: estou presa! Esse momento eu nunca esqueço em toda a minha vida e, é por isso eu não tenho saudade”. Essa afirmação de Violeta foi feita quase chorando! Ela também apresenta sua visão da ida das mulheres para o exterior: “Eu acho que é ilusão e hoje eu não faria isso. Eu já falo para muitas e muitas me perguntam e eu falo: nunca, nunca! Enquanto eu tiver vida nunca! Eu falo para muitas meninas e elas sempre me perguntam e, inclusive esses dias eu estava num salão e chegou uma menina e me perguntou: você já esteve fora do Brasil, né? E eu já falei: oh, é ilusão, viu? Muita ilusão!”

⁸² A situação, segundo sua narrativa, era ainda pior para aquelas que engravidavam: “Já, onde eu cheguei tinha uma menina que tinha engravidado e ele deu remédio para ela abortar a criança e, ela quase morreu. Ela deu a volta por cima, mas ela foi embora do local – e, levou ela para o hospital e do hospital ela fugiu. Ele não aceitava mulher nenhuma engravidar lá dentro. E as meninas mais velhas me contavam que tinha uma Rosângela que era brasileira e ele tinha dado remédio para a menina e ela morreu e ele enterrou no fundo do clube, no fundo. Que atrás do clube era só mato aquele mato. Tipo assim, quando você está viajando numa estrada, foi como eles dizem era tipo carreteiro, a estrada e era afastado da cidade e só aquele matão e o clube muito chique e bonito. Pertinho da cidade, perto de Lourenço.”

A violência física também era frequente:

Via o dono mesmo e todos os outros eram empregados e o filho dele era gerente de todos. O filho dele vivia drogado dia e noite e o filho dele batia nas meninas. Quando as meninas demoravam a entrar no salão ele ia lá buscava no quarto e dava tapa na cara delas. O filho dele... Sempre as pessoas falavam: tome cuidado com o filho dele. Você nunca atrasa para entrar no horário de trabalhar. Ele busca no quarto e já desce...

Assim como todas as entrevistadas, Violeta disse que “nunca” foi maltratada por clientes. Tal e qual nos outros casos e, esse fato já foi trabalhado na análise das outras entrevistas, essa é uma afirmação contraditória, pois ela mesma relata fatos que contradizem essa afirmação. Não era o caso dos donos e encarregados, como se nota na descrição acima. A situação de violência sofrida é relatada também quando Violeta narra sua ida e fuga de volta para o Brasil:

Eu fui para Espanha pra Galícia e eu fui para Suíça quando eu fugi e lá eu fui pra Zurique e vivi três anos na Suíça e como eu consegui escapulir assim que a polícia me pegou e eles me disseram assim: você nos ajuda e você não vai ser presa porque você pode ir para onde você quiser e a partir daquele momento que eles fizeram isso eu arrumei um goiano que era jardineiro da boate e aí foi preso os donos [do clube - MAP], o jardineiro me ajudou a fugir eu e uma amiga e aí nós fugimos e as pessoas diziam vai para longe porque senão eles pegam vocês e eu fui parar na Suíça e eu fui para bem longe para que não me encontrassem... Não tinha dinheiro para vir embora porque eles arrancavam todo o dinheiro meu e tudo que eu ganhava eles tomavam e arrancavam de mim. Por isso que eu não tenho saudade, nunca!

A resposta acima demonstra que as vítimas do tráfico são, muitas vezes, vistas apenas como informantes, ou seja, o sistema policial se preocupa apenas com a desarticulação do crime organizado e não com as vítimas, que são tratadas de forma coisificada. Isso ajuda a entender a situação de vida que essas mulheres enfrentam e que o processo de violência é muito mais amplo, envolvendo outros setores da sociedade, embora contraditoriamente e de acordo com suas funções. As funções do sistema policial não incluem a preocupação com o bem estar das mulheres traficadas. Contudo, o Estado

não age, mesmo que subsidiariamente, a favor do bem estar das mulheres envolvidas. Emma Goldman auxilia a refletir sobre esses limites:

Os moralistas estão sempre prontos para sacrificar metade da espécie humana em nome de alguma instituição miserável da qual não podem escapar... Ela não é apenas a presa daqueles que a usam, mas também está inteiramente à mercê de qualquer policial ou detetive miserável que a persiga, dos policiais nas delegacias, e das autoridades em qualquer prisão. (GOLDMAN, 2011, p. 10)

A etapa seguinte foi verificar as informações semiconscientes de Violeta. Ao contar a história ficcional de Débora e ao lhe perguntar se esta personagem é vítima de alguma violência, Violeta responde:

Eu acho que sim e pelo visto ela sofreu violência no trabalho. Eu vi violência no trabalho porque ela estava sujeita a fazer tudo ou ia embora...

Ela acrescenta:

Me ocorreu assim: é que o pai tinha um poder sobre ela e o pai tinha mais poder sobre ela – tinha ciúme dela. Eu acho que ele abusava sexualmente dela – mas ela sofria violência do patrão também. Muito explorada.

A afirmação acima é curiosa, especialmente na parte em que afirma que acha que o pai abusava sexualmente de Débora, o que não foi dito em nenhum momento na descrição ficcional e nem sequer houve elementos construídos com essa intenção ou que apontasse para essa possibilidade. Sem dúvida, a narrativa mostra o autoritarismo e controle intenso do pai, sem nenhuma conotação sexual. Isso talvez remeta a experiências de Violeta, mas isto não passa de uma suposição, que não precisa ser discutida por não alterar meu objetivo que é outro. Violeta reconhece que Débora sofria violência no trabalho e em casa e isso reforça a visão de que ela era convicta de que sofreu violência em sua estadia no exterior.

A respeito da história ficcional de Joana, ela diz que “eu não achei a atitude dela errada porque eu praticamente passei quase pela mesma história do que ela e que já tinha minhas filhas e elas eram pequenininhas...”. Eu perguntei o que ela acha que Joana sentiu com sua partida e ela responde como se fosse ela mesma (Violeta): “Ah, é muito triste,

muito doído você deixar uma filha para trás e você poderia estar perto, criar e a metade da infância a criança fica sem a gente...”.

Ela também diz acreditar na sinceridade do arrependimento de Joana. Violeta diz que, no lugar dela, sentiria “muita dor”, “é muito triste porque muitas vezes a gente escuta do filho quando ele tá maior, né?”. Eu perguntei “escuta o quê” e ela responde: “ah, você sabe! Condena a gente pelas escolhas do passado”. A respeito do que sentiria no lugar da filha, afirma: “Ah, eu não sei, talvez orgulho e talvez vergonha ou talvez os dois juntos...”.

A pergunta sobre quais sentimentos foram despertados ao assistir a novela *Salve Jorge*, ela responde da seguinte forma:

A prisão, esse sentimento de prisão porque aquilo lá realmente acontece e aquilo é verdade. Quando eu “ia” no telefone para ligar para minha mãe pra minha família sempre tinha um segurança atrás para escutar o que eu ia falar. Às vezes, eu mal falava: bença mãe e eu já estava chorando porque eu queria contar o que estava acontecendo. Fui presa já dentro de um quarto dentro daquele clube dentro daquela casa. A polícia baixou quando eu cheguei a três semanas que tinha chegado e me levou para uma sala para vários tipos de pergunta e eu estava com meu passaporte e eles não me deportaram e só pediram para que eu de... para desabafar com eles. Não me deportaram porque queriam informações de tudo que acontecia lá. Abaixaram lá três semanas que eu tinha chegado, mas eu tinha muito medo porque minha família estava no Brasil e eles falavam que eu podia desabafar e eu contava muitas coisas para eles. Foi a polícia federal de lá que abaixou lá e tinha três semanas que eu tinha chegado e minha salvação foi essa porque eu estava sofrendo já a três semanas. Porque aqui [o aliciador da Cidade de Goiás – MAP] me diziam que era uma coisa e quando eu cheguei lá era outra.

A respeito do dinheiro, que é tema central da trama da novela e a pergunta se vale a pena se sacrificar por causa de dinheiro, Violeta responde que “hoje eu vejo que não!” e complementa: “e não vale se sacrificar pelo dinheiro, não é mais importante e não vale a pena se sacrificar por dinheiro. Hoje eu tenho essa consciência...” No mesmo sentido, coloca que a liberdade é mais importante que o conforto:

A liberdade é mais importante ah porque lá eu imaginava que seria uma coisa e que eu ia voltar muito rica e não foi nada daquilo que eu imaginei e sofri... Minhas filhas cresceram sem mim e a única coisa que eu tive de lá foi a casa e eu não tenho vontade de voltar, não tenho boas lembranças, não gosto... nem de reviver...

Essas informações semiconscientes são importantes por manter a coerência de Violeta que, desde o início, afirmou que o tráfico internacional de mulheres para fins de exploração sexual e a prestação de serviços sexuais no exterior, da forma como ocorre, são formas de violência. No caso ficcional de Débora, a entrevistada afirma que ela sofre violência no trabalho e em casa, no caso de Joana, observa seu sofrimento e no caso da novela reconhece a situação de intenso controle, como sendo uma prisão.

As informações culturais, nesse caso, assumem menor importância, já que a coerência não traz nenhuma grande dúvida ou questão e, por isso, serei mais breve nessa parte, inclusive porque Violeta também foi mais sucinta nessa parte. No que se refere à religiosidade, Violeta diz que é evangélica:

Sim, participo da Igreja Universal e tem sete a oito anos já - e a partir, de minha chegada à Europa eu “ia” muito na igreja “Deus é Amor” - depois aqui no Brasil na Igreja Universal e frequento sempre a Igreja Universal.

No que se refere à política, ela demonstrou ter tido experiências e, ao mesmo tempo, a mesma descrença apresentada pelas demais entrevistadas:

Já mexi muito com política, já envolvi muito com política e hoje eu odeio a política. Já mexi com política, já ajudei o prefeito, fui funcionária da prefeitura aqui em Goiás, já trabalhei para o prefeito [...]. Trabalhei com ele e, a partir do momento que eu fui muito maltratada na prefeitura e aquela coisa de cada dia me jogar para um lado eu tomei raiva de política e nunca mais me envolvi.

A respeito do que é mais importante na vida, a resposta obtida foi a seguinte: “eu vou te dizer uma coisa eu não tenho um pinga de amor por nada material nada... Mas para mim minha vida é meus filhos e meu neto”. O grande sonho é “ter um emprego bom!”.

Em matéria de ídolos, cita dois cantores Cristiano Araújo e Gustavo Lima⁸³, cita a atriz Glória Pires e Antônio Fagundes⁸⁴ como ator. A respeito de se existe sentido na vida e qual seria ele, Violeta responde: “Sentido na vida... Ah, eu penso assim: sentido, sentido eu só tenho em minhas filhas, minha família! O trabalho e a família junto e, acho que isso é tudo!”. Ela também descreve o que mais gosta: “Que eu mais gosto... Ah... é que eu sou muito familiar e gosto muito de ficar com minha família e gosto de ficar o fim de semana com minha família. Depois da família nada, nada!”. Assim ela responde sobre o que menos gosta:

Ah, tanta coisa! É que hoje eu sou chateada e o que mudou demais em minha vida mudou demais em mim e que eu não gosto mesmo é a falsidade e a mentira... Você não vai rir de mim, não? O amor para mim é muito, sofri muito!

Nesse momento, ao falar de amor, a entrevistada ficou visivelmente emocionada e se recusou a completar a frase. A respeito de lazer, ela colocou que “Eu gosto muito de churrasco... de juntar com a família: com minha mãe e meus irmãos juntos e sempre aqui em casa e eu gosto muito”.

Ela afirma que não é “muito envolvida” com arte e considera que para ganhar dinheiro “o que não vale é roubar”. Perguntei: o que um indivíduo necessita para ser feliz? Violeta respondeu que “Ah... eu acho que um trabalho bom que dá para se manter... acho que é isso: o trabalho a família junto eu acho que isso é tudo!”. Violeta respondeu da seguinte forma à pergunta sobre se uma pessoa precisa de algo além da satisfação de suas necessidades básicas:

Acho que é preciso de mais... ah, eu já fiz coisas que nunca imaginei que faria para sobreviver, então acho que é preciso muito mais...

A respeito da situação da mulher na sociedade atual, ela diz:

Hoje a mulher tá muito bem.... A mulher trabalha, a mulher é guerreira, “a mulher” (sic) são mais... Num sei, mas eu acho as mulheres muito valentes hoje, muito esforçadas e guerreiras...

⁸³ Cantores sertanejos.

⁸⁴ Atores da Rede Globo.

No que se refere ao trabalho das profissionais do sexo, ela diz que “eu acho um trabalho normal... normal mesmo!”.

Para encerrar e ter um quadro global que ajude a entender as representações cotidianas de Violeta, a seguir, apresento alguns dados pessoais e biográficos, que podem auxiliar nessa compreensão. Violeta tem 39 anos e a respeito de sua profissão e emprego cai em contradição várias vezes. Primeiro diz que é “diarista”. Pouco depois disse estar desempregada, vive com pensão e nos finais de semana é manicure. Um pouco adiante disse que trabalha em “serviços gerais” em uma determinada instituição estatal para, logo adiante afirmar que trabalha numa faculdade particular..., “mas estava desempregada”. Adiante diz novamente ser manicure. Sem dúvida, as informações desencontradas revelam que a entrevistada queria ocultar algo. As motivações podem ser as mais variadas, pode ser vergonha – se estiver desempregada ou receber dinheiro externo. Fonte de renda que não quer revelar? Violeta omite também sua renda pessoal e mensal. Ela mora em uma casa dividida em duas partes e em sua parte reside com a filha.

A escolaridade dos familiares – filhas – é ensino fundamental incompleto. A mãe é analfabeta – é uma das famosas lavadeiras da Cidade de Goiás e sua vida compõe tema de trabalhos de antropólogas – e o pai ela não conheceu. Sobre sua própria escolaridade, ela diz: “Praticamente estudei da 1ª série até a 4ª no Colégio Dom Abel lá na Praça São Francisco e quando eu fui para o outro colégio na 5ª série mudei não terminei e nunca mais estudei”. Afirmo possuir casa própria, computador, acesso à internet, uma propriedade que é a casa que mora e que não tem carro. Nasceu na cidade de Goiás, onde mora até hoje, na mesma casa e bairro em que nasceu. Vivía de aluguel. Afirmo que “não tinha nada”.

Essas poucas informações são suficientes para compreender que ela nasceu em família de classe explorada, de baixa – ou nenhuma, no caso da mãe – escolaridade e renda e ainda hoje pertence às classes exploradas, em uma situação um pouco melhor.

3.7 AS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DE CRISTIANE

Neste tópico, abordarei as representações cotidianas de Cristiane. Essa jovem esteve na Europa no período que compreendeu o ano de 2003 a 2009. A questão do significado da violência para Cristiane é fundamental no contexto de minha pesquisa:

Pra mim hoje – igual, mudou muito. São vários tipos de violência... Tem a violência de você dizer um palavrão perto da pessoa que eu não gosto eu acho que é uma violência

principalmente perto de pessoas que não conheço. Eu não te conheço e você chega aqui e você começa a xingar é isso e algumas coisas como essa, entende? A violência de bater a gente já conhece. Acho que hoje em dia a violência das palavras machuca mais que um tapa.

A concepção de violência aqui aponta para “vários tipos de violência”. A violência física (“a violência de bater”) é conhecida e ela enfatiza a “violência das palavras”, cita o xingamento como exemplo. Ou seja, a violência verbal é colocada ao lado da violência física. Nesse sentido, apesar de faltar clareza na ideia mais abstrata de violência, pois foca em duas formas dela e não a definição em si, a entrevistada aponta para uma visão ampliada do que seja a violência.

A respeito do tráfico de mulheres para fins de exploração sexual, Cristiane afirma o seguinte:

Eu penso que falta oportunidade e quando falta uma oportunidade você tem que procurar outra e é como diz: abre uma porta fecha uma janela e fecha uma janela e abre uma porta... Então se você não teve oportunidade pra fazer uma coisa você vai fazer a outra e você vai recorrer à outra⁸⁵.

Nesse sentido, a entrevistada justifica a sua ida para o exterior pela falta de oportunidade. E sobre a relação dessa viagem com a violência, respondendo se seria uma forma de violência, ela diz:

Nos termos físicos, com certeza, porque é um tráfico de seres humanos e você tem que chegar lá e fazer o que eles querem porque senão você morre.

Assim, o tráfico de mulheres visando a exploração sexual é visto por Cristiane como uma questão de oportunidade. A falta de oportunidade, em outros lugares, abre espaço para a opção pelas oportunidades disponíveis, entre elas, os serviços sexuais no exterior. Nesse processo, segundo Cristiane, “em termos físicos”, há violência “com certeza”. Isso significa que há violência física. Isso sugere que, para ela, não há violência verbal – para usar a distinção feita por Cristiane – ou outra forma de violência.

⁸⁵ Em outro momento da entrevista, ela afirmou que “Na época eu tive oportunidade de ir e eu agarrei essa oportunidade. Pensei: surgiu uma oportunidade!”.

Cristiane também afirma que vale a pena a ida para o exterior visando retorno financeiro através de serviços sexuais: “do ponto de vista do dinheiro vale”. Ela faz algumas ressalvas: a primeira são os riscos “você tem que parar pra pensar que tem outros riscos: a sua saúde, o tempo que você dedica a isso”; a segunda é a perda do dinheiro: “O dinheiro vem muito, o dinheiro não vem fácil o dinheiro vem rápido. Então quando você tem uma coisa muito rápida que não teve muito esforço você a perde muito rápido”.

A respeito de suas motivações para ter viajado para o exterior, Cristiane assim explica:

Em primeiramente dar o melhor para minha família. Primeiramente isso e em segundo lugar pra eu ter uma vida melhor.

Aqui Cristiane remete ao “melhor”, tanto “melhor para minha família”, quanto uma “vida melhor” para ela mesma. O que seria uma “vida melhor”? Essa questão será respondida adiante. Ela também coloca que “me envergonhei de muitas coisas que fiz lá por dinheiro” e não explicitou quais coisas seriam essas. Sobre seus sentimentos, afirmou que sentiu muito medo, “só no início”. Ela conclui: “lá fora você só pode contar com três pessoas: você, você e você. Você não tem ninguém lá fora. Senti muito medo...” Ela também afirmou que sentia “muita saudade... hum, muita saudade mesmo!”. A respeito das outras meninas, ela dizia que percebia “algumas felizes e outras tristes como eu”⁸⁶. Cristiane explica sua tristeza “pela saudade e por tudo que a gente deixa aqui”.

Cristiane faz a seguinte avaliação de sua passagem pelo exterior:

Não foi ruim e eu não me arrependo. Arrependo de algumas coisas assim: talvez de ter prejudicado alguém, mas eu faria tudo de novo, eu faria mesmo.

Ela também descreve sua situação, dizendo que considerava, “algumas vezes” explorada, “na questão do horário”, o “exigimento (sic) de horário, senão você pagava multa”. Ela narra seu cotidiano:

Acordava 4 ou 5 da tarde, tomava banho e, às 6 horas, eu descia e 8 horas eu jantava. Trabalhava até 5 e 5 horas eu lanchava e ia dormir de novo. Eu fui explorada nesse sentido, com os horários muito rígidos mesmo!

⁸⁶ “Ah, lá você vê alegria e você vê tristeza. É diversificado porque você vê umas alegres e outras tristes. Todas com o mesmo objetivo: ganhar dinheiro!”

Quando perguntei se se considerava vítima ou sofrido violência, ela afirma:

Não, eu escolhi ir pra lá. Não sofri violência e era apenas o horário, o horário mais tinha que cumprir horário e então era isso.

Ela afirma que a única coisa que sofreu contra sua vontade e imposição foi “só a questão do horário” – ao afirmar isso apresentava olhar vago e um tom de voz que mostrava certa impotência em mudar/alterar o que era imposto no local de trabalho – e depois diz que “sempre tinha aquela pressão de trabalhar e trabalhar”, “pressão sempre há”.

Cristiane diz qual é sua visão da ida de mulheres para o exterior para prestar serviços sexuais:

Eu acho que cada uma deve escolher em ir ou não. Se você não tem uma opção aqui como eu já falei você tem que agarrar a outra opção e aí vai a opção de cada uma. Que a gente tem poder de escolha, entende?

Após a descrição de Poulin (2005) dos bordéis em Nevada e Novo México, nos Estados Unidos, perguntei se havia alguma semelhança com os clubes que ela frequentou na Espanha e ela respondeu que “existe: grades e janelas. Câmeras e portões com hora de abrir e com hora de fechar”.

Em seguida, Cristiane descreve o seu processo de ida para o exterior:

Esse processo foi que eu trabalhava com minha tia e era uma vizinha minha que ia. No caso, eu fui no lugar dela. No caso, na primeira vez que eu fui eu fui pelo tráfico. Eu cheguei lá e paguei 3.000,00 euros. Alguém comprou minha passagem e a documentação eu que corri atrás. Aí eu fui na agência e já tirei a passagem e a passagem já tava paga. A passagem sai no meu nome. Então, a documentação eu fiz toda. Eles deixam a passagem já paga numa agência de Goiânia e você vai na agência e eles te entregam a passagem. Uma mulher me levou pra lá e eles me colocaram para trabalhar num clube e eu não lembro o nome dela mais ela usava nome falso. Foi através da vizinha que te falei que eu consegui ir e era pra minha vizinha ir. Ela não quis ir e ela falou: você quer ir? Eu falei quero! E aí essa mulher que nem usava

nome verdadeiro – eu não me lembro do nome dela – me levou para um clube e me pôs para trabalhar lá.

Cristiane complementa dizendo que foi com 19 anos, em 2003. Ela diz que, ao chegar, havia um táxi a sua espera que a levou para a casa noturna, ela chegou numa segunda e iniciou na terça-feira, sendo que eles “explicam mais ou menos o que é”. Ela descreve mais detalhadamente o trabalho:

E eu fui consciente - mais uma coisa é certa a realidade é totalmente diferente. Prostituir você pensa assim: é chegar ali e deitar numa cama e pronto. E não é bem assim lá. Lá você vai pra uma boate você tem que conversar e tem todo um processo. A prostituição não é você chegar ali tirar a roupa e deitar. Se fosse assim era fácil mais não é assim. A gente trabalha muito com a cabeça também porque a gente escuta histórias de pessoas para desabafar, num é só chegar ali. Chegar lá não é o que a gente pensa: um Mar de Rosas e você tem que batalhar muito. A realidade é outra, né?

Ela diz que existem aspectos positivos na Europa:

A cultura europeia é totalmente diferente da cultura brasileira. Sinto saudade de tudo e eu sinto saudade da educação. Eu acho que lá oferece muita coisa e apesar desse lado negro da prostituição lá tem muita coisa a oferecer pra gente. Eu aprendi o espanhol e sei falar muito bem e aprendi a escrever muito bem. Eu saí daqui muito nova e voltei completamente diferente. Os brasileiros são muito racistas, os brasileiros julgam pelo que vê e eles gostam muito da gente. Principalmente os portugueses gostam muito da gente. A vida lá fora tem muita coisa pra proporcionar pra nós. Nós brasileiros temos que abrir muito a cabeça – nós não somos liberais, os brasileiros são racistas e os brasileiros são egoístas. Os brasileiros te julgam pela capa pelo que vê e eles gostam muito da gente. Eles entre si são problemáticos: é como a Argentina e o Brasil.

As afirmações e descrições de Cristiane apontam para uma concepção diferenciada das demais entrevistadas. Enquanto todas consideram que o tráfico internacional para fins de exploração sexual é uma forma de violência e, apesar das ambiguidades, Cristiane afirma claramente que não considera isso violência – apesar de reconhecer que no seu interior existam atos de violência – e que não se considera vítima ou que tenha sofrido

violência: a não ser a questão do horário. Alguns elementos da fala de Cristiane me permitiram vislumbrar que ela possui valores diferenciados das demais entrevistadas, e vou retomar isso quando for analisar as representações cotidianas de Cristiane.

De agora em diante, passo a discutir as informações semiconscientes extraídas da entrevista interpretativa. Como destacado nos demais casos, lanço mão de três pequenas narrativas ficcionais e indago a entrevistada sobre elas. O caso ficcional de Débora é acompanhado pela pergunta se ela sofria violência e a resposta foi “sim” e, nesse processo, questiono que tipo de violência:

Uma violência psicológica e uma violência quase doméstica porque uma pessoa dessa no futuro vai ter né principalmente problemas psicológicos.

Ela diz que o pai e o patrão exercem violência e Débora é a vítima. O patrão “quer exercer controle, né? E mais o psicológico, né? Porque bater nela, ele não bate e o pais também [não – MAP]”. Ela diz que o tipo de violência que aparece é a doméstica e a psicológica.

O caso ficcional de Joana foi assim avaliado por Cristiane:

Acho que ela pensou em dar um melhor para o filho, né? Porque independente de nossas atitudes, a não ser matar e roubar... Independente da atitude de uma mãe pra dar de comer para um filho porque é por amor e para proteger.

Ela diz que achava que Joana “sofreu muito... e o sofrimento é a saudade, né?”. Na questão sobre se Joana é sincera quando diz não ter se arrependido, Cristiane responde:

É sincera. Porque ela não tinha outro motivo para ir e ela não ia por ela mesma e como tudo na vida a gente tem um motivo. Ela teve esse motivo para ir em busca de um melhor para o filho e para a família.

Cristiane complementa dizendo que no lugar de Joana, “eu faria o mesmo”. Quando indaguei o que sentiria no lugar da filha de Joana, Cristiane afirmou:

Ah... Acho que difícil! Eu ia querer saber o motivo. Quando criança a gente não entende, mas a partir de uma certa idade.

Hoje o mundo tá muito... tá tudo muito explícito, então para as pessoas entenderem ir pra fora é o melhor.

A questão seguinte remetia à novela *Salve Jorge* e os sentimentos que ela despertava. A resposta de Cristiane, no entanto, não aborda a questão dos sentimentos:

Mostrou muito a verdade do que acontece lá fora. Antigamente acontecia mais agora nem tanto. Mas mostrou a verdade e acho que mostrar a realidade na televisão é muito bom.

Ela também diz que a personagem Morena “traz que a gente sempre tem o poder da escolha”, “ela escolheu ir e nós temos o poder da escolha”. Ainda sobre a novela, ela afirma:

Naquela boate tudo parecia muito com o que vivi lá. E o sentimento de saudade e de pensar que às vezes o dinheiro não é tudo. Mas a gente precisa do dinheiro e a gente é hipócrita ao dizer que ninguém precisa de dinheiro - porque a gente vai em busca do dinheiro é... A gente sai daqui e uma pessoa trabalha aqui tantos anos e lá fora as condições de vida são melhores e a gente junta pelo menos um pouco para a gente fazer alguma coisa aqui.

Um último elemento que ela destaca em relação à novela, é a comparação com a vida real:

Quando a gente chega lá a primeira vez você chega num país estranho então querendo ou não as pessoas que te rodeiam sabe que você não sabe nada e alguns aproveitam e a partir do momento que você tá lá a algum tempo isso não acontece mas é sempre a mesma história e aquilo é tudo verdade, infelizmente.

Ela complementa dizendo que a delegada na novela foi ética como todos os outros que agiram do mesmo jeito por tentar descobrir o que acontecia, pois “aqui no Brasil não acontece porque quando morre ninguém quer saber e eu já conheci várias que morreram lá e ninguém quis saber”.

A última questão, nessa parte, é sobre se o dinheiro é mais importante. Cristiane afirma:

Somos seres humanos e colocamos o dinheiro em primeiro de tudo, independente do amor e da amizade.

Essa resposta é complementada pela afirmação que “nem sempre” vale a pena se sacrificar por dinheiro. E explica quando não vale:

Quando você coloca sua vida em risco eu acho que não vale a pena ou quando você prejudica alguém que não te fez mal e você prejudica aquela pessoa. Não vale a pena... pelo dinheiro não vale!

Ela responde a última pergunta, sobre o que é mais importante: liberdade ou conforto? Para responder diz que: “A liberdade é muito mais do que o conforto ah... porque a liberdade não se compra, né? *Risos*”. Nesse momento, apresentou olhar vago e inquieto.

Esse conjunto de informações nos permite retomar um elemento fundamental na fala de Cristiane. Esse elemento é a relação com o dinheiro. Ao contrário de todas as outras, o dinheiro aparece para Cristiane com um dos seus valores fundamentais, sendo o primeiro em sua escala valorativa. Ela afirmou, anteriormente, que foi para o exterior para “dar uma vida melhor” para a família e para que ela mesma pudesse “ter uma vida melhor”, sendo que isso não ficou explícito ou claro. Ela, no entanto, afirmou que a ida para o exterior para prestar serviços sexuais, “do ponto de vista do dinheiro, vale a pena”. E o dinheiro aparece como o principal de seus valores, portanto, como valor fundamental quando diz que “somos seres humanos e colocamos o dinheiro em primeiro de tudo, independente do amor e da amizade”. O processo de naturalização se apresenta de forma cristalina: os seres humanos colocam o dinheiro em primeiro lugar, antes de tudo, incluindo amor e amizade.

A escala de valores é revelada aqui, sendo que o dinheiro está acima, amor e amizade, abaixo. O dinheiro como valor só é questionável em situações de risco; no caso destacado pela entrevistada, risco de vida e saúde ou, quando prejudica alguém que não lhe fez mal. No entanto, ela mesma afirmou anteriormente que “não foi ruim e eu não me arrependo. Arrependo de algumas coisas assim: *talvez de ter prejudicado alguém, mas eu faria tudo de novo, eu faria mesmo*”. Essa afirmação deixa transparecer que o discurso não é exatamente o que Cristiane pensa e dificilmente alguém assumiria isso publicamente ou em uma entrevista.

Esses elementos estão relacionados diretamente com as representações cotidianas sobre violência e tráfico de mulheres. A não violência que Cristiane atribui é explicada em termos de “liberdade de escolha”, ou seja, a partir de uma concepção liberal de

liberdade⁸⁷. O dinheiro e o contrato livre entre as partes tornam legítimas quaisquer relações de trabalho estabelecidas. Isso poderá ser mais desenvolvido, com mais informações, que será o meu procedimento a partir de agora.

Na parte sobre cultura, Cristiane nos informa que tem religião, que é a Católica. A respeito de política diz “difícil, né? Aaah... eu nunca votei então eu não... sem palavras, porque tá difícil”. Ela diz ter título de eleitor, pois “para ir para fora você tem que ter e eu prefiro não votar, eu voto em branco”.

Perguntei o que era mais importante na vida, e ela disse “a minha mãe e meu filho” e que seu grande sonho é “dar uma casa para minha mãe”. O olhar de Cristiane ficou todo angustiado e os olhos dela encheram de água. E logo a seguir ela afirmou: “você vai me fazer chorar...” risos e semblante de tristeza se misturaram naquele momento.

Em relação a ídolos, ela afirmou que artista seria Xuxa e, ao ser indagada se haveria outro, disse “Hum... Não... e aí de repente ela afirmou: A minha mãe!”. A respeito da questão se existe um sentido na vida, ela respondeu:

Com certeza... todos os dias acordar, ter uma motivação para acordar porque senão a gente continuaria dormindo, né? Acordar e pensar: mais um dia e chegar o fim do dia e agradecer e esperar mais um dia!

A resposta apontou para sim, mas a questão também perguntava qual era o sentido e isso não foi respondido. Entre as coisas que mais gosta diz: “ah... comer, a minha mãe e meu filho, claro! Passear, viajar – gosto muito de viajar!” e sobre as coisas que menos gosta “não gosto que xinga perto de mim, trate uma pessoa idosa mal eu não gosto mesmo e também não gosto de ver as pessoas tratar um animal mal. É tudo ruim...”.

O lazer é “acampar fim de semana”, “ir para beira do rio”. A arte preferida diz que é pintura. Quando perguntei sobre qual tipo de pintura e se ela preferia algum artista, qual mais lhe chama a atenção, responde: “Não, os famosos mesmo”. Não conseguiu lembrar o nome de nenhum, pois lhe perguntei novamente e não conseguiu responder.

⁸⁷ O liberalismo assumiu várias formas, entre as quais destaco a filosofia política de Locke e a economia política de Adam Smith. Suas características principais é a defesa da propriedade burguesa, do individualismo, do mercado, da livre concorrência. No liberalismo, a liberdade individual é vista como prioridade e pressupõe o respeito à propriedade e incluindo o dinheiro, a livre escolha e proteção contra o Estado. Essa concepção foi reproduzida por formas de pensamento mais simples, além de ter sido simplificada e popularizada e, no fundo, ter a aparência de expressar o que a realidade realmente é. O mesmo ocorre com a competição que é outro elemento presente no liberalismo. Como dizia Adam Smith, se um indivíduo busca seus interesses egoístas no mercado, acaba gerando uma situação que é melhor para todos e por isso a competição é benéfica, já que cada um irá investir onde é melhor e assim organizar a sociedade via mercado, uma “mão invisível”.

A pergunta seguinte era se qualquer atividade para ganhar dinheiro é válida e esta foi sua resposta:

Sim, considero! É válida porque pode garantir o sustento de quem nada tem, por isso considero válida sim.

A questão seguinte era sobre o que é necessário para um indivíduo ser feliz e ela respondeu:

Primeiramente saúde estando com a família e depois realmente tem que ter um pouquinho de dinheiro porque senão... é fica difícil!

Perguntei se a pessoa precisa apenas sobreviver e satisfazer necessidades básicas, ou precisa de algo mais, ela respondeu:

Nós seres humanos estamos sempre buscando algo além de nossas necessidades básicas... e então, é necessário ir sempre buscando algo que vai além. Entende? Ir além sempre...

A questão sobre como ela vê a situação da mulher na sociedade atual é respondida da seguinte forma:

Boa, só que eu acho que a mulher lutou tanto pelo direito igual e agora tá esquecendo, nós às vezes esquecemos que nós lutamos por esse direito.

E justifica assim sua observação:

Tem alguns direitos que foram conquistados pelas mulheres e acho que hoje não são. Principalmente a maternidade e a paternidade os direitos são iguais, né?... E as mulheres esquecem isso e às vezes maltratam os filhos, abandonam se comparando a muitos homens que fazem há séculos a mesma coisa... Isso eu acho ruim e acho que as mulheres tem que assumir a vida com mais responsabilidade, entende?

A sua visão sobre as profissionais do sexo é:

Profissionais como qualquer outra porque independente de tá ali, eu não gosto da forma de falar assim: estão vendendo o corpo. Eu acho que elas não vendem o corpo, elas emprestam

o que elas têm, porque é uma maneira delas conseguirem ganhar a vida ou talvez elas ali não vão para outros lugares fazerem coisas piores. Porque cada uma sabe cuidar do seu corpo, né...

Essas informações culturais ajudam a entender as representações cotidianas de Cristiane. No plano dos valores, o dinheiro reaparece e se reafirma. No entanto, outros valores ganham destaque, especialmente a família. As suas representações cotidianas diferem também em relação a alguns outros pontos, embora também coincida em outros. Sobre as profissionais do sexo, por exemplo, ela coloca como uma profissão como outra qualquer, coincidindo com algumas e discordando de outras. Para ter uma visão mais ampla das representações cotidianas de Cristiane, vou complementar com as suas informações pessoais e biográficas.

Cristiane tem 30 anos, nasceu em Araguari/Minas Gerais, e diz que atualmente está desempregada. A renda mensal pessoal é de dois salários e a familiar é de quatro salários mínimos, sendo que reside com mais duas pessoas na casa. Ela diz que a mãe tem 50 anos, é ajudante de cozinha, o filho é estudante e tem 15 anos, o namorado é pedreiro e tem 34 anos. Diz que não tem pai. A escolaridade da mãe é 7º ano, bem como o filho que está no mesmo estágio e o companheiro tem ensino médio completo.

Não possui casa própria, não possui carro, não possui nenhuma propriedade, tem computador e acesso à internet. Cristiane mudou-se para Anápolis há quinze anos - com quinze anos, portanto. A mudança ocorreu por causa da mãe, que se mudou para acompanhar o irmão. Sobre renda e posses anteriores, ela diz que “eu tinha menos do que hoje”. Antes de ir para a Europa, “eu tinha bem menos do que hoje e trabalhava ajudando minha tia no bar”, “era atendente de balcão, balconista”. Sobre sua formação escolar, Cristiane diz que “foi boa, não terminei por opção”, parando no 9º ano, “eu não quis terminar, foi opção minha mesmo”.

Essas informações adicionais apenas mostram que Cristiane também tem sua origem nas classes exploradas, vindo de família de baixa renda e baixa escolaridade. Existem informações incompletas, pois num momento afirma estar desempregada para logo adiante afirmar ter renda pessoal de dois salários mínimos – a origem da referida renda não aparece. Essas informações, somadas às anteriores, nos permitem observar algumas diferenças e semelhanças e estas informações complementares apontam para certa diferença, já que as outras entrevistadas moravam em Uruaçu e Cidade de Goiás, enquanto Cristiane mora em Anápolis. Isso traz uma diferença. Em que pese Anápolis ser

uma cidade do interior, com forte religiosidade – que se reflete até na política, como ocorreu numa eleição municipal que se polarizou entre um candidato evangélico e outro católico –, ela é considerada a “capital industrial” do Estado, por ter o Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA) e diversas indústrias, além de ser bem próxima de Goiânia e, ainda, entre esta cidade e Brasília, tendo várias universidades e outros elementos de modernidade. Isso poderia, hipoteticamente, explicar algumas diferenças de opinião entre as entrevistadas.

3.8 ANÁLISE GLOBAL DAS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS SOBRE VIOLÊNCIA E TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES

O meu objetivo aqui é realizar uma análise global e sintética do conjunto das representações cotidianas que apresentei através das análises das entrevistas. O quadro interpretativo comparativo (Apêndice A) auxiliou a distinguir as semelhanças e diferenças, que serão meu ponto de partida para analisar o conjunto das representações cotidianas.

A primeira semelhança refere-se à origem de classe de todas as entrevistadas. Todas elas são provenientes das classes exploradas. Por que essa informação é importante? Essa informação é importante por ajudar a explicar a razão da ida delas para o exterior para a prestação de serviços sexuais. Ou seja, as mulheres que vivenciaram a situação de tráfico forçado ou que vão voluntariamente, são constrangidas pela sua situação social – baixa renda ou pobreza, filhos para criar, mães solteiras, pressão familiar, entre diversas outras situações que esclarecem a situação de classe e condições desfavoráveis de vida. Assim, o caráter “voluntário” da ida para o exterior não é mera decisão livre dessas mulheres, há uma situação social anterior.

Quando duas entrevistadas – Noêmia e Cristiane – apelam para a “liberdade de escolha”, apenas reproduzem um discurso existente e que lhes permite racionalizar e legitimar suas tomadas de decisões anteriores. A liberdade de escolha é sempre vista abstratamente, como sendo um indivíduo fora das relações sociais, das pressões sociais, dos valores dominantes, das necessidades e sentimentos. Uma das formas de pressão social se revela no fato de que são mães precoces, por exemplo, o que acaba sendo uma das principais motivações para algumas. Afirmando aqui que esse indivíduo abstrato não inexistente na realidade.

Marx aponta isso. O materialismo histórico rompe com a filosofia especulativa e aponta para um saber concreto. O que é reproduzido pela teoria das representações cotidianas, ou seja, o fundamental são as relações reais, concretas e é por meio destas que entendemos as formas de consciência. Isso porque:

Totalmente ao contrário do que ocorre na filosofia alemã, que desce do céu a terra, aqui se ascende da terra ao céu. Ou, em outras palavras, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam, ou representam, ou tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. E mesmo as formações nebulosas no cérebro dos homens são sublimações necessárias do seu processo de vida material, empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, assim como as formas de consciência que a elas correspondem, perdem toda a aparência de autonomia. Não têm história, nem desenvolvimento; mas os homens, ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, em esta sua realidade, o seu pensar e os produtos do seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. Na primeira maneira de considerar as coisas, parte-se da consciência como do próprio indivíduo vivo; na segunda, que é a que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais e vivos, e se considera a consciência unicamente como sua consciência. (MARX; ENGELS, 1991, p. 37-38)

Essa passagem de Marx é bem esclarecedora. O que as pessoas dizem, representam, imaginam, são “sublimações necessárias do seu processo de vida material”. A pesquisa com representações cotidianas não toma tais representações como “verdadeiras” e, sim, como ideias produzidas pelas pessoas que podem ser verdadeiras ou falsas, ou, ainda, contraditórias. O fenômeno pesquisado são as representações cotidianas e não a realidade social ou material. Contudo, elas só podem ser compreendidas num plano totalizante, tendo “a sociedade como pressuposto” (MARX, 1983).

É por isso que, ao contrário da pesquisa com representações sociais, a pesquisa em representações cotidianas não aborda apenas o que é dito, o discurso manifesto, mas também o contexto social, histórico, cultural. A análise minuciosa das representações cotidianas, abarcando o maior número de informações possíveis a respeito delas, é fundamental. Porém, há outro elemento que também é fundamental, a consideração da realidade social na qual quem produz essa ou aquela representação cotidiana está envolvido.

Essa breve incursão pela teoria é essencial para recordar que a análise pressupõe a teoria, não sendo mera descrição das representações cotidianas. Por isso, a situação de classe se torna uma questão chave. Ela permite não apenas para explicar a razão da ida para o exterior para prestar serviços sexuais, mas também as representações cotidianas que

essas mulheres produzem a esse respeito, o que é primordial para a pesquisa realizada no presente trabalho. A classe social ajuda a entender as representações cotidianas das mulheres entrevistadas, pois é com base em sua classe social que um conjunto de relações e necessidades pode ser derivado, que se tem acesso à determinada cultura e ideias, sem falar em informações e outros elementos que podem ser observados quando se põe em destaque as características de sua classe.

O pertencimento de classe das mulheres entrevistadas mostra não somente sua condição social e suas dificuldades financeiras, mas sua baixa escolaridade – e, atrelada a ela estão suas poucas possibilidades de “escolha” no sentido profissional – e a influência dos meios de comunicação de massas – especialmente TV e rádio. Esse contexto todo coloca em questionamento a ideia de “liberdade de escolha”, pois não só as opções são poucas, como a baixa escolaridade força e reduz as opções de trabalho e as sujeita às formas de trabalho de remuneração mais baixa o que, dificilmente, permite a satisfação das necessidades delas e de suas famílias: casa própria, cuidar dos filhos, pagar os custos da vida diária. E, além do mais, existe a pressão dos meios de comunicação, da cultura, das ideias e valores dominantes, das imposições de formas específicas de consumo e o desejo de “vencer na vida” e ter determinadas coisas – carro/casa, por exemplo, que são apontados com frequência nas entrevistas.

Tudo isso ajuda a compreender as representações cotidianas, pois as mulheres entrevistadas só podem analisar a sua realidade e as das demais pessoas a partir do seu processo de formação intelectual, o mediador entre elas e o mundo, a fonte de sua interpretação. Assim, a ilusão de liberdade – que aparece sob a forma de “liberdade de escolha” – faz parte do seu discurso, mas não de sua realidade. Toda escolha é realizada dentro de um contexto social, com um conjunto de limites e outros agentes que apoiam ou inibem as escolhas. Da mesma maneira, quem escolhe é um ser social, com formação social e histórica, que não é a escolha de um “Deus”, que teria pleno livre arbítrio, onisciência, ou seja, saber absoluto e total. E, ainda, entre outros processos que permitem pensar que foi uma escolha autônoma, independente, livre.

A situação de classe e, da mesma maneira, o local de moradia, que no caso das entrevistadas são as cidades do interior, todos esses, enfim, são elementos importantes também para entender os valores apresentados pelas entrevistadas. A família aparece como valor para todas elas, em alguns casos, o valor fundamental, em outros, um dos valores fundamentais. Por outro lado, o dinheiro e a competição social também aparecem

em várias oportunidades. É possível, inclusive, entender que a família e o dinheiro aparecem como valores fundamentais.

No caso de Cristiane, o dinheiro aparece como valor fundamental. Para as demais é um dos valores fundamentais. No caso de Elisabeth, não aparece como um dos valores fundamentais. Inversamente, é no caso de Cristiane que a família tem menos peso valorativo, sendo um de seus valores fundamentais – e, acreditando no discurso falado, o fundamental – mas com o dinheiro assumindo o cume da sua escala de valores – o que é perceptível em sua ida para o exterior e no consequente afastamento da família, como na própria forma de conceber a sua relação com ela, via casa e outros bens materiais que remetem a dinheiro.

Esse processo sugere dois elementos sociais importantes. As mulheres entrevistadas são de cidades do interior, na qual os valores dominantes, burgueses – competição, dinheiro e riqueza, poder, consumismo –, se tornam, cada vez mais, presentes e influentes, principalmente através dos meios de comunicação de massas. No entanto, ainda sobrevivem traços de relações sociais tradicionais e os valores tradicionais, como a família e outros: religiosidade, amor fraterno, entre outros, sobrevivem e possuem um espaço considerável nas cidades interioranas. Isso é facilitado pela proximidade com o mundo rural, entre outras determinações, mas principalmente pelo tamanho das cidades e pelos vínculos familiares que continuam relativamente fortes e com mais solidez que nas grandes metrópoles, onde a família é substituída, em grande parte, pelos colegas de trabalho, de estudo, por grupos de afinidades: organizações políticas, religiosas, de entretenimento, entre outras.

Nesse cenário, os indivíduos das classes exploradas tendem a constituir representações cotidianas contraditórias, e aparecem em sua escala de valores elementos tanto modernos quanto tradicionais⁸⁸. Os valores contraditórios convivem e incentivam representações contraditórias. As representações cotidianas podem ser verdadeiras ou

⁸⁸ Não quero aqui dizer que a família, por exemplo, é apenas um valor tradicional, nem o amor fraterno, nem a solidariedade. Eles são valores ligados à tradição, às relações de produção e cultura não capitalista e são corroídos/destruídos pelo desenvolvimento capitalista e pela imposição dos seus valores, que se tornam dominantes e, por vezes, solapa os valores tradicionais. Isso forja uma resistência, inclusive o movimento de negação do capitalismo, o movimento comunista compartilha alguns desses valores - a solidariedade-, apesar de realizar a crítica de outros - geralmente associados à religiosidade e à família-, apesar disso não ser consenso no seu interior. Marx e Engels (1988), no *Manifesto Comunista*, falavam do fim da família burguesa e não da família em geral, como alguns de seus seguidores interpretaram e defenderam. Isso apenas mostra que mesmo grande parte daqueles que se dizem contra o capitalismo e, por conseguinte, dos seus valores, acaba reproduzindo parte deles, tanto quanto a ideologia do progresso e os valores associados a ela. Sinteticamente: os valores tradicionais na minha perspectiva não são considerados ultrapassados ou apenas tradicionais e, sim, que na “evolução” histórica estavam ligados a processos sociais e culturais anteriores ao capitalismo, enquanto que o moderno é o que se adequa e o expressa.

falsas, tal/qual se pode recuperar em Marx e Engels (1991). As representações cotidianas contraditórias são aquelas que possuem um alto grau de incoerência que coloca lado a lado representações falsas e verdadeiras. O que explica essa contradição? A vida real, as relações sociais e a inserção dos indivíduos que produzem essas representações.

Volto ao problema dos valores para explicar o caráter contraditório dessas representações. As entrevistas elucidam que a formação cultural das entrevistadas é realizada basicamente no seio da família, de uma escolaridade básica incompleta, dos contatos sociais em geral e, principalmente, dos meios de comunicação de massas. Esses são os principais meios de difusão dos valores dominantes, tal qual a competição social, o dinheiro e o consumismo. Assim, ter uma casa é uma necessidade. Os seres humanos não podem viver ao relento. Uma casa, no entanto, pode satisfazer essa necessidade, seja ela “pequena ou grande”, azul ou branca, entre outras variações. Na sociedade competitiva e dominada pelos valores dominantes, a casa não é um valor apenas por sua necessidade, mas também por que é palco de competição. Marx usou o exemplo da casa para mostrar isso:

Seja grande ou pequena, uma casa satisfaz as condições que socialmente se exigem, enquanto as outras casas a sua volta forem do mesmo tamanho. Mas se ao lado de uma casa pequena se construir um palácio, a pequena casa diminui mais ainda, parecendo agora uma choupana. A pequena casa é agora a prova de que quem mora lá não deve ter exigências ou que as suas exigências são muito modestas. E, no decurso da civilização, mesmo que a casa se torne maior, se o palácio vizinho continuar a crescer no mesmo ritmo ou ainda a um ritmo mais acelerado, o habitante da casa relativamente pequena sentir-se-á cada vez menos à vontade, descontente, oprimido entre as suas quatro paredes (MARX, 1987, p. 37).

Merece destaque o fato de que os valores dominantes acabam “penetrando” na mente das pessoas e ganhando, cada vez mais, espaço, amenizando o impacto de outros valores. O que ocorre é que as famílias são “engolidas/devoradas” por esse movimento de renovação valorativa, que acompanha toda uma mutação cultural. Ao lado disso, a carência promove a busca de saídas.

É muito comum que indivíduos das classes exploradas sonhem em se tornar burgueses: “eu sendo meu próprio patrão ou patroa”, uma contradição básica que reflete a negação da sua situação de proletária ou trabalhadora e a solução individualista, buscando deixar essa posição e assumir a do responsável pelo seu mal-estar. É por isso que em muitas famílias humildes sempre aparecem aventureiros, buscando no garimpo, no pequeno negócio, no comércio, entre outros planos, a conquista do dinheiro sem ter que vender sua força de trabalho em troca de um salário. Uma das formas assumidas nesse

processo é a opção por um sacrifício temporário para juntar dinheiro e conseguir montar seu próprio negócio ou então realizar seus sonhos de consumo.

As mulheres entrevistadas reproduzem muito desse processo. O avanço da sociedade capitalista e a corrosão das famílias tradicionais – e as entrevistas mostram que a maioria das mulheres são mães solteiras – ao lado de uma pretensa “emancipação da mulher”, dentro do capitalismo e, portanto, submetido a ele, o que inclui o trabalho alienado e a necessidade de sustentação própria. Isso vai promover também, no caso feminino, a busca de alternativas. A prestação de serviços sexuais é uma delas, especialmente quando vem acompanhada da ilusória promessa de ganhos mais altos no exterior.

A liberdade de escolha, que duas entrevistas atribuem para não condenar a prestação de serviços sexuais no exterior, é realizada dentro desse contexto social – famílias pobres, de baixa renda e escolaridade. Portanto, a elas restam poucas possibilidades de escolha em matéria de trabalho, sobrando o trabalho doméstico, balconistas, manicures, postos nem sempre acessíveis devido a grande procura.

No referido contexto, a escolha é feita por seres sociais que têm uma determinada cultura e formação, que inclui os valores, a influência da indústria cultural, a pouca escolaridade, o pouco acesso à informação, que ocorre de acordo com as influências e com as relações sociais existentes. Dentre essas influências, existem as aliciadoras e sua versão positiva da prestação de serviços sexuais no exterior, apresentada como uma possibilidade de retorno financeiro. As aliciadoras trafegam com carros e roupas caras, no esforço de convencer de que a ida para o exterior valerá a pena.

Outro elemento presente no contexto das entrevistadas é a competição social e a imagem de que essa é uma alternativa que estaria sendo escolhida por várias outras pessoas. Quando Vivian afirma, na sua entrevista, que diziam que as mulheres de Uruaçu estavam todas no exterior, mostra o grande contingente e o incentivo que era a competição, já que indo para lá o sucesso estaria garantido: o “vencer na vida” seria conquistado com a vitória sobre as que ficavam para trás e sobre também as que iam para a Europa mais malogravam.

A liberdade de escolha, nesse caso, ocorre na sociedade capitalista. Essa é uma sociedade que gera a “mercantilização de tudo” (WALLERSTEIN, 1984), o que, já por si só, demonstra os limites da suposta “escolha”. As necessidades humanas só são atendidas via aquisição de mercadorias porque os alimentos, as habitações, os móveis, os computadores, os eletrodomésticos, os carros, os aparelhos de rádio e TV, ou seja, todos

os bens materiais se tornam mercadorias e só podem ser adquiridos via troca mercantil. Os serviços sociais – educação, saúde, limpeza – e a cultura: livros, escola, aparelhos etc. também se tornam mercadorias, algumas diretas e outras indiretas. A energia elétrica é mercadoria e, sem ela, não há como usar outras mercadorias, como a TV, que depende do aparelho, outra mercadoria, e se for a cabo, é preciso pagar também, nova mercadoria. A água, a energia elétrica, tudo é mercadoria. Nesse mundo de mercadorias, em que tudo tem valor de troca, só é possível existir sendo possuidor de dinheiro.

Além de possuir dinheiro, o indivíduo depende da quantidade de dinheiro que possui para saber que necessidades poderão ser satisfeitas, de que forma, de que qualidade, entre outros elementos. O possuidor de dinheiro que soma um salário mínimo mensal, mal dá conta de sobreviver, enquanto que outro possuidor de dinheiro, de 50 salários mínimos mensais, pode ter uma vida considerada de “luxo”. O primeiro não poderá ter carro, o segundo poderá ter mais de um e trocar pelo modelo do ano todos os anos. A suposta “liberdade de escolha” aqui não existe: todos precisam de dinheiro e não podem escolher não ter dinheiro, todos precisam de mercadorias e assim por diante.

Marx já explicava que o trabalhador é “juridicamente livre”, pois ele vende sua força de trabalho se quiser e para quem quiser. Alguns diriam que isso prova sua “liberdade de escolha”. No entanto, explicava Marx, o escravo era constrangido pela coação física a trabalhar, como o servo. O proletário pode muito bem escolher se vai trabalhar ou não. No entanto, precisa de dinheiro para sobreviver, já que tudo é mercadoria. Ele não é constrangido por uma coação física, mas é por suas necessidades no conjunto de determinadas relações sociais. Caso não venda sua força de trabalho para o capitalista, lhe resta os meios ilegais e/ou imorais, como o roubo, a prostituição, entre outros. Isso significa aguentar as consequências, quais sejam: acusações morais, repressão, prisão, para me restringir a apenas alguns exemplos.

Ao vender sua força de trabalho, aparentemente, ele pode escolher para quem vende. Embora quem, especificamente, seja o comprador da força de trabalho, o capitalista A ou B, seja irrelevante, essa escolha não é tão livre assim. Sem recursos financeiros, dificilmente ele poderá viajar para outra cidade, estado, país. Se o fizer com poucos recursos, sofrerá as consequências porque provavelmente passará fome, frio, toda sorte de privações. Ele depende de quantos capitalistas existem, quantas vagas existem – se existir –, pois isso depende da quantidade de trabalhadores disponíveis e o “exército industrial de reserva” é grande, muito grande!

A liberdade de escolha que duas entrevistadas utilizam para dizer que elas decidiram o destino, não abstrai apenas isso, mas também que a sua situação no exterior está ligada ao dinheiro. A sua situação de semiescravidão e exploração está ligada ao dinheiro. O mecanismo utilizado pelos donos de clubes é a dívida, indo desde as passagens até o consumo diário, como se pode ver pelas entrevistas. O dinheiro é o meio de coação, não mais físico. A nova forma de coação é o dinheiro. O dinheiro não existe sozinho, ele não decide nada, não tem vida própria. É o portador do dinheiro que o utiliza como forma de coação. No caso das entrevistadas, os donos do dinheiro são os donos dos clubes, os capitalistas do setor de serviços.

Assim, a consciência das entrevistadas, que é um produto social e histórico construído em sua história de vida, marcada, como já foi dito, por escolaridade baixa, pela influência dos meios de comunicação de massas, permitiu desenvolver representações cotidianas sobre a questão da prestação de serviços sexuais, do tráfico internacional, entre outros fenômenos. As representações cotidianas se distinguem do pensamento complexo – científico, filosófico, técnico. Elas se caracterizam pela sua simplicidade, regularidade e naturalidade. A sua característica mais presente é a simplicidade. As respostas e explicações, no plano das representações cotidianas, são geralmente simples e imediatistas, como bem destacou Viana (2008, 2015).

A conexão dos fenômenos e sua inserção na totalidade é algo difícil de perceber a partir das representações cotidianas. Assim, se a pessoa toma uma decisão, a aparência é a de que foi totalmente livre para decidir, de modo que ela abstrai e/ou esquece o passado, as condições sociais, a cultura, enfim, tudo que compõe o universo de formação dessa pessoa.

Numa sociedade indígena, a prostituição nunca foi uma escolha possível, pois a inexistência de dinheiro, de oferta e procura de serviços sexuais, tornava isso algo desnecessário e impossível. A prestação de serviços sexuais só se torna possível com a instauração da desigualdade, da propriedade privada e de outros fenômenos correlatos, que, no capitalismo, assumem a forma de dinheiro, de mercadoria, de capital.

Assim, no âmbito das representações cotidianas, dificilmente se percebe o processo histórico e social de formação dos fenômenos, incluindo as decisões individuais. Tudo parece sair da mente que decide livremente⁸⁹. E essa percepção é reforçada por discursos e

⁸⁹ Esse tipo de posição tem suas raízes no liberalismo e seu individualismo, como coloquei anteriormente. É preciso explicar, para evitar mal entendidos, que não postulo um determinismo absoluto. Existe uma autonomia relativa do indivíduo, que varia de acordo com a sociedade, a época, a classe social, as conjunturas colocadas

concepções veiculadas pelos meios de comunicação, em exemplo é concepção liberal de liberdade e contatos sociais⁹⁰.

Essas representações cotidianas contraditórias também se revelam no questionamento sobre se os serviços sexuais no exterior é algo violento. No caso do tráfico, todas o consideram violento e não há contradição. A violência é vista em sua imediatividade: são enganadas, são coagidas fisicamente. Aqui não há a percepção da totalidade, categoria fundamental da dialética⁹¹. A contradição ocorre no primeiro caso, já que não há engano e nem coação física – o que é questionável e as próprias falas das entrevistadas mostram que não é exatamente assim. A contradição aparece na própria definição de violência e em sua não atribuição a prestação de serviços sexuais no exterior.

As entrevistadas, em sua maioria, como se pôde observar anteriormente, concebem a violência geralmente de forma ampla. No entanto, quando se trata de analisar se os serviços sexuais no exterior seriam uma forma de violência, algumas negam. As duas que negam o caráter violento desse processo são as que defendem como justificativa a existência de uma “liberdade de escolha”. As três que admitem ser violência apresentam representações coerentes.

Assim, temos um quadro global das representações cotidianas das entrevistadas e elas apontam para a percepção de que o tráfico é uma forma de violência e a prestação de serviços sexuais no exterior é vista como violência pela maioria. As representações cotidianas podem ser divididas em dois elementos básicos: as convicções, expressão da

pelo momento. Por exemplo, um capitalista tem muito mais liberdade e autonomia que um desempregado, ele pode ir e vir e consegue ultrapassar as fronteiras nacionais com relativa facilidade, enquanto que um desempregado terá dificuldade de se deslocar em sua própria cidade, por falta de dinheiro para pagar a passagem de ônibus ou metrô. Um escravo tinha menos liberdade e autonomia que um desempregado da sociedade atual. Existem situações sociais em que não existe nenhuma liberdade de escolha para o indivíduo. Por exemplo, na sociedade capitalista não há como um indivíduo escolher não usar o dinheiro. A única opção seria o roubo e teria que ser de tudo, pois mesmo se roubar uma coisa, terá que comprar outra, ou seja, usar o dinheiro e isso expressa algo tão correto que o objeto mais roubado de todos é o próprio dinheiro. Um indivíduo tem liberdade de escolha em algumas situações, por exemplo: uma mulher que tem dez vestidos de cores diferentes, poderá escolher a cor que usará. Um indivíduo honesto poderá escolher em exercer um ato de honestidade e ser perseguido e mal visto por isso. É o mesmo que já dizia Durkheim (1974): um indivíduo pode escolher não falar o idioma de seu país, mas sofrerá as consequências disto. Desta forma, a liberdade de escolha é ampla em alguns casos, diminuta em outras e inexistente em algumas. A liberdade de escolha é condicionada pela situação social e pela mentalidade do indivíduo, que é produto social. A liberdade de escolha é sempre facilitada para os indivíduos que compactuam com os valores, representações, dessa sociedade, pois vão escolher o mais fácil, o mais popular, o mais aceito, o mais condizente com os interesses daqueles que lhes cercam. Quando o indivíduo escolhe o que a sociedade não quer, sofre as consequências e são poucos que estão dispostos a isso e menos ainda os que não possuem uma compreensão desse processo.

⁹⁰ Um elemento interessante para se pesquisar é o discurso dos donos de clubes, dos aliciadores, entre outros, que, provavelmente, são os principais divulgadores da ideia de “liberdade de escolha”.

⁹¹ Essa visão unilateral e isolada dos fenômenos sociais acaba sendo reproduzida em diversas abordagens, como no caso de algumas feministas que isolam as relações entre homens e mulheres, retirando-as da sociedade e da história, restando, por fim, apenas a ação opressiva dos primeiros.

mentalidade dos indivíduos, e as convicções, que revelam seus valores fundamentais, sentimentos mais profundos, concepções mais arraigadas. E, por outro lado, as opiniões, ou seja, as posições dos indivíduos sobre determinados fenômenos e acontecimentos sem maior certeza e que são mais volúveis e influenciáveis (VIANA, 2008).

No caso da maioria das entrevistadas, se eu tivesse colocado em discussão a religião, isso remeteria às suas convicções. Não era esse, entretanto, o meu objeto de pesquisa. Para distinguir as convicções das opiniões, elaborei perguntas que pode ajudar a compreender os valores, os sentimentos e as concepções das entrevistadas. A religião e os valores tradicionais apareceram como convicções em grande parte dos casos. A preferência artística expressou o mundo das opiniões, na maioria dos casos. Essa distinção será importante adiante quando tratarei novamente das contradições.

Um dos elementos fundamentais nas convicções, além dos valores e concepções, são os sentimentos. A percepção dos sentimentos se torna fundamental para observar novas contradições nas falas das entrevistadas. Observando o quadro interpretativo comparativo (vide Apêndice B) é possível notar que das cinco entrevistadas, quatro apresentaram sentimentos negativos em relação ao seu trabalho no exterior. As três que consideraram que ele seria uma forma de violência foram coerentes. Assim, valores, concepções e sentimentos são coerentes e apontam para a recusa da prestação de serviços sexuais no exterior. No entanto, Noêmia afirma que não se trata de violência, mas demonstra que seus sentimentos são negativos em relação ao trabalho no exterior. Essa é uma nova contradição. A partir disso, posso conjecturar que a afirmação de não ser violência é apenas uma opinião de Noêmia, que entra em contradição com seus sentimentos e com alguns valores e concepções.

O caso mais curioso, no entanto, é o de Cristiane. Ela simplesmente omitiu seus sentimentos, não respondendo às questões que tratavam disso. Como exposto na análise de sua entrevista, um dos elementos que explicam isso é a cidade onde mora. Outro elemento são os seus valores. O dinheiro aparece como valor fundamental. Vivian e Elisabeth são as mais coerentes, mas Violeta também é. Noêmia é a mais contraditória. Cristiane também é uma das mais coerentes, num sentido oposto às demais. A razão disso remete aos valores de Cristiane. Ela é a mais ligada aos valores dominantes. Isso é explícito quando fala de dinheiro e em diversas outras passagens, algumas facilmente visíveis, outras não.

Uma das passagens em que ela demonstra seu vínculo com os valores dominantes – certo acesso à cultura dominante, que não consegui identificar a origem – está em sua resposta sobre a questão da arte. Ela afirma que sua arte preferida é a pintura. O conjunto

das entrevistadas tiveram dificuldades em responder a essa questão, devido ao “capital cultural” (BOURDIEU, 1970), pois entende como arte apenas a pintura e, nenhuma delas citou música, filme. As artes visuais mais populares ficaram totalmente de lado - simplesmente por não considerar isso como “arte” e, quando colocavam os ídolos citavam cantores, por exemplo. Cristiane respondeu que a pintura é sua arte preferida, mas não deu conta de responder que tipo de pintura e nem dizer o nome de algum artista. Quando indaguei qual artista lhe chamava a atenção, ela respondeu “não, os famosos mesmo”.

Sem dúvida, se a pintura fosse realmente sua arte preferida, ela saberia o nome de algum pintor famoso e basta ter acesso aos meios de comunicação para ouvir falar de Picasso, Van Gogh, Leonardo Da Vinci, entre diversos outros. Ao insistir na pergunta, ela disse não lembrar.

Qual a importância e o significado disso? A importância expressa o fato de ser uma pessoa de baixo capital cultural que compartilha os valores dominantes, ao ponto de escolher a pintura como arte preferida. As pessoas consideradas da “elite”, geralmente mostram suas preferências pela pintura. Bourdieu (1983) fez uma pesquisa sobre gostos e classes sociais e revela exatamente isso. Os valores dominantes geram gostos que são os da elite e os indivíduos das classes exploradas que possuem certas informações sobre o gosto da elite e são competitivos e subordinados aos valores dominantes, irão reproduzir, em seu discurso, essa preferência.

Na pesquisa de Bourdieu (1983), um operário manifestou a mesma posição que Cristiane: ao ser indagado sobre qual era o tipo de música que mais gostava, ele afirmou que era “música clássica”, dizendo que “não entendia”, mas gostava. O operário não preferiu música clássica nem Cristiane pintura. A sua resposta revela, expressa, uma tentativa de ganhar a competição social por apresentar um gosto que é das elites, daqueles considerados superiores e de gosto “afinado”, ganhando, assim, o status de pessoa mais culta. A liberdade de escolha aqui é predeterminada pela mentalidade de Cristiane, como o desejo de status e de vencer a competição social.

Dessa forma, é possível dizer que as mulheres envolvidas na prestação de serviços sexuais no exterior e que vivenciaram situação de tráfico, quanto mais estejam submetidas aos valores dominantes, mais tendem a naturalizar as relações sociais existentes, incluindo a própria profissionalização do sexo. O processo de naturalização em Cristiane é muito frequente. Algumas frases explicitam isso: “os brasileiros são racistas e os brasileiros são egoístas”; “Somos seres humanos e colocamos o dinheiro em primeiro de tudo, independente do amor e da amizade”; “nós seres humanos estamos sempre buscando algo

além de nossas necessidades básicas”. A naturalização significa afirmar que é natural o que é social e histórico, seja tornando “essência” ou “biológico”⁹². Essa naturalização abre caminho para a reprodução das relações sociais existentes, que são naturalizadas. Ela entra em contradição com o discurso da “liberdade de escolha”: se os seres humanos colocam o dinheiro em primeiro lugar em tudo, então não escolhem, estão predeterminados.

Em síntese, as representações cotidianas das entrevistadas apontam para a percepção de que a violência perpassa as relações sociais estabelecidas no tráfico internacional e na prestação de serviços sexuais, com o adendo de que, contraditoriamente, duas entrevistadas disseram coisas diferentes. Caso tivessem uma compreensão de violência como a que apresentei ou tivessem condições de analisar os processos sociais mais amplos, certamente concordariam com a ideia de que as mulheres são vítimas de violência nesses lugares.

O problema maior é que algumas das entrevistadas só compreendem como violência aquela que é feita diretamente. Assim, o raciocínio delas é semelhante ao caso daqueles que considerariam que um professor que proíbe os alunos de comerem a merenda escolar – imposição de castigo por alguma prática – comete um ato de violência. Por outro lado, um político corrupto que desvia verbas destinadas à compra de merenda escolar não seria considerado um ato de violência. Apesar de o último fato ser muito mais grave – e atingir em maior quantidade e mais intensamente os alunos –, como não foi uma violência direta, então não é entendido como violência.

Enfim, são essas as principais considerações que destaco neste capítulo sobre a questão das representações cotidianas das mulheres que vivenciaram situação de tráfico. Há elementos contraditórios em suas “declarações” sobre o fenômeno da violência. Grande parte delas expressa sofrimento porque, ora com mais intensidade ora menos, uma ou outra entrevistada assume que sofreu violência.

⁹² A forma mais comum de naturalização foi sistematizada pelas teses do determinismo biológico. No entanto, mais recentemente, surgiu outro tipo de naturalização denominada culturalista que transforma identidades em essências que ironicamente retornam à biologia, como bem destacou Jock Young (2002). Esse autor afirmou em seu livro *Sociedade Excludente*: “Uma maneira muito disseminada de lidar com a diversidade e a insegurança ontológica é o multiculturalismo. Esta doutrina se propagou em todo o mundo desenvolvido: mais pronunciada nos países anglófonos do que em outros, mais drasticamente desenvolvida no Estados Unidos e plataforma central do liberalismo – embora de qualquer forma, muitos lhes deem honras à direita do espectro político. Aqui contra a noção supremamente inclusivista de um cadinho em que a diversidade se perdesse no *ethos* da cultura dominante, o multiculturalismo permitiu que as pessoas fossem elas mesmas, desenvolvessem suas diferenças e tolerassem o desvio. A ironia do projeto é que suas contradições intrínsecas, em conjunto com as pressões e ansiedades presentes no contexto social mais amplo, se juntam constantemente para subvertê-lo. Assim como veremos, as atrações do essencialismo, de impulsos diametralmente opostos são ‘mercados de mundos’, ressurgem algumas vezes numa forma social, e mesmo sob a forma de um retorno à biologia como explicação do comportamento humano” (YOUNG, 2002, 149-150).

Outro elemento que merece destaque, antes de finalizar o capítulo, é o fato de duas das entrevistadas se dizerem decepcionadas com os homens – e essas duas apresentam sentimentos negativos quando se trata do sexo masculino. A ausência de confiabilidade no sexo oposto está relacionada às experiências que tiveram ao longo de suas trajetórias de vida e há uma barreira no coração dessas duas mulheres que é praticamente intransponível, já que não acreditam ser mais possível amar e estabelecer uma relação de confiança com o sexo oposto. Afirmções de que os homens são indignos de confiança resultam das experiências vividas durante a trajetória na Europa. Elas perderam a capacidade de reafirmar a alegria de viver, a alegria de amar e poder, enfim, compartilhar com o outro sexo experiências marcadas pela cumplicidade e pelo respeito mútuo. Foi roubada delas a capacidade de ser felizes e, incapazes de estabelecer laços de confiança, elas afastam com amargor qualquer possibilidade de ter esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O término de uma pesquisa traz duas sensações diferentes. Uma de alívio, pelo encerramento do trabalho e outra relativa à expectativa de como será recebida pelos leitores. O momento de escrever as considerações finais é aquele em que se avalia, em geral, o que foi produzido, se acrescenta algo que tenha faltado, se rememora as dificuldades e em que há a retomada do problema e seus desdobramentos. Aqui vou me limitar a apresentar uma avaliação geral da pesquisa e retomar o problema e objetivos que foram colocados no início da pesquisa.

A pesquisa com representações cotidianas é um desafio que foi realizado e concluído. Apesar de já ter trabalhado com representações cotidianas em outras pesquisas - PIBIC, artigos-, eram ensaios menos ambiciosos e cujo grau de dificuldade era menor dos enfrentados neste trabalho, devido aos obstáculos da temática específica da presente tese. A ideia de trabalhar com representações cotidianas é a de conseguir uma percepção mais profunda das opiniões e convicções das entrevistadas a respeito do tráfico de mulheres e da violência. Trata-se de um tema difícil e espinhoso, especialmente no caso do uso de entrevistas, afinal atinge a vida pessoal e íntima das entrevistadas, além de ser objeto de preconceitos sociais. Isso dificulta o acesso a mulheres que aceitem conceder entrevistas, que ofereçam respostas sinceras e que expressem o que realmente pensam.

A entrevista interpretativa apareceu como o instrumento mais eficaz para superar os obstáculos apresentados acima. Afinal, esse instrumento, inspirado nas contribuições psicanalíticas e no método dialético, aponta para uma análise mais profunda das entrevistas e da necessidade de contemplar mais informações sobre as entrevistadas, objetivando ter elementos para interpretar mais adequadamente o que é dito, especialmente a respeito do que era de interesse aqui: as representações cotidianas sobre violência e tráfico de mulheres. Considero que foi bastante satisfatório o resultado. As questões realizadas me permitiram obter uma percepção mais completa das entrevistadas e, assim, interpretar dentro do contexto de uma história de vida, de formação cultural, enfim, dentro de tramas e vivências das mulheres que se dispuseram a colaborar com a minha pesquisa.

A partir das entrevistas, pude refletir sobre as representações cotidianas das mulheres que vivenciaram situação de tráfico e estabelecer uma análise que possui

envolvimento direto com o problema e com os objetivos da pesquisa. O objetivo geral, proposto na pesquisa, foi descobrir as representações cotidianas das mulheres que vivenciaram a experiência do tráfico e perceber a relação que elas estabeleciam com o tráfico e sua relação com a violência. Considero que este objetivo foi concretizado, afinal as entrevistas interpretativas forneceram um rico material que a análise buscou destrinchar e, nesse caminho, busquei desenvolver uma interpretação que contou com o esforço de ser a mais fiel possível ao discurso das entrevistadas.

A pesquisa com representações cotidianas, nesse aspecto, mostrou-se adequada. Ao contrário de outras abordagens, especialmente a teoria das representações sociais, ela não só fornece um instrumento – a entrevista interpretativa – para conseguir informações mais amplas, mas também permite evitar o reducionismo de tomar pequenos trechos de falas que poderiam levar a conclusões pouco refletidas. Devo também considerar aqui a dificuldade em superar aparências, como também apresentar elementos analíticos – o método dialético – que permitiu pensar de forma mais profunda esse amplo material informativo fornecido pelas entrevistadas.

Nesse último aspecto, a diferença entre a abordagem dialética, que não se limita ao discurso e menos ainda a fragmentos do mesmo, gerando conclusões apressadas e problemáticas, e outros tipos de abordagem reside na busca incessante de aprofundamento, de estabelecer relações, de entender que o discurso é sempre contextualizado, perpassado pelas contradições e pelos problemas dos indivíduos, ou seja, não é algo simples e cristalino. Um trabalho árduo de várias leituras e reflexões é apenas o lado prático do processo de análise, que tem, de acordo com a proposta da entrevista interpretativa, que trabalhar um amplo material informativo que remete à biografia, à história e às condições de vida, além das representações cotidianas expressas nas respostas fornecidas ao longo do processo de pesquisa.

Os objetivos específicos também foram contemplados, já que a percepção do tráfico e sua relação com a violência, já contida no objetivo geral, foram desenvolvidas por meio da análise, assim como a análise da adesão voluntária e suas determinações. Isso foi possível quando se alcançou a concretização de outros objetivos específicos, que foram: a identificação de valores, sentimentos e concepções das vítimas do tráfico, o que gerou a compreensão de suas representações a esse respeito.

O trajeto desenvolvido, que iniciou com a discussão teórica a respeito da violência e das representações cotidianas, passando por diversas outras análises de cunho teórico sobre a sociedade contemporânea, permitiu ver o quadro global e os processos sociais que

ajudam a explicar não somente o fenômeno do tráfico de mulheres, como também o elemento adicional e, no caso da presente pesquisa, fundamental, que são as representações cotidianas das mulheres que vivenciaram a situação de tráfico. A discussão teórica deu suporte para a discussão posterior. A questão do conceito de violência, suas formas, entre outros aspectos, se tornou fundamental em toda a pesquisa. Da mesma forma, a discussão sobre representações cotidianas e sua produção assumiu importância fundamental no desenvolvimento da pesquisa.

A discussão sobre capitalismo contemporâneo também foi importante para compreender o fenômeno do tráfico e da violência. Diversas pesquisas vêm desenvolvendo análises que mostram a relação existente entre o aumento da violência e o “neoliberalismo”, a “globalização”. A questão do aumento do tráfico internacional remete às mudanças sociais e leva um conjunto de homens e mulheres a buscarem estratégias de sobrevivência e cabe aos sociólogos estabelecerem uma análise dessa relação. Essa foi a minha tentativa no segundo capítulo.

A análise das entrevistas, momento fundamental da pesquisa, foi realizada tendo por base todo um trabalho de reflexão. Essa reflexão esteve presente na questão de como seriam as entrevistas, no roteiro de perguntas, sem desconsiderar em nenhum momento as discussões dos capítulos anteriores e a teoria das representações cotidianas. A análise teve como ponto inicial e elemento clarificador o método dialético. Algumas leituras auxiliares vieram para ajudar explicar aspectos que nem sempre são facilmente compreendidos. O processo de análise proporcionou uma discussão que explica a realidade dos discursos que envolvem a questão do tráfico e da violência. Além e acima dos discursos, havia mulheres de carne e osso, que expressavam, com suas palavras, gestos, feições, seu sofrimento e suas dificuldades, que eram visíveis, inclusive por faltar a elas uma percepção mais ampla de sua própria experiência e situação.

Noêmia, Cristiane, Vivian, Elisabeth, Violeta são nomes fictícios de pessoas reais. Elas são mulheres sofredoras que nem sempre admitem seus sofrimentos. Nem sempre o entendem. Não as vejo como “objetos de estudo”. São seres humanos submetidos a relações de violência, degradação, “não realização”. Essas mulheres batalhadoras fazem escolhas, escolhas que podem prejudicá-las. Passam a valorizar valores que são mais prejudiciais do que benéficos e, em regra, não encontram compreensão da sociedade.

Elas não dominam os conceitos sociológicos, pouco ou nada sabem sobre classes sociais, capital, neoliberalismo, representações cotidianas, entre diversos outros termos trabalhados por sociólogos e outros cientistas sociais. Isso nos coloca diante da dura

realidade da vida e do sofrimento, por um lado, e do não acesso ao pensamento complexo, por outro. Esse último não poderia salvar essas pessoas de sua realidade e sofrimento. Poderia, talvez, possibilitar uma percepção mais crítica e algumas decisões distintas.

O elo entre o social e o racional é mediado pelo mundo dos valores e sentimentos que, muitas vezes, cegam as pessoas ou criam miragens. E a incapacidade de ver se torna dificuldade de amar, de lutar, de mudar. A falsa imaginação forja a cegueira e, muitas vezes, elas enxergavam o que não existia. Eram portadoras de sonhos ilusórios e desejos irrealizáveis. O engano, o engodo, o embuste junto com a incapacidade de ver a realidade de forma mais profunda pode ser prejudicial, gerador de conflitos desnecessários, de problemas fantasiosos e de necessidades fabricadas. A vida não é simples e, por isso, os caminhos são tortuosos e podem levar para lugares indesejáveis.

As mulheres que entrevistei mostraram isso. E não somente isso, porque demonstraram também a coragem, a resistência, o recomeço, o arrependimento, como ficou evidente na fala de algumas delas. Nesse sentido, elas são batalhadoras, lutadoras na vida e pela vida, mesmo que nem sempre vitoriosas, nem sempre sobrepujaram a situação social que está acima delas e de suas vontades. A mulher não é apenas mulher, apenas corpo. É corpo e também valores corporificados, sentimentos desenvolvidos e concepções incorporadas. É pressão social. É quem assiste TV. Quem ouve os demais com os quais convive. Vive num mundo repleto de ricas relações, por mais pobres que sejam no sentido de empobrecer sua vida, tanto material quanto cultural – incluindo, também aqui o sentimental.

No caso das mulheres que entrevistei, elas viajam para outros países, conhecem outras culturas, idiomas. Isso amplia a visão de mundo. A visão de mundo precisa ser ampliada para o enriquecimento pessoal e para a ação mais eficaz e menos prejudicial para si mesma. Essa ampliação tem outros meios que, além de cheiro, tato, visão, possibilita a reflexão e a compreensão. É a vida que se pode ver através dos livros, tanto a literatura quanto as obras filosóficas, científicas, sociológicas. Essa vida é dificultada, barrada, para as mulheres filhas das “famílias culturalmente desfavorecidas”. Essa “barragem” não se limita aí. Essa barragem, junto com outras, cria obstáculos para o enriquecimento que é direito de todo ser humano, que muitas vezes se perde exigindo direitos que são obstáculos para que se concretizem os direitos que são fundamentais.

A tese aqui apresentada tentou explicar e entender essa situação. Por qual motivo seres humanos aceitam se degradar em troca de dinheiro? Não em todas as situações e formas em que isso ocorre e sim numa forma específica. Por isso levantei o problema de

pesquisa “como as mulheres que vivenciaram situações de tráfico percebem esse fenômeno, ou seja, quais são suas representações? Como elas significam o fenômeno e sua relação com a violência?”.

As entrevistas mostraram e a análise respondeu a questão colocada. As representações cotidianas dessas mulheres mostram que elas gozam de uma consciência social e historicamente produzida e isso é afirmado, há muito tempo, pela maioria das abordagens sociológicas. O que foi possível perceber na pesquisa e que serviu para entendermos o processo de produção das representações cotidianas, é que elas estão intimamente relacionadas com sua história de vida. Essa é a história de vida de mulheres que possuem elementos em comum, como baixa escolaridade, sedução pelos meios de comunicação, classe desfavorecida e renda baixa, pois são mulheres econômica e culturalmente marginalizadas. As suas representações são simples, determinadas, quase sempre, pela baixa escolaridade e pelo não acesso ao pensamento complexo.

A simplicidade está presente em todas as entrevistas. Isso explica a confusão entre liberdade de escolha e liberdade real. A percepção da raiz social de suas decisões é fundamental porque, como Santos, Gomes e Duarte (2009) colocam, tais escolhas devem ser confrontadas com a situação real. O poder do dinheiro é visto acriticamente, algo naturalizado. Isso se reflete na percepção se o tráfico ou a prestação de serviços sexuais é um ato de violência ou não. As representações cotidianas sobre a violência são as comuns na sociedade, envolvendo crime e violência física. Por isso, muitas dizem não ter sofrido – ou sofrido pouco – a violência. Algumas das entrevistadas explicitam que foram vítimas de violência, nessa concepção mais restrita do termo. Mesmo nesse caso há contradição, pois afirmam que não sofreram violência ao passo que narram a agressão física sofrida. A maioria, no entanto, concebe a violência de modo amplo. Essa amplitude, no entanto, é possivelmente uma incorporação dos discursos emitidos pelos meios de comunicação e, por isso, a “violência psicológica”, entre outras, aparece, mas sem maior precisão.

Em geral, as representações cotidianas das entrevistadas apontam para a percepção de que o tráfico é uma forma de violência e a prestação de serviços sexuais no exterior é vista como violência pela maioria. Como já abordei mais detalhadamente esses aspectos, não retornarei a esse ponto. A conclusão geral é a de que as representações cotidianas das entrevistadas mostram uma percepção de que a violência perpassa as relações existentes no tráfico internacional e também – excetuando duas entrevistadas que nesse quesito demonstraram contradições – na prestação de serviços sexuais.

Enfim, a pesquisa trouxe o resultado de que, retirando as contradições e afirmações que possuem por base concepções mais restritas de violência, as representações cotidianas das mulheres entrevistadas apontam para a afirmação de que o tráfico é um processo violento. Um mundo de riquezas que poderia gerar vidas vividas dignamente e acaba sendo incentivador desse processo de violência generalizada. O tráfico internacional de mulheres é uma das formas de violência sofrida pelas mulheres contemporâneas e, por isso, a prevenção, principalmente nas escolas, mas não somente nelas, é de fundamental importância e precisa ser pensada e assumida como projeto. A punição é outro fator importante e, para isso, é necessário pensar com urgência os mecanismos regulatórios, num esforço contínuo de superar os limites do então, além de outros processos e, ao lado dos mesmos, a transformação social, pois acredito ser esta a única capaz de garantir a corrosão das bases geradoras, produtoras e reprodutoras deste triste fenômeno social.

REFERÊNCIAS

ABREU, Leonor de Oliveira. Atuação e formação: As representações sociais como base de análise da subjetividade na acadêmica dos psicólogos. **Cadernos de Pós-Graduação em Educação/Uninove**, vol. 02, 2003.

ALMEIDA, Hugo Tiago. **Tráfico Internacional de Mulheres**: Conceituação, dados e legislação aplicável ao tema. Portal E-Gov, 08 de dez. de 2011. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/tr%C3%A1fico-internacional-de-mulheres-conceitua%C3%A7%C3%A3o-dados-e-legisla%C3%A7%C3%A3o-aplic%C3%A1vel-ao-tema>>. Acessado em: 15 nov. 2015.

ALMEIDA, José Luiz de. **Tá na rua**. São Paulo: Xamã, 2001.

ALMEIDA, Rosemary. Violência urbana, exclusão social e identidade. In: LINS, Daniel; BARREIRA, César. **Poder e violência**. Fortaleza: Ed. Universidade Federal do Ceará/EDUFC, 1996.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

ARY, Thalita C. **O tráfico de pessoas em três dimensões**: evolução, globalização e a rota Brasil-Europa. Brasília: Universidade de Brasília, 2009 – Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://www.repositorio.bce.unb.br/bitstream/.../1/2009_ThalitaCarneiroAry.pdf>. Acesso: 08 jun. 2013.

AZEVEDO, Maria Amélia. **Mulheres Espancadas**: A Violência Denunciada. São Paulo, Cortez Editora, 1985.

BARREIRO, Júlio. **Violencia y política en América Latina**. 4 ed., México: Siglo Vientiuno, 1974.

BAUMAN, Zigmunt. **Por uma sociologia crítica**: um ensaio sobre senso comum e emancipação. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2 Volumes. 4 ed., São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BLAY, Eva Alterman. Oito de Março: Conquistas e Controvérsias. **Estudos Feministas**. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 601-607, Fev. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8643.pdf>> Acessado em: 11 nov. 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos 2**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BRAGA, Lisandro. A Teoria do Regime de Acumulação Integral. **Revista Conflito Social**. Ano 06, num. 10, julio a diciembre de 2013.

_____. **Classe em Farrapos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012.

BRASIL. **Decreto nº 5.017**, de 12 de março de 2004, que promulga o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças. 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5017.htm> Acessado em: 11 fev. 2016.

CARCANHOLO, Marcelo D. Neoliberalismo e Consenso de Washington. In: MALAGUTI, Manoel (org.). **Neoliberalismo: a tragédia de nosso tempo**. São Paulo: Cortez, 1998.

CASTILHO, Ela Wieko V. de. **A legislação penal brasileira sobre tráfico de pessoas e imigração ilegal/irregular frente aos Protocolos Adicionais à Convenção de Palermo**. 2015. Disponível em: <http://6ccr.pgr.mpf.mp.br/pfdc/informacao-e-comunicacao/informativos-pfdc/edicoes-de-2006/maio-2006/seminario_cascais.pdf> Acessado em 01 ago. 2015.

COLOGNESE, Sílvio A.; MÉLO, José Luiz. A Entrevista na pesquisa social. In: BAETA NEVES, Clarissa E. B.; CORREA, Máira B. (Orgs.). **Pesquisa social empírica: Métodos e técnicas**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

CORREIA, Edwiges C.C. et al. O Cenário da Legislação Brasileira no Contexto do Tráfico de Pessoas. IN: DURÃES, Telma F. et al. **Tráfico Internacional de Pessoas e Outros Trânsitos**. Goiânia: PUC/Editora Acadêmica, 2014.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e Psicanálise**. 2 ed, Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DADOUN, Roger. **A Violência**. Ensaio Acerca do “Homo Violens”. São Paulo, Difel, 1998.

DAMATTA, Roberto. **Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira**. Rocco: Rio de Janeiro, 1994.

DEEKE, Leila Platt et. al. A Dinâmica da Violência Doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.18, n.2, p.248-258, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902009000200008&script=sci_arttext> acessado em: 14 ago. 2015.

DOMENACH, Jean-Marie. La Violencia. In: DOMENACH, Jean-Marie et. al. **La Violencia y Sus Causas**. Paris, Editorial de la Unesco, 1981.

DURÃES, Telma F. Relato de uma experiência: pesquisa sobre o tráfico internacional de mulheres. IN: DURÃES, Telma F. e outros. **Tráfico internacional de pessoas e outros trânsitos**. Goiânia: PUC/Editora Acadêmica, 2014.

DURKHEIM, Émile. **As Formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. Representações individuais e representações coletivas. In: **Sociologia e Filosofia**. São Paulo, Forense, 1978.

FARIA, Nalu; POULIN, Richard. **Desafios do livre mercado para o feminismo**. São Paulo: SOF, 2005.

FILHO, Neimeyer Almeida; PAULANI, Leda Maria. Regulação Social e Acumulação por Espoliação. Reflexão sobre a essencialidade das teses da financeirização e da natureza do Estado na caracterização do capitalismo contemporâneo. **Economia e Sociedade**. Campinas, vol. 20, num. 2 (42). Agosto de 2011.

FROMM, Erich. **O Coração do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

_____. **A Anatomia da Destrutividade Humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **Meu Encontro com Marx e Freud**. 7 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

_____. **Ter ou Ser?** 4 ed, Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

_____. **Do Ter ao Ser**. Rio de Janeiro: Manole, 1992.

FROMM, Erich; MACCOBY, Michael. **O Caráter social de uma aldeia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FRONDIZI, Risiere. **Qué Son Los Valores?** 3 ed, Santiago, FCE, 1993.

GARZÓN, Adela. Familismo y creencias políticas. **Psicología Política**, nº 17, 1998.

GOLDMAN, Emma. Tráfico de Mulheres. **Cad. Pagu**, n.37, Campinas July/Dec. 2011.

GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e Queixas**: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. 3ª edição, Petrópolis, Vozes, 1997.

HAGUETTE, Teresa. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 4 ed., Petrópolis, Vozes, 1995.

HARVEY, David. **A Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HIRST, Paul; THOMPSON, Grahame. **Globalização em Questão**. Petrópolis: Vozes, 1998.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e**

Civil. In: Col. Os Pensadores. 3ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1983.

IANNI, Octavio. **A Sociedade global.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

_____. Violence in contemporary society. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, n.12, p. 7-28, 2002.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização.** 11 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

KAPPAUN, Alexandre de Oliveira. **Tráfico de mulheres, feminismo e relações internacionais:** uma abordagem histórica. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/enabri/n3v1/a04.pdf>> Acessado em: 05 jul. 2015.

KLAUTAU, Perla; WINOGRAD, Monah. Dos sonhos traumáticos ao sonhar analítico. **Cad. Psicanálise-CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 41-55, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v35n29/a03.pdf>> Acessado em: 11 fev. 2016.

KOLLONTAI, Alexandra. **A Nova Mulher e a Moral Sexual.** 2 ed., São Paulo: Expressão Popular, 2011.

KORSCH, Karl. **Marxismo e filosofia.** Porto: Afrontamento, 1977

KOWALSKA, Santa Maria Faustina. **Diário:** La divina misericórdia en mi alma. 4 ed, Editorial de Los Padres Marianos, 2001.

KUDE, Vera M^a. Moreira. Como se faz um projeto de pesquisa qualitativa em psicologia. **Psico – Revista da Faculdade de Psicologia da PUCRS.** Porto Alegre, v. 28, n.1, p. 7-32, jan./jun.1997.

LANE, Sílvia Tatiana Maurer. Usos e Abusos do Conceito de Representação Social. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **O Conhecimento no Cotidiano.** As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social. São Paulo, Brasiliense, 1995.

LAPASSADE, Georges. **Entrada na Vida.** Lisboa: Edições 70, 1975.

LAVARÈNE, Célhia. **Passaporte para o Inferno.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **La Presencia y la ausencia.** Contribución a la teoría de las representaciones. México: FCE, 2006.

LEME, Maria Alice V.S. O impacto da teoria das representações sociais. In: SPINK, M. J. (org.). **O conhecimento no cotidiano.** As representações sociais na perspectiva da psicologia social. S. Paulo: Brasiliense, 1993.

LEME, Maria Alice V. S. O Impacto da teoria das representações sociais. In: SPINK, Mary Jane. (org.). **O Conhecimento no cotidiano:** As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LOBROT, Michel. **A Favor ou Contra a Autoridade**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

LORENZ, Konrad. **A Agressão: uma história natural do mal**. Lisboa: Moraes, 1973.

LUCINDA, M^a. Da Consolação; NASCIMENTO, M^a. das Graças.; CANDAU, Vera M^a. **Escola e Violência**. Rio de Janeiro, DP&A, 1999.

MACHADO, Lia Zanotta. Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. **Interface _ Comunic, Saúde, Educ**, v.4 , n.8, p.11-26, 2001.

MALAGUTI, Manoel (org.). **Neoliberalismo: A tragédia de nosso tempo**. São Paulo: Cortez, 1998.

MARQUES, Edmilson. O ser humano da sociedade capitalista na concepção de Erich Fromm. **Revista Espaço Acadêmico**. Ano X, num. 110, julho de 2010.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. 2^a edição, São Paulo, Martins Fontes, 1983.

_____. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. **Trabalho Assalariado e Capital**. 4 ed. Rio de Janeiro: Global, 1987.

MARX, Karl; ENGELS, Frederick. **Manifesto do Partido Comunista**. 6 ed., São Paulo: Global, 1988.

_____; _____. **A Ideologia alemã**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

MICHAUD, Yves. **A Violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 9 ed, Petrópolis: Vozes, 1998.

MONTAGU, Ashley. **A Natureza da Agressividade Humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

NASCIMENTO, Elimar. Notas a respeito da escola francesa da regulação. **Revista de economia política**. v. 13, n. 2 (50), abril/junho, 1993.

NASCIMENTO, Telma; RIBEIRO, Paulo; MATOS, Luciana. Violência e Relações Internacionais: As Dimensões da Violência e o Crime Organizado na América Latina –

Uma Proposta de Estudo. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 18, n. 1/2, p. 19-34, jan./fev. 2008.

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Fátima O. de; WERBA, Graziela C. Representações Sociais. In: STREY, Marlene Neves. **Psicologia Social Contemporânea** et. al. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ORTIZ, Renato (org.). Bourdieu – Sociologia. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. p.82-121, 1983.

OLIVEIRA, Francisco. A questão do Estado: vulnerabilidade social e carência de direitos. In: **Subsídios à Conferência Nacional de Assistência Social**, 1. Brasília: CNAS, out. 1995. (Cadernos ABONG).

PANINO, Edina. **Representações cotidianas sobre o início do uso de cigarro em diferentes grupos sociais**. 2010. Dissertação [mestrado]. São Paulo: Escola de Enfermagem; Universidade de São Paulo, 2010.

PEIXOTO, Maria Angélica; NASCIMENTO, Telma. O Tráfico internacional de mulheres. **Revista Espaço Acadêmico** (UEM) v. 10, p. 120-126, 2010.

_____. As representações cotidianas do trabalho doméstico. In: MARTINS, Dilamar; MATTOS, Isabel M.; SOARES, Mauro V. **Região e poder**. Representações em fluxo. Goiânia: EdPuc, 2010.

PISCITELLI, Adriana. **Brasileiras na indústria transnacional do sexo**. Reio de Janeiro: Garamond, 2007.

POSSAS, Mario Luiz. **O Projeto Teórico da Escola da Regulação**: Alguns Comentários. Novos Estudos nº 21 - Julho de 1988. Disponível em: <http://novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/55/20090701_o_projeto_teorico_da_escola_da_regulacao.pdf> Acessado em: 11ago.2013.

POULIN, Richard. Quinze Teses sobre o Capitalismo e o Sistema Mundial de Prostituição. In: FARIA, Nalu (org.), POULIN, Richard. **Desafios do Livre Mercado para o Feminismo**. São Paulo: SOF, 2005.

SÁ, Celso Pereira de. **A Construção do Objeto em Pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro, Eduerj, 1998.

SALGADO, Daniel Resende. Raio X do tráfico em Goiás. Fato Típico: **Revista do Núcleo de Persecução Criminal da Procuradoria da República – PR/GO**. Ano 1, n. 1, 2009.

SANTIBANEZ. Dione Antônio de C. de C. A Economia Política do Crime Organizado Transnacional. IN: DURÃES, Telma F. et al. **Tráfico Internacional de Pessoas e Outros Trânsitos**. Goiânia: PUC/Editora Acadêmica. 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa; GOMES, Conceição; DUARTE, Madalena. Tráfico sexual de mulheres: Representações sobre ilegalidade e vitimação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v.87, Dezembro 2009, p. 69-94.

SANTOS. Aldevina M., LIMA, Angelita P.; ALVARENGA, Gabriela A. Tráfico de Pessoas: contextos complexos e contraditórios. **Caminhos. Revista do Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas em Goiás**. Ano 1, n. 1 abril/junho de 2011. p.11-15.

SARTRE, Jean-Paul. **Mãos Sujas**. Lisboa: Europa América, 1972.

SAWAIA, Bader Burihan. Representação e Ideologia — O Encontro Desfetichizador. In: SPINK, Mary Jane (org.). **O Conhecimento no cotidiano**. As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHULTZ, Arlan J.; SILVA JÚNIOR, Ednaldo Enoque. A Recusa da Política Contemporânea: Uma Leitura Arendtiana. **Revista Semina**, v. 14, n. 2, 2015.

SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA, Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. **Relatório Nacional sobre Tráfico de Pessoas**: consolidação dos dados de 2005 a 2011. Projeto BRA/X63 - Suporte à Secretaria Nacional de Justiça para o aprimoramento da implementação da Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas. Abril de 2013. Disponível: <https://www.unodc.org/documents/lpo-brazil/noticias/2013/04/2013-04-08_Publicacao_diagnostico_ETP.pdf> Acessado em: 16 abr. 2016.

SILVA, Renata Signoretti. **Formas contemporâneas de ativismo político**. Etnografia do movimento massa crítica. Porto Alegre: 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/56443>> Acessado em: 05 mar. 2012.

SOARES, Cássia et. al. Representações cotidianas: uma proposta de apreensão de valores sociais na vertente marxista de produção do conhecimento. **Revista da Escola de Enfermagem/USP** vol.45 nº 2, São Paulo, Dez. 2011.

SOUSA FILHO, Alípio. Cultura, ideologia e representações. In: CARVALHO, Maria do Rosário de; PASSEGGI, Maria da Conceição; SOBRINHO, Moisés Domingos. (Org.). **Representações sociais: teoria e pesquisa**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2003.

SOUZA, Thaís; LARA, Ângela. **Os fundamentos teórico-metodológicos das escolas Neoliberais do século XX**: implicações nas políticas Educacionais. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/325/107> Acessado em: 01 dez. 2012.

SPINK, Mary Jane. (Org.). **O Conhecimento no Cotidiano**. As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social. São Paulo, Brasiliense, 1995.

STORR, Anthony. **A Agressão Humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. “A violência como dispositivo de excesso de poder”. **Revista Sociedade & Estado**. Brasília, UnB, v. 10, n. 2, julho-dezembro 1995, p. 281-98.

TAYLOR, Yan; WALTON, Paul; YOUNG, Jock. **Criminologia Crítica**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TELLES, Vera. Movimentos Sociais: Reflexões sobre as Experiências dos anos 70. In: SCHERER-WARREN, Ilse; KRISCHKE, Paulo. **Uma Revolução no Cotidiano?** Os Novos Movimentos sociais na América do Sul. São Paulo: Brasiliense, 1987.

TOLEDO, Enrique La Garza. Neoliberalismo e Estado. In: LAURELL, Asa Cristina (Org.). **Estado e Políticas Sociais no Neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 1995.

UNODC. **Dados do escritório das nações unidas sobre drogas e crime**. 2011. Disponível em: <http://multimedia.unodc.org/brazil/pt/project_r_18.html> Acesso em: 10 mai. 2014.

UNODC. **Global Report on Trafficking in Persons**. 2012. Disponível em: <https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/glotip/Trafficking_in_Persons_2012_web.pdf> Acesso em: 25 jul. 2014.

VIANA, Nildo. Violência, Conflito e Controle. In: SANTOS, Sales et al. (Orgs.). **50 anos depois: relações raciais e grupos socialmente segregados**. Brasília: MNDH, 1999.

_____. **A Filosofia e sua Sombra**. Goiânia: Edições Germinal, 2000.

_____. Inspeção do trabalho e violência nas relações de trabalho. In: DAL ROSSO, Sadi; SILVA, Fernando; LIMA, Ricardo (Orgs.). **Violência e trabalho no Brasil**. Goiânia: Editora UFG, 2001.

_____. Violência e escola. In: VIEIRA, Renato; VIANA, Nildo (Orgs.). **Educação, cultura e sociedade**. Abordagens críticas da escola. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

_____. **Violência Urbana: A cidade como espaço gerador de violência**. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

_____. **A Dinâmica da Violência Juvenil**. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

_____. O Trabalho Feminino sob o Capitalismo. In: VIANA, Nildo (Org.). **A Questão da Mulher**. Opressão, Trabalho e Violência. Rio de Janeiro, Ciência Moderna, 2006.

_____. **Os Valores na Sociedade Moderna**. Brasília, Thesaurus, 2007.

_____. **O Capitalismo na era da acumulação integral**. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.

_____. **Senso comum, representações sociais e representações cotidianas**. Bauru: Edusc, 2008.

VIANA, Nildo. Economia Política da Violência no Trânsito. **Élisée - Revista de Geografia da UEG**. v. 2, n. 1, 2013a.

_____. A Dificil Passagem das Representações Cotidianas para o Pensamento Complexo. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. v. 08, n. 01, 2013b.

_____. Imaginário e Ideologia – As Ilusões nas Representações Cotidianas e no Pensamento Complexo. **Revista Espaço Livre**, vol. 8, n. 15, jan/jun 2013c.

_____. **A Pesquisa em representações cotidianas**. Lisboa: Chiado, 2015.

WACQUANT, Löic. **As Prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

WAGNER, Wolfgang. Descrição, Explicação e Método na Pesquisa das Representações Sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. 3ª edição, Petrópolis, Vozes, 1997.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O Capitalismo Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

WEIL, Eric. **Filosofia política**. São Paulo: Loyola, 1990.

WERNER, Guilherme C. **O crime organizado transnacional e as redes criminosas**. Presença e influência nas relações internacionais contemporâneas. 2009. Tese [Doutorado] São Paulo: USP, 2009.

WIERWORKA, Michel. O novo paradigma da violência. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. – v.9, n. 1 (maio de 1967), São Paulo: USP, FFLCH, 1989.

YOUNG, Jock. **Sociedade Excludente**: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Interpretativa**TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES: VIOLÊNCIA E
REPRESENTAÇÕES****PARTE I – INFORMAÇÕES PESSOAIS**

Nome:

Idade:

Profissão:

Emprego:

Renda mensal pessoal:

Renda mensal familiar:

Quantas pessoas moram em sua residência? Qual profissão e escolaridades dos familiares?

Possui casa própria ☐ sim ☐ não

Possui carro ☐ sim ☐ não

Possui computador ☐ sim ☐ não

Tem acesso à internet ☐ sim ☐ não

Possui propriedades ☐ sim ☐ não

Qual sua profissão atual?

Não tem profissão?

É Estudante ☐ dona de casa ☐ desempregado ☐ outro ☐. Qual? Aos finais de semana trabalha de manicure.

PARTE II- INFORMAÇÕES BIOGRÁFICAS

Qual cidade nasceu?

Caso houve tal mudança, qual foi o motivo?

Em que bairro mora atualmente?

Qual era renda, posses, profissão e vida familiar no passado?

Conte sua formação escolar, desde a infância até hoje.

Qual a escolaridade de seus pais?

PARTE III – INFORMAÇÕES CULTURAIS

Participa de alguma religião ou igreja? Qual?

Como você se define politicamente?

O que para você é mais importante na vida?

Qual é o seu grande sonho?

Quais são os seus ídolos (personagens, ídolos, artistas, intelectuais)?

Você acha que existe um sentido na vida? Se sim, qual?

Cite as coisas que mais gosta.

Cite as coisas que menos gosta.

Qual é seu lazer?

Qual tipo de arte mais gosta? Cite exemplos.

Você considera que qualquer atividade para ganhar dinheiro é válida?

O que você acha que um indivíduo necessita para ser feliz?

É suficiente uma pessoa sobreviver ou considera que ela precisa algo mais além da satisfação de suas necessidades básicas?

Como você vê a situação da mulher na sociedade atual?

Como você vê as profissionais do sexo?

PARTE IV: INFORMAÇÕES SEMICONSCIENTES

Débora trabalhava numa loja de brinquedos como vendedora. Ela trabalhava cinco dias por semana, oito horas por dia. O patrão era muito rígido e ameaçava demitir

qualquer funcionário que faltasse mesmo que fosse apenas um dia e com justificativa - até mesmo se fosse por motivo de doença. Ela tinha que fazer todo o trabalho de vendas e também de reposição de mercadorias, remarcação de preços e até serviço de limpeza. Ela tinha que usar uniforme da loja, atender diversas exigências... Quando voltava para casa, pela noite, tinha que fazer tudo que seu pai ordenava: arrumar a casa, fazer comida, passar roupa, entre outras coisas. Ele não a deixava sair de casa além de ir para o emprego, nem nos finais de semana. Débora não podia assistir televisão e, ter qualquer outro lazer. Um dia ela pediu para ir à Igreja e o pai não deixou. Ficava com o dinheiro dela e só lhe passava o necessário para ela trabalhar.

Na história acima, você acha que a personagem Débora é vítima de alguma forma de violência?

Se sim, quem exerce a violência? [caso não, passe para a pergunta sobre Joana]

Qual tipo de violência?

Veja a história abaixo:

Joana, uma jovem mãe moradora da periferia de uma grande cidade, estava em casa, com sua filha chorando com fome, e ela dizia: “Mamãe vai arrumar algo para a gente comer”. De repente, um homem bate na porta e ela atende. Conversa com ele alguns minutos e nervosa volta e arruma suas coisas e entrega a criança para a vizinha, que é sua prima. A criança continua chorando, agora por causa dela. Muitos anos depois, quando a criança já é adulta, conversa com sua mãe e esta diz que naquele dia foi para outro país, por vontade própria, para conseguir dinheiro e para isso se prostituiu, mas que não se arrependia e faria tudo outra vez pela sua filha, para dar comida e conforto para ela.

A partir dessa história, responda:

O que você acha da atitude de Joana?

O que você acha que ela sentiu com a partida?

Ela é sincera quando diz que não se arrependeu?

O que você sentiria no lugar de Joana?

O que você sentiria no lugar da filha de Joana?

Ao assistir a novela Salve Jorge (ler sinopse), quais sentimentos ela despertou em você?

Morena (Nanda Costa) é uma jovem simples que vive no Complexo do Alemão, conjunto de favelas do Rio de Janeiro. Seu sonho sempre foi brilhar na carreira artística, mas uma gravidez precoce interrompeu os planos da moça. Agora ela batalha para criar o filho Junior (Luis Felipe Mello) e só conta com a ajuda de sua mãe, Lucimar (Dira Paes). Mesmo assim, acredita que um dia realizará tudo o que sempre sonhou.

A vida de Morena começa a mudar quando ela conhece Theo (Rodrigo Lombardi). Theo é um homem bom que tem em seu passado um episódio muito marcante. Quando criança, passou três dias soterrado após um desabamento. Resgatado no dia de São Jorge, tornou-se devoto do santo guerreiro, a quem sempre recorre quando precisa de

ajuda. Agora adulto, Theo é Cavaleiro do Exército e namora a tenente Érica (Flávia Alessandra). Érica é de família tradicional, serve no mesmo regimento que Theo como veterinária e sonha em se casar, embora saiba que o amor não está em primeiro lugar na vida de seu namorado. O rapaz dedica-se muito à carreira e tem como grande objetivo tornar-se campeão de hipismo, mas Érica acredita que é capaz de fazê-lo mudar suas prioridades e valorizar mais o relacionamento.

Theo e Morena se conhecem por acaso e não se dão muito bem a princípio. Mas, para surpresa dos dois, a implicância mútua dá lugar a um sentimento forte e verdadeiro. Apaixonado por Morena, Theo se separa de Érica e enfrenta o preconceito de sua mãe, Áurea (Suzana Faini), que não aceita ver o filho, um militar, envolvido com uma moradora do Complexo do Alemão. Theo e Morena passam a viver sua paixão, mas quando tudo parece estar perfeito na vida da moça, ela recebe uma proposta difícil de recusar: Livia (Claudia Raia), uma mulher sofisticada e bastante conhecida na alta sociedade, faz a jovem uma tentadora oferta de trabalho na Europa. O salário é excelente e Morena entende que essa é a grande oportunidade que ela tem de mudar sua própria vida e as vidas de sua mãe e seu filho. Mesmo sofrendo por ter que se afastar de Theo, ela decide ir, afinal será só por algum tempo. Tão logo consiga juntar dinheiro, ela voltará para o Brasil e para o lado de seu grande amor.

O que Morena nem desconfia é que Livia, uma mulher acima de qualquer suspeita, é parte de uma rede internacional de tráfico de pessoas. Ao chegar no seu destino, a jovem descobrirá que a proposta sedutora não passou de uma armadilha, e o que parecia ser a oportunidade de realizar seu sonhos se revelará um terrível pesadelo em terras distantes.

Algum personagem lhe trouxe lembranças ou sentimentos ruins?

Quais personagens você considera que foram éticos?

O dinheiro está envolvido na trama da novela, já que o tráfico era realizado por causa dele. O dinheiro é o que existe de mais importante? Vale a pena se sacrificar por causa de dinheiro?

Você acha que a liberdade é mais importante do que o conforto ou o contrário?

PARTE V: INFORMAÇÕES REPRESENTACIONAIS

Como você define violência?

O que você pensa sobre o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual.

Você considera que esse tráfico é uma forma de violência?

Você considera que a ida para o exterior visando retorno financeiro através de serviços sexuais vale a pena?

Quais foram suas motivações para viajar para a Espanha?

Você se arrependeu ou se envergonhou de suas atividades na Espanha?

Você sentiu medo, isolamento, tristeza? Quais sentimentos a acompanhavam durante sua estadia na Espanha e Portugal?

Existia uma grande rotatividade de mulheres nas casas em que trabalhou? Se sim, por quais motivos?

Como você percebia a situação das outras mulheres que estavam na mesma situação que você?

Como você vê o trabalho que fez no exterior?

Como você avalia o trabalho das outras meninas?

Você considera que foi explorada?

Você pensa que foi vítima? Considera que sofreu violência?

Fez algo contra sua vontade? Sofreu imposição de algo?

Qual a sua visão sobre a ida de mulheres do Brasil para o exterior?

"Alguns bordéis legais de Nevada e do Novo México, nos Estados Unidos, possuem espaços gradeados, cães, vigilantes, como se não passassem de um universo carcerário onde as pessoas prostituídas estão em situação de detenção ou de escravidão. Em Hamburgo, o acesso a certos espaços reservados à prostituição são fechados por barreiras. Em Istambul, a entrada das [casas noturnas] é vigiada. Em Calcutá, pessoas prostituídas são soltas de uma jaula para divertir turistas sexuais. O proprietário de uma boate, no nordeste da Bósnia, instalou-se em meio a campos minados que têm uma única via de acesso. Não é possível a evasão. Vigilantes também espreitam as saídas". Existe alguma semelhança desses lugares descritos com os frequentados por você na Espanha?

Fonte do resumo da novela Salve Jorge: <http://www.resumodasnovelas.tv/globo/salve-jorge/sinopse.php>

APÊNDICE B – Quadro interpretativo-comparativo

Quadro interpretativo comparativo

Nome	Noêmia	Vivian	Elisabeth	Violeta	Cristiane
Classe social de origem	Classes exploradas	Classes exploradas	Classes exploradas	Classes exploradas	Classes exploradas
Classe social atual	Classes exploradas	Rentista	Classe explorada	Classes exploradas	Classes exploradas
Formação escolar	Ensino Médio Completo	Ensino Médio Completo	Estudou até sexta série	Estudou até 5ª série	Estudou até 9ª série.
Família	Baixa renda, baixa escolaridade.	Baixa renda, baixa escolaridade.	Baixa renda, baixa escolaridade.	Baixa renda, baixa escolaridade.	Baixa renda, baixa escolaridade.
Concepção de violência	Relativamente Ampla, (incluindo grito, constrangimento)	Ampla (Tudo que é ruim, maldade)	Não identificamos	Pouco clara (“a maior crueldade”).	Ampla (“vários tipos: violência física, verbal, etc.).
Posição diante do Tráfico	“violência séria”	Violência (“escravidão”)	Contra (provavelmente “violência”).	Violência	Violência (física)
Posição diante da ida para exterior para prestação de serviços sexuais	Não é violência, pois há “liberdade de escolha”	“Não vale a pena” (triste, riscos, exploração).	Contra (arrependimento, vergonha)	Contra. (sofreu violência, foi vítima).	Não é violência (liberdade de escolha)
Posição diante das profissionais do sexo	“normal”, a maioria é por necessidade	“não vale a pena”, é contra.	Ausente	“Normal”	“profissão como qualquer outra”.
Valores	Família, dinheiro, trabalho, casamento	Família, Amor fraterno, profissão, escolarização.	Saúde, família, liberdade, honestidade	Dinheiro, Trabalho e família	Dinheiro, amor, amizade.
Sentimentos (relativos aos serviços sexuais no exterior e tráfico)	Negativos	Negativos	Negativos	Negativos	Omitidos (saúde é o único que aparece).
Concepções	Contraditórias (Liberdade de escolha como critério)	Contra o tráfico e serviços sexuais, Religiosidade forte	Contra tráfico e serviços sexuais.	Contra tráfico e serviços sexuais	Contra tráfico, a favor de serviços sexuais (liberdade de escolha como critério)

APÊNDICE C – Abordagens malogradas

ABORDAGENS MALOGRADAS: RELATO DAS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Tão logo fui aprovada no programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Ciências Sociais-UFG, dei início ao processo de levantamento de material informativo que serviu de base para a elaboração da tese doutoral. Foram inúmeras as dificuldades encontradas.

Farei um breve relato dessas dificuldades para deixar mais claro o processo de produção da pesquisa, especialmente a realização das entrevistas, pois essa atividade sempre encontra problemas e obstáculos. Em alguns casos, isso é mais grave, dependendo do tema e de quem será entrevistado. Esse foi o caso de minha pesquisa. O tema é delicado e as possíveis entrevistadas, geralmente, não gostam de recordar o processo doloroso que viveram. Isso porque, além da vergonha e condenação social, há uma resistência em tratar de questões da vida íntima das mesmas. O breve relato ajuda a mostrar como algo que não foi incluído na pesquisa acaba reforçando a visão de que se trata de um processo de violência, que deixa marcas nas vidas das mulheres envolvidas no tráfico internacional. Desse modo, este é o objetivo deste texto.

E foi assim que começaram as minhas dificuldades:

No início de 2012, tentei entrevistar, em Uruaçu, cinco jovens mulheres - Maria, Joana, Ana, Eva e Antônio⁹³. Todas foram incisivas em dizer que não retornariam ao passado; três delas alegaram que o marido não permitia que falassem do que vivenciaram lá.

Em meados de novembro de 2012, estive em uma Escola Estadual da cidade de Uruaçu tentando entrevistar duas garotas, cujo conjunto de informações obtidas confirma que elas estiveram envolvidas em situação de tráfico. Tais garotas me informaram os números de telefone para agendar e quando retornei (na data indicada por elas) se negaram a conceder a entrevista, alegando que tinham medo porque era perigoso falar do assunto.

⁹³ Nomes fictícios.

Tentei entrevistar também Cláudia, no início de 2013 e, segundo informações, ela possuía grande beleza física no passado. Minha informante afirmou que toda essa beleza foi sugada pelo consumo abusivo de drogas na Europa. A mãe dela não permitiu que ela me concedesse a entrevista e alegou que ela “não atina mais”⁹⁴. Obtive, ainda, as seguintes informações: a jovem foi para a Espanha em 2000, junto com um número considerável de garotas que tinha entre 18 e 20 anos. Cláudia, ainda segundo a informante, retornou em 2006 sem dinheiro, com dependência química e envelhecimento precoce.

Em 06 de abril de 2013, participei de um trabalho de campo realizado em um bar de Goiânia, na condição de integrante da equipe de pesquisadores e pesquisadoras do projeto coordenado por minha orientadora, intitulado “Tráfico Internacional de Mulheres: Goiás pensando a prevenção”. Abordamos várias profissionais do sexo visando obter informações sobre moças que estiveram na Europa e conseguimos levantar uma lista considerável de contatos. Apesar de que a visita ao bar tenha sido muito frutífera, pois conseguimos cinco números de telefones de mulheres que estiveram na Espanha e em Portugal – sendo que os números de celulares foram cedidos pelas próprias mulheres que estiveram naqueles países – em relação à concessão das entrevistas, pouco conseguimos. Uma das mulheres que me passou o contato, considera que foi vítima de tráfico, pois foi para o exterior “iludida de que ia ser babá”. Dessas cinco mulheres que cederam seus números de telefones, apenas uma concedeu entrevista.

Na cidade de Uruaçu, tentei entrevistar, em janeiro de 2014, uma das jovens que foi entrevistada em meados de 2000, por uma revista de grande circulação nacional. Essa jovem dirige uma pequena empresa e obteve um relativo sucesso financeiro com o dinheiro que trouxe da Espanha. Afirmou categoricamente que jamais daria entrevista novamente: “Não falo sobre minha experiência na Europa para mais ninguém”. Disse que sofreu discriminação após a publicação da matéria.

Em 15 de janeiro de 2014, tentei entrevistar Bruna e essa foi mais uma das muitas colheitas de “Não”. Depois de minha identificação via interfone, Bruna se negou a abrir o portão para eu ter acesso à sua casa. Perguntou, ao atender o interfone: “Quem é você” “O que você quer?” Quando me identifiquei e disse que era pesquisadora da UFG, do outro lado pude ouvir um sonoro: “Não posso te atender”!

No início de 2015, tentei entrevistar Eva. Mulher jovem que atua como esteticista numa cidade próxima a Uruaçu. Ela afirmou ter uma filha com um Espanhol com quem viveu

⁹⁴ Expressão popular que significa não ter discernimento, ter problemas psíquicos ou ambos. O significado acima é o último, ou seja, devido aos problemas psíquicos a pessoa não tem mais discernimento das coisas.

relativo tempo depois que voltou da Europa. Segundo ela, o preconceito dele não permitiu que a relação durasse e ele retornou para a Espanha, deixando ela e a filha para trás. Após ler o termo de esclarecimento livre e consentido, ela se negou a me dar a entrevista afirmando que “detesta” lembrar tudo que viveu na Espanha.

Em 13 de janeiro de 2015, entrei em contato com Taty e esse contato foi um pouco diferente das demais, pois foi cheio de problemas. Conheci essa jovem mulher fazendo compras num supermercado da cidade de Uruaçu. Cumprimentei a jovem rapidamente e logo fui informada por uma companheira de trabalho que ela havia estado na Espanha. Mais ao final da noite do mesmo dia em que a havia conhecido, compareci à casa dessa jovem com uma amiga e o namorado dela - primo em primeiro grau de Taty.

Taty é uma jovem de 31 anos, que tem um filho de 14 anos, que deixou com os pais com apenas três meses quando foi para a Espanha, e de Helena, uma menina de apenas 1 ano e 7 meses, filha do casamento de Taty e Pedro.

Tive dificuldade de solicitar de imediato a entrevista e somente depois de mais ou menos três horas de conversa sobre assuntos não relacionados à pesquisa é que solicitei. Ela afirmou que não teria nenhum problema em falar de sua experiência na Espanha. Mas logo após a abordagem, observei que o semblante dessa jovem mudou imediatamente. Só pediu para que eu deixasse para o próximo dia. E combinou às 18 h do dia seguinte em sua casa mesmo.

No outro dia, esperei se aproximar do horário e liguei para confirmar minha ida e ela afirmou que ainda não havia consultado seu marido e que me ligaria assim que conversasse com ele. No outro dia, ela passou um “WhatsApp” para minha colega de trabalho, com a seguinte mensagem: “Menina, fala para a sua amiga que o Pedro não quer que eu volte ao passado não, [por causa de] ciúmes”.

No dia catorze de janeiro de 2015, bati na porta de uma das moças que tinha ido para Espanha e que é moradora da cidade de Uruaçu. Apresentei-me como pesquisadora da UFG e coloquei de forma clara os objetivos da pesquisa. Dany se negou a dar entrevista logo após eu ter lido o termo de consentimento livre e esclarecido, alegando a necessidade de esquecer o passado. Depois de pedir para me acomodar no sofá de sua singela sala de estar, sentou ao meu lado e quase em tom de desculpas pediu para que eu não insistisse para que ela fizesse um retorno ao passado. Disse que naquele exato momento estava vivendo um monte de problemas. Além de ter deixado um filho na Espanha, estava na justiça para não perder a guarda de seu segundo filho de apenas 10 anos.

Ela disse, ainda, que muitas pessoas tentaram entrevistá-la sobre o assunto, mas que sempre recusou lembrar e que, inclusive, quando fazia uma viagem de volta para o Brasil uma pesquisadora também havia tentado entrevistá-la. Relatou que uma Revista havia exposto todas as moças de Uruaçu numa reportagem que não correspondia à verdade. Ela fez alusão a uma revista de grande circulação que publicou matéria expondo as garotas de Uruaçu. Temia que eu fizesse o mesmo, mesmo depois de ter explicado que minha pesquisa era de caráter acadêmico e que garantiria o sigilo dos nomes.

Ela explicou que o passado dela foi horrível e que não sentia bem em conversar sobre esse passado com ninguém. Disse, ainda, que falar dele traria as lembranças de volta e isso provocava muita dor. Naquele momento, ela chorou.

Pedi para ela indicar pessoas que tinham vivido a mesma experiência e ela se esquivou, alegando que não indicaria, embora soubesse que algumas não se importavam de falar sobre “aquilo”. Ela não o faria porque queria esquecer tudo e todos que se envolveram com “aquilo”.

Pedi desculpas e me acompanhou até a porta. Quando descia as escadas de sua singela moradia, reforçou o pedido de desculpa e eu disse prontamente que quem deveria pedir desculpas seria eu por tentar invadir sua privacidade. Sempre educada, ela não foi indelicada em momento algum. Notei, inclusive, que seu olhar era cheio de dor e que de seus olhos brotavam lágrimas. Era visível que a mera lembrança enchia o coração daquela jovem mulher de uma dor imensa.

Também em 14 de janeiro de 2015, na mesma data e logo depois da Dany ter se recusado a dar entrevista, compareci à casa de outra mulher que também esteve na Espanha (segundo ela por apenas um ano). Carol me recebeu educadamente, pediu para eu sentar em uma das cadeiras de sua mesa de jantar e logo depois comecei a colocar claramente os propósitos de minha visita. Carol é casada e seu marido estava na sala de estar e como a casa é pequena, ficamos com pouca ou nenhuma privacidade. Perguntei, logo após explicar os motivos de minha estada ali, em que período esteve na Espanha e ela afirmou que foi no início dos anos 2000 e que voltou logo em seguida.

Ela me disse que foi para Espanha para aprender espanhol e inglês e que aprendeu a ser fluente no espanhol e que, infelizmente, não havia aprendido o inglês. Perguntei a ela o que tinha ido fazer além de aprender espanhol e ela afirmou que sua ida foi apenas com esse propósito. Afirmei para essa jovem mulher que sabia que um número enorme de jovens tinha ido para a Espanha no mesmo período se prostituir e ela negou ter se prostituído na Espanha. Sabia de antemão que ela foi para prostituição e que ficou famosa na cidade como uma das

Espanholas de Uruaçu. Era visível que ela não queria admitir e que mentia. Despedi-me e agradei Carol por ter permitido que eu entrasse em sua casa e ela me acompanhou até a porta de saída e pediu desculpas por não poder me ajudar. O pedido de desculpas foi acompanhado de um olhar inquieto. Falei que não tinha necessidade de pedir desculpas e afirmei que era eu quem deveria pedir desculpas pelo engano e pela invasão de sua privacidade.

A maioria das mulheres que abordei se negaram a falar de sua experiência. Em Uruaçu, eu fiz incontáveis tentativas de entrevistar mulheres que estiveram na Espanha e Portugal. Essa empreitada exigiu que eu realizasse várias viagens para lá. Infelizmente, recebi muitos “Não”.

Para a Cidade de Goiás, tive que realizar duas viagens. Na primeira tentativa não tive muito sucesso. Tentei entrevistar uma jovem de nome Lara e quando afirmei – assim que questionada por ela quanto ao tempo de duração da entrevista – que era longa, ela não se prontificou devido a compromissos. Lara é uma das mulheres que estive na Espanha e, ao que tudo parece, sua história é bastante conhecida na pequenina e antiga Vila Boa. Vários informantes a apontaram como uma das que haviam estado na Europa. Há evidências de que sua irmã, após ter sido traficada, voltou à cidade várias vezes para arregimentar moças daquela localidade para os redutos da prostituição de países europeus. Segundo uma de minhas entrevistadas, tinha sido a irmã de Lara que a enganou e que a empurrou para a rede do tráfico.

Na segunda viagem a antiga Vila Boa, eu realizei duas entrevistas e tentei localizar mais duas moças que também estiveram na Europa alimentando a rede de tráfico. As duas jovens que entrevistei evidenciaram em suas falas o quanto o fenômeno do tráfico atingiu aquela localidade no período compreendido entre o fim da década de 90 e que se estende até os dias de hoje: várias e várias jovens foram citadas pelas duas como garotas que vivenciaram e que ainda vivenciam a mesma situação vivida por elas em solos da Europa.

Contei com informantes de várias cidades goianas. Em Anápolis, consegui entrevistar apenas uma jovem, apesar de ter informações seguras de que de lá saíram várias mulheres para alimentar o tráfico. Enfim, o objetivo desse breve relato foi o de destacar as inúmeras dificuldades encontradas pelas estradas que andei.